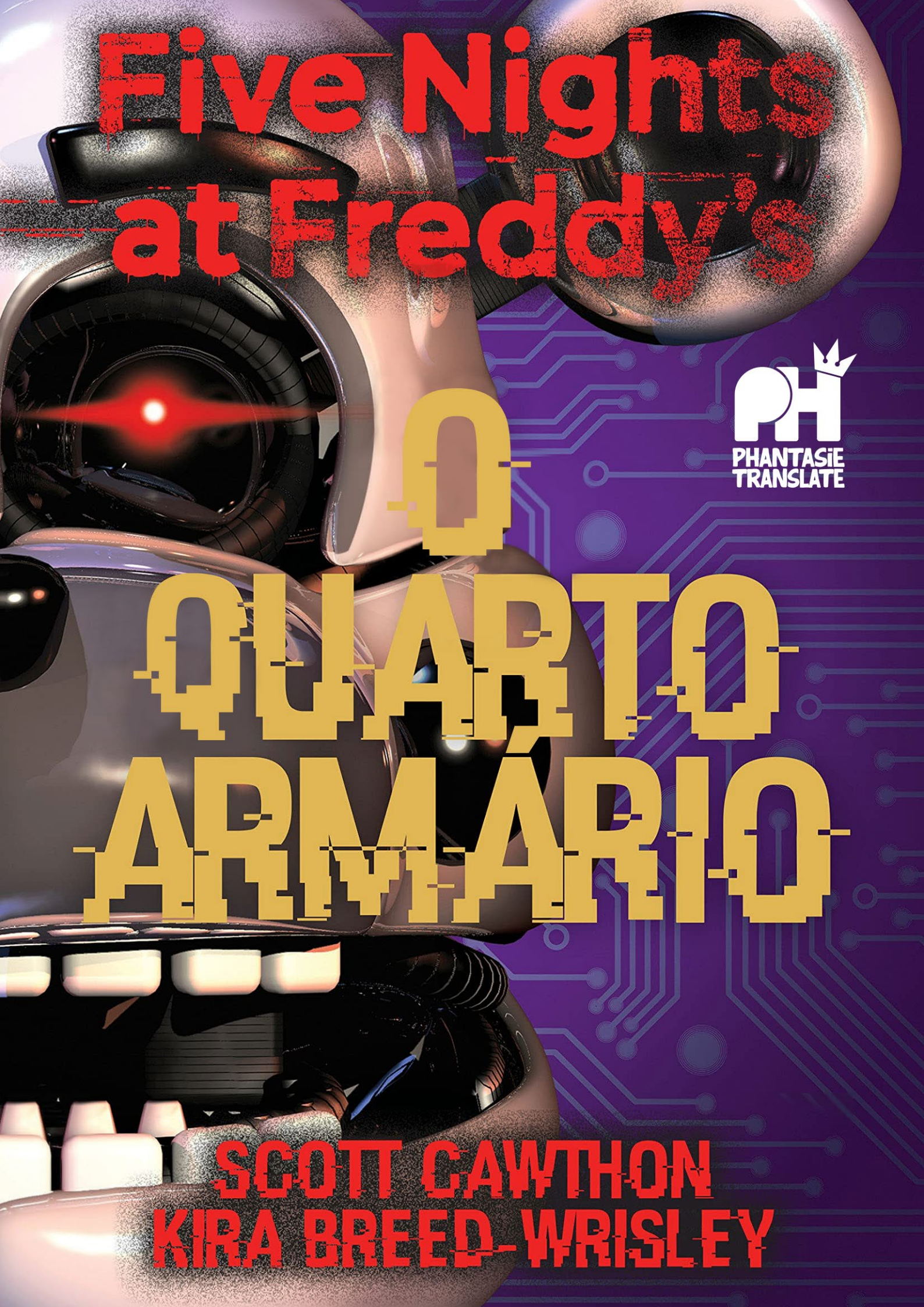
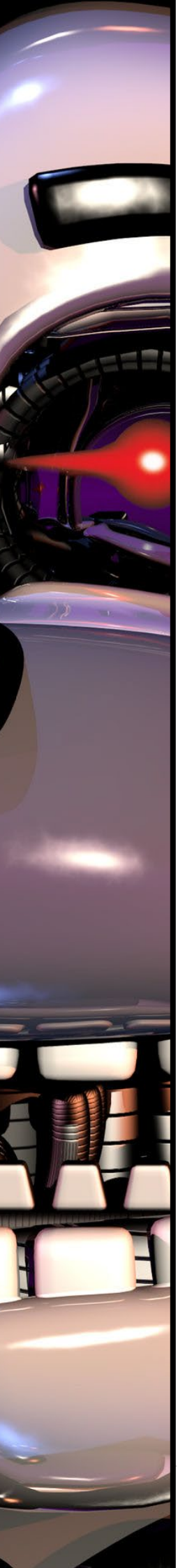
Five Nights at Freddy's



PHANTASIE TRANSLATE

O QUARTO ARMÁRIO

SCOTT CAWTHON
KIRA BREED-WRISLEY



FIVE NIGHTS AT FREDDY'S: O QUARTO ARMÁRIO

PHANTASIE TRANSLATE

FIVE NIGHTS AT FREDDY'S: THE FOURTH CLOSET (O QUARTO ARMÁRIO)
SCOTT CAWTHON, KIRA BREED-WRISLEY

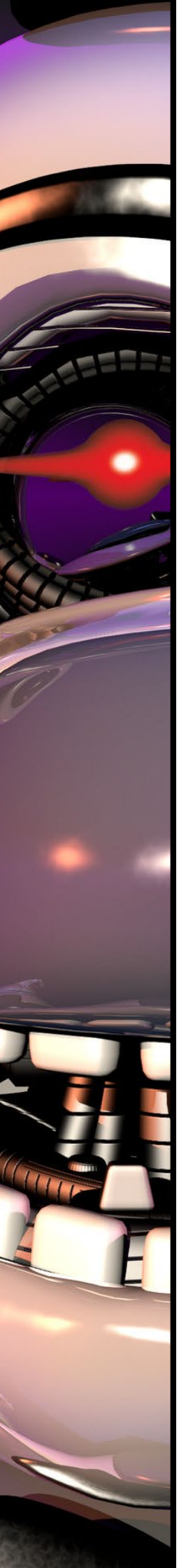
Traduzido, revisado e editado por Sorinha Phantasie.

Esse livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são obra da imaginação do autor ou usados de forma fictícia. Quaisquer semelhanças com eventos, locais ou pessoas, vivas ou mortas, são coincidências.

FIVE NIGHTS AT FREDDY'S © 2018 Scott Cawthon.
Todos os direitos reservados.

Tradução em português brasileiro pela PHANTASIE TRANSLATE, 2019. A versão atual desta tradução foi revisada e reenviada em 2022.
A tradução deste material foi elaborada e disponibilizada sem fins lucrativos. Se você pagou pelo acesso a este livro, você foi enganado.
Conheça mais dos nossos projetos em www.phantasietranslate.com.br

A editora original deste livro apoia o direito à liberdade de expressão e o valor dos direitos autorais. O propósito do direito autoral é encorajar escritores e artistas a produzirem as obras criativas que enriquecem a nossa cultura.
A digitalização, o envio e a distribuição deste livro sem permissão prévia é um roubo da propriedade intelectual do autor. Se você quiser permissão para usar material deste livro (exceto para fins de resenha), favor contatar a editora. Agradecemos seu apoio aos direitos do autor.



FIVE NIGHTS AT FREDDY'S: O QUARTO ARMÁRIO

ÍNDICE

CAPA

CAPÍTULO UM
CAPÍTULO DOIS
CAPÍTULO TRÊS
CAPÍTULO QUATRO
CAPÍTULO CINCO
CAPÍTULO SEIS
CAPÍTULO SETE
CAPÍTULO OITO
CAPÍTULO NOVE
CAPÍTULO DEZ
CAPÍTULO ONZE
CAPÍTULO DOZE
CAPÍTULO TREZE
CAPÍTULO QUATORZE
CAPÍTULO QUINZE
CAPÍTULO DEZESSEIS

Five Nights at Freddy's

O QUARTO ARMÁRIO

ESCRITO POR

SCOTT CAWTHON
KIRA BREED-WRISLEY

TRADUZIDO POR

SORINHA PHANTASIE

CAPÍTULO UM

— Charlie! — John subia pelos escombros rumo ao lugar onde ela estava, sentindo-se sufocado por conta da poeira da explosão.

As ruínas cediam sob seus pés e ele tropeçou num bloco de concreto, recobrando o equilíbrio pouco antes de cair, ralando feio as mãos quando se agarrou desesperadamente à superfície em pedaços. Chegou até ele, o lugar onde ela estava — podia sentir sua presença abaixo de si. Pegou um enorme bloco de concreto e o ergueu com toda a força. Conseguiu inclinar e então derrubá-lo da pilha, fazendo-o cair com um baque que sacudiu o chão sob seus pés. Sobre sua cabeça, uma viga de aço rangeu, sacudindo precariamente.

— Charlie! — John gritou seu nome novamente, empurrando outro bloco de concreto. — Charlie, eu tô chegando!

Sua respiração estava ofegante e ele movia os escombros do que restara da casa com uma força desesperada, fomentada pela adrenalina, mas a adrenalina estava para se esgotar. Trincou os dentes e prosseguiu. Suas mãos escorregaram quando tentou erguer o próximo bloco e, quando parou para olhar, notou, estonteado, que estava deixando manchas de sangue onde quer que tocasse. Esfregou as mãos nas calças e tentou de novo. Dessa vez, o concreto quebrado se moveu, e ele o equilibrou em suas coxas, levando-o a três passos de distância, onde o jogou numa pilha de destroços. O bloco caiu no entulho e despedaçou pedra e vidro que haviam embaixo, começando uma avalanche por si só, e então, sob o som do desmoronamento, ele a ouviu sussurrar:

— ...John...

— Charlie...

Seu coração parou de bater quando sussurrou de volta para ela e, de novo, os escombros se moveram sob seus pés. Dessa vez, ele caiu, pousando de costas e com tamanha força que perdeu o fôlego. Lutou para inalar, os pulmões inúteis, e então, devagar, foi começando a respirar. Sentou-se, desorientado, e viu o que o colapso revelara: estava na pequena sala oculta na casa de infância de Charlie. Diante de si, havia uma parede de metal clara e lisa. No meio, tinha uma porta.

Era apenas um contorno, sem dobradiças ou maçaneta, mas ele sabia o que era porque Charlie também soubera, quando parou de correr enquanto fugiam e pressionou a bochecha contra a superfície, chamando alguém, ou alguma coisa, que estava lá dentro.

— ...John... — Ela sussurrou seu nome outra vez e o som parecia vir de todos os lados ao mesmo tempo, ricocheteando nas paredes da sala.

John se levantou e pôs as mãos na porta — era fria ao toque. Pressionou as bochechas contra ela, como Charlie fizera antes, e pareceu ficar mais fria, como se drenasse o calor de sua pele. John se afastou e esfregou o ponto frio no rosto, ainda examinando a porta conforme o metal brilhante começava a se tornar opaco diante de seus olhos. Sua cor ficou pálida e então a própria porta começou a definhar, sua robustez se dissipando até que parecesse um pedaço de vidro fosco, e John viu que havia uma sombra atrás do vidro, a figura de uma pessoa. A figura se aproximou, a porta clareando até que quase conseguisse enxergar por ela. Aproximou-se, imitando a figura do outro lado. Tinha um rosto, lustroso e polido, os olhos como os de uma estátua, esculpidos, mas fechados. John o fitava pela porta entre eles, sua respiração embaçando a barreira quase transparente, e então, de repente, os olhos se abriram num estalo.

A figura ficou parada placidamente diante deles, os olhos voltados para o vazio. Estavam ofuscados, imóveis — mortos. Alguém riu, um som insano e sem humor que ecoou na pequena sala selada, e John olhou em volta desesperadamente em busca da fonte. A risada tornou-se mais aguda e foi ficando cada vez mais alta. John cobriu os ouvidos com as mãos, o som estridente tornando-se insuportável.

— CHARLIE! — gritou novamente.

John acordou num pulo, o coração acelerado: a risada prosseguia, seguindo-o mesmo fora do sonho. Desorientado, seus olhos cruzaram o quarto, até que focaram na TV, onde o rosto pintado de um palhaço preenchia a tela, em meio a uma intensa gargalhada, quase como numa convulsão. John se sentou, esfregando a bochecha, até então pressionada contra seu relógio.

Checou a hora e então suspirou aliviado — ainda tinha tempo suficiente para ir ao trabalho. Sentou-se novamente, tirando um instante para recuperar o fôlego. Na tela da TV, um apresentador do noticiário local segurava o microfone para um homem vestido como um palhaço de circo com o visual completo: rosto pintado, nariz vermelho e uma peruca com cor de arco-íris. Em volta de seu pescoço havia um colarinho que parecia saído de uma pintura renascentista, e vestia um macacão de palhaço amarelo de uma peça só, com pompons vermelhos no lugar dos botões.

— Então, diga-me — disse o apresentador, só sorrisos. — Você já tinha essa fantasia antes ou a fez especialmente para a grande inauguração?

John desligou a TV e seguiu para o chuveiro.

Embora estivesse fazendo aquilo o dia inteiro, o barulho continuava insuportável: um ruído penetrante e estridente, pontuado por um grande alarido e o terrível som intermitente de britadeiras que faziam sacudir a terra.

John fechou os olhos, tentando se isolar da balbúrdia: as vibrações ressoavam em seu peito, preenchendo-o por dentro, e, de repente, em meio ao ruído, o som de uma risada desesperada ecoou em seus ouvidos. A figura de seus sonhos voltou à sua cabeça e, embora estivesse fora de vista, sentia que se virasse a cabeça da forma certa, conseguiria ver o rosto atrás da porta...

— John!

John se virou. Luis estava a meio metro de distância, encarando-o com um olhar perplexo.

— Chamei seu nome três vezes — disse.

John deu de ombros, fazendo menção ao caos em volta.

— Olha, o pessoal vai dar uma saída depois. Você vem? — perguntou Luis. John hesitou. — Vamos, vai ser bom pra você. Só o que você faz é trabalhar e dormir. — Deu uma boa risada e bateu no ombro de John.

— Bom pra mim, sei. — John sorriu de volta e então desviou o olhar pro chão, a expressão desaparecendo do rosto. — É que eu tenho estado com a agenda muito cheia ultimamente. — Ele tentou soar convincente.

— Sei, agenda cheia. Qualquer coisa, me avisa se mudar de ideia. — Deu mais um tapinha no ombro de John e seguiu de volta para a empilhadeira.

John olhou para ele enquanto se afastava. Não era a primeira vez que John dizia não para eles, nem a segunda ou a terceira. E lhe ocorreu que eles eventualmente parariam de tentar. Que chegaria um momento que todos simplesmente desistiriam. Talvez fosse melhor assim.

— John! — chamou outra voz.

O que é agora?

Era o capataz, chamando-o da porta de seu escritório independente, um trailer que havia sido levado ao canteiro de obras para o período da construção e ficava equilibrado precariamente numa encosta de terra. John cruzou o canteiro de obras penosamente, abaixando-se para passar por baixo de um rolo de PVC junto à porta do trailer. Momentos depois, estava diante de uma mesa dobrável em frente ao capataz, o papel de parede de PVC com estampa de madeira mal se mantendo grudado às paredes ao redor.

— Tem uns rapazes aí que me disseram que você está distraído.

— Só estou focado no meu trabalho, nada mais — disse John, forçando um sorriso e tentando impedir que a frustração vazasse. Oliver sorriu de forma pouco convincente.

— Focado — repetiu. John fechou o sorriso, surpreso. Oliver suspirou. — Olha, eu te dei uma chance porque seu primo disse que você trabalha duro. Ignorei o fato de você ter abandonado o último trabalho e nunca mais ter voltado. Sabia que estou assumindo um risco contigo?

John engoliu em seco.

— Sim, senhor, eu sei.

— Não me vem com essa de "senhor". Só me escuta.

— Olha, eu faço tudo o que me mandam fazer. Não entendo qual é o problema.

— Suas reações são lentas demais. Você parece que está dormindo acordado lá fora. Não trabalha em equipe.

— O quê?

— Isso aqui é um canteiro de obras ativo. Se estiver no País das Maravilhas ou não pensar na segurança dos outros homens lá fora, alguém vai acabar se machucando, ou morrendo. Não tô dizendo que vocês têm que compartilhar segredos ou fazer trancinhas nos cabelos uns dos outros. Só tô dizendo que precisam ser uma equipe. Eles precisam confiar que você não vai deixá-los na mão quando precisarem de você.

John assentiu, entendendo onde Oliver queria chegar.

— Este é um bom trabalho, John. E também acho que aqueles lá fora são bons homens. Não tá fácil conseguir trabalho hoje em dia, e eu preciso de você com a cabeça no jogo. Porque na próxima vez que eu vir você com ela nas nuvens... bom, não me coloque nessa posição. Entendeu?

— Sim, entendi — disse John, entorpecido. Não se mexeu, parado sobre o tapete felpudo marrom que preenchia o escritório portátil como quem espera para ser liberado da detenção.

— Tá. Vai lá.

John foi. A bronca tinha consumido os últimos minutos que restavam de seu horário de trabalho. Ajudou Sergei a guardar alguns dos equipamentos e então seguiu para o carro com uma breve despedida.

— Ei! — gritou Sergei, atrás dele. John parou. — Última chamada.

— Eu... — John parou de falar, fitando Oliver com o canto do olho. — Talvez na próxima vez — disse.

Sergei o pressionou:

— Vai, é a minha desculpa pra evitar aquele novo lugar de criancinhas. Minha filha tá me implorando pra ir lá a semana inteira. A Lucy vai levá-la, mas os robôs me dão calafrios.

John parou, e o mundo ficou em completo silêncio a sua volta.

— Que lugar? — disse John.

— E aí, você vem? — Sergei perguntou novamente.

John deu alguns passos para trás, como se tivesse se aproximado demais de um precipício.

— Talvez outra hora — disse John, seguindo decididamente em direção a seu carro. Era velho e vermelho-acastanhado, algo que devia ter sido legal nos tempos de colégio. Agora era só um lembrete de que ainda era só uma criança que não tinha seguido em frente, um símbolo de status que se tornara um símbolo de vergonha numa janela de um ano.

Sentou-se com força, uma nuvem de poeira se erguendo das laterais do assento assim que lançou o corpo sobre ele.

— Se liga. — Fechou os olhos e agarrou o volante, ajeitando a postura. — Essa é a vida agora, você consegue — sussurrou e então abriu os olhos e deu um suspiro. — Parece uma besteira qualquer que meu pai diria. — Virou a chave.

A viagem para casa devia levar dez minutos, mas a rota que pegar demorava quase meia hora, pois evitava passar pela cidade. Se não dirigisse pela cidade, não arriscaria topar com pessoas com quem não queria conversar. Mais importante que isso, não arriscaria topar com pessoas com quem queria conversar.

Seja parte do time. Não conseguia se sentir verdadeiramente ressentido com Oliver. John não conseguia trabalhar em equipe, não mais. Por quase seis meses, estivera indo e vindo da casa para o trabalho como um trem seguindo os trilhos, parando para comprar comida de vez em quando, mas não muito mais que isso. Falava só quando necessário, evitava contato visual. Levava sustos quando alguém lhe dirigia a palavra, quer fossem colegas do trabalhando dizendo oi ou estranhos perguntando a hora. Ele conversava, mas estava ficando cada vez melhor em falar enquanto se afastava. Era sempre educado, mas sempre deixava claro que precisava ir a algum lugar — tornava óbvio, quando necessário, seguindo de repente para o lado oposto. Às vezes, sentia que estava desvanecendo, e era enervante, até decepcionante, lembrar que ainda podia ser visto.

Estacionou junto a seu complexo de apartamentos, um prédio de dois andares que não era de fato feito para locatários de longa data. Havia uma luz na janela do escritório da síndica: por um mês, tentara descobrir qual era o horário de atendimento, mas então desistiu, concluindo que não havia um padrão.

Pegou um envelope no porta-luvas e seguiu para a porta. Bateu, mas não houve resposta, ainda que conseguisse ouvir sons de movimento lá dentro. Bateu de novo e, dessa vez, a porta se abriu parcialmente: uma mulher velha com a pele de uma fumante assídua olhou para ele.

— Oi, Delia. — John abriu um sorriso. Ela não retribuiu. — Vim pagar o aluguel.

John entregou o envelope para ela.

— Sei que é tarde. Passei aqui ontem, mas não tinha ninguém.

— Foi no horário comercial? — Delia examinou o envelope com todo o cuidado, como se suspeitasse do que podia haver lá dentro.

— As luzes estavam apagadas, então...

— Então não era horário comercial. — Delia mostrou os dentes, mas não era exatamente um sorriso. — Vi você pendurando uma planta — disse abruptamente.

— Ah, é. — John olhou em direção ao apartamento por cima do ombro, como se pudesse vê-lo de onde estavam. — É bom poder cuidar de alguma coisa, né?

John tentou sorrir novamente, mas logo desistiu, envolto em um silêncio tão judicioso que não dava lugar para futilidades.

— É permitido, né? Ter uma planta?

— Sim, você pode ter uma planta. — Delia deu um passo de volta para dentro e parecia a ponto de fechar a porta. — É que as pessoas não costumam se instalar aqui, só isso. Normalmente tem uma casa, depois uma esposa, e só então a planta.

— Certo. — John olhou para os sapatos. — Tem sido um — começou a dizer, mas a porta se fechou num baque firme. — ...ano difícil.

John encarou a porta por um minuto e então seguiu para o apartamento térreo na frente do complexo, agora seu por mais um mês. Era apenas uma quitinete com banheiro completo e cozinha conjugada. Deixava as persianas erguidas enquanto estava fora, para mostrar que não tinha nada: o lugar era propenso a assaltos e parecia uma boa aposta deixar evidente o fato de que não havia nada para roubar ali.

Uma vez lá dentro, John trancou a porta atrás de si e prendeu a corrente com todo o cuidado. Seu apartamento era frio e escuro, e quieto também. Suspirou e esfregou as têmporas — a dor de cabeça continuava lá, mas já estava se acostumando com isso.

O lugar era parcamente mobiliado — lhe fora entregue desse jeito — e o único toque pessoal que acrescentara à sala eram as quatro caixas de papelão cheias de livros, empilhadas junto à parede, logo abaixo da janela. Olhou para elas com uma familiaridade desapontada. Foi ao quarto e se sentou na cama, as molas rangendo rigidamente sob seu peso. Não se incomodou em acender a luz — ainda havia luz do sol o suficiente entrando pela pequena janela suja acima da cama.

John olhou para sua cômoda, de onde um rosto familiar olhou de volta para ele: a cabeça de um coelho de brinquedo, seu corpo em nenhum lugar à vista.

— O que você fez hoje? — disse John, fitando o coelho nos olhos, como se ele pudesse apresentar nem que a menor fagulha que indicasse que o estava reconhecendo. Theodore ficou olhando de volta para ele com uma expressão vazia, os olhos escuros e sem vida. — Você parece terrível. Pior que eu.

John se levantou e aproximou da cabeça do coelho — não conseguia simplesmente ignorar o cheiro de naftalina e tecido sujo. O sorriso de John murchou e ele pegou a cabeça pelas orelhas, erguendo-a no ar. *Hora de te jogar fora.* Considerava fazer isso todos os dias.

Trincou o maxilar e então o colocou de volta na cômoda com cuidado, virando-lhe as costas. Não queria olhar para ele por mais tempo.

Fechou os olhos, sem esperar que o sono viesse, mas na expectativa. Não dormira bem na noite anterior, ou na noite antes dela. Passara a temer o sono — ficava empurrando com a barriga o máximo que podia, caminhando por quilômetros na estrada até tarde da noite, voltando para casa e tentando ler, ou ficando simplesmente olhando para a parede. A familiaridade era frustrante.

Pegou o travesseiro e voltou para a sala. Sentou-se no sofá, pousando ambas as pernas sobre o braço para caber deitado nele. O silêncio no apartamentinho começava a tilintar em seus ouvidos e ele pegou o controle no chão para ligar a TV. A tela era preta e branca e o sinal era horrível: mal conseguia distinguir os rostos em meio à estática, mas o falatório do que parecia um programa de entrevistas era acelerado e alegre. Deixou o volume baixo e deitou a cabeça, olhando para o teto enquanto ouvia as vozes da TV sem prestar muita atenção, até que, aos poucos, foi caindo no sono.

Seu braço, a única parte que conseguia ver suspensa em meio ao traje de metal torcido, estava flácido. O sangue escorria feito um rio vermelho por sua pele, formando uma grande poça no chão. Charlie estava sozinha. Se tentasse, conseguia ouvir sua voz novamente:

— Não me solte! John! — Ela chamou meu nome.

E então, aquela coisa...

Estremeceu, ouvindo outra vez o som do traje animatrônico estalando e triturando. Olhou para o braço sem vida de Charlie enquanto o mundo ao redor deles desaparecia e, enquanto o barulho ecoava em sua cabeça, sua mente evocou pensamentos inconscientes: o som de trituração vinha de seus ossos. O de dilaceramento vinha de todo o resto.

John abriu os olhos de súbito. Alguns metros à frente, a plateia de um estúdio dava risada, e ele olhou para a TV, a estática e o falatório fazendo-o acordar para a vida outra vez.

John se sentou, girando o pescoço para estalar os ossos: o sofá era pequeno demais, e suas costas ficavam extremamente apertadas. Sua cabeça doía e se sentia exausto, embora agitado também, a descarga de adrenalina ainda atravessando seu corpo. Saiu, trancando a porta com força atrás de si, e respirou o ar noturno.

Começou a descer a estrada, seguindo em direção à cidade e qualquer lugar que pudesse ainda estar aberto. Os postes que iluminavam a estrada eram bastante espaçados e não tinha calçada, só um pequeno acostamento de terra. Poucos carros passavam por ele, mas quando passavam, era sempre emergindo de uma curva ou do topo de uma ladeira, cegando-o com os faróis e passando com tamanha velocidade que às vezes quase chegavam a derrubá-lo no chão. Começou a notar que,

conforme caminhava, ia se aproximando cada vez mais da estrada, irresoluto, numa espécie de brincadeira perigosa e sem graça. Quando via que estava muito perto, dava largos passos de volta para o acostamento, e o fazia sempre com uma profunda e secreta decepção para consigo mesmo.

Quando estava se aproximando da cidade, uma forte luz cortou a escuridão novamente, e ele protegeu os olhos, afastando-se um passo da estrada. Essa passou bem devagar, e então, de repente, parou. John se virou e deu alguns passos em sua direção, notando que o motorista abaixara a janela.

— John? — Alguém chamou seu nome.

O carro deu a ré e estacionou casualmente no acostamento — John deu um pulo para sair da frente. Uma mulher saiu de lá e foi até ele a passos rápidos, como se pudesse tentar abraçá-lo, mas ele ficou parado, os braços rígidos junto ao corpo, e ela parou a alguns centímetros de distância.

— John, sou eu! — disse Jessica com um sorriso que desapareceu logo em seguida. — O que está fazendo aqui? — perguntou. Estava com uma blusa de mangas curtas, e esfregou os braços em meio ao ar noturno, olhando de um lado para o outro na rua praticamente deserta.

— Bom, eu podia te perguntar a mesma coisa — respondeu, como se ela pudesse acusá-lo de alguma coisa.

Jessica apontou por cima do ombro de John.

— Gasolina. — Ela abriu um sorriso brilhante, e ele não conseguiu evitar de fazer o mesmo, ainda que só um pouco. Tinha se esquecido dessa habilidade que ela tinha de ativar um otimismo cheio de ânimo, como se usasse um interruptor, contagiando todos a sua volta. — Como tem passado? — perguntou, medindo as palavras.

— Bem. Trabalhando, basicamente. — Fez menção ao uniforme cheio de poeira que nem se dera ao trabalho de trocar. — E com você, quais as novidades? — perguntou, subitamente se dando conta do quão absurda era aquela conversa conforme os carros passavam ao lado. — Olha, eu tenho mesmo que ir. Tenha uma boa noite. — Virou as costas e começou a se afastar, sem dar uma chance para que ela falasse.

— Sinto saudades de ver você por aí — gritou Jessica. — E ela também sente.

John parou, cavando a terre com um dos pés.

— Olha. — Jessica deu uma breve corrida para poder alcançá-lo. — O Carlton vai passar umas semanas na cidade. É o recesso de primavera. Vamos todos nos reunir.

Esperou que ele dissesse alguma coisa, cheia de expectativa, mas John não respondeu.

— Ele tá louco pra apresentar seu novo personagem cosmopolita — acrescentou Jessica, entusiasmada. — Quando falei com ele no telefone semana passada, ele estava fingindo um sotaque do Brooklyn pra ver se eu ia notar. — Forçou uma risadinha. John abriu um sorriso ligeiro.

— Quem mais vai estar lá? — perguntou, olhando diretamente para ela pela primeira vez desde que saíra do carro. Jessica semicerrou os olhos.

— John, você vai ter que falar com ela uma hora ou outra.

— Por quê? — disse ele, bruscamente, e começou a andar outra vez.

— John, espera!

John a ouviu sair correndo atrás de si. Ela logo o alcançou, desacelerando a corrida ao lado dele, acompanhando seu passo.

— Posso fazer isso o dia todo — avisou ela, mas John não respondeu. — Você tem que falar com ela — repetiu Jessica.

Ele a fitou com um olhar incisivo.

— A Charlie está morta — disse ele, áspero, as palavras parecendo raspar sua garganta. Fazia muito tempo que não dizia aquelas palavras em voz alta. Jessica parou onde estava. Ele continuou a andar.

— John, pelo menos fala *comigo.*

Ele não respondeu.

— Você tá *magoando* ela — acrescentou. Ele parou de andar. — Não percebe o que está fazendo com ela? Depois de tudo pelo que ela passou? É loucura, John. Não sei o que aquela noite fez contigo, mas sei o que fez com a Charlie. E quer saber? Acho que nada magoa mais que você se recusar a falar com ela. Dizer que ela está *morta.*

— Eu a vi morrer. — John olhou para as luzes da cidade.

— Não, não viu — disse Jessica, mas então hesitou. — Olha, estou preocupada com você.

— Só estou perdido. — John se voltou para ela. — E depois do que eu passei, depois do que *nós* passamos, não é uma reação injustificável. — Esperou um momento para que ela respondesse e então desviou o olhar.

— Eu entendo. De verdade mesmo. Também pensei que ela estivesse morta. — John abriu a boca para responder, mas ela prosseguiu: — *Pensei* que ela estivesse morta, até que ela apareceu, *viva.* — Jessica pôs a mão no ombro de John, até que ele a olhasse nos olhos outra vez. — Eu a vi — disse Jessica, a voz entrecortada. — Falei com ela. *É* ela. E isso... — Ela soltou seu ombro e balançou a mão por sobre seu corpo, como se estivesse conjurando um feitiço. — Essa *coisa* que você tá fazendo, isso é o que a está matando.

— Não é ela — sussurrou John.

— Então tá — disparou Jessica, e então deu meia-volta. Seguiu de volta para o carro e, após alguns instantes, voltou para a estrada, fazendo um retorno barulhento. John ficou onde estava. Jessica passou por ele à toda velocidade, mas então parou abruptamente, os freios chiando, e então deu a ré até onde ele estava parado. — Vamos nos encontrar na casa do Clay no sábado — disse, farta. — Por favor.

Ele a fitou por um momento. Jessica não estava chorando, mas seus olhos brilhavam e seu rosto estava vermelho. Assentiu.

— Talvez.

— Já é o bastante pra mim. Te vejo lá! — disse Jessica, voltando a dirigir sem dar qualquer outra palavra, o motor rugindo dentre o silêncio da noite.

— Eu disse talvez — murmurou John em meio à escuridão.

O lápis chiava contra o papel conforme o homem na mesa preenchia cuidadosamente o formulário diante de si. Parou de repente, tomado por uma onda de tontura. As letras no papel estavam difusas, e ele ajustou os óculos de leitura, sentindo a cabeça pesada. Os óculos não faziam diferença, e ele os tirou e esfregou os olhos. E então, tão de repente quanto viera, a sensação se foi: a sala voltou ao normal e as palavras no papel ficaram perfeitamente claras. Coçou a barba, ainda desconcertado, e então começou a escrever novamente. Foi quando a campainha tocou, e a porta da frente se abriu.

— Pois não, senhor? — disse, sem sequer erguer o olhar.

— Queria dar uma olhada no pátio. — Uma voz feminina ecoou suavemente.

— Ah, mil perdões, senhora. — O homem ergueu o olhar e sorriu por um segundo, voltando então para o formulário, escrevendo enquanto falava: — Meio quilo de sucata sai por cinquenta centavos. Pode ser mais se encontrar uma peça específica, mas a gente vê quando voltar aqui. Pode dar uma olhada por aí. Precisa trazer suas próprias ferramentas, mas podemos ajudar a carregar tudo quando estiver pronta para partir.

— Estou procurando por algo específico. — A mulher o fitou de cima, observando seu crachá. — Bob — acrescentou, ainda que um pouco tarde.

— Bom, não sei o que te dizer. — Ele soltou o lápis e se reclinou na cadeira, cruzando os braços atrás da cabeça. — É um ferro velho. — Deu uma risada. — Até tentamos separar os carros das latinhas, mas o que vê lá fora é o que temos pra hoje.

— Bob, você recebeu vários carregamentos de sucata nesta data, e deste lugar. — A mulher pôs um pedaço de papel sobre o formulário no qual Bob estava trabalhando. Bob o pegou e ajeitou os óculos de leitura, fitando-a então por cima deles.

— Bom, é como eu disse, é um ferro velho — disse devagar, ficando mais preocupado a medida que os momentos se passavam. — Posso até tentar te guiar pro lado certo. Quer dizer, a gente não cataloga as coisas.

A mulher deu a volta pela lateral da mesa, parando logo ao lado da cadeira de Bob, e ele se ajeitou em seu assento, inquieto.

— Ouvi dizer que tiveram problemas aqui ontem à noite — disse, a voz bastante casual.

— Problema nenhum. — Bob franziu as sobrancelhas. — Só uns moleques que invadiram o terreno. Acontece.

— Não foi o que ouvi dizer. — A mulher examinou uma foto na parede. — Suas filhas? — perguntou, a voz tranquila.

— Sim, dois e cinco anos.

— São bonitas. — Fez uma pausa. — Você as trata bem? — Bob foi pego de surpresa.

— É claro que trato — disse, tentando esconder a indignação. Houve uma grande pausa. A mulher inclinou a cabeça, ainda olhando para a foto.

— Soube que você chamou a polícia porque pensou que alguém estava preso nos montes de sucata lá fora — disse ela. Bob não respondeu. — Soube... — continuou a mulher, aproximando-se da foto. — ...que pensou ter ouvido gritos, e gemidos de pânico e agonia. Tinha algo preso. Uma criança estava presa, você pensou. Talvez várias.

— Olha, nós dirigimos um negócio limpo aqui e temos uma boa reputação.

— Não estou contestando sua reputação. Muito pelo contrário. Acho que o que você fez foi algo muito honroso, partir ao resgate no meio da noite, cortando as pernas nos pedaços de metal pontiagudos enquanto corria cegamente pelo pátio.

— Como você... — A voz de Bob fraquejou e ele imediatamente parou de falar. Moveu as pernas embaixo da mesa, esperando esconder os curativos que faziam volume, bem à vista, sob ambas as pernas de suas calças.

— O que encontrou? — perguntou a mulher.

Ele não respondeu.

— O que tinha lá? — pressionou. — Quando ficou de joelhos e engatinhou pelas vigas e cabos? O que tinha lá?

— Nada — sussurrou. — Não tinha nada lá.

— E a polícia? Não encontraram nada?

— Não, nada. Não tinha nada. Eu saí de novo hoje só pra... — Espalmou as mãos na mesa diante de si, tentando acalmar os nervos. — Nós dirigimos um bom negócio — disse com firmeza. — Não me sinto confortável falando sobre isso. Se estou em algum tipo de encrenca, então acho...

— Você não terá encrenca nenhuma, Bob, contanto que possa me fazer um pequeno favor.

— E o que é?

— Simples. — A mulher se inclinou em direção a Bob, apoiada nos braços da cadeira, tão próxima que seu rosto quase tocava o dele. — Me leve lá.

John seguiu para o estacionamento do canteiro de obras e imediatamente viu Oliver parado em frente ao portão da grade de ferro. Estava de braços cruzados e mastigava alguma coisa, o rosto tomado por uma expressão amarga. Quando ficou claro que ele não ia sair do caminho, John desacelerou até parar e saiu do carro.

— O que houve? — perguntou. Oliver continuou mastigando o que quer que fosse o que tinha na boca.

— Vou ter que te dispensar — disse, enfim. — Está atrasado, de novo.

— Não estou atrasado — protestou John, e então olhou para o relógio. — Quer dizer, não muito — corrigiu. — Qual é, Oliver. Não vai acontecer de novo, eu sinto muito.

— Eu também — disse Oliver. — Boa sorte, John.

— Oliver! — gritou John.

Oliver passou pelo portão e olhou para trás mais uma vez antes de fechá-lo novamente e ir embora. John se recostou em seu carro por um instante. Vários colegas de trabalho estavam olhando para ele, subitamente virando o rosto tão logo John os notou.

John entrou no carro e voltou por onde tinha vindo. Quando voltou ao apartamento, sentou-se na beira da cama e enterrou o rosto nas mãos.

— E agora? — Se perguntou em voz alta, olhando ao redor do quarto. Seus olhos pousaram sobre sua única peça de decoração. — Você ainda está horrível — disse à cabeça decepada de Theodore. — E ainda está em pior forma que eu.

A ideia de ir à festa aquela noite de repente lhe voltou à cabeça. O pensamento disparou um rebuliço nervoso em seu estômago, mas não tinha certeza do que era — ansiedade ou empolgação.

Também pensei que ela estivesse morta, Jessica havia lhe dito na noite anterior. *Eu a vi. Falei com ela. É ela.*

John fechou os olhos. *E se for ela?* E ele viu outra vez, o momento que sempre via: o traje convulsionando, Charlie presa lá dentro enquanto aquela coisa sacudia e estalava — e então, a mão dela, e o sangue. Mas outra imagem lhe veio à cabeça de súbito — Dave, que se tornara Springtrap, o famigerado "homem-mola": ele sobrevivera ao mesmo que acontecera com Charlie. Havia usado o traje de coelho amarelo como uma segunda pele e pagou o preço por isso duas vezes: as cicatrizes que lhe cobriam o corpo como uma camisa de renda macabra contavam a história de uma fuga que conseguira alcançar por pouco. Já na segunda vez... Charlie o matara quando acionou as travas de mola, ou pelo menos era o que todos acreditavam. Ninguém poderia ter sobrevivido ao que tinham visto. E, ainda assim, ele retornou.

Por um instante, John imaginou Charlie, coberta de cicatrizes e aos frangalhos, mas, ainda assim, milagrosamente viva.

— Mas isso não soa como a pessoa que a Jessica viu — disse John, conversando claramente com Theodore. — Alguém cheia de cicatrizes e aos frangalhos. Não, não é quem a Jessica estava descrevendo. — Balançou a cabeça. — Não é a pessoa que eu vi na lanchonete.

No dia seguinte — ela parecia ter saído de um conto de fadas. John se recompôs e balançou a cabeça, tentando focar no presente. Não sabia de fato o que tinha acontecido com Charlie. Sentia que estava começando a se inclinar em direção a essa centelha de esperança. *Talvez eu estivesse errado. Talvez ela esteja bem.* Era o que mais tinha desejado — o que todos desejam na hora do luto: *Permita que isso não tenha acontecido. Permita que esteja tudo bem.*

A beira precária na qual estava sentado deu lugar ao chão sólido, e John sentiu um grande peso deixar seu corpo, seu pescoço e ombros relaxando com a nova e desconfortável posição desconfortável na qual nem se dera conta de que estava. A fadiga de tantos meses de sono mal dormido o arrebatou de uma só vez.

Desviou o olhar para Theodore — estava apertando a cabeça do coelho com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. Soltou o brinquedo devagar, apoiando-o sobre o travesseiro.

— Eu não vou — disse. — Nunca nem cheguei a considerar a ideia, só queria que a Jessica me deixasse em paz. — Segurou o fôlego por um momento, até finalmente soltar um longo suspiro. — Não é? — disse, o tom de sua voz se tornando mais agitado. — O que eu sequer diria pra eles?

Theodore o ficou encarando com os olhos vazios.

— Droga. — John suspirou.

O rebuliço no estômago de John ficava pior à medida que se aproximava da casa de Clay. Checou o relógio no painel — ainda eram seis horas. *Talvez ninguém tenha chegado ainda,* pensou, mas conforme avançava pela estrada sinuosa que levava à casa deles, viu carros estacionados de ambos os lados da rua por metade do quarteirão. John estacionou entre uma picape e um sedan enferrujado, quase tão acabado quanto o seu, e só então saiu e partiu em direção à casa.

Todas as janelas do tríplex estavam iluminadas, destacando-se em meio às árvores como um farol. John se deteve, cuidando para ficar fora da luz. Podia ouvir música lá dentro, e risadas — os sons o fizeram hesitar. Se forçou a percorrer o resto do caminho até a porta, mas parou novamente quando chegou até ela: entrar lhe parecia uma decisão gigantesca, algo que mudaria tudo. Mas dar as costas e ir embora também era.

Ergueu a mão para tocar a campainha, mas então hesitou. Antes que pudesse se decidir, a porta se abriu diante de si. John piscou diante da luz repentina e então percebeu que estava cara-a-cara com Clay Burke, que parecia tão surpreso quanto ele.

— John! — Clay ergueu os braços e agarrou John com ambas as mãos, puxando-o para perto e abraçando-o, até que finalmente o empurrou de volta para onde estava e lhe deu umas batidinhas nos ombros. — Beleza, pra dentro!

Clay deu um passo para trás para liberar o caminho e John o seguiu, examinando a sala à sua volta com cuidado. Da última vez que estivera ali, a casa estava um desastre, cheia de sinais de um homem que estava caindo aos pedaços. Agora, as pilhas de roupa para lavar e pastas de evidências tinham desaparecido — os sofás e o chão agora estavam limpos e o próprio Clay estava radiante, um sorriso grande e genuíno estampado no rosto. No entanto, quando seus olhos encontraram os de John, o sorriso murchou.

— Muita coisa mudou. — Sorriu, como se pudesse ler a mente de John.

— A Betty...? — John parou de falar um pouco tarde demais. Balançou a cabeça depressa. — Desculpa, não quis...

— Não, ela ainda está fora — disse Clay, a voz num tom neutro. — Queria que ela voltasse. Talvez volte, algum dia, mas a vida continua — acrescentou, junto a um pequeno sorriso. John assentiu, sem saber bem o que dizer.

— John! — Marla acenou das escadas e imediatamente desceu saltitando com todo aquele seu entusiasmo de sempre, agarrando-o num abraço antes que pudesse sequer dizer oi. Jessica apareceu, vindo da cozinha.

— Oi, John — disse Jessica, mais calma, mas com um sorriso brilhante no rosto.

— Fico feliz por ver você de novo, faz tanto tempo — disse Marla, finalmente o soltando.

— É — disse ele. — Até demais.

Tentou pensar em mais alguma coisa para dizer, e então Marla e Jessica trocaram um olhar. Jessica fez menção a começar a falar, mas foi interrompida por Carlton, que desceu correndo todo animado pela escada.

— Carlton! — exclamou John, com seu primeiro sorriso genuíno da noite.

Carlton ergueu a mão para cumprimentá-lo, e então correu para se juntar ao grupo.

— E aí — disse.

— E aí — repetiu John, enquanto Carlton bagunçava seu cabelo. — Qual é, virou meu avô agora? — John procurou ajeitar o cabelo, embora sem muita convicção, enquanto passava os olhos pela multidão.

— Fiquei surpresa por você ter vindo. — Marla lhe deu um tapinha no ombro.

— Quer dizer, é claro que você ia vir! — corrigiu Carlton. — Sei que tem estado ocupado! Namoradinhas demais, né não?

— Como está Nova York? — perguntou John, procurando algo sobre o que falar enquanto ajeitava as roupas.

— Demais! A faculdade, a cidade... o estudo... os amigos. Participei de uma peça sobre um cavalo. É muito bom. — Carlton sacudiu a cabeça rapidamente, assentindo. — A Marla também tá estudando.

— Em Ohio — intrometeu-se Marla. — Estou fazendo um pré-vestibular de medicina.

— Que ótimo. — John sorriu.

— É, tem sido dureza, mas vale a pena — disse ela, animada, e John começou a relaxar, cedendo ao padrão familiar de suas amizades. Marla continuava sendo Marla e Carlton continuava sendo inescrutável.

— O Lamar tá por aí? — perguntou Carlton, olhando de rosto em rosto.

Marla balançou a cabeça.

— Eu liguei pra ele quando... uns meses atrás — disse ela. — Ele está focado em se formar mais cedo.

— Mas ele não vem? — persistiu Carlton. Marla abriu um breve sorriso.

— Ele disse assim: “Eu nunca, jamais vou botar o pé naquela cidade outra vez, nunquinha, não enquanto eu viver, e você também não devia”. Mas disse que somos bem-vindos para visitá-lo.

— Em Nova Jersey? — O rosto de Carlton foi tomado por uma expressão cética, e então ele voltou sua atenção para Jessica. — Jessica, o que rolou contigo esses tempos, afinal? Fiquei sabendo que você tá com o quarto do dormitório todo pra você agora.

John sentiu o corpo inteiro enrijecer, subitamente ciente do que Carlton realmente estava perguntando — as luzes pareceram ofuscantes, o barulho mais alto. Jessica olhou para John, mas ele não retribuiu o olhar.

— Sim — disse ela, voltando-se para os outros. — Não sei o que aconteceu, mas voltei pra casa um dia, logo depois que... cerca de seis meses atrás, e ela estava empacotando tudo o que podia carregar. Deixou o resto pra eu e o John arrumarmos. Se não tivéssemos chegado lá por acaso, acho que ela não teria nem me contado que ia embora.

— Ela disse pra onde ia? — perguntou Marla, franzindo o cenho. Jessica balançou a cabeça.

— Ela me abraçou e disse que ia sentir saudades, mas só falou que tinha que ir. Não me disse pra onde.

— Bom, podemos perguntar a ela — disse Carlton. John olhou para ele, inquieto.

— Você a viu?

Carlton balançou a cabeça.

— Ainda não, meu avião chegou hoje, mas ela estará aqui hoje à noite. A Jessica disse que ela parece estar muito bem.

— Entendi — disse John. Todos olharam para ele como se pudessem ver o que estava pensando: *Parece estar muito bem, mas não parece a Charlie.*

— John, vem cá me ajudar na cozinha! — chamou Clay, e John se afastou do grupo às pressas, sentindo-se aliviado, mas também completamente ciente de que não seria capaz de prestar qualquer tipo de auxílio na cozinha.

— O que manda? — disse.

Clay se recostou na pia e o olhou de cima a baixo.

— Precisa que eu abra um pote de ketchup? — perguntou John, sentindo-se cada vez mais nervoso. — Prateleira alta?

Clay suspirou.

— Só queria me certificar de que você estava bem lá fora.

— Como assim?

— Pensei que você pudesse estar nervoso. Sei que já faz um tempo que você e a Charlie não andam se se falando.

— Fazia um tempo que eu e você não nos falávamos também — disse John, sem conseguir esconder a tensão de sua voz.

— Bom, é diferente, e você sabe disso — disse Clay, seco. — Pensei que pudesse precisar bater um papo pra se animar.

— Bater um papo? — retrucou John.

Clay deu de ombros.

— Não precisa? — Clay o fitou com firmeza, mas ainda com um olhar cheio de doçura, e os nervos de John se acalmaram.

— A Jessica te contou? — perguntou, e Clay inclinou a cabeça para o lado.

— Um pouco. Provavelmente não tudo. Aqui. — Clay abriu a porta do refrigerador no qual estava encostado e deu um refrigerante para John. — Tente relaxar, você está aqui com seus amigos. Essas pessoas lá fora te amam. — Clay abriu um sorriso.

— Eu sei — disse John, deixando a lata no balcão ao lado. Olhou para ela por um segundo, mas não a pegou de volta, sentindo que, se bebesse, estaria cedendo, aceitando tudo que lhe fora dito. Seria como tomar seja qual fosse a pílula que todos já tinham engolido.

John olhou para a porta dos fundos.

— Nem pense nisso — disse Clay, abruptamente. John não tentou fingir que não era o que estava pensando. Clay suspirou. — Sei como deve ser difícil para você.

— Sabe? — respondeu John, incisivo, mas a expressão no rosto de Clay não mudou.

— Fique e fale com ela. Acho que você deve isso a ela, e a si mesmo.

Os olhos de John continuavam fixos na porta.

— Todo esse sofrimento pelo qual está se fazendo passar. Não pode ser o que você quer. — Clay se inclinou para o lado, interrompendo o olhar de John.

— Tem razão — disse John. Ajeitou a postura e olhou Clay nos olhos. — Não é isso o que eu quero. — Seguiu para a porta dos fundos e a empurrou com força, descendo os degraus de concreto depressa, como se Clay pudesse persegui-lo, e então deu a volta pelo lado da casa, em direção a seu carro, o coração batendo com força. Sentia-se um pouco desorientado, e não tinha a menor certeza de que estava tomando a decisão certa.

— John! — gritou alguém atrás dele. Aquela voz familiar pareceu uma corrente elétrica percorrendo todo o seu corpo, e ele parou, fechando os olhos por um segundo.

Ouviu seus saltos batendo na calçada de pedra, o som desaparecendo quando começou a cruzar a grama em sua direção. Abriu os olhos e se voltou para a voz — ela estava parada a apenas alguns metros de si.

— Obrigada por parar — disse Charlie. Estava com uma expressão ansiosa no rosto, os braços envoltos com força ao redor do corpo, como se estivesse com frio, apesar clima ameno.

— Só ia pegar minha jaqueta — disse John, tentando soar casual em meio à mentira óbvia.

Olhou para ela de cima a baixo, e ela não se mexeu, como se soubesse o que estava fazendo, e por quê. *Não é ela.* Parecia uma lindíssima prima de Charlie, talvez, mas não ela. Não a garota esquisita de rosto redondo e cabelo frisado que ele conheceu por quase toda a vida. Era mais alta, mais magra, o cabelo mais comprido, mais escuro. Seu rosto era estranhamente diferente, embora não soubesse explicar bem como. Sua postura, ainda que encolhida por conta da ansiedade, era, de alguma forma, elegante. Quando olhou para ela, o primeiro choque de reconhecimento deu lugar a uma repulsa aguda. Recuou involuntariamente um passo. *Como é que alguém pode achar que é ela?* Pensou. *Como alguém pode achar que essa é a minha Charlie?*

Ela mordeu o lábio.

— John, diga alguma coisa — disse ela, a voz suplicante. Ele deu de ombros, erguendo ambas as mãos, conformado.

— Não sei o que dizer — confessou.

Ela assentiu. Descruzou os braços, como se finalmente tivesse percebido que os estava segurando daquela forma, e, em vez disso, começou a mexer nas unhas.

— Estou tão feliz de ver você — disse ela, soando como se estivesse a ponto de chorar. John amoleceu, mas enterrou o sentimento.

— Eu também — disse, monótono.

— Senti sua falta. — Ela começou a dizer, procurando alguma coisa em seu rosto. John não fazia ideia de como devia aparentar, mas sentia que sua expressão estava dura feito pedra. — Eu, hã, eu tive que me afastar por um tempo — prosseguiu, insegura. — Naquela noite, John, eu achei que ia morrer.

— Eu achei que você tivesse morrido — disse ele, tentando engolir o caroço que lhe subiu pela garganta. Ela hesitou.

— Você não acha que eu sou eu? — perguntou, por fim, a voz suave.

Ele olhou para os pés por um momento, incapaz de dizer as palavras na cara dela.

— A Jessica me contou. Tudo bem, John — disse ela. — Só quero que saiba que não tem problema. — Seus olhos brilhavam com as lágrimas. O coração de John palpitou e, num instante, o mundo pareceu mudar de foco.

Olhou para a mulher encolhida diante de si, tentando suprimir os soluços.

De repente, as diferenças tão acentuadas que vira nela pareciam tão facilmente explicáveis. Seus sapatos tinham saltos, por isso estava mais alta. Estava com um vestido bem modelado em vez das tradicionais calças jeans e camisetas, por isso parecia mais magra. Vestia roupas elegantes e seus gestos eram elegantes, sofisticados, mas era só como se Jessica tivesse lhe dado um banho de maquiagem, como sempre ameaçava fazer.

Só como se Charlie simplesmente tivesse crescido. *Todos tínhamos que crescer.*

John pensou em como dirigia do trabalho para casa, — ou pelo menos vinha dirigindo, até aquela manhã — em como evitava passar na frente da casa dela ou na área da Freddy Fazbear's Pizza. Talvez Charlie também tivesse coisas que queria evitar. Talvez só quisesse ser diferente.

Talvez ela quisesse mudar, como você mudou. Quando pensa naquele momento, no que ele fez contigo — o que não deve ter feito com ela? Que tipo de pesadelos você tem, Charlie?

Ele foi tomado por um desejo súbito e visceral de perguntar a ela e, pela primeira vez, se permitiu olhar em seus olhos. Assim que o fez, seu estômago embrulhou, seu coração começou a acelerar. Ela tentou lhe abrir um sorriso, e ele sorriu de volta, imitando-a inconscientemente, mas algo gélido se contorceu dentro de si. *Esses não são os olhos dela.*

John desviou o olhar, uma expressão de total serenidade imediatamente lhe tomando o rosto. Por um instante, Charlie pareceu confusa.

— Charlie — disse John, com toda a cautela. — Você se lembra da última coisa que eu te disse, antes de você... ficar presa naquela roupa? — Ela fitou seus olhos por um momento, e depois balançou a cabeça.

— Sinto muito, John — disse. — Não me lembro de muita coisa daquela noite. Fragmentos inteiros... simplesmente sumiram. Lembro de estar na roupa... e eu desmaiei, acho que por horas.

— Então você não se lembra? — Ele repetiu, a voz séria e profunda.

Parecia impossível que ela tivesse se esquecido. *Talvez ela não tivesse me ouvido.*

— Você se machucou? — perguntou, ríspido.

Ela assentiu em silêncio, os olhos novamente se enchendo de lágrimas, e se encolheu. Dessa vez, não parecia estar com frio, parecia magoada. Talvez estivesse. John se aproximou um passo, de repente querendo desesperadamente prometer a ela que tudo ficaria bem. Mas então os olhos dela se encontraram com os seus novamente, e ele parou, recuando um passo. Ela lhe ergueu uma mão, mas ele não a segurou, e ela cruzou os braços sobre o corpo outra vez.

— John, vamos nos encontrar amanhã? — perguntou ela, a voz firme e controlada.

— Por quê? — disse, antes que conseguisse se impedir de fazê-lo, mas ela não reagiu.

— Só quero conversar. Me dê uma chance. — Sua voz vacilou um pouco, e ele assentiu.

— Claro. Sim, podemos nos encontrar amanhã. — Ele fez uma pausa. — No mesmo lugar, pode ser? — acrescentou com cautela, esperando para ver como ela responderia.

— O restaurante italiano? Do nosso primeiro encontro? — disse ela, tranquila, e abriu um sorriso gentil. Suas lágrimas pareciam ter parado. — Lá pelas seis?

John suspirou profundamente.

— Sim.

Encontrou os olhos dela novamente e dessa vez não desviou o olhar, permitindo-se repousar em seus olhos pela primeira vez naquela noite. Ela o olhou de volta, sem se mexer, como se tivesse medo de espantá-lo dali.

John assentiu e depois deu a volta, partindo sem dizer nenhuma outra palavra. Voltou para o carro em silêncio, lutando para manter os passos constantes. Sentia que tivesse acabado de fazer algo maravilhoso e também como se tivesse cometido um erro terrível. Se sentia estranho, como se tivesse tido um pico de adrenalina, e, enquanto dirigia no escuro, imaginou seu rosto novamente.

Aqueles não eram os olhos dela.

Charlie o assistiu partir, enraizada no chão como se nunca tivesse estado em nenhum outro lugar. *Ele não acredita em mim.* Jessica não queria contar a ela sobre John e sua convicção estranha, porém inflexível, mas sua recusa em conversar com ela agora, sua relutância em sequer aceitar sua presença naquele dia na lanchonete... Era tudo bizarro demais para deixar para lá. *Como ele pode pensar que eu não sou eu?*

As luzes traseiras do carro de John desapareceram numa curva mais adiante. Charlie ficou olhando para o ponto escuro onde ele estivera, sem querer voltar para a casa, brilhante e barulhenta. Carlton lhe contaria uma piada. Jessica e Marla tentariam confortá-la, assim como fizeram na lanchonete naquele dia, quando fora mostrar a todos que, mesmo contra todas as possibilidades, ela tinha sobrevivido.

O caminho de seu carro — que na verdade era o carro da tia Jen, que tinha pegado emprestado — até a lanchonete lhe parecera quilômetros naquele dia, e seu estômago embrulhou de ansiedade, ainda que soubesse, com certeza, que todos ficariam felizes em vê-la. Como poderiam não ficar? Todos os passos lhe pareceram rígidos, inseguros — doía cada vez que se mexia, seu corpo ainda todo machucado por conta do dia anterior, ainda que não tivesse marcas para mostrar. Até respirar lhe parecia algo forçado e estranho, e ela tinha a constante impressão de que se esquecesse de fazê-lo, iria parar, morrer de asfixia bem ali, no meio da calçada, a menos que lembrasse a si mesmo: *respire.*

Podia vê-los do outro lado da janela enquanto caminhava até a entrada da lanchonete, o coração acelerado, e então eles a viram e foi tudo exatamente como ousara esperar: Marla e Jessica correram até a porta, empurrando uma à outra para que pudessem abraçá-la primeiro, chorando só de ver seu rosto vivo. Ela se deixou ser envolta no calor de seu alívio, mas antes que a soltassem, seus olhos se voltaram para John.

Quando ela o viu, suas costas viradas para a porta, quase chamou seu nome, mas algo a impediu. Ele disse algo que ela não conseguiu ouvir, e ela ficou observando, incrédula, enquanto ele não ia a seu encontro, apertando uma colher na mão como se fosse uma arma.

— John! — disse ela, enfim, chamando por ele.

Mas ele não se virou. Marla e Jessica a conduziram para fora do restaurante, fazendo sons reconfortantes que deviam ter sido palavras, e Charlie tentou enxergá-lo do outro lado da janela: ele não tinha se mexido. *Como ele pode fingir que eu não estou aqui?*

Uma descarga de dor a atingiu de repente, puxando-a de volta para o presente, e Charlie se abraçou com força, embora não ajudasse muito: era geral, aguda e quente. Ela trincou os dentes, na tentativa de não emitir nenhum tipo de som. Às vezes, a sensação se reduzia a uma dorzinha que conseguia jogar para o fundo de sua consciência. Às vezes, desaparecia por vários dias de uma vez, mas sempre voltava.

"Você se machucou?", John tinha perguntado, o primeiro — e único — sinal que tinha dado de que talvez ainda se importasse, e ela não conseguira responder. *Sim,* podia ter dito em resposta. *Sim, me machuquei, e ainda estou machucada. Às vezes, acho que isso vai me matar, e o que sinto agora é só um eco do que costumava ser. Sinto como se todos os meus ossos estivessem quebrados, como se as minhas entranhas estivessem retorcidas e rasgadas, como se a minha cabeça estivesse aberta e as coisas estivessem vazando, e acontecendo tudo de novo e novo.* Trincou os dentes outra vez, respirando de forma deliberada, até lentamente começar a se acalmar.

— Charlie? Você está bem? — disse Jessica, a voz baixa, aparecendo ao lado dela na calçada diante da casa de Clay. Charlie assentiu.

— Não te ouvi chegando — disse ela, rouca.

— Ele não quer te magoar. Só está...

— Traumatizado — disparou Charlie. — Eu sei. — Jessica suspirou, e Charlie balançou a cabeça. — Desculpa, não quis ser rude.

— Eu sei — disse Jessica.

Charlie suspirou, fechando os olhos. *Não foi ele que morreu... e, de fato, foi como se tivesse morrido.* Só conseguia se lembrar daquela noite crucial em fragmentos perdidos: seus pensamentos não passavam de retalhos e sussurros, vagos e confusos, tudo girando devagar ao redor de um ponto central: o singular e inconfundível som das travas de mola estalando.

Charlie tremeu e então sentiu a mão de Jessica lhe tocar o ombro. Abriu os olhos, fitando a amiga com uma expressão de total desamparo.

— Acho que ele só precisa de tempo — disse Jessica, a voz cheia de gentileza.

— De quanto tempo ele ainda pode precisar? — perguntou Charlie, suas palavras soando como pedras.

— Está pronto. — Uma voz suave soou em meio ao escuro.

— Eu te digo quando estiver pronto — disse o homem tombado no canto, estudando atentamente um monitor. — Erga mais alguns graus — murmurou.

— Você disse antes que podia ser demais — disse ela, do lado oposto da sala, curvada sobre uma mesa. A luz tremeluzia, contornando suas feições enquanto examinava cuidadosamente fosse lá o que estivesse diante de si.

— Faça de uma vez — disse o homem no chão. A mulher tocou um painel, mas então recuou de súbito.

— O que foi? — indagou ele, sem tirar os olhos do monitor. — Erga mais dois graus — ordenou, a voz mais alta. Por um momento, a sala ficou em silêncio. Finalmente, o homem se voltou para a mesa. — Algum problema?

— Acho que está... — A mulher parou de falar.

— O quê?

— Se mexendo — finalizou.

— É claro que está. Sim, *eles* estão.

— Parece que está... sentindo dor? — sussurrou ela. O homem sorriu.

— Sim.

Uma luz brilhante se acendeu abruptamente, tão de repente quanto o som que começou a vir do centro da sala. Luzes vermelhas, verdes e azuis piscavam em sequência e uma voz entusiasmada soava dos alto-falantes embutidos nas paredes, preenchendo a sala com música.

Todas as luzes se focaram nele: o lustroso urso branco e roxo. Suas juntas estalavam a cada movimento — os olhos pulavam aleatoriamente para frente e para trás. Tinha quase dois metros de altura, com bochechas rosadas que pareciam duas bolas de algodão doce brilhante e carregava um microfone com uma cabeça que mais parecia uma bola de discoteca cintilante.

— Desligue essa coisa! — gritou o homem desidioso, levantando-se com óbvia dificuldade. Avançou devagar até o centro da sala, severamente apoiado em sua bengala. — Para trás, deixa que eu mesmo faço! — exclamou, enquanto a mulher recuava até a mesa no canto.

O homem abriu uma chapa de plástico branca no peito do urso cantor e então enfiou o braço na cavidade, esticando-o até o fundo da abertura e puxando qualquer coisa que encontrasse. Quando desconectou os cabos lá dentro, primeiro os olhos pararam de se mexer, depois pálpebras pararam de abrir e fechar, a boca parou de cantar e a cabeça parou de se virar.

Finalmente, em meio a um último impulso, as pálpebras se fecharam e a cabeça caiu de lado, sem vida. O homem recuou um passo e a pesada placa da cavidade peitoral do urso se fechou dentre um grande baque enquanto o urso animatrônico se enchia com sons de servomotores e engrenagens, quebrados e desconectados, incapazes de se mexer ou operar. Jatos de ar irrompiam por entre as junções de seu revestimento corporal por conta das falhas no funcionamento dos tubos de ar.

O som finalmente parou, os ecos provindos dele perdurando por mais um instante antes de se dissiparem por completo. O homem voltou sua atenção novamente para a mesa, arrastando-se até ela. Abaixou o olhar, estudando por um momento a figura que ali se contorcia. A superfície da mesa era de um laranja reluzente, e o metal quente chiava. Ele pegou uma seringa da mão da mulher e a fincou à força na coisa retorcida. Puxou o êmbolo para cima, mantendo a agulha firme enquanto enchia a seringa com uma substância liquefeita, até que finalmente a tirou de lá com um solavanco. Foi cambaleando de volta em direção ao urso.

— Agora, vamos dar a você um propósito maior — disse à seringa brilhante.

O homem abriu novamente a pesada chapa peitoral do urso que seguia ali parado, quebrado, e cuidadosamente inseriu a seringa que carregava na cavidade, onde começou a apertar o êmbolo. A cavidade se fechou num estalo, a chapa pesada demais para que o homem fragilizado mantivesse aberta, e ele caiu de costas, imediatamente agarrando o braço. A seringa caiu no chão em meio a um terrível barulho, ainda quase cheia. A mulher rapidamente se ajoelhou ao lado dele, tateando seu braço em busca de fraturas.

— Estou bem — resmungou, erguendo o olhar para o urso, ainda imóvel. — Ele precisa de mais calor. — O chiado continuava conforme a figura se revirava sobre a mesa, exalando nuvens de vapor enquanto rolava de um lado para o outro sobre a superfície quente.

— Não podemos aplicar mais calor — disse a mulher. — Você vai destruí-los.

O homem desviou o olhar para ela com um sorriso caloroso, depois lançou os olhos de volta para o urso: ele agora os estava fitando, seus olhos escancarados seguindo o menor dos movimentos, por mais sutil que fosse.

— Suas vidas terão um propósito maior agora — disse o homem, satisfeito. — Eles se tornarão *mais,* assim como você se tornou.

Ele olhou para a mulher ajoelhada a seu lado e ela retribuiu o olhar, suas bochechas pintadas e reluzentes brilhando em meio à luz.

John entrou no apartamento e trancou o fecho atrás de si, deslizando a corrente até o lugar pela primeira vez desde que se mudara para lá. Foi até a janela e ficou mexendo nas persianas, mas então parou, afastando o impulso de fechá-las e se isolar por completo do mundo exterior. Do outro lado do vidro, o estacionamento estava quieto e silencioso, em meio a uma luz sinistra que vinha de um único poste e da placa de néon azul de uma concessionária de carros próxima. Tinha também um farfalhar estranho vindo de algum lugar e John observou o estacionamento por um instante, sem saber o que esperava ver. De toda forma, o som parou pouco depois e ele então foi ao banheiro, a fim de jogar uma água no rosto. Quando voltou ao quarto, congelou: era o barulho de novo, dessa vez mais alto — estava no quarto com ele.

John segurou a respiração por um segundo, concentrando-se para escutar melhor. Era um barulho baixo, o som de algo se mexendo, mas era regular demais, mecânico demais para ser um

rato. Acendeu a luz: o barulho persistiu e ele se virou devagar, tentando ouvir de onde vinha, até que se pegou olhando para Theodore.

— É você? — perguntou.

Aproximou-se e pegou a cabeça de coelho desmembrada. Ele o segurou junto ao ouvido, escutando o estranho som que emanava de dentro da criatura de pelúcia. Finalmente, após um estalo súbito, o som parou. John esperou, mas o brinquedo permaneceu em silêncio. Pôs Theodore de volta na cômoda e aguardou um momento para ver se o som começaria outra vez.

— Não estou maluco. — John disse ao coelho. — E não vou deixar que você nem ninguém me convença de que estou.

Foi até a cama e enfiou a mão embaixo do colchão, sem tirar os olhos cheios de receio do coelho de brinquedo, subitamente sentindo-se observado. Pegou o caderno que tinha escondido ali e se sentou de volta na cama, olhando para a capa preta e branca. Era um caderno de anotações bem simples, do tipo que tem uma pequena área na frente para se escrever seu nome e a matéria. John deixara esses campos em branco, e agora passava o dedo pelas linhas vazias, sem querer de fato abrir o caderno que deixara intocado sob seu colchão por quase três meses.

Por fim, ele o abriu na primeira página.

— Não estou maluco — disse novamente para o coelho. — Eu sei o que vi.

Charlie. Preenchera a primeira página com nada além de fatos e estatísticas, o que não era muita coisa, notou, constrangido. Tinha conhecido o pai de Charlie, mas não sua mãe. Seu irmão continuava um mistério. Não sabia sequer se ela tinha nascido em New Harmony ou se houvera alguma outra cidade antes do Fredbear's, o restaurante que descobriram na primeira vez que todos voltaram à Freddy's. Escrevera meticulosamente a história que os dois compartilharam: a infância em Hurricane, a tragédia na Freddy's, e então o suicídio de seu pai. Ela se mudara com a tia Jen depois disso. Enquanto escrevia aquilo, John se deu conta de que nunca soube onde Charlie e Jen tinham morado. Perto o suficiente de Hurricane para que ela pudesse dirigir até lá em vez de ir de avião para comparecer à dedicatória da bolsa de estudos em memória a Michael, quase dois anos antes, mas parecia estranho ela nunca ter mencionado o nome da cidade onde estava morando agora — e naquela época.

Foi avançando pelas páginas. Elas ficavam cada vez menos vazias à medida que continuava, os detalhes preenchendo cada vez mais lacunas conforme iam surgindo sem cessar em sua mente. Tinha anotado cenas inteiras de suas memórias: como a vez que colocara chiclete no cabelo dela, pensando que seria engraçado. Charlie o ficara encarando com um olhar travesso no rosto enquanto sua professora da primeira série tirava o chiclete do cabelo com a pequena tesoura sem ponta de cabo azul. Charlie conseguiu recuperar o pedaço de chiclete cheio de cabelo da lixeira quando ninguém estava olhando e o levou para fora consigo durante o recreio. Assim que saíram pela porta, Charlie abriu um sorriso para John: "Quero te devolver o seu chiclete", disse ela, e a tarde se tornou um jogo de pega, os dois correndo disparados pelo pátio da escola, enquanto Charlie, determinada, tentava enfiar o pedaço de goma de mascar cheio de cabelo de volta na boca de John. Ela não conseguiu: os dois foram pegos e tiveram ambos que parar com o que estavam fazendo. John sorriu enquanto lia a versão que rabiscara da história. Parecera importante que começasse por sua infância, que se focasse na Charlie-que-costumava-ser, além de, é claro, o John-que-costumava-ser. Em meio a um suspiro, continuou a avançar.

Nas últimas páginas, tentara capturar tudo sobre ela: o jeito que se mexia, o jeito que falava. Tinha sido difícil — quanto mais tempo passasse, mais suas memórias se tornariam *as memórias que John tinha de Charlie* e não *a Charlie* propriamente dita, e por isso escreveu tanto quanto pôde, o mais rápido que pôde, começando três dias após aquela noite. Tinha o jeito que ela andava, toda confiante, até que notasse que alguém estava olhando para ela. Tinha também os comentários que nada tinham a ver com o que estava sendo falado antes, e que ela fazia sempre que ficava nervosa ao redor de outras pessoas, o que era até que bem frequente. Tinha o jeito como de vez em quando ela parecia afundar em si mesma, como se houvesse uma outra realidade dentro da sua cabeça e ela tivesse momentaneamente deixado a nossa e entrado em uma que ele nunca conseguiria seguir.

Suspirou. *Como se checa isso?* Virou o caderno de costas: tinha começado a escrever toda uma nova série de pensamentos na parte de trás. *O que aconteceu com a Charlie?*

Se a mulher na festa de Carlton, a mulher que aparecera tão subitamente na lanchonete, não fosse Charlie, então quem era ela?

A resposta mais óbvia, é claro, seria que se tratava de seu irmão gêmeo — ou, neste caso, irmã. Charlie sempre tinha se referido a um menino, mas Sammy poderia facilmente ser um apelido para Samantha, e a memória que Charlie confiara a ele, de Sammy sendo levado do depósito, teria sido um sequestro, não um assassinato. E se a irmã gêmea de Charlie ainda estivesse viva? E se não apenas tivesse sido sequestrada por Springtrap, William Afton, na época, como também criada por ele? E se tivesse sido moldada e estruturada por um psicopata por dezessete anos, armada com todo o conhecimento que Springtrap conseguiu juntar da vida de Charlie, e tivesse agora sido enviada para tomar o lugar de Charlie?

Mas por quê? Qual seria o sentido disso? A fixação de Afton por Charlie era perturbadora, mas ele não parecia capaz de nada tão elaborado — ou de cuidar de uma criança humana por tempo o suficiente para lhe fazer uma lavagem cerebral.

Escrevera dezenas de outras possíveis teorias, mas quando parou para lê-las agora, nenhuma parecia realmente estar certa: Ou caíam por terra após uma análise mais minuciosa, ou, como a Samantha imaginária, simplesmente não faziam sentido. E, em todos os casos, não conseguia ligá-las à Charlie com quem tinha se encontrado mais cedo naquela noite. Sua dor e aflição pareciam tão reais — só de imaginar seu rosto agora fazia crescer uma terrível dor em seu peito.

John fechou o livro, tentando imaginar por um instante a situação reversa: Charlie, a *sua* Charlie, lhe virando as costas, insistindo que ele não era ele — que ele, o verdadeiro John, estava morto. *Eu desmoronaria.* Certamente se sentiria como Charlie parecia ter se sentido naquela noite, suplicante, encolhida, como se fosse tudo o que pudesse fazer para se manter inteira. Ele se deitou na cama, segurando o caderno junto ao peito, onde o deixou, parecendo pesar mais que o próprio peso. Fechou os olhos, apertando o caderno como se fosse um brinquedo de criança e, enquanto ia caindo no sono, ouviu o som da cabeça de Theodore outra vez: o farfalhar e depois o estalo.

No dia seguinte, John acordou tarde, tomado por um pavor sem fundamento. Olhou para o relógio, notando, em pânico, que estava atrasado para o trabalho e, quase simultaneamente, lembrou-se de que não tinha mais um trabalho, uma realidade que logo teria consequências, mas não hoje. Tudo o que tinha que fazer hoje era se encontrar com Charlie. Só de pensar nisso, o medo cresceu novamente, e ele suspirou.

Mais tarde naquela tarde, enquanto revirava o guarda-roupa em busca de uma camisa apresentável, alguém bateu na porta. John olhou para Theodore.

— Quem? — sussurrou John. O coelho não respondeu.

John foi até a porta — pela janela da frente, viu Clay Burke parado lá fora, olhando para a porta, aparentemente ignorando com toda a educação o fato de que poderia ver todo o apartamento de John, se quisesse. John suspirou e deslizou a corrente do trinco, e então escancarou a porta.

— Clay, oi. Entre. — Clay hesitou na soleira da porta, fitando o interior, vazio demais para ser considerado uma bagunça. John deu de ombros. — Antes de julgar, lembre-se que eu já vi a sua casa pior que isso — disse, e Clay sorriu.

— Sim, você viu — disse, finalmente, e depois entrou.

O barulho da cabeça de Theodore começou outra vez, mas John escolheu ignorá-lo.

— O que é isso? — perguntou Clay, após alguns segundos. John esperou para responder, sabendo que o som logo pararia e, após um instante, de fato parou, com o mesmo estalo de antes.

— É a cabeça do coelho. — John sorriu.

— Certo, claro. — Clay olhou para a cômoda e então de volta para John, como se não houvesse nada fora do comum. Considerando pelo que tinham passado antes, realmente não havia.

— E aí, o que posso fazer por você? — perguntou John, antes que algo mais estranho pudesse acontecer. Por um instante, Clay se balançou sobre os calcanhares.

— Queria ver como você estava — disse, a voz suave.

— Sério? Não tivemos essa conversa ontem — disse John, seco. Ele se levantou novamente e pegou uma camisa limpa no guarda-roupa, seguindo para o banheiro para que pudesse se trocar.

— É, bom, você sabe, prevenir nunca é demais — disse Clay, erguendo a voz para que se fizesse ouvir. John abriu a torneira. — John, o que você sabe sobre a tia da Charlie, a Jen?

John fechou a torneira abruptamente, arrancado de seu temperamento petulante.

— Clay, o que foi que disse?

— Perguntei o que você sabe sobre a tia da Charlie.

John trocou de camisa depressa e voltou para o quarto.

— A tia Jen? Nunca cheguei a conhecê-la.

Clay o fitou com um olhar afiado.

— Você nunca a viu?

— Não foi o que eu falei — disse John. — Por que está me perguntando isso agora?

Clay hesitou.

— A Charlie ficou extremamente ansiosa para vê-lo de novo quando eu mencionei que você tinha visto a Jen naquela noite — disse ele, parecendo escolher as palavras com cuidado.

— Por que a Charlie ligaria se eu vi a Jen ou deixei de ver? A propósito, por que você liga? — John passou por Clay para pegar um cinto caído junto ao pé da cama e começou a passá-lo pelas alças da calça.

— É só que isso me fez notar como tem muita coisa que não sabemos sobre aquela noite — disse Clay. — Acho que a sua conversa com Charlie hoje pode ajudar a preencher esses buracos, se você fizer as perguntas certas.

— Você quer que eu a interrogue? — John riu, sem achar graça. Clay suspirou, deixando aparentar a frustração por trás de sua calma habitual.

— Não é o que estou pedindo, John. Só estou dizendo que, se a tia da Charlie estava lá naquela noite, então eu gostaria de perguntar uma coisa ou duas para ela.

John olhou para Clay, que o fitou de volta, o rosto sereno, esperando uma resposta. John pegou um par de meias e se sentou na cama.

— Por que veio falar comigo assim tão de repente, afinal? — perguntou. — Até agora, ninguém tinha acreditado em nada do que eu disse.

— É o que encontramos no complexo — respondeu Clay, com mais facilidade do que John esperava. Ele ajeitou a postura.

— No complexo... está falando da casa do pai da Charlie?

Clay o fitou com firmeza.

— Acho que ambos sabemos que era mais que só uma casa — disse. John deu de ombros, sem dizer nada, esperando que ele prosseguisse. — Algumas das coisas que encontramos nos escombros eram... podiam não significar muito para mais ninguém, mas o que eu vi... algumas das coisas que eu vi lá eram bem assustadoras, ainda que a maior parte estivesse enterrada embaixo de metal e concreto.

— “Assustadoras”? Essa foi a conclusão da sua equipe toda, ou só sua? — disse John, sem se importar com o sarcasmo na voz. Clay não pareceu ouvi-lo, os olhos fixos em um ponto entre eles. — Clay? — disse John, alarmado. — O que vocês encontraram? Como assim, “assustadoras”?

Clay piscou.

— Não saberia outra forma de descrever — disse. John balançou a cabeça. — Só vou dizer uma coisa — disse Clay, a voz áspera. — Não estou pronto para virar a página quanto ao Dave, William Afton, ou seja lá como ele chamava a si mesmo...

— Springtrap — disse John, a voz baixa.

— Não estou pronto para virar a página quanto a esse caso — finalizou Clay.

— O que quer dizer com isso? Você acha que ele ainda está vivo?

— Acho que não podemos fazer pressupostos — disse Clay.

John deu de ombros outra vez. Estava sem paciência — sem interesse, quase. Estava farto de intriga: Clay retendo informações, tentando protegê-los — como se guardar segredos já os tivesse mantido seguros alguma vez.

— O que quer que eu pergunte a ela? — disse John, sem rodeios.

— Só a faça falar com você. Tem sido maravilhoso tê-la aqui novamente, não me entenda mal, mas é como se ela estivesse escondendo alguma coisa. Como se ela...

— Não fosse si mesma? — disse John, com uma pontada de zombaria.

— Não é o que eu ia dizer. Mas acho que ela pode saber algo que ainda não nos contou. Talvez algo que não se sinta confortável para compartilhar.

— E ela pode se sentir confortável para compartilhar comigo?

— Talvez.

— Isso parece moralmente ambíguo — disse John, sentindo-se exausto com tudo aquilo. De repente, o farfalhar na cômoda começou outra vez. — Viu? O Theodore concorda comigo — disse, fazendo menção ao coelho.

— Ele sempre faz isso?

Clay se aproximou da cabeça do coelho, mas antes que pudesse tocá-la, a mandíbula de Theodore se abriu num estalo e a cabeça deu um pulo no lugar. John se sobressaltou e Clay recuou um passo depressa. O som que estava fazendo se tornou um murmúrio distorcido, mais alto e suave, às vezes quase imitando palavras, embora John não conseguisse nem começar a discerni-las. Após alguns minutos, a cabeça voltou a ficar em silêncio.

— Nunca o vi fazendo isso antes — disse John.

Clay estava curvado sobre a cômoda, o nariz quase tocando o de Theodore, como se pudesse ver dentro dele.

— Vou precisar sair daqui a pouco — disse John da forma mais concisa que conseguiu. — Não vou querer me atrasar, não é verdade? Para esse novo relacionamento aberto e honesto que começarei a ter com ela.

Ele fez contato visual com Clay, breve e acusatório, e seguiu abruptamente até a porta.

— Não precisa trancar? — perguntou Clay enquanto John passava por ele.

— Não importa.

Ainda estava claro quando John chegou à St. George, e quando olhou para o relógio no painel, John viu que estava mais que uma hora adiantado. De toda forma, deixou o carro no estacionamento do restaurante e saiu, feliz pela oportunidade de dar uma volta e desestressar um pouco. Ele vinha evitando St. George, a cidade onde Charlie e Jessica estavam cursando a faculdade — *a Jessica provavelmente ainda está cursando,* pensou, dentre uma pontada de culpa. *Eu devia saber coisas básicas assim.*

Foi caminhando diante de algumas vitrines, seguindo semiconscientemente para o cinema onde fora com Charlie da última vez que estivera ali. *Talvez a gente possa ver um filme. Depois do jantar-com-interrogatório.*

John parou em meio à calçada: O cinema tinha sumido. Em seu lugar, dois rostos de palhaço gigantescos sorriam para ele das janelas de um novo restaurante todo iluminado. Os rostos eram quase tão grandes quando a enorme porta da frente, pintados de ambos os lados e sobre eles havia uma placa com letras de néon vermelhas e amarelas: CIRCUS BABY'S PIZZA.

As luzes de néon estavam acesas, brilhando em vão em meio à luz do dia. John ficou ali parado, sentindo como se seus tênis tivessem se fundido ao estacionamento. Um grupo de crianças passou correndo por ele enquanto entravam no estabelecimento, e um adolescente esbarrou em John, acordando-o de seu devaneio.

— Continue andando, John — murmurou a si mesmo, virando-se para ir embora, mas parou novamente depois de alguns passos. — Apenas continue andando — repetiu em um tom mais severo, mas então se virou para encarar o restaurante com um olhar desafiador.

Aproximou-se da porta da frente e a empurrou. Ela se abriu, dando num vestíbulo vazio, uma área de espera onde versões menores do palhaço lá na frente sorriam loucamente nas paredes e as palavras "SEJA BEM-VINDO!" estampavam uma segunda porta em letras cursivas que ali foram

pintadas. Havia um cheiro bastante familiar no ar: uma combinação particular de borracha, suor e pizza assando.

John abriu a segunda porta e foi quase nocauteado pelo barulho. Piscou em meio às luzes fluorescentes, desnorteado: Havia crianças por todos os lados, gritando, rindo e correndo pelo chão, além dos estalidos e campainhas das máquinas de fliperama, que soavam de forma discordante por toda a sala. Havia estruturas de brinquedo, algo como um trepa-trepa a sua esquerda e uma piscina de bolinhas a sua direita, onde duas garotinhas jogavam bolas multicoloridas em uma terceira garota, que gritava alguma coisa que ele não conseguia decifrar.

Havia mesas postas no centro da sala, onde notou cinco ou seis adultos conversando uns com os outros. Ocasionalmente, eles olhavam por cima dos ombros para o caos a sua volta, para o palco nos fundos da sala, as cortinas vermelhas fechadas. Um calafrio lhe subiu a espinha, e John olhou ao redor novamente com um terrível déjà vu por conta das crianças brincando e os pais complacentes.

Seguiu em direção ao palco, parando duas vezes bem em cima da hora para não tropeçar em crianças brincando de pega. As cortinas eram novas em folha, o veludo vermelho e felpudo brilhando em meio à luz, enfeitado com cordas e borlas douradas. John diminuiu o passo à medida que se aproximava, a boca do estômago retesando com um pavor antigo e familiar. O piso do palco era quase da altura de sua cintura, e ele parou logo ao lado, olhando em volta antes de agarrar a cortina com cuidado e começar a puxá-la.

— Com licença, senhor — disse a voz de um homem, logo atrás dele, e John corrigiu a postura como se tivesse tocado um fogão quente.

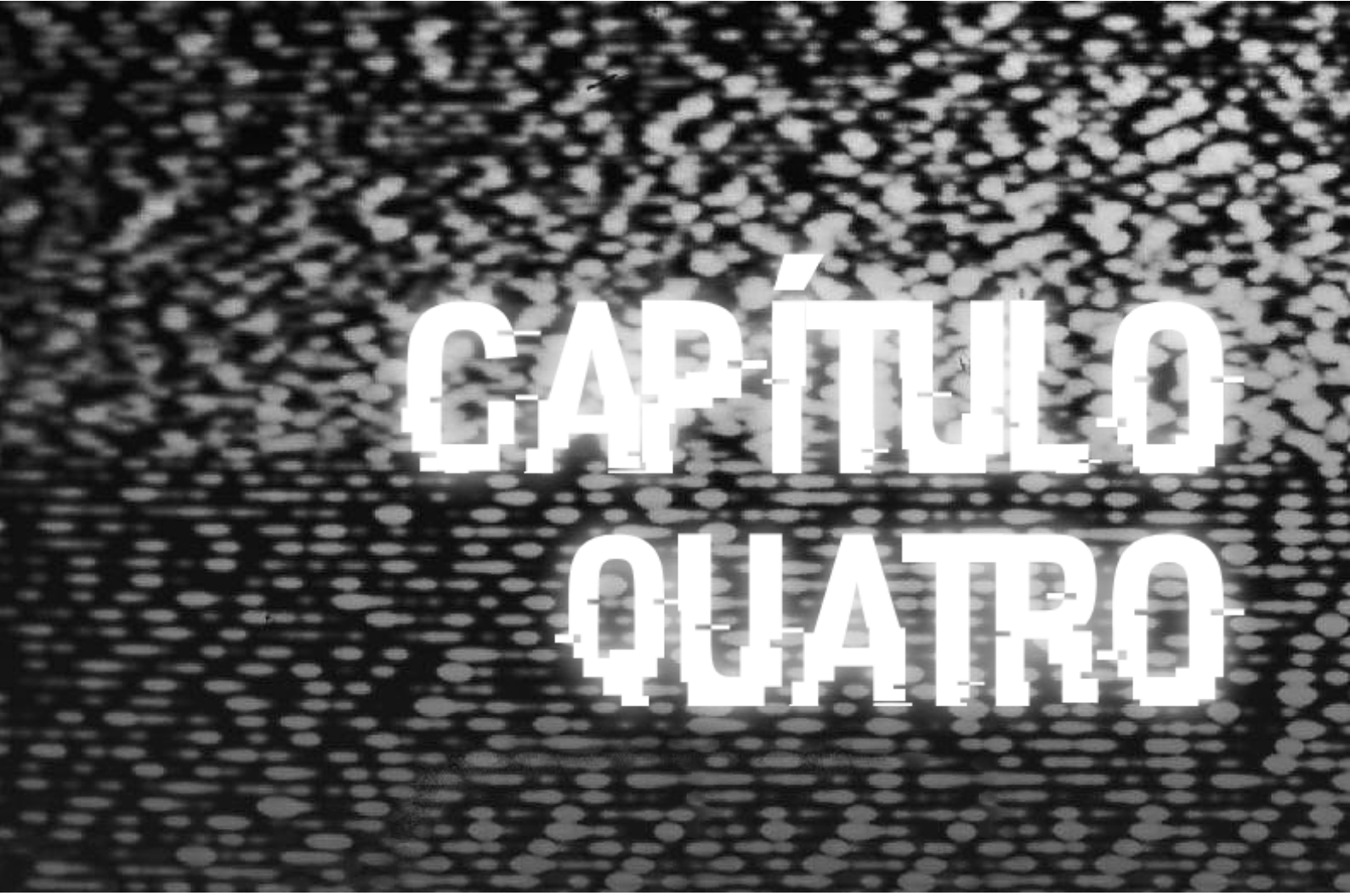
— Desculpa — disse, virando-se para ver um homem de camisa polo amarela com uma expressão tensa no rosto.

— Está aqui com alguma criança, senhor? — perguntou ele, erguendo as sobrancelhas. Sua camisa tinha as palavras CIRCUS BABY'S PIZZA estampadas, e ele usava um crachá onde se podia ler o nome STEVE.

— Não, eu... — John fez uma pausa. — Sim, com várias crianças. Festa de aniversário, sabe como é. Primos, um monte de primos, o que se pode fazer?

Steve ainda o encarava com as sobrancelhas erguidas.

— Tenho que encontrar uma pessoa... em outro lugar — disse John. Steve fez um gesto em direção à porta.



CAPÍTULO QUATRO

— Não! — berrou Jessica, consternada, enquanto tentava arrancar as chaves do bolso de suas calças da moda, um pouco apertadas demais.

Uma maçã tombou da sacola de compras de papel que ela brigava para equilibrar nos quadris e saiu rolando pelo corredor. Acabou parando no tapete de entrada de seu pior vizinho, um sujeito de meia-idade que parecia capaz de detectar o menor dos barulhos, e estava sempre a postos para reclamar dele.

Na verdade, desde que se mudara para o apartamento, seis meses atrás, deixando para trás o quarto do dormitório que dividia com Charlie, ele já batera em sua porta três vezes para reclamar do rádio. Em duas delas, ele sequer estava ligado. No geral, apenas a encarava sempre que se cruzavam no corredor. Jessica não se importava de fato com a hostilidade — era um pouco como estar de volta à Nova York. Ela deixou a maçã onde estava.

Depois que conseguiu abrir a porta, Jessica deixou no balcão da cozinha e olhou a sua volta com certa satisfação. O apartamento não era muito chique, mas era *dela.* Quando se mudou para lá, começou a limpar tudo feito doida, esfregando a poeira endurecida que devia juntar nos rodapés desde que o prédio fora erguido cinquenta anos antes. Foram quase duas semanas de nada além de esfrega-esfrega entre as aulas e o dever de casa, e ia para a cama toda noite com os braços doídos, como se passasse o dia inteiro fazendo levantamento peso. Mas agora o apartamento estava limpo o suficiente para Jessica, — embora pudesse estar mais — o que não significava pouca coisa.

Começou a tirar as coisas das sacolas de compras, alinhando tudo em cima do balcão antes de guardar cada coisa.

— Manteiga de amendoim, pão, leite, banana... — murmurou consigo mesmo, e então ficou em silêncio outra vez.

Tem algo errado. Olhou em volta cuidadosamente, mas não havia ninguém lá e tudo parecia estar onde tinha deixado antes. Voltou a atenção novamente para as sacolas de compras.

Quando fechou a porta da geladeira, sentiu os pelos da nuca se arrepiarem. Jessica se virou como se esperasse pegar um ladrão com a mão na massa, o coração palpitando com a adrenalina, mas o cômodo continuava tão quieto quanto antes.

Só para garantir, foi checar a porta: estava trancada, como esperado. Ficou em silêncio por um instante, escutando os sons distantes de seu complexo de apartamentos — o zumbido de um sistema de ar-condicionado lá fora, um soprador de folhas do outro lado da rua — mas nada parecia fora do normal. Voltou ao balcão com passos cautelosos, terminou de guardar as compras e por fim foi para o quarto. Deu a volta pelo corredor e imediatamente soltou um berro: tinha uma figura de pé no escuro, bloqueando o caminho.

— Jessica? — disse uma voz familiar, e Jessica rapidamente procurou o interruptor, tensa demais para correr. A luz foi piscando devagar até que finalmente se estabilizou: era Charlie. — Assustei você? — disse ela, insegura. — Desculpa. A porta estava destrancada... devia ter esperado lá fora — acrescentou, desviando o olhar para os sapatos. — Achei que não teria problema, já que costumávamos ser colegas de quarto e tal...

— Charlie, você quase me matou de susto — disse Jessica, repreendendo-a em tom de brincadeira. — O que está fazendo aqui?

— Te contei que vou jantar com o John? — disse Charlie, e Jessica assentiu. — Pode me emprestar algo para vestir? Talvez pudesse me ajudar a escolher alguma coisa. — Charlie parecia hesitante, como se estivesse pedindo um favor gigantesco, e Jessica franziu o cenho, intrigada.

— Sim, claro, sem problema. — Jessica tentou se acalmar. — Mas, Charlie... não acho que você precise da minha ajuda para escolher uma roupa ultimamente não.

Jessica fez menção às roupas de Charlie: estava usando os coturnos de combate habituais, — ou uma versão mais elegante deles — mas os combinara com uma saia preta na altura dos joelhos e uma blusa carmesim de gola canoa.

Charlie deu de ombros e jogou o peso de uma perna para a outra.

— Só acho... que ele pode gostar mais se você me ajudar a escolher uma roupa em vez de eu me vestir sozinha, sabe? O John não parece gostar do meu novo visual.

— Bom, Charlie... — Jessica fez uma pausa, escolhendo as palavras com cuidado. — Não vai fazer bem pra nenhum de vocês fingir que nada mudou — disse ela, com firmeza. — Vá com o que está vestindo, está ótimo.

— Você acha? — disse Charlie, parecendo incerta.

— Sim — disse Jessica.

Passou por Charlie para entrar no quarto, dando a volta por ela com toda a cautela, e Charlie a seguiu, parando junto à porta como um vampiro esperando um convite. Jessica olhou para Charlie e, de repente, sentiu-se um pouco mais tranquila, como se a amizade entre elas jamais tivesse sido interrompida. Jessica sorriu.

— Então, quer dizer, você tá nervosa? — perguntou, indo até a cômoda para pegar uma escova de cabelos, enquanto Charlie entrava e se sentava na cama.

— Sinto como se eu tivesse que provar alguma coisa pra ele, mas não sei bem o quê — disse, passando o dedo no desenho de flor na colcha de Jessica. — Você estava certa, a propósito.

Jessica se virou, penteando o cabelo despreocupadamente.

— Ele quer te ver essa noite. Acho que já é um ótimo começo — propôs. — Deixe-o passar um tempo contigo. Ele passou por muita coisa. Lembre-se, na perspectiva dele, ele a viu morrer, bem diante de seus olhos.

Charlie riu, um som suave e forçado, e então se silenciou.

— Só estou preocupada com ele. E não consigo nem ajudá-lo, porque... — parou de falar. — Jessica, você lembra se ele me disse algo importante naquela noite?

Algo em seu tom mudou: era sutil, com um minúsculo toque de tensão. Jessica manteve a expressão neutra, fingindo não ter notado.

— Algo importante? — perguntou Jessica.

— Algo... que eu me lembraria. Que *devia* me lembrar. — Ela manteve os olhos voltados para a colcha, ainda tracejando o desenho, como se tentasse memorizá-lo.

Jessica hesitou. Ainda conseguia ver tudo, vívido como o tempo presente, embora ainda embrulhasse o fundo de seu estômago. *Charlie estava presa naquele traje de Freddy quebrado e distorcido, apenas com o braço livre — John estava segurando sua mão.*

Jessica estremeceu, aquele som de trituração, tão terrível e único, ecoando em sua cabeça.

— Jessica? — perguntou Charlie, e Jessica assentiu de forma acelerada.

— Desculpa — disse, pigarreando. — Não sei dizer, você e o John ficaram a sós por alguns minutos. Não sei bem o que ele disse. Por quê?

— Acho que é importante para ele que eu me lembre — disse Charlie, voltando a passar o dedo pela colcha. Jessica a observou por um momento, sentindo-se subitamente desconfortável em seu próprio quarto. Como se sentisse isso, Charlie se levantou e a olhou nos olhos. — Obrigada, Jessica — disse. — Desculpa outra vez pelo arrombamento. Digo, não foi bem um arrombamento, a porta não estava trancada... mas você sabe o que quero dizer.

— Sem problema, só... avise que está em casa um pouco antes na próxima vez, tá bom? — Jessica sorriu, sentindo um caloroso afeto emanar da amiga.

Ela levou Charlie até a porta, abraçando-a enquanto se despediam. Charlie deu alguns passos e recolheu a maçã caída no chão, entregando-a, então, de volta para Jessica.

— Acho que isso é seu. — Charlie sorriu, dando a volta para ir embora.

Quando já tinha fechado a porta, Jessica suspirou. A ansiedade que sentira enquanto Charlie esteve em seu quarto ainda não tinha diminuído. Recostou-se na porta, reprisando em sua mente tudo o que acabara de acontecer. *Por que o John iria querer que a Charlie se lembrasse da última coisa que disse a ela?*

Atirou a maçã alguns centímetros para cima e deixou cair de volta em sua mão.

— Ele a está testando — disse Jessica em meio ao apartamento vazio.

Do lado de fora do prédio de Jessica, Charlie parou no estacionamento, frustrada. *O que ele disse que era tão importante?* Atravessou o chão de asfalto quente, seguindo até seu carro. Charlie entrou no carro, batendo a porta com mais força do que precisava. Lançou um olhar petulante para o volante. *Estão mentindo para mim,* pensou. *Me sinto como uma criança, com os adultos guardando segredos de mim. Decidindo por mim o que devo ou não devo saber.*

Olhou para o relógio do carro — estava sempre uma hora adiantado ou uma hora atrasado e ela nunca conseguia se lembrar qual dos dois. Tinha mais ou menos vinte minutos antes de ter que se encontrar com John.

— Não posso chegar cedo — disse a si mesma. — Aí é que ele não vai *mesmo* acreditar que sou eu. — Tentando livrar-se do mau humor, Charlie ligou o carro e saiu do estacionamento.

Quando chegou ao restaurante, viu John pela janela, sentado na mesma mesa onde haviam sentado da última vez, bem nos fundos do estabelecimento. Estava olhando para o vazio, como se profundamente imerso em seus pensamentos ou completamente desligado. Ela seguiu a anfitriã até a mesa e foi só quando parou ao lado dele que John pareceu se dar conta de que realmente estava ali. Quando o fez, levantou-se depressa. Charlie tentou se aproximar, sobressaltada, mas ele voltou a sentar novamente e, em silêncio, ela rapidamente recuou um passo e fez o mesmo.

— Oi — disse ela com um sorriso desajeitado.

— Oi, Charlie — disse ele, a voz baixa, e abriu um sorriso de súbito. — Está vestida bem melhor que da última vez que viemos aqui.

— Só deve parecer isso porque não estou coberta de terra e sangue dessa vez — disse Charlie suavemente.

— Certo. — Ele deu uma risada, mas Charlie notou um breve indício de avaliação em seus olhos. *Foi um teste.* O pensamento pareceu gelar a boca de seu estômago. Ela sabia que isso ia acontecer, mas saber não tornava mais fácil ver seus olhos, normalmente tão calorosos, olhando para ela daquela forma calculista.

— Qual foi mesmo o filme que a gente assistiu? — perguntou John, parecendo atrapalhar-se para lembrar a resposta. — Da última vez que vim te visitar, fomos ao cinema aqui dessa rua, não fomos? Tá na ponta da língua.

— *Zumbis vs. Zumbis!* — disse Charlie.

— Verdade, sabia que era sobre zumbis — disse John, pensativo.

— E aí, o que tem feito desde então? — perguntou Charlie, tentando mudar de assunto. — Ainda está trabalhando com construção?

— Estou — disse John, e então baixou o olhar para a mesa. — Na verdade, acho que não. Acabei de ser demitido.

— Ah — disse Charlie. — Sinto muito.

Ele assentiu.

— É. Quer dizer, foi culpa minha. Eu chegava atrasado e... tinha umas outras coisas... mas eu gostava do trabalho. Bom... pelo menos era um trabalho.

— Deve ter outros canteiros de obras por aí.

— É, acho que sim.

Ele a fitou com um olhar inquisitivo e ela o olhou de volta, tentando não encolher diante de sua análise. *Acredite em mim,* implorou em silêncio. *O que é preciso para você acreditar em mim?*

— Senti falta disso — disse ela, em vez de dar voz aos pensamentos.

Ele assentiu, os olhos se suavizando por um instante.

— Eu também — disse ele, a voz baixa, embora ela soubesse que não era bem verdade.

— Você sabe que eu não fui embora por causa... não foi por sua causa — disse Charlie. — Desculpa se foi o que pareceu. Eu só precisava dar um tempo de tudo e todos. Eu...

— Já estão prontos pra fazer o pedido? — perguntou a garçonete, animada.

John ajeitou a postura e pigarreou. Charlie olhou para o cardápio, feliz pela interrupção, mas as fotos da comida lhe pareciam estranhas, como se já tivesse ouvido descrições daquelas comidas, mas nunca as tivesse visto de fato.

— Senhorita? — A garçonete estava olhando para ela com olhos cheios de expectativa.

— Vou querer o mesmo que ele — disse Charlie, depressa, e fechou o cardápio. A jovem mulher franziu o cenho, confusa.

— Ah, hã, beleza. Então acho que é melhor eu fazer o meu pedido. — John deu uma risada.

— Pra mim pode ser qualquer coisa — disse Charlie, tentando manter a calma. — Desculpa. Eu volto já. — Ela se levantou da mesa e seguiu rapidamente em direção ao banheiro, deixando que John cuidasse das coisas ali.

Ao entrar no banheiro, foi tomada por uma terrível sensação de déjà vu. *Já estive aqui antes. Presa numa caixa, eu estava presa numa caixa* — Charlie bateu a porta atrás de si e a trancou. *Não estou presa.* Passou os dedos pelo cabelo, embora não precisasse de fato ajeitá-lo, e lavou as mãos. Só estava matando tempo, passando nem que fosse um instante longe das análises de John. Toda vez que ele lhe lançava aquele olhar firme e desconfiado, ela se sentia exposta.

— Eu sou a Charlie — disse a seu reflexo, aflita, passando os dedos pelo cabelo mais uma vez. — Não tenho que convencer o John que eu sou eu. — As palavras soaram fracas e quebradiças no ambiente fechado e pequeno. *Quem mais eu seria?*

Charlie lavou as mãos novamente, ajeitando os ombros, e voltou para o salão principal. Sentou-se e pôs o guardanapo de papel no colo, olhando John diretamente nos olhos.

— Ainda não me lembro — disse, abruptamente, tomada por uma imprudência obstinada.

John ergueu as sobrancelhas.

— Do quê?

— Não me lembro do que você me disse naquela noite. Sei que é importante pra você... sei que talvez seja por isso que você pensa o que pensa sobre mim, mas eu... não me lembro. Não posso mudar isso.

— Certo. — Ele deslizou as mãos pela beirada da mesa e as pousou sobre as pernas. — Eu sei... sei disso. Hm, aconteceu muita coisa naquela noite. Sei que sim. — Ele suspirou por um momento, mas então abriu um sorriso quase reconfortante. Charlie mordeu o lábio.

— Se é tão importante, por que não diz o que era? — perguntou, a voz cheia de gentileza. No mesmo instante, sentiu que não era a coisa certa a dizer.

As feições de John endureceram — ele se afastou ligeiramente da mesa. Ela olhou para o guardanapo em seu colo. Sem perceber, estivera retalhando as beiradas.

— Deixa pra lá — disse, a voz pouco mais alta que um sussurro, deixando vários minutos se passarem. — Esqueça que eu disse qualquer coisa. — Ela ergueu o olhar, mas John não respondeu.

— Me dê licença por um minuto. Eu volto já. — Ele se levantou e deixou a mesa.

Ela ficou ali olhando para a cadeira vazia. A garçonete se aproximou e pigarreou para ela. Charlie a escutou, mas não se mexeu. Não sabia se conseguia se mexer. *Isso está sendo terrível. Talvez seja melhor eu ficar sentada aqui para sempre. Uma estátua de mim mesma, um monumento à Charlie-que-costumava-ser. À Charlie-que-nunca-serei-novamente.*

— Senhorita? — A garçonete parecia preocupada, e foi o suficiente para fazer com que Charlie, em meio a um esforço hercúleo, virasse a cabeça. — Está tudo bem, senhorita? — indagou a garçonete, e Charlie levou mais um longo momento para compreender a pergunta.

— Sim — disse, por fim. — Poderia me trazer mais um guardanapo? — Ela ergueu o primeiro, metade dele já em pedaços, para indicar porque precisava de outro, e a garçonete se retirou. Charlie se virou novamente para a cadeira vazia de John.

John logo voltou à vista e se sentou, obstruindo seu olhar vazio.

— Tudo bem? — perguntou. Ela assentiu.

— A garçonete vai me trazer outro guardanapo. — Charlie fez um breve gesto na direção para onde a garçonete fora.

— Certo.

Ele abriu a boca para dizer mais alguma coisa, mas antes que pudesse falar, a garçonete voltou, trazendo o guardanapo de Charlie junto à comida deles. Ambos ficaram em silêncio enquanto ela colocava os pratos diante deles, e John lhe abriu um sorriso.

— Obrigado — disse.

Charlie olhou para seu prato: era uma espécie de macarrão. Ela pegou o garfo com cuidado, mas não começou a comer.

— Posso te perguntar uma coisa? — disse John, enfim, e ela assentiu avidamente, abaixando o garfo outra vez. Ele respirou fundo. — Naquela noite, como você sobreviveu? Eu... tinha tanto sangue... — Ele parou de falar, como se não conseguisse encontrar as palavras.

Charlie olhou para ele, para o rosto familiar que, de alguma forma, se voltara contra ela. Estivera tentando montar uma história para ele, mas, agora, simplesmente falou.

— Eu não sei — disse. — Eu... tem fragmentos de tempo perdidos. Quando paro para pensar a respeito, minha mente... recua, como se tivesse atingido algo afiado. — A distância nos olhos de John pareceu se desfazer por um momento enquanto ela falava. — Já tinha estado numa roupa daquelas antes — prosseguiu. — Acho que devo ter encontrado um jeito de sair, ou pelo menos uma forma de me posicionar lá dentro. — Ela o fitou com uma expressão ansiosa no rosto, e o olhar de John se estreitou.

— Ainda não consigo entender. Como foi que você conseguiu escapar... ilesa? — Ele a olhou de cima a baixo novamente, parecendo examiná-la.

Charlie sentiu a respiração presa na garganta e virou as costas para ele, olhando fixamente para o estacionamento do outro lado da janela.

— Não escapei — disse com firmeza.

John não respondeu, vasculhando o rosto virado de Charlie em busca de algo que pudesse reconhecer — ou *não* reconhecer. Ela estava dizendo todas as coisas certas, sempre do jeito certo, e os sinais — mais que sinais — do trauma inabalável pelo qual ela passara naquela noite faziam apertar seu estômago.

Enquanto ela olhava para o longe, seus dentes estavam trincados — ela parecia estar lutando contra algo dentro de si, e John se viu tomado por um súbito impulso de ir até ela, segurar sua mão e oferecer ajuda. Em vez disso, ele pegou o garfo e começou a comer, olhando para o prato em vez de para ela. *Ela sabe o que estou fazendo,* pensou, mastigando com amargura. *Está me dando as respostas certas. Que belo detetive eu sou.*

John deu mais uma mordida e a fitou de canto de olho — ainda estava com o olhar voltado para o estacionamento. Ele engoliu e pigarreou.

Antes que ele pudesse falar, Charlie se voltou para ele outra vez.

— Depois daquela noite, eu tive que partir — disse ela. Sua voz estava rouca e o rosto tenso, suas feições parecendo mais ríspidas que antes. — Tive que deixar tudo para trás, John. *Tudo.* Minha vida inteira foi assombrada pelo que aconteceu aqui, e os últimos anos... até mesmo antes disso também. Foi a minha vida toda.

Ela o fitou nos olhos por um momento, depois desviou o olhar, piscando depressa, como se estivesse segurando as lágrimas.

— Eu queria ser alguém diferente. Precisava fazer isso, senão iria à loucura. Sei que é piegas pensar que dá pra mudar de vida como se muda de cabelo ou de roupas — abriu um sorrisinho irônico e jogou o cabelo comprido por cima do ombro. — Mas eu não podia ser a *sua* Charlie para sempre, a garotinha ingênua, com medo da própria sombra. *Vivendo* nas sombras. Honestamente, não sei nem dizer o que você viu naquela garota: egoísta, avoada, *patética.* — Ela disse a última palavra num tom tão mordaz que quase tremeu enquanto falava, um olhar amargo se formando em seu rosto, como se o repúdio por seu velho eu fosse demais para ela.

— Nunca pensei em você como nenhuma dessas coisas — disse John, a voz baixa, e baixou o olhar. Passou o garfo pela borda de seu prato, sem saber o que dizer. Se obrigou a erguer o olhar novamente. O rosto de Charlie tinha se suavizado e ela agora parecia inquieta.

— Mas ainda sou eu. — Ela encolheu os ombros, a voz entrecortada. Ele não conseguia responder, não sabia por onde começar. Charlie mordeu o lábio. — Você ainda acha isso, não acha? — disse após um momento. Sentindo-se envergonhado, John se ajeitou no assento, desconfortável, mas Charlie o pressionou: — John, por favor, eu não entendo. Se você acha que não sou eu, então... o que você acha? Quem você pode achar que eu sou? — Ela parecia absolutamente perplexa e, mais uma vez, John se viu hesitante.

— Eu acho... — Ele ergueu a mão e a fechou no ar, sem pegar nada. — Charlie, o que eu vi...! — exclamou, mas então parou de falar, lembrando que estava em público. Olhou em volta, mas ninguém estava olhando para eles. O restaurante não estava muito cheio, mas todos lá estavam ocupados, os convidados conversando com seus acompanhantes, os funcionários conversando uns com os outros. — Eu vi você morrer — disse ele, abaixando a voz. — Quando você entrou naquela lanchonete no dia seguinte, Charlie, eu quis acreditar que era verdade. *Ainda* quero acreditar, mas... eu vi você morrer — concluiu, desamparado. Charlie balançou a cabeça devagar.

— Estou dizendo pra você que estou viva, como isso pode não ser o suficiente? Se quer acreditar em mim, então por que não acredita? — A dor em sua voz fez uma pontada de culpa percorrer todo o seu corpo, mas ele a fitou nos olhos com calma.

— Porque eu preferiria saber a verdade do que acreditar em algo só porque me faria feliz.

Charlie olhou para ele como se o examinasse.

— Então qual você acha que é a verdade? Quem você... — Ela engoliu em seco e então começou novamente: — Quem você acha que eu sou, senão eu?

John suspirou.

— Eu pensei muito sobre isso — disse, por fim. — Quase constantemente, na verdade. — Charlie assentiu brevemente, quase sem mexer a cabeça, como se não quisesse afugentá-lo. — Pensei sobre muitas coisas, eu acho... teorias... hm...

— Como o quê? — perguntou Charlie, a voz gentil.

— Bom... — O rosto de John estava ficando quente. *Eu nunca devia ter concordado com esse encontro.*

— John?

— Eu... acho que talvez eu tenha pensado que você podia ser o Sammy — balbuciou.

Ela pareceu confusa por um momento, como se não o tivesse ouvido muito bem, mas então arregalou os olhos.

— O Sammy está morto — disse ela, com firmeza.

John olhou para cima e pôs as mãos nas têmporas.

— Eu sei — disse, olhando-a nos olhos outra vez. — Mas, *Charlie,* olha: eu não tenho como saber disso. Nem você. A última coisa... que você se lembra, do Sammy, o que era?

— Você sabe a resposta disso — disse ela numa voz baixa e nivelada.

— Você o viu sendo levado — disse John após um instante. Ela não disse nada em resposta e ele entendeu isso como um sinal para que prosseguisse. — Você o viu sendo sequestrado, não morto. Pelo Dave, ou Afton... Springtrap. Então, e se ele não tiver sido morto? E se o Sammy tiver sido criado por William Afton, deturpado, e trazido por um louco assassino para substituir você... para substituir a Charlie... após sua morte? Além do mais, Sammy poderia ser um apelido para Samantha. Esqueci dessa parte. Sammy podia ter sido uma menina esse tempo todo. — Charlie estava imóvel do outro lado da mesa, mal parecia estar respirando. — Sei como soa quando digo isso em voz alta — acrescentou John, depressa. — É por isso que não costumo fazê-lo.

Charlie tinha coberto o rosto com a mão e seus ombros agora estavam sacudindo de leve. Ele se calou quando ela enfim ergueu o olhar: dessa vez, estava rindo. Tinha um toque ligeiramente maníaco na risada, como se pudesse se desmanchar em lágrimas a qualquer momento, mas John tentou abrir um sorriso.

— Ai, John — disse ela, finalmente. — Não sei nem... você sabe que isso é loucura, né?

— Mais louco que qualquer uma das outras coisas que já vimos? — argumentou sem muita convicção.

— John, foi você mesmo que me levou até o túmulo, lembra?

John fez uma pausa e pareceu um pouco confuso por um momento, tentando digerir o que acabara de ouvir.

— Foi você mesmo que me levou, ao túmulo do Sammy.

— Te levei ao cemitério, mas nunca cheguei a ver o túmulo do Sammy, ou o do seu pai. — John a corrigiu.

— Então vai lá dar uma olhada qualquer hora. — A voz de Charlie soava paciente. John imediatamente se sentiu um idiota.

— A tia Jen me avisou para não voltar a Hurricane. — Charlie desviou o olhar para a mesa. — Não posso dizer que estava errada nessa questão. Teve notícias dela, a propósito?

— Da sua tia? — perguntou John, desconcertado com a súbita mudança de assunto. — Imaginava que estivesse morando com ela depois que saiu do dormitório da Jessica.

— Ah, sim — disse Charlie.

— Você estava morando com ela?

— Você a viu?

— Por que a teria visto? — perguntou John, devagar, sentindo-se subitamente perdido na conversa. Tinha visto Jen apenas em duas ocasiões: uma vez quando era criança e outra naquela noite terrível, agachada junto àquele traje de Freddy todo quebrado e distorcido em meio a uma poça do sangue de Charlie. Mas Charlie também não sabia nada sobre isso. — Você sabe que eu nunca cheguei de fato a conhecê-la — disse John, olhando para o rosto de Charlie. Sua expressão era pensativa, e não mudou.

— Só pensei que ela poderia tentar entrar em contato — disse Charlie, cruzando os braços.

— Beleza. Te aviso se ela tentar? — sugeriu John.

— Avisa sim, por favor. Obrigada — disse Charlie. Foi só então que ela pareceu registrar sua confusão. — Não a vejo faz um tempo. Ela me resgatou naquela noite — prosseguiu. — Ela me levou vou para casa e me limpou toda, se certificou de que eu estava bem. — Ela abriu um breve sorriso para John, o qual ele retribuiu, desconfiado.

— Achei que você não se lembrava de nada daquela noite — disse, tentando fazer com que seu tom não parecesse acusatório.

— Disse que tinha muita coisa que não me lembrava. Mas a maior parte foi a Jen que me contou. Honestamente, a primeira coisa da qual me lembro é de ela me acordar na manhã seguinte

dizendo para colocar o vestido que ela tinha separado para mim. — Charlie fez uma careta. — Ela sempre quis que eu me vestisse de um jeito mais feminino. No fim, eu que era a piada: depois de algumas experiências de quase-morte, não tem nada que eu queira mais que uma maquiagem.

John sorriu, e ela bateu os cílios exageradamente. Ele riu a despeito de si mesmo.

— Então você acha que ela pode estar te procurando? — Ele fez uma pausa, sem saber ao certo como deveria dizer a próxima parte. — Você quer que ela te encontre? — perguntou, enfim, e ela deu de ombros.

— Gostaria de saber onde ela está.

— Ela não está na casa onde você está morando? Quando ela foi embora?

— Todos vão embora um dia — disse Charlie, num tom sarcástico, e ele riu de novo, dessa vez com menos sinceridade. *Você não respondeu a minha pergunta.*

Charlie olhou para o relógio: como todo o resto que usava agora, era uma versão menor e mais feminina do que costumava usar.

— Tem um ótimo filme de zumbis que vai começar nuns quinze minutos, se não me engano — disse, animada. — O novo cinema não é muito longe daqui. O que acha, vamos ver se a velha fórmula ainda funciona?

O que ela quer dizer com isso? John conteve um sorriso.

— Não posso ir ao cinema — disse com grande relutância. — Tenho que ir num outro lugar.

— Outra hora? — disse Charlie, e ele assentiu.

— É, talvez.

Enquanto voltava para o carro, John notou uma multidão em frente à nova pizzaria. *Acho que todo mundo gosta do circo,* pensou. Ele se aproximou, tentando ver para onde Charlie tinha ido, mas não conseguia encontrá-la. De repente, como quem encontra figuras ocultas numa imagem, John notou que, em meio à multidão a sua volta, havia diversos palhaços: rostos pintados, fantasias ondulantes, narizes de todas as formas e cores. Estavam por toda parte. Começou a recuar, tentando sair do aglomerado, mas tropeçou num sapato gigantesco e quase caiu da calçada.

Quando estava livre da multidão, John respirou fundo e olhou de volta para o restaurante, notando pela primeira vez o cartaz pendurado sobre a porta de entrada. "GRANDE INAUGURAÇÃO: VENHA VESTIDO DE PALHAÇO E COMA DE GRAÇA!", dizia nele, pendurado entre os dois rostos de palhaço sorridentes. Olhou em volta. Mais pessoas estavam chegando, muitas delas fantasiadas, e John sentiu os cabelos da nuca se arrepiarem. Olhou para trás, mas não tinha nada sinistro lá, além dos palhaços. Forçou-se a olhar individualmente para cada um deles: as pessoas tinham se vestido com diferentes níveis de entusiasmo — alguns tinham macacões bem estruturados, perucas e pés enormes. Outros tinham apenas pintado o rosto e vestido camisetas de bolinha. Ainda assim, a sensação de inquietude não passou. *São só pessoas fantasiadas,* repreendeu a si mesmo, e então riu abruptamente, assustando uma mulher próxima.

— Pessoas fantasiadas. Isso nunca deu errado pra mim — murmurou, afastando-se da multidão para procurar seu carro.

Dirigindo para casa, John se viu agitado. Por duas vezes, olhou para o velocímetro e viu que passara perigosamente do limite de velocidade sem sequer notar. Batia com a mão no volante, inquieto, pensando no dia seguinte. *E aí?* Ver a Charlie o abalara mais do que podia imaginar. Após meses de rabiscos solitários, repassando de novo e de novo suas teorias bizarras, fora forçado a colocar sua convicção à prova, lhe fazer perguntas e analisar as respostas, e perguntar a si mesmo enquanto o fazia: *Você é ela? É a minha Charlie?* Agora que tinha acabado, parecia surreal, como um sonho que se arrastara por tempo demais, indesejado no mundo real. Enquanto se aproximava da virada que o levaria para casa, acelerou, passando direto por ela.

John estacionou o carro a algumas quadras da casa de Clay Burke. Tirou as chaves da ignição e as sacudiu na mão por um momento, tenso, para só então abrir a porta e deixar o carro, decidido. Quando chegou à casa, estava tudo escuro, exceto por uma janela, que imaginou ser do

escritório de Clay. *Será que o Carlton voltou pra faculdade?* Divagou, sem saber se preferiria ter a presença de seu amigo ou sua ausência. Bateu na porta e esperou, depois tocou a campainha. Um longo momento depois, Clay abriu a porta.

— John. Bom — disse, e então assentiu, não parecendo surpreso com sua presença. Abriu caminho para que John entrasse e o guiou até o estúdio. — Quer café? — perguntou, gesticulando para a caneca em sua mesa.

— Está um pouco tarde pra mim — disse John. — Vou ficar acordado a noite toda.

Clay assentiu.

— Estou substituindo outros vícios. — E foi tudo o que disse a respeito. John olhou ao redor da sala. Da última vez que estivera ali, eles usaram a mesa como barricada contra um exército de animatrônicos furiosos.

— Você consertou a porta — comentou.

— Eu consertei a porta — disse Clay. — Carvalho. Reforçado. O que o trás aqui?

— Eu vi a Charlie. — Clay ergueu as sobrancelhas, mas não disse nada. — Ela disse alguma coisa: perguntou se eu tinha tido notícias da... — John parou de falar, tomado por uma súbita sensação de que estava sendo observado. Clay inclinou a cabeça para o lado, como se também estivesse sentindo alguma coisa.

Em silêncio, Clay seguiu em direção à janela fechada, posicionando-se ao lado de uma das grandes cortinas verde claras, e espiou o lado de fora.

— Todos estão meio tensos com esses esquisitões andando por aí de cara pintada — disse, mas manteve a voz baixa. Ele juntou as cortinas, caminhando de volta até John. — Sente-se — sugeriu Clay.

Tinha duas poltronas estofadas verde escuras e um sofá combinando junto a uma das paredes. John se sentou no sofá. Clay pegou a cadeira de sua mesa e a arrastou sobre o tapete para que ficassem apenas a alguns centímetros de distância.

— O que a Charlie te perguntou? — começou Clay.

John desviou o olhar de volta para a janela. Sentia como se ondas de terror emanassem dela, adentrando o cômodo como uma névoa invisível. Clay olhou para trás, por cima do ombro, mas apenas por um segundo. John pigarreou.

— Ela perguntou sobre a tia Jen. Se eu a tinha visto. Pensei que talvez você pudesse saber algo a respeito — terminou de falar, inseguro. Clay pareceu perdido em pensamento, e John pensou por um instante se devia repetir o que dissera.

— Não — disse Clay, enfim. — A Charlie disse por que estava perguntando?

John balançou a cabeça.

— Disse que só queria que eu avisasse se tivesse notícias dela. Mas não sei por que eu teria notícias dela — disse ele. Estava escolhendo as palavras com cuidado, como se dizer as palavras certas na ordem certa pudesse abrir uma porta na mente de Clay e o convencer a dizer a John o que ele sabia. Clay apenas assentiu, pensativo. — Você chegou a conhecê-la? — perguntou John.

— Nunca chegamos a ser formalmente apresentados, não — disse Clay. — Ela era um pouco mais velha que o Henry, acho. — Clay ficou quieto por um momento, enquanto inclinava a caneca de um lado para o outro, agitando os últimos goles no fundo.

— Quando se mudou para cá, o Henry era meio recluso. Todos sabíamos que tinha perdido uma criança. — Clay se sentou devagar. — Não os vimos por um tempo, nem a Charlie, e depois... — Clay deu um suspiro aflito. — A Jen ficou com eles por cerca de um ano, e era ela que cuidava da criança. A Jen ficava grudada com a Charlie feito cola. Acho que o Henry não confiava mais nas pessoas, e não posso culpá-lo.

— Eu meio que sempre tive essa impressão... — John fez uma pausa, escolhendo as palavras novamente. — A Charlie sempre me passou a impressão de que era meio fria.

— Bom, como eu ia dizendo, depois de uma coisa dessas, — disse Clay, — fiquei surpreso quando a Jen assumiu a guarda da Charlie depois da morte do Henry — prosseguiu.

— E quanto à mãe da Charlie? — perguntou John, hesitante. Intrometer-se lhe parecia muito intrusivo, pior ainda porque Charlie não estava lá. Sentia como se estivesse falando por suas costas.

— Não, a mãe da Charlie foi embora antes de ela e seu pai se mudarem para Hurricane — disse Clay. — Henry nunca disse algo ruim sobre a mãe dela. Na verdade, praticamente nunca disse absolutamente nada sobre ela, mas eu perguntei um dia, só por curiosidade. Talvez fosse o detetive em mim. Não consegui me deter. Ele pensou por um tempo antes de me responder e então olhou para mim com os olhos tristes e disse: "Ela não saberia o que fazer com a minha menininha". Eu parei de falar do assunto, depois disso. Quer dizer, eu sabia que eles tinham perdido outra criança. Acho que eu presumi que a mãe da Charlie tinha surtado de alguma forma, ou então simplesmente não se sentia capaz de se importar tanto com uma criança como se importava com a que perdera. Mas acho que devemos dizer que, a mérito da tia Jen, parece ter corrido tudo bem com a Charlie. — Ele abriu um sorriso e assentiu. — Ela é um pouco estranha, mas é uma boa menina.

— Ela é única, isso com toda a certeza — disse John.

— Única, então — disse Clay, seco. As paredes tremeram de leve com um vento forte que passou pela casa. John passou os olhos pelo cômodo, inquieto, quando se deparou com algo familiar em um canto, enfurnado entre o final de uma prateleira de livros e a parede.

— Aquela é a Ella? — perguntou John, apontando. Os olhos de Clay pareceram vazios por um momento.

— A boneca? Estava no meio dos escombros da antiga casa da Charlie. O resto foi levado embora, mas eu fiquei com ela.

— Seu nome é Ella — disse John. — Foi o pai da Charlie que a fez, ela costumava percorrer um trilho, carregando um jogo de chá.

— Perguntei à Charlie se queria ficar com ela — disse Clay. — Ela não estava interessada.

— Não estava? — repetiu John, alarmado. Clay sacudiu a cabeça, distante.

— Pra mim é difícil acreditar nisso — disse John, incrédulo, enquanto segurava o velho brinquedo nos braços e Clay voltava sua atenção para ele novamente.

— Bom, diga a ela que está aqui, se algum dia ela a quiser de volta.

— Vou dizer — disse John, colocando a boneca de volta no lugar. Clay olhou para a janela outra vez, parecendo preocupado. — Tem algo errado? — perguntou John.

— Não é nada — disse ele.

John ergueu as sobrancelhas.

— Tem certeza?

Clay suspirou.

— Uma criança foi sequestrada hoje cedo.

— O quê?

— Uma garotinha, ela desapareceu algo entre meia noite e seis da manhã. — Clay estava com o rosto rígido feito uma pedra. John procurou palavras, mas não conseguiu encontrar. — É a segunda esse mês — acrescentou Clay, a voz baixa.

— Não ouvi nada a respeito disso — disse John. Ele olhou para a janela outra vez, o vento lá fora começando a uivar, e então olhou de volta para Clay, imediatamente tomado pelo nó de medo que voltava a assumir seu posto nos fundos de sua cabeça. — Você tem alguma pista? — John perguntou a primeira coisa na qual conseguiu pensar. Clay não respondeu por um longo momento, e John fez a próxima pergunta: — Acha que tem algo a ver com... digo, crianças desaparecidas, não é a primeira vez que acontece aqui.

— Não, certamente não é. — Clay olhava para o espaço vazio entre eles, como se houvesse algo lá que conseguia ver. — Mas não vejo como poderia haver alguma conexão, a Freddy já tinha sido destruída quando tudo aconteceu.

— Certo — disse John. — Então, não tem nenhuma pista?

— Estou fazendo o melhor que posso. — Clay abaixou a cabeça passou a mão pelo cabelo, sentando-se com a postura reta outra vez. — Sinto muito. Isso tudo me deixa tenso. Sinto que estou revivendo aqueles dias: crianças, da mesma idade do meu garotinho, da mesma idade que você tinha naquela época, sendo levadas uma atrás da outra, e também não havia nada que eu pudesse fazer para impedir.

— Michael — disse John, a voz baixa.

— Michael. E os outros. O mal nesse mundo nunca parece que vai acabar.

— Mas é por isso que temos você, certo? — John sorriu.

Clay bufou.

— Certo. Queria que fosse assim tão simples.

— Você disse que duas crianças desapareceram? — disse John, os olhos atraídos novamente pelo som do vento, arrastando galhos e folhas pela lateral da casa.

Clay se levantou e foi até a janela, quase desafiadoramente, e a escancarou com força. John se sobressaltou frente ao som da janela estalando. John podia ver de onde estava sentado que Clay parecia estar examinando a área em busca de alguma coisa sob o pretexto de estar tomando um ar.

Após um momento, ele voltou para dentro e fechou a janela, puxando as cortinas.

— Pode não ser tão ruim quanto parece agora, John. Geralmente tem uma explicação bem normal e a maioria das crianças costuma aparecer de um jeito ou de outro. Duas semanas atrás, teve um garotinho chamado Edgar qualquer-coisa. Dois anos e meio.

— O que aconteceu?

— Os pais estavam brigando pela guarda dele há mais de um ano. Seu pai acabou perdendo a briga, só podia ver o filho uma vez por mês, visitas supervisionadas, e posso dizer que era por um bom motivo. Edgar desaparece, surpresa, surpresa. Foi encontrado alguns dias depois, vivo e bem, uma viajem de estrada espontânea com o pai. Os pais são responsáveis pela maioria dos sequestros.

— É isso o que você acha que está acontecendo aqui? — perguntou John, cético.

— Não. — Clay não demorou muito para responder. — Não, não acho — repetiu, a voz mais profunda. — Ele respirou fundo e se inclinou para frente. — E não ajuda a cidade toda estar obcecada com esse restaurante novo, todo mundo vestido de palhaço. É uma perda de tempo para os meus policiais terem que ficar fazendo controle de multidões, ou, nesse caso, controle de palhaços.

— Tem algo que eu possa fazer? — perguntou John, embora não conseguisse imaginar de que tipo de ajuda poderia ser.

— Nada — disse Clay. — Se eu estiver certo, posso precisar de você. E vou precisar... — Ele parou de falar.

— Da Charlie — disse John. — Vai precisar da Charlie.

Clay assentiu.

— Não é justo pedir isso para ela — disse Clay. — Não depois de tudo pelo que ela passou. Mas vou pedir, se for preciso.

— Sim — disse John. Clay estava olhando de novo para o espaço vazio entre eles e, de repente, John sentiu como se estivesse invadindo. — Está ficando tarde — disse.

— É, bom, se cuide lá fora — disse Clay, levantando-se depressa. — Quer levar a minha arma? — disse Clay, sem rodeios. Abriu um sorriso, mas havia tensão em seu rosto, como se realmente meio que esperasse que John a pegasse.

— Não preciso. — John deu uma risada. — Tenho essas armas aqui. — Ele ergueu um punho bem apertado em meio ao ar e ameaçou o cômodo antes de se retirar.

— Beleza, durão, a gente se vê — disse Clay, a voz soturna.

John começou a voltar para o carro: estava completamente escuro agora — já estava escuro quando tinha chegado, se deu conta, mas só agora *percebeu* isso. Os postes de luz não ajudavam muito, as poças de luz à sua volta só iluminavam alguns centímetros adiante. Seus passos eram altos e fortes e não parecia ter como aquietá-los. Os ruídos distantes da autoestrada eram baixos demais para darem cobertura e o vento, por ora, estava silencioso, como se tivesse resolvido se esconder temporariamente.

Algo se mexeu alguns metros à frente e John parou de andar: descendo a rua havia outro cinéfilo fantasiado, mas tinha algo estranho nesse. Estava seguindo em sua direção, caminhando no meio da rua a passos constantes e regulares. John ficou onde estava, entre duas mudas finas e altas plantadas na calçada, os olhos grudados na figura que se aproximava. Conforme o fantasiado se aproximava, um calafrio subiu pela espinha de John: os movimentos do palhaço eram femininos,

mas pareciam errados. Ela andava como se fosse algo mecânico, mas também gracioso. Sentiu sua respiração travar por um instante quando a palhaça pareceu planar em sua direção quase como uma assombração. A criatura olhava diretamente para frente enquanto avançava.

John aguardou, esperando permanecer fora do seu campo de visão. No entanto, conforme se aproximava, seus olhos se viraram para ele, a cabeça se movendo só um pouco, como se para confirmar sua presença. John a olhou de volta, primeiramente admirando a beleza impecável e controlada de seu rosto, dividido no meio por algum tipo de truque de fantasia.

John instintivamente recuou um passo — já tinha visto monstros antes — e se preparou para correr, ou lutar, se necessário. Mas quando seu coração começou a bater com força contra o peito, ela desviou o olhar novamente e voltou para o escuro tão graciosamente quanto como surgira.

John ficou observando o vazio por um momento, depois prosseguiu até seu carro. Checou o retrovisor, mas não havia ninguém a vista. Enquanto dirigia para casa, checou o retrovisor com mais frequência que o necessário. Seus pensamentos ficavam retornando àqueles olhos brilhantes e penetrantes: a palhaça que olhara para ele como se o conhecesse. Como se pudesse ver através dele.

— Relaxa — disse John ao carro vazio. — Era só uma esquisitona fantasiada.

Dizer as palavras em voz alta, no entanto, não as tornava mais convincentes.

Clay voltou ao escritório e parou junto à janela, puxando um pouco as cortinas para se certificar de que John tinha virado a esquina e saído de vista. Clay suspirou. Sentou-se em sua mesa, pegou o arquivo do caso da segunda criança desaparecida e começou a revisá-lo. A informação da qual precisava não estava lá, mas isso não o impedia de voltar a ele e lê-lo de novo e de novo. Seus homens tinham feito seus trabalhos diligentemente: foram a todos os lugares certos, falaram com as pessoas certas e fizeram todas as perguntas erradas. *Eles não sabem o que eu sei.*

Foi quando ouviu um barulho no fim do corredor, um rangido bastante distinto. Clay ergueu o olhar, pousando o arquivo cuidadosamente de volta sobre a mesa.

— John? — chamou, mas não houve resposta.

Com uma calma treinada, Clay silenciosamente alcançou a arma que guardava num coldre embaixo da mesa e destravou a trava de segurança. Foi até a porta aberta do escritório e parou, tentando ouvir outro barulho no corredor escuro. Nada aconteceu. Clay puxou a porta para trás e a fechou, trancando as travas uma a uma.

Clay recuou até o meio da sala e ali ficou, escutando. Um momento se passou em silêncio e ele abaixou o olhar, relaxando os ombros, mas subitamente ergueu o olhar outra vez, trincando os dentes. Recuou deliberadamente um passo, focando no meio da porta adiante. Ergueu e estabilizou a arma, e então mirou. Vários minutos se passaram, mas os olhos de Clay não se mexeram. Tinha alguma coisa no corredor.

John deixou a porta da frente se fechar atrás de si com um baque pesado e atirou as chaves no balcão da cozinha. Soltou o corpo sobre o sofá, deixando a cabeça cair para trás, pesada por conta da fadiga. Após apenas um instante, ergueu a cabeça novamente: o barulho estranho estava vindo do quarto outra vez. Pareciam um pouco os sons que a cabeça do coelho vinha fazendo, mas algo tinha mudado, embora não soubesse dizer como. Soava como uma voz, depois estática, uma voz, depois estática. Alguma coisa estava sendo repetida.

A porta do quarto de John estava quase que completamente fechada, e ele se levantou do sofá e se aproximou devagar, pelo lado, cuidando para pisar o mais silenciosamente possível, um pé depois do outro, as solas de borracha mal tocando o chão. Ele abriu a porta — o som estava mais alto agora, mais distinto: a voz continuava, truncada e abafada. John acendeu a luz e foi até a cabeça de Theodore. Inclinou-se para que pudesse nivelar os olhos com os olhos de plástico de Theodore e

começou a escutar. A cabeça do coelho o fitava de volta, murmurava alguma coisa, dava lugar à estática e, um momento depois, repetia o processo. John pegou um caderno e uma caneta de cima da cama e fechou os olhos, concentrado nos sons.

Após um minuto, começou a ouvir palavras.

— Estrela? — sussurrou John. — Estrela... alguma coisa. Silver?

Continuou a ouvir, mas não conseguia entender o restante. John trincou os dentes e abriu os olhos, olhando para a cabeça do coelho de pelúcia, ainda repetindo a mesma frase incoerente. John respirou fundo e então suspirou, tentando liberar a tensão em seu pescoço, em seu maxilar, em suas costas. Sentou-se na cama, abaixou o papel e a caneta e fechou os olhos outra vez. *É só escutar.* Os sons se repetiram, de novo e de novo. De repente, eles se distinguiram, como a letra de uma música depois que você a escuta pela milésima vez: John entendeu.

— Estrela Brilhante? Silver... alguma coisa. Silver Reef? Estrela Brilhante, Silver Reef[1].

— Estrela Brilhante, Silver Reef — repetiu Theodore.

John se levantou novamente, colocando o ouvido junto ao nariz de Theodore, tentando se certificar de que tinha entendido certo.

— Estrela Brilhante, Silver Reef... — entoou o coelho.

John correu de volta para o carro.

Quando chegou de volta à entrada da garagem de Clay, John parou de súbito: a porta da frente estava escancarada, a luz do interior da casa vazando em meio ao quintal.

Ele subiu os degraus da frente às pressas, gritando seu nome:

— Clay! Clay, está aqui?

Entrou na casa correndo, ainda gritando, e seguiu para o escritório de Clay, apenas alguns passos depois do salão principal.

— Clay!

John caiu de joelhos ao lado de Clay — ele estava no chão, um lado de seu rosto manchado com o próprio sangue, e mais sangue empoçado embaixo de sua cabeça. Seus olhos estavam fechados. John o agarrou pelo pulso e pressionou os dedos contra as veias, esperando encontrar pulso: após alguns segundos frenéticos, finalmente o encontrou, e foi tomado por um grande alívio, mas foi algo momentâneo.

— Clay? — repetiu John, balançando-o de leve. Clay não respondeu.

John olhou em volta, alarmado — a porta nova, que Clay havia descrito como "reforçada", estava aos pedaços. O que restava da porta estava pendurado no lugar apenas pela dobradiça de cima. Rapidamente, John puxou Clay para a sala da melhor forma que pôde.

Olhou de volta para o escritório: a cadeira estava virada e tudo o que antes estava na mesa, agora atulhava o chão. Pôs a mão no ombro de Clay.

— Você vai ficar bem — disse, a voz rouca, e voltou ao escritório, pegando o telefone para ligar para a polícia. Enquanto esperava um operador do outro lado da linha, olhou de volta para a porta demolida, inquieto. Outra onda de vento soprou pela porta da frente e saiu pela janela aberta, como se para carregar consigo quaisquer horrores que tivessem se passado ali.

GLOSSÁRIO:

[1] **Silver Reef:** "Recife Prateado". | Pronúncia: Sílver Ríf.

O chiado continuava — não havia como fugir. Sua dor vinha aleatoriamente, sem motivo que pudessem discernir, e eles se agarravam uns aos outros, confusos.

— Parados — disse uma voz e eles imediatamente começaram a tremer de medo, pois conheciam bem aquela voz aterrorizante.

Congelados feito um animal amedrontado, tentando se esconder, mas totalmente expostos — terríveis gritos internos que ninguém podia ouvir.

A sombra bloqueou a luz que vinha de cima.

— Continuem se contorcendo e eu continuarei retirando as partes que se contorcem — rosnou a voz.

O chiado ficou mais alto, e em meio a um estalido súbito e uma onda profunda de dor, a sombra recuou, segurando algo nas mãos.

— Eu volto já.

— Fiquei fora por menos de uma hora — disse John, a voz baixa, inclinando-se para perto de Jessica, para que ela pudesse ouvi-lo sob o som da TV da sala de espera do hospital. — Quando voltei, ele estava caído no chão. Se eu tivesse ficado com ele mais um pouquinho...

Ele parou de falar e Jessica lhe lançou um olhar compassivo. Pegou a mochila e a colocou no colo, mexendo no bolso da frente para se certificar de que a cabeça de Theodore continuava onde a tinha enfiado.

— Você acha que foi só alguém ressentido? — perguntou ela, e então enrubesceu. — Não digo "só" como se não fosse nada de mais, mas, digo, tenho certeza que o Clay deve ter feito lá a

sua cota de inimigos como delegado da polícia. Provavelmente não teve nada a ver com... — Ela olhou em volta e abaixou a voz. — Nada a ver com *a gente.*

John olhou para a mochila em seu colo.

— A porta... estava *em pedaços,* Jess.

Jessica desviou o olhar para o corredor, inquieta, como se estivesse preocupada que Charlie pudesse ouvi-los.

— Bom, em todo caso, não é culpa sua.

Um silêncio pesado se formou entre eles, pontuado apenas pelas vozes quase histéricas que vinham da TV, que mostrava uma montagem de palhaços com rostos horripilantes. Por um instante, John se viu distraído, procurando um vislumbre da aparição que o abordara em silêncio na rua, mas ela não estava entre eles.

— As pessoas estão bem doidas esse final de semana — disse Jessica, chamando de volta sua atenção. — Vestindo essas fantasias... ouviu falar da criança que foi sequestrada?

— Sim — disse John. — O Clay me contou a respeito. Na verdade, quando fui vê-lo... — John parou de falar quando uma enfermeira de uniforme azul se aproximou a passos firmes.

— John, Jessica? — disse ela, como se já soubesse a resposta.

— Sim, somos nós — disse Jessica, com um toque de ansiedade.

A enfermeira lhes abriu um sorriso.

— O detetive Burke gostaria de vê-los. Tentei dizer a ele que só são permitidas visitas de familiares diretos por ora, mas, bem. Ordens do detetive.

A sala ficava a apenas algumas portas seguindo pelo corredor, mas as luzes brilhantes e as superfícies lisas e cinzentas eram desnorteantes. John estreitou os olhos para tentar evitar o clarão ofuscante. Jessica estava na sua frente e ele acabou esbarrando em suas costas antes de notar que ela tinha parado diante da porta de Clay.

— Qual o problema? — perguntou, confuso com o porquê ela estava ali parada.

Ela se virou e aproximou para sussurrar em seu ouvido:

— Pode entrar na frente?

— Sim, claro — disse ele, compreensivo. — Ele não está tão mal, Jess, eu prometo.

— Ainda assim. — Ela fez uma expressão preocupada e recuou um passo para que John pudesse se aproximar da entrada.

A porta estava aberta: podia ver Clay, aparentemente adormecido. Estava com uma bata de hospital e, após limparem o sangue de seu rosto, sua pele parecia pálida. Uma linha de pontos pretos percorria seu rosto da testa à bochecha, repartindo sua sobrancelha.

— Ele quase perdeu aquele olho.

Jessica deu um pulo. Aparentemente, a enfermeira os havia seguido.

— Ele parece bem apagado — disse John, a voz baixa. — Tem certeza que ele queria falar com a gente?

— Ele está indo e vindo — respondeu a enfermeira com um tom de voz bastante normal. — Vão em frente, não vai machucá-lo falar um pouquinho.

— Ei, Clay — disse John, desajeitado, aproximando-se da cama. — O Carlton e a Marla estão a caminho. Devem chegar em breve. — Jessica olhou para o lado, para a mulher mais velha dormindo na outra cama, e a enfermeira passou por ela, fechando a cortina entre os dois pacientes.

— Privacidade, se é que podemos chamar assim — disse a enfermeira, seca, e então deixou a sala, fechando parcialmente a porta atrás de si.

Assim que ela tinha deixado o quarto, os olhos de Clay se abriram.

— Bom — disse ele. Sua voz estava rouca e ele não levantou a cabeça do travesseiro, mas os olhos estavam profundos. — Ainda não vão desligando os aparelhos, ainda estou aqui — disse Clay, a voz fraca, e abriu um sorriso torto.

— Tá, ainda não — concordou John.

— Como está se sentindo? — perguntou Jessica.

— Peguem a minha jaqueta — disse Clay, apontando para a única cadeira do quarto, onde um casaco esporte cinza escuro estava pendurado nas costas. Jessica rapidamente o pegou e Clay o ficou revirando por um minuto, até finalmente extrair um envelope branco comprido do bolso do

peito. Ele o entregou a John, esforçando-se para se sentar de leve. John pegou o envelope e Clay caiu de volta no travesseiro, respirando pesadamente.

— Vá com calma — disse John, alarmado.

Clay assentiu fracamente, os olhos fechados.

— Tem que ter um alcance — murmurou.

— O quê? — Jessica inclinou-se ao lado de John e os dois trocaram um olhar preocupado.

— Tem que ter um alcance máximo. — A cabeça de Clay pendeu para o lado e sua respiração desacelerou: ele parecia estar perdendo a consciência de novo.

— Será que a gente chama a enfermeira? — Jessica olhou para John, que fitou o monitor, finalmente balançando a cabeça.

— Os sinais vitais parecem regulares.

— Você não é um médico, John!

— Pode fechar um pouco mais a porta? — disse John, ignorando-a.

Relutante, Jessica fez o que ele pediu, deixando a porta entreaberta só alguns centímetros. John virou o envelope: era um pouco pesado e, embora estivesse selado, não fora endereçado. Ele o abriu e algo pequeno caiu de dentro — Jessica se abaixou para pegar e John logo tirou o resto do conteúdo: era uma pilha de fotografias de quase três centímetros de espessura. A que estava no topo era dele e Charlie no restaurante, apenas uma noite antes. Parecia ter sido tirada do lado de fora do edifício, através da janela da frente.

John continuou a vasculhar as fotos — cada uma delas parecia seguir os passos de sua noite com Charlie até o momento em que se separaram: comendo, saindo do restaurante e se despedindo, todas as fotos tiradas à distância. Em algumas, a imagem estava torta, ou as figuras estavam borradas — o fotógrafo não estava interessado na composição. Havia uma última fotografia na sequência: Charlie seguindo em direção à multidão na frente da nova pizzaria — John conseguia distinguir as costas da própria cabeça no canto inferior da foto. Ele rapidamente a colocou atrás das outras e seguiu procurando. A próxima sequência mostrava Jessica e Charlie numa loja de roupas, entrando e saindo de um vestiário com várias roupas, conversando e rindo. As fotos pareciam ter sido tiradas do outro lado da loja — as bordas de algumas estavam obscurecidas pelo que parecia tecido, como se alguém estivesse se escondendo atrás de uma prateleira de roupas.

John sentiu uma pontada de repulsa nervosa. As fotos do restaurante já eram ruins por si só, mas isso parecia muito mais intrusivo, uma invasão de um momento íntimo. Ele olhou para Jessica — ela tinha ido até a janela, segurando algo em meio à luz, e, após um momento, John percebeu que era uma fita de filme. Ele estreitou os olhos por cima do ombro de Jessica e ela abaixou a fita, virando-se para olhar para ele.

— Todas as fotos aqui são nossas — disse ela, a voz baixa.

Ele ergueu a pilha de fotos.

— Aqui também.

Jessica ergueu a mão para ele em silêncio. Ele lhe deu metade da pilha e os dois começaram a vasculhar suas metades. As fotos cobriam vários outros momentos no tempo: tinha um conjunto de Jessica e Carlton se encontrando com Charlie numa cafeteria — John mostrou uma para Jessica e ela assentiu.

— Essa é de quando a Charlie voltou — disse. John franziu o cenho e Jessica ergueu uma foto onde ela, Charlie e Marla saíam de um prédio. — Esse é o meu complexo de apartamentos — disse, a voz tensa. — John, parece que alguém contratou um investigador particular para nos seguir por aí. Como ele conseguiu tudo isso? E *por quê?*

— Eu não sei — disse John, devagar, olhando de volta para a foto que ainda tinha em suas mãos, a última da pilha.

A foto fora tirada à noite, do lado de fora, mas as figuras estavam claras: ele estava olhando em direção à câmera, as mãos enfiadas nos bolsos. O desespero em seu rosto era visível mesmo ao longe. Charlie estava de costas para a câmera — estava encolhida, abraçando a si mesma com tanta força que ele podia ver seus dedos agarrando as costas do vestido em meio a um consolo contorcido e inútil. *Charlie.* Sentiu a cabeça pesada, o peito doía.

Sem pensar, John dobrou a foto, a guardou no bolso e depois virou a cabeça depressa para se certificar de que ninguém havia notado. Jessica não disse nada.

John pigarreou.

— O motivo pelo qual eu fui ver o Clay era porque eu queria mostrar uma coisa pra ele.

— E o que era? — Jessica se aproximou. John foi até a porta, dando uma olhada no lado de fora, e depois espiou por detrás da cortina da mulher mais velha. Ela ainda estava dormindo. Ele pegou sua mochila e tirou Theodore de dentro. Jessica deu um grito, e imediatamente levou uma mão à boca. — Onde você o conseguiu? — indagou. John recuou um passo, surpreso pelo súbito alarde da amiga.

— Qual o problema? — perguntou ele.

— É estranho. Eu sempre odiei essa coisa — Jessica esfregou a mão no rosto. — Os experimentos robóticos da Charlie sempre me assustaram, mas é um pouco bom vê-lo outra vez.

— Bem, esse tem um segredo interessante.

— Não deixe que a Charlie o veja. Ela tem jogado fora coisas assim, tudo que veio do pai. Provavelmente é aquelas coisas do tipo "cinco passos para a aceitação do luto", mas ainda assim.

— Não, eu não vou mostrar pra ela. Isso vai soar loucura, mas o Theodore tem... falado comigo. E ontem... — Ele não teve que continuar. A cabeça do coelho começou a regurgitar um ruído truncado e cheio de estática, e Jessica estremeceu. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, o som mudou.

Agora que ele sabia que eram palavras, as mesmas lhe soavam perfeitamente claras. Jessica inclinou a cabeça para o lado, escutando atentamente.

— Ele está dizendo "Silver Reef"? — perguntou ela.

— Estrela Brilhante. Estrela Brilhante, Silver Reef.

Theodore continuava repetindo a frase, mas John o enfiou de volta na mochila e o cobriu com uma camiseta quase toda limpa, abafando o som. Lembrando-se das fotos, ele as empacotou de volta no envelope e também as guardou na bolsa antes de fechar o zíper.

— Você entendeu mais rápido do que eu — disse à Jessica.

Ela assentiu, distante, um olhar perdido no rosto.

— Silver Reef — repetiu ela.

— Significa alguma coisa pra você? — perguntou ele, dentre uma fagulha de esperança.

— É uma cidade perto de Hurricane — disse ela.

— Será que talvez a família da Charlie costumava morar lá? — disse John.

Jessica balançou a cabeça.

— Não. É uma cidade fantasma. Ninguém mora lá.

— Jessica! John! — A voz de Marla penetrou a quietude, e os dois se viraram para ver Carlton ao lado dela, o rosto pálido e tenso. Ele passou pelos outros e seguiu direto para a cama.

— Pai, você está bem? — Ele pairou ao lado de Clay, aproximando-se para tocar-lhe a mão, mas então se afastou. — Ele está bem? — Olhou de volta para os outros, e Marla logo deu um passo em frente, examinando os monitores.

— Ele está bem, Carlton — disse Marla, pondo uma mão em seu ombro, e ele assentiu depressa, sem tirar os olhos do rosto imóvel de Clay.

— Ele vai ficar bem — disse John, tentando soar confiante. — Até agora há pouco, ele estava acordado, falando. A enfermeira disse que ele vai ficar bem.

— O que aconteceu? — perguntou Carlton, a voz baixa, e John balançou a cabeça.

— Não sei — disse ele, impotente. — Cheguei lá tarde demais.

Carlton não respondeu, mas puxou uma cadeira ao lado da cama e se sentou. Pousou o queixo sobre os punhos, inclinando-se.

— Vai ficar tudo bem — repetiu Marla, olhando ao redor da sala com uma expressão confusa. — Aonde ela foi?

— Quem está com vocês? — perguntou Jessica, alarmada, desviando o olhar para John. Ele estava olhando para a porta: Charlie tinha parado logo na entrada do quarto.

— Charlie. Oi, entra — disse ele, a voz alta, sentindo-se culpado enquanto perguntava-se se ela tinha ouvido alguma parte da conversa que estavam tendo. Ela entrou no quarto, mas parecia

hesitante. John olhou para sua mochila, no chão, junto ao pé da cama de Clay. O barulho parecia ter parado, para seu alívio. Quando ele ergueu o olhar novamente, Charlie lhe abriu um meio-sorriso envergonhado.

— Não gosto muito de hospitais — disse ela, a voz suave. — Ele está bem? — Charlie não virou a cabeça, e John notou que ela estava ficando propositalmente onde não pudesse ver Clay.

— Vai ficar — disse ele. — Está passando bem.

Ela assentiu, mas ficou onde estava, não parecendo muito convencida.

— Ele teve sorte foi é de você estar lá! — exclamou Marla. — John, você deve ter salvado a vida dele.

— Hm, talvez — disse ele. — Não sei não.

Ele cerrou os punhos, mas então os abriu novamente. Virou-se de volta para Charlie. Ela lhe abriu um sorriso pequeno e apertado, os braços cruzados junto ao corpo. Foi quando a enfermeira apareceu e Marla a interceptou, puxando-a para o lado para pedir alguma atualização sobre a condição de Clay. Jessica aproveitou a oportunidade para se aproximar dele:

— John, eu vou embora. Tenho aula hoje à tarde. Me pega às sete, não se atrase.

— Certo — sussurrou John.

Jessica passou pelos outros e saiu pela porta. Charlie a fitou até que saísse de vista, e então desviou o olhar de volta para John, fazendo contato visual por apenas um instante antes de voltar sua atenção novamente para a enfermeira. John olhou ao redor do quarto: depois que Jessica se fora, ele subitamente começou a se sentir deslocado, menos a vontade em meio àquelas pessoas do que vinha se sentindo até então. Sem dizer mais nada, saiu pela porta, ignorando a voz de Marla chamando seu nome.

Ele tinha dado apenas alguns passos pelo corredor quando Jessica o segurou pelo braço.

— John!

— Ei! — protestou ele, até que viu alguém junto a ela, uma mulher loira e franzina que parecia ter chorado bastante, os olhos vermelhos sendo os únicos resquícios de cor no rosto empalidecido. — Qual o problema? — perguntou ele, receoso.

— Essa é a Anna — disse Jessica. — O Clay... o detetive Burke a estava... está ajudando a... — Ela pigarreou. — O filho dela desapareceu. O detetive Burke estava ajudando.

— Ah — disse John, desconfortável. — Sinto muito, senhora. — Anna assoou o nariz em um pano amassado.

— Eu tinha acabado de chegar na delegacia quando escutei... disseram que o detetive Burke estava aqui, e eu precisava saber se ele estava bem. Ele está bem? — perguntou ela, ansiosa.

— Ele vai ficar bem — disse Jessica, e Anna assentiu, não parecendo muito convencida.

— Quando fui reportar que o Jacob... estava desaparecido, o sargento que me atendeu me pediu para preencher toda uma papelada, me perguntou sobre o meu ex-marido e disse que provavelmente tinha sido ele que pegou o Jacob. Disse a ele que esse homem nunca teria pegado o Jacob, não saberia o que fazer com ele!

— Olha — disse John, jogando o peso de uma perna para a outra, desconfortável. — A gente não trabalha no departamento de polícia...

— Eu sei — disse ela, depressa, balançando a cabeça. — Desculpa, não estou conseguindo pensar direito, é que eu escutei a enfermeira conversando com vocês mais cedo, na sala de espera. O detetive Burke estava lá quando o sargento me disse para ligar para o meu ex-marido. Ele me levou para um canto e me fez algumas perguntas, disse que ia encontrar o meu filho, e eu acreditei nele.

— Ele é um bom policial — disse Jessica, a voz suave. — É uma boa pessoa. Ele vai achar o seu filho. — Anna pressionou as mãos contra a boca, abafando um soluço enquanto começava a chorar novamente.

— Ele vai mesmo ficar bem? Ouvi dizer que... — Ela parou de falar, e John pôs uma mão em seu ombro.

— Ele vai ficar bem — disse ele com firmeza. — Acabamos de vê-lo. Ele conversou com a gente. — Anna assentiu, mas ainda não parecia convencida. Jessica olhou para John, impotente. Ele revirou o cérebro, em busca de algo para dizer. — Tenho certeza que ele vai encontrar o... Jacob, não era? — perguntou, e Anna assentiu, em prantos.

— Anna! — Uma mulher mais velha surgiu pelo canto do corredor, às pressas, e Anna se virou ao som de seu nome.

— Mãe — disse, a tensão em sua voz aliviando-se de leve. Sua mãe a envolveu em seus braços e Anna a abraçou com força, chorando em seu ombro.

— Vai ficar tudo bem — sussurrou a mãe de Anna.

"Obrigada", ela disse para John e Jessica, sem fazer som, apenas mexendo os lábios, e os dois assentiram, trocaram um olhar e seguiram para a entrada do hospital.

Assim que chegaram ao estacionamento, Jessica suspirou como se estivesse segurando a respiração e abraçou John com toda a força. Ele pôs os braços ao redor dela, surpreso.

— Vai ficar tudo bem — disse ele, e ela o afastou.

— Vai? — perguntou ela, os olhos brilhando com lágrimas. — É bom dizer àquela pobre mulher o Clay vai achar o filho dela, mas, John, ambos sabemos que quando crianças desaparecem nessa cidade... elas não são encontradas. — John balançou a cabeça. Queria discutir com ela, mas sentiu um grande peso na boca do estômago.

— Não tem que acabar assim dessa vez — disse ele, sem muita convicção, e Jessica ajeitou a postura, enxugando os olhos como se aceitasse o desafio.

— Não pode. Não pode acabar assim dessa vez, John. Se esse garotinho está metido no meio disso tudo, temos que encontrá-lo e levá-lo de volta para casa. Pelo Michael.

John assentiu e, antes que sequer pudesse responder, ela seguiu para o carro e foi embora, deixando-o sozinho no estacionamento.

Naquela noite, John mal tinha parado frente ao prédio de Jessica quando ela saiu correndo. Ela abriu a porta do carro e pulou para dentro a toda velocidade.

— Vai — disse, a voz cheia de urgência, e ele enfiou o pé no acelerador.

— Qual o problema, o que houve? — perguntou.

— Só dirige, anda.

— Tá, mas ponha o cinto de segurança! — repreendeu ele enquanto viravam uma esquina.

— Desculpa! Tá tudo bem — disse ela. — Só não gosto da ideia de que alguém possa estar à espreita me perseguindo.

— É — concordou ele, dando uma olhado pelo retrovisor. — Mas já está escuro. Acho que estamos tranquilos.

— Isso não me faz sentir melhor.

— Bom, o que você acha? — disse John após um momento. — Notou algo nas fotos?

— São o suficiente para conseguir uma ordem de restrição judicial na maioria dos estados? — respondeu ela, jocosa, mas havia uma verdadeira ansiedade em sua voz.

— Nenhuma delas era de apenas um de nós — disse ele. — E nenhuma delas era de apenas eu e você, ou apenas você e a Marla.

— Está dizendo que tem alguma coisa a ver com a Charlie — disse Jessica, imediatamente capitando a ideia.

— E tudo não tem? — disse John, seco. As palavras soaram amargas, embora não fosse sua intenção, e ele olhou para Jessica, tentando avaliar sua reação. Ela fitava a janela, como se não o tivesse escutado.

Em menos de meia hora, tinham chegado à cidade fantasma. John estacionou ao lado de uma placa de madeira com as palavras SEJA BEM-VINDO À SILVER REEF e então saiu do carro. Jessica foi logo atrás. Era uma mistura bem estranha, mesmo no escuro: ao longe, podiam ver as paredes tombadas de construções que nunca seriam restauradas e, mais por perto, viam lugares que foram reconstruídos especificamente para os turistas: uma igreja, um museu e alguns outros que John não conseguiu distinguir.

— John, vamos acabar morrendo aqui — disse Jessica, quase perdendo o equilíbrio em meio à terra e cascalho soltos.

— Quando exatamente foi a última vez que teve alguém morando aqui? — perguntou John, a voz baixa.

— No final do século dezoito, acho. Era uma cidade mineradora de prata, por isso o nome.

A cidade parecia mais abandonada do que estavam esperando, possivelmente fechada para turistas até a próxima temporada, mas podiam ver luzes dispersas sobre as colinas ao longe. John andou em círculos, desejando que Theodore tivesse sido um pouco mais comunicativo.

— O que "Estrela Brilhante" significa, afinal? — resmungou consigo mesmo. Ergueu o olhar: a noite estava clara, e o céu repleto de estrelas, sem as luzes da cidade para ofuscá-las.

— É lindo — murmurou Jessica.

— É, mas não muito útil — disse John, esfregando a nuca. Virou-se novamente, e foi só então que viu. — Estrela brilhante — disse.

— O quê? — Jessica se virou, estreitando os olhos para acompanhar sua linha de visão.

Alguns metros de volta pelo caminho por onde tinham vindo, havia um grande arco de madeira que levava a um campo — no topo do arco, havia uma única estrela de prata.

O campo era grande, com uma inclinação mais adiante, e ao topo da colina, John podia ver o contorno do que parecia uma casa. Mal conseguia enxergá-la: não fosse pela orientação da cabeça balbuciante de Theodore, não teria se destacado de absolutamente nada em meio ao amontoado de silhuetas. Com um acordo mudo, os dois passaram por debaixo da estrela, deixando os restos da cidade para trás. O campo negro logo consumiu sua visão por todos os lados, com apenas a leve descoloração da trilha de cascalho sinuosa para guiar seus passos.

Enquanto subiam a colina, uma pequena casa quadrada de apenas um andar surgiu em seu campo de visão — tinha janelas em todos os lados, mas apenas uma estava iluminada, nos fundos. Eles desaceleraram o passo conforme se aproximavam da porta da frente: havia um único degrau de concreto, estranhamente alto e largo. John ergueu uma mão para ajudar Jessica a subir. Ela não precisava de fato, sendo cinco vezes mais atleta que ele, mas ainda era um gesto educado.

A entrada não era nada convidativa, as pequenas luminárias apagadas e quase escondidas, sem oferecer qualquer tipo de ajuda. John procurou por uma campainha, mas como não conseguiu encontrar nenhuma, bateu na porta. Não houve nenhum som de movimento lá dentro. Jessica se inclinou mais ao lado, tentando ver pelas janelas. John ergueu a mão para tentar novamente quando a porta se abriu em meio a um chiado alto e uma mulher alta e de cabelos negros surgiu em meio a uma fresta, encarando-os com frieza.

— Tia Jen? — perguntou John, a voz delicada, recuando um passo instintivamente, até que conseguiu deter-se. Embora a houvesse reconhecido, uma vez parado ali, cara-a-cara com ela, quase sentia como se tivessem chegado àquela casa aleatoriamente.

Jen inclinou a cabeça, os olhos escuros fixos nele.

— Sou a tia de alguém, sim — disse ela, seca. — Mas não creio que seja a sua

Ela permaneceu parada onde estava, uma mão no batente da porta e a outra na maçaneta — estava bloqueando a entrada como se pensasse que eles pudessem tentar entrar a força.

— Sou um amigo da Charlie — disse John e, por uma fração de segundo, algo que podia ser chamado de uma expressão se formou no rosto dela.

— E? — disse.

— Meu nome é John. Essa é a Jessica — acrescentou ele, notando que Jessica ainda não tinha dito nada. Ela normalmente teria se enfiado na conversa como um dirigente social, mas estava deixando tudo com ele, olhando para trás, inquieta, como se suspeitasse que alguém poderia estar à espreita no escuro. John olhou para ela, e Jessica assentiu de leve com a cabeça, encorajando-o a continuar. — Estou aqui porque recebi uma mensagem — disse ele.

Ela esperou pacientemente e John tirou a mochila das costas, tirando Theodore de dentro. Jessica se aproximou para segurar a mochila vazia e ele ergueu a cabeça do coelho. Jen não pareceu surpresa, apenas franziu um pouco os lábios.

— Olá, Theodore — disse ela, calma. — Já teve dias melhores, não é verdade?

John sorriu reflexivamente, mas então enrijeceu as feições.

— Estrela Brilhante, Silver Reef — disse John, mas Jen não reagiu. — Devo dizer, é um lugar estranho para chamar de lar — disse, embora na verdade o que queria dizer era *"você nos deve uma explicação"*.

— Uma mensagem. — Ela examinou a cabeça Theodore e depois olhou de forma acusatória por cima do ombro, embora tudo o que estivesse visível atrás de si fosse um corredor escuro.

— Você queria que viéssemos aqui? Eu não entendo — pressionou John.

— Por que vocês não entram? — disse Jen, recuando um passo e fechando a porta depressa, tão logo os dois entraram.

A casa estava praticamente vazia: o mobiliário era escuro e simples e eram poucas as peças. As paredes eram grossas, revestidas com diversas camadas de papéis de parede com designs retrô de décadas atrás, mas não havia nada pendurado nelas, embora John tivesse visto pregos e marcas de onde, algum dia, as decorações deviam ficar.

Jen os guiou por uma sala de estar com apenas duas cadeiras e uma mesa de canto até uma pequena sala quase completamente preenchida por uma mesa de jantar preta e quadrada. Havia quatro cadeiras combinando, e Jen puxou a que estava mais próxima da porta, na qual se sentou.

— Por favor — disse ela, fazendo um gesto em direção às outras cadeiras.

John e Jessica deram a volta na mesa para que pudessem ficar de frente para ela, cujo olhar parecia pairar entre eles, perdido.

— Então foi aqui que a Charlie cresceu? — perguntou Jessica, um pouco desconfortável enquanto se sentava.

— Não.

— Então você se mudou para cá recentemente? — perguntou John, desconfiado, recusando-se a acreditar que alguém escolheria aquela casa por vontade própria.

— Como está a Charlie? — disse Jen, devagar. — Ela também sabe sobre a mensagem? — Jen olhou discretamente para a janela atrás dele e então focou o olhar de volta em John.

— Não — disse John, direto.

Jen assentiu. Ainda estava olhando atentamente para o vazio e John teve uma súbita, mas profunda impressão de que havia algo na sala que apenas ela conseguia ver.

— Queremos ajudar a Charlie. Está acontecendo alguma coisa que precisemos saber? — perguntou Jessica, o que pareceu trazer a atenção de Jen de volta à tona.

— A Charlie é preocupação minha. É minha responsabilidade. — Jen falava com um ar de pura autoconfiança e algo nisso deve ter chocado Jessica: ela ajeitou a postura, erguendo o queixo para tentar ficar como Jen.

— A Charlie é nossa amiga, também nos preocupamos com ela — disse Jessica.

Houve um instante de silêncio, e John ficou levando o olhar de um lado para o outro entre as duas mulheres, aguardando. Um longo momento se passou, as duas encarando uma à outra, imóveis, e John percebeu que estava segurando o fôlego.

— Jen — disse ele, intrometendo-se. — Um amigo nos deu fotos que alguém estava tirando da Charlie, e de nós.

Ele abriu o zíper da mochila e o barulho que se seguiu fez com que Jessica e Jen deixassem sua competição de olhares num sobressalto. Tirou as fotos que Clay lhes havia dado do envelope, deixando apenas o filme, e as colocou sobre a mesa diante de Jen.

— Se quer se responsabilizar pela Charlie, dê uma olhada nelas e diga-me se significam alguma coisa para você.

Ela começou a vasculhar a pilha, observando cada foto com toda a atenção, e então as colocava ao lado, fazendo uma segunda pilha muito bem organizada de descartes.

— Por que não pergunta ao seu amigo detetive o que elas significam? — perguntou ela.

— Porque ontem à noite, nosso amigo detetive quase foi assassinado — disse John.

Jen não respondeu e continuou com o seu metódico processo pelas fotos. Quando terminou de passar por todas, ergueu o olhar para John. A expressão em seu rosto havia se suavizado um pouco — a hostilidade dera lugar a outra coisa, um certo desconforto, e medo.

— Isso é tudo? — perguntou. — Tem mais alguma coisa? — Ela pigarreou.

— Ele disse uma coisa antes de perder a consciência.

— E o que foi?

John olhou para Jessica por um instante, depois de volta para Jen.

— Tem que ter um alcance. Tem que ter um alcance máximo. — Ele a fitou com um olhar cheio de expectativa, mas ela não parecia saber do que se tratava.

— Não sei o que significa — disse ela. Colocou o queixo sobre a mão, olhando novamente para primeira foto da pilha, e então balançou a cabeça. — Sei que suas intenções são boas. — Ela se apoiou novamente na cadeira de madeira, desviando o olhar de John para Jessica. — Eu devia dizer a vocês para irem embora, para esquecê-la. Todos esses anos... — Ela parou de falar, e então os encarou com um olhar incisivo. — Segredos petrificam você. Você endurece para protegê-los do mundo, e quanto tempo mais fica com eles, mais vai endurecendo. Até que um dia você olha no espelho e percebe que se tornou uma pedra. — Abriu um sorriso entristecido. — Me desculpem.

— Você não vai nos contar nada? Estamos aqui para ajudar. Somos amigos da Charlie! — insistiu Jessica.

— Se eu planejasse não lhes contar nada, eu não teria pelo que me desculpar — disse Jen, sua boca quase formando um sorriso. John recolheu as fotos e as guardou de volta na mochila.

— Se tem algo para nos contar... então faça isso agora, ou vamos embora. Posso não saber muita coisa, mas sei que aquela garota não é a Charlie, ou está sob algum tipo de influência. — Ele esperou por uma resposta, mas não teve nenhuma. — Ela não é a mesma — acrescentou, soando mais desesperado que antes. Jen ergueu o olhar para eles: seu rosto rígido tinha se quebrado, as lágrimas lhe enchiam os olhos.

Uma batida veio da porta, e meio Jen se sobressaltou. Ela olhou para a porta, e então de volta para John e Jessica. Seu rosto estava tenso.

— Por aqui — disse, a voz pouco mais alta que um sussurro, apontando para um corredor estreito. — Fechem a porta atrás de vocês.

Outra batida — John tocou o braço de Jessica e assentiu, e os dois se levantaram da mesa, cuidando para não deixar que as cadeiras fizessem barulho enquanto as arrastavam pelo chão.

O corredor estava escuro, a única luz vinda da sala da qual tinham acabado de sair, e John manteve uma mão apoiada na parede para manter o equilíbrio. Após um segundo, seus olhos se ajustaram e ele conseguiu enxergar uma porta aberta no final do corredor.

— John, vamos — sussurrou Jessica, agarrando seu braço por um instante enquanto passava por ele e avançava em direção à sala.

— Sim — disse ele, e parou de se mexer quando seus dedos tocaram o batente de uma porta.

— John! — chiou Jessica.

John tentou abrir a porta que encontrara. Ela se abriu com facilidade. Ele espiou o que havia do outro lado e então recuou. *Tem alguém lá!*

— John! — sussurrou Jessica, com urgência, quando ouviram mais uma batida na porta.

John não se mexeu. Levou um segundo para registrar que a figura no armário não era uma pessoa. Tinha quase a sua altura, com uma forma ligeiramente humana, mas que não lembrava nada que algum dia já tivesse estado vivo. John se aproximou um passo, tirando suas chaves do bolso. Ligou a pequena lanterna portátil do chaveiro e a balançou para cima e para baixo, depressa. Seu coração parou. Era um esqueleto, metal e cabos expostos, sem nenhum tipo de carcaça. Seus braços pendiam nas laterais, e a cabeça estava caída, expondo o crânio aberto, os circuitos silenciosos e desativados. Seu rosto era feito puramente de metal.

— John! — Jessica já estava do outro lado da porta no fim do corredor, segurando-a com apenas uma fresta aberta enquanto esperava por ele.

John fechou a porta do armário, novamente cego em meio à escuridão, e seguiu em direção ao som de sua voz, como se fosse um farol. Seus passos pareciam levar anos, o ar era como melaço, e a coisa no armário ecoava em sua mente como o disparo de uma arma, abafando todo o resto.

Aturdido, John seguiu para o fim do corredor enquanto Jessica acenava freneticamente. Ela o agarrou pelo braço e o puxou para dentro, fechando a porta cuidadosamente atrás dele.

— Qual o problema com você? John, o que tinha naquele armário? — sussurrou ela, ainda segurando seu braço, as unhas cravadas na pele, trazendo-o de volta para a realidade.

— Era... — Ele engoliu em seco. *Estava segurando uma faca.* — Era a máquina que o pai da Charlie construiu para se matar — disse ele, a voz rouca.

Os olhos de Jessica se arregalaram e ela o encarou como se fosse um fantasma.

A batida veio outra vez, muito mais alta agora, e os dois deram um pulo. Dessa vez, podiam ouvir os passos de Jen se seguindo em direção ao som. Jessica se curvou e pressionou o ouvido contra a fechadura.

— Consegue ver alguma coisa? — perguntou John, aos sussurros. A porta da frente se abriu em meio a um chiado.

— Charlie — John ouviu Jen dizer. — Que surpresa agradável.

Jessica se revirou, ainda agachada.

— A Charlie está aqui? — disse, sussurrando o mais baixo que podia, e John deu de ombros.

— Tia Jen, como é bom vê-la de novo. — A voz de Charlie soou baixa, mas era bastante clara. Jessica ficou onde estava, tentando escutar mais, mas John estava inquieto, e olhou ao redor do cômodo onde tinham entrado.

Era um quarto, — ou pelo menos tinha uma cama — mas estava quase todo cheio de caixas de papelão e baús de madeira antigos. Em meio àquilo tudo, John quase perdeu o equilíbrio por um instante, mas então congelou, parecendo finalmente se dar conta de alguma coisa. Ele se ajoelhou em silêncio e abriu um dos baús, mexendo-se devagar para que não fizesse nenhum tipo de som.

— John, o que está fazendo? — sussurrou Jessica, brava.

— Algo não está certo aqui — murmurou John, olhando para a porta. — Vai, essa pode ser a nossa única chance de descobrir qual é a dela.

John vasculhou por entre alguns papéis que estavam guardados no primeiro baú, então fechou a tampa e abriu a parte de cima de uma caixa de papelão próxima: estava cheia de peças de computador e mecanismos que ele não reconhecia. Uma segunda e terceira caixas estavam cheias de gigantescos emaranhados de cabos elétricos.

— Parecem coisas que eu esperaria ver no quarto da Charlie — murmurou consigo mesmo.

— *Shhh!* — chiou Jessica, pressionando o ouvido contra a porta do corredor outra vez.

— O que está acontecendo lá fora? — disse John, tão baixo quanto podia. — Não consigo escutar nada.

Jessica sacudiu a cabeça.

— Me avisa se ouvir alguém vindo. — John se dirigiu a um grande baú verde, a tinta quase completamente desgastada. Não tinha tranca. John se ajoelhou a seu lado, encontrou a alça e a puxou até abrir, mas então estremeceu, caindo para trás e se afastando do baú. — Jessica — arfou, aproximando-se novamente do baú e inclinando-se sobre ele.

— *Shhhh!* — chiou Jessica, de porta, tentando escutar com toda a atenção.

— Jessica.

— O que foi, John? Estou tentando escutar.

— É... é a Charlie — disse ele, a voz rouca. — No baú.

— O quê? — sussurrou Jessica. Ela se virou, claramente aborrecida, abaixando o rosto. Ajoelhou-se e engatinhou até o baú, onde John tinha voltado a olhar para o conteúdo.

Charlie estava encolhida em posição fetal — parecia estar dormindo, com um travesseiro sob sua cabeça e cobertores a sua volta. Seus cabelos castanhos estavam uma bagunça. O rosto era redondo e ela estava vestindo calças de moletom cinza claro, assim como uma blusa, também de moletom, ambas largas demais para ela.

John a fitou, o coração batendo com tanta força que não conseguia ouvir nada além do fluxo do próprio sangue, sem ousar ter esperança, até que... ela respirou. Uma vez, e então outra. *Ela está viva.* John se aproximou do baú às pressas e a tocou na bochecha: estava extremamente gelada. Sua mente despertou do choque inicial. *Temos que tirá-la daqui — ela está doente.*

Ele se levantou e inclinou desajeitadamente sobre o baú, e então, com cuidado e gentileza, levantou seu corpo. Olhou para ela em seus braços, atônito, todos os pensamentos incapazes de formular qualquer palavra, exceto... *Charlie.*

Não me deixe ir — me solta, o que está acontecendo?

Alguém lhe tocou a bochecha, uma breve e inusitada pontada de calor. Passou tão depressa quanto veio, deixando-a com mais frio que antes.

Volta, tentou dizer, mas não conseguia se lembrar de como fazer as palavras saírem.

— Charlie.

É o meu nome, alguém está dizendo o meu nome. Charlie tentou abrir os olhos. *Eu conheço essa voz.* Os braços de alguém se enfiaram embaixo dela, erguendo-a daquele lugar apertado e escuro onde ficara por tanto tempo que as memórias de outros lugares pareciam sonhos para ela. Ainda não conseguia abrir os olhos.

Uma mulher disse alguma coisa.

Eu os conheço. Mas não conseguia se lembrar de seus nomes.

A primeira voz soou novamente — era masculina, e ela sentiu a reverberação enquanto ele a erguia junto ao peito, segurando-a como uma criança. Um grande calor radiava dele. Era sólido, vivo. Mesmo parado, ele estava cheio de movimentos: podia ouvir as batidas de seu coração logo ao lado do ouvido dela. *Eu estou viva.*

Ele disse mais alguma coisa e as vibrações de suas palavras estremeceram seu corpo inteiro — a mulher respondeu e então ela sentiu uma movimentação violenta. *Estamos indo a algum lugar.* Ainda não conseguia abrir os olhos.

— Vai ficar tudo bem, Charlie — sussurrou ele, e o mundo adormecido começou a puxá-la novamente para suas profundezas.

Eu quero ficar! Ela começou a entrar em pânico e então, enquanto caía de volta na absoluta inconsciência, se ateve às últimas palavras que ele dissera:

Vai ficar tudo bem.

John apertou Charlie junto ao peito, mas então afrouxou os braços, ansioso, com medo de machucá-la.

— Como vamos tirá-la daqui? — sussurrou Jessica e olhou ao redor do quarto. Havia uma janela, mas era alta e estreita: conseguir fazer com que os três passassem por ela levaria um tempo.

— Teremos que sair correndo — disse ele, a voz baixa. — Só vamos esperar... até que *ela* vá embora.

Jessica o fitou nos olhos, o rosto cheio das mesmas perguntas que ele vinha se perguntando nos últimos seis meses.

Um grito cortou o silêncio entre eles e John imediatamente ficou em alerta. Alguém gritou novamente e a sala estremeceu com um impacto vindo de algum lugar na casa.

John olhou em volta, procurando desesperadamente por uma saída, até que seus olhos por fim pairaram sobre a porta de um armário.

— Ali — disse ele, indicando o armário com a cabeça.

Ouviram outro estrondo e a parede ao lado sacudiu — outro grito, seguido por sons de algo se debatendo, como um animal arranhando uma porta.

— Rápido — sussurrou John, mas Jessica já estava liberando o caminho até lá. Ela tinha ido na frente, abrindo caminho por entre as caixas o mais depressa e silenciosamente possível, e ele foi carregando Charlie cuidadosamente atrás dela, todo o seu ser focado em segurá-la em segurança.

Jessica puxou os casacos pendurados para o lado, abrindo espaço para eles, que se enfiaram no espaço apertado.

— Vai ficar tudo bem, Charlie — sussurrou John. Jessica fechou a porta atrás deles, mas então parou, a mão sobre a maçaneta.

— Espera — sussurrou ela.

— O quê?

Jessica correu de volta pelo quarto sem tomar o menor cuidado, batendo os pés com força no chão de madeira enquanto andava.

— Jessica, o que está fazendo? — chiou John, encolhendo-se ainda mais no fundo do armário, protegendo desajeitadamente a cabeça de Charlie dos cabides e ganchos com os cotovelos.

Jessica foi até a janela, puxou a tranca e a abriu em meio a um grande e alto baque. John arfou, vendo Jessica correr de volta ao armário na ponta dos pés, dessa vez sem fazer absolutamente nenhum barulho. Ela se aninhou ao seu lado, deixando a porta aberta apenas uma fresta, e pousou uma mão no ombro de Charlie.

No instante seguinte, a porta do quarto se abriu e alguém o adentrou. A luz do resto da casa clareou o ambiente, ainda que bem pouco, e pela minúscula fresta na porta, conseguiram por pouco distinguir uma silhueta de vermelho, atravessando o quarto a passos firmes. A figura parou por um momento, olhando para fora, e então, em meio a um turbilhão de movimento rápido demais para seguir com os olhos, desapareceu janela afora.

John continuou completamente imóvel, o coração palpitante, como se esperasse que a figura misteriosa pudesse reaparecer diante deles a qualquer momento. O peso de Charlie desacordada começava a lhe cansar os braços e ele foi jogando o peso de uma perna para a outra, desconfortável, tentando não sacudi-la.

— Vamos — disse Jessica. Ele assentiu, embora ela não conseguisse enxergá-lo.

Jessica abriu a porta com cuidado, e tudo o que havia à espera do outro lado era o silêncio absoluto. Seguiram em direção ao corredor, mas logo pararam novamente: Jen estava estirada no chão, sangue respingado na parede atrás dela, como um mural abstrato, e empoçado sob seu corpo, fluindo pelo chão feito pequenos riachos. John ergueu a mão para cobrir o rosto de Charlie. Não havia dúvidas de que Jen estava morta: seus olhos pareciam vítreos e foscos, com o olhar marmóreo da morte, o estômago completamente escancarado.

— Temos que ir — disse ele, a voz rouca, e então viraram as costas para a cena grotesca e correram para fora da casa. Dispararam de cabeça colina abaixo. John tropeçou no terreno de cascalho irregular e quase não conseguiu recobrar o equilíbrio. Jessica se virou para ele. — Vai — grunhiu, segurando Charlie com mais força, e desacelerou o passo só um pouco.

Quando finalmente chegaram ao carro, Jessica abriu a porta de trás e entrou, seguindo rapidamente para o lado oposto, onde o ajudou a colocar Charlie para dentro. Juntos, eles a deitaram no banco traseiro, deitando sua cabeça no colo de Jessica. John ligou o carro.

Enquanto aceleravam noite adentro, ele continuou a checar o retrovisor, tranquilizando a si mesmo: Charlie ainda estava dormindo, com Jessica passando os dedos por seus cabelos, olhando-a no rosto com uma expressão maravilhada. John a olhou nos olhos pelo espelho e viu seus próprios pensamentos no rosto dela: *Ela está aqui. Está viva.*

Charlie desceu a colina à toda velocidade, quase que pulando a cada passo — sentia como se, caso fosse rápida o suficiente, poderia conseguir levantar voo. Seu coração batia em um novo ritmo. O ar noturno era frio e refrescante e todos os seus sentidos pareciam aguçados: conseguia ver qualquer coisa, ouvir qualquer coisa — *fazer* qualquer coisa.

Chegou à base da colina e disparou em direção à próxima — tinha estacionado o carro atrás dela. Sorriu para a noite adiante, lembrando do rosto da tia Jen no momento em que se deu conta do que estava prestes a acontecer. Aquela tranquilidade suave e quase impenetrável havia se quebrado — a mulher de sangue gelado se tornara um animal delicado e amedrontado dentro de um único instante. *Pelo menos ela teve a dignidade de não implorar,* pensou Charlie. *Ou talvez simplesmente soubesse que não ia adiantar.* Ela estremeceu, mas então deu de ombros.

As duas trocaram cortesias por um momento e então Charlie abriu um sorriso grande e cruel para Jen, que começou a gritar. Charlie avançou contra ela e ela deu ainda outro grito — dessa vez, Charlie abafou o barulho, agarrando tia Jen pela garganta. Ela a ergueu no ar, jogando-a contra uma

porta com tanta força que quebrou as dobradiças. Sua tia tentou se arrastar para longe, e ela a pegou pelos cabelos, agora grudentos por conta do sangue, e a jogou contra a parede novamente. Dessa vez, ela não tentou fugir, e Charlie se agachou ao seu lado, pondo a mão em volta de seu pescoço outra vez, agora mais devagar, apreciando a sensação da pulsação da tia sob seus dedos e o olhar aterrorizado em seus olhos. Jen abria e fechava a boca como um peixe fora d'água, e Charlie a observou por um momento, contemplativa.

— Gostaria de dizer alguma coisa? — perguntou, escarnecendo dela.

Jen assentiu, um movimento minúsculo e cheio de dor, e Charlie se inclinou mais para perto, para que ela pudesse sussurrar, a mão ainda fechada como ferro em sua garganta. Jen respirava com dificuldade, sem conseguir emitir nada além de sons indistinguíveis.

Relutante, Charlie afrouxou um pouco a pressão, apenas o suficiente para deixá-la falar. Sua tia ofegou por um momento, tentando falar por duas vezes antes que as palavras finalmente saíssem:

— Eu... sempre te amei... Charlie.

Charlie se afastou novamente e fitou Jen com um olhar sereno.

— Eu também te amo — disse, a voz suave, e então rasgou seu estômago. — De verdade.

Charlie chegou ao carro. Estava correndo com tamanha velocidade que acabou passando por ele alguns metros antes de conseguir parar. Queria continuar correndo, manter aquela sensação viva.

Ela abriu e fechou os punhos — o sangue que os cobria era pegajoso e já estava começando a ficar desconfortável. Ela ligou o carro e abriu o porta-malas para pegar o estojo de primeiros-socorros que sempre levava consigo.

Parada em frente aos feixes dos faróis, Charlie pegou um pouco de gaze e peróxido de hidrogênio, limpando as mãos com todo o cuidado, dedo por dedo. Quando terminou, os examinou por um instante e assentiu, satisfeita — então entrou no carro e disparou em meio à escuridão.

CAPÍTULO SEIS

John estava contando as respirações de Charlie, *uma-duas, três-quatro, inspira-expira,* cada inalada um indicador do tempo que se passava: de que aquilo era real, de que ela não ia desaparecer. Horas haviam se passado e o céu lá fora estava começando a clarear, mas ele ainda não conseguia tirar os olhos dela. Sua cama era bem estreita — ela estava encolhida de lado, assim como estivera dentro do baú, e ele estava empoleirado no canto, tomando cuidado para não tocá-la. Jessica tirara um breve cochilo no sofá e agora já estava de pé outra vez, andando de um lado para o outro pelo pequeno espaço do quarto.

— John, temos que levá-la a um hospital — disse Jessica pela segunda vez desde que acordara, e ele balançou a cabeça.

— Não sabemos o que há de errado com ela — disse ele, a voz suave. Jessica fez um som de frustração com a garganta.

— E esse é mais um motivo para *levarmos ela a um hospital* — disse ela, pronunciando as palavras individualmente.

— Não acho que ela estará segura.

— Você acha que ela está segura aqui?

John não respondeu. *Uma-duas, três-quatro, inspira-expira* — notou que estava contando suas respirações novamente, então desviou o olhar. Mas ainda podia ouvi-la respirar e a contagem prosseguiu, *nove-dez, onze-doze...* Podia sentir sua presença atrás de si — embora não estivessem se tocando, tinha a constante consciência de que ela estava perto.

— John? — incitou Jessica e ele olhou primeiro para Charlie, depois para ela.

— O Clay disse uma coisa — disse.

— No hospital? — Jessica franziu o cenho. — Algo a mais?

— Não, antes disso. A Ella estava na casa dele.

— Aquela boneca assustadora do quarto da Charlie?

John escondeu um sorriso, recordando. *A Jessica vai gostar da Ella,* Charlie confidenciou a ele uma vez. *Elas se vestem igualzinho.* Mas quando Charlie girou o timão na ponta da cama, o que fazia Ella sair do armário em seus trilhos, ofertando sua pequena bandeja de chá, Jessica deu uma única olhada na boneca do tamanho de uma criança, gritou e saiu correndo do quarto.

— Sim, a boneca assustadora — confirmou ele, seus pensamentos retornando ao presente. Jessica estremeceu exageradamente.

— Não sei como ela conseguia dormir, sabendo que aquela coisa estava no armário.

— Não era o único armário — disse John, franzindo as sobrancelhas. — Tinha outros dois. A Ella ficava no menorzinho.

— Bom, não era o lugar que me assustava, não tenho problema com armários... Tá, retiro o que disse. Não gostei do último onde estivemos — disse Jessica, seca.

— Queria poder voltar naquela casa...

— A velha casa da Charlie? Ela desmoronou, já era — disse Jessica, interrompendo-o, e ele deu um suspiro.

— A Ella estava no meio dos escombros, mas o Clay disse que a Charlie queria ficar com ela. Me pareceu tão incoerente da parte dela, foi o pai dela que fez aquela boneca.

— Sim. — Jessica parou de andar e se inclinou na parede, tentando assimilar tudo aquilo. — Você estava certo, John. — Ela abiu as mãos num gesto de impotência. — A *outra* Charlie, ela é uma impostora. Você estava certo. O que devemos fazer agora?

John desviou o olhar novamente para Charlie, que se mexeu enquanto dormia.

— Charlie? — sussurrou ele.

Ela fez um som queixoso e então voltou a ficar imóvel.

John desviou o olhar para sua cômoda, pensativo. Após um momento, foi até ela e começou a vasculhar a gaveta de cima.

— O que está procurando? — perguntou Jessica.

— Tinha uma foto antiga, uma que encontrei quando a Charlie e eu estávamos dando uma olhada nas coisas do pai dela. Era da Charlie pequena. Sei que está aqui em algum lugar.

Jessica o observou por um instante, mas então se inclinou mais para perto, alguma coisa lhe chamando a atenção. Agachou-se ao lado da cômoda e puxou pela ponta algo que parecia ter caído embaixo dela.

— Isso aqui? — perguntou.

— É, isso mesmo. — John pegou a foto com cuidado e a examinou.

— John, sei que está tendo um momento bem sentimental agora, mas realmente temos que levar a Charlie a um hospital. — Jessica espiou por cima de seu ombro. — O que são todas essas coisas atrás dela na foto? Copos e pratos?

— Ela estava tendo uma festa de chá — murmurou John. — Tenho que ir à casa do Clay — acrescentou, após um momento.

— O Clay ainda está no hospital.

— Tenho que voltar à casa dele. Fique aqui. Cuide da Charlie.

— O que está acontecendo? — indagou Jessica enquanto John pegava as chaves do carro na cômoda. — O que eu faço se a *Não*-Charlie aparecer? Você viu o que ela fez com a tia Jen. Deve ter sido que pegou o Clay. E agora ela também vai estar atrás da Charlie, da *nossa* Charlie.

John parou, esfregando as têmporas com uma mão.

— Não a deixe entrar — disse, finalmente. — Tranque a porta quando eu sair e empurre o sofá contra ela. Eu volto logo.

— John!

Ele saiu. Ficou parado, esperando, até que ouviu o trinco sendo fechado, e então disparou em direção ao carro.

John estacionou diante da garagem de Clay Burke rápido demais, pisando com tudo nos frios e derrapando por cima do gramado. Tocou a campainha e esperou o suficiente para se certificar de que não havia ninguém lá dentro, depois tentou a maçaneta, constatando que a porta estava trancada, e então tentou agir casualmente enquanto dava a volta em direção aos fundos da casa. Não achava que os vizinhos conseguissem enxergar pelas sebes que separavam as casas, mas não havia porque não ser cuidadoso. A porta dos fundos que dava na cozinha também estava trancada, então começou a vasculhar a parede em busca de uma janela que estivesse aberta. Foi na sala de estar que finalmente encontrou: a janela estava destrancada e, após alguns minutos mexendo nela, conseguiu erguê-la e se enfiou por cima do parapeito, arranhando as costas na armação da janela enquanto se espremia pelo espaço apertado.

Pousou num sofá e ficou ali por um instante, escutando. A casa estava cheia de um silêncio espesso e um cheiro de coisa velha e fechada — Carlton devia ter dormido no hospital. John se levantou e foi até o estúdio de Clay, sem se preocupar se estava fazendo barulho.

Quando viu toda a destruição, hesitou por um instante — não tinha se esquecido da cena: a porta esmagada, a mobília revirada e os papéis jogados por todo o chão, como uma espécie de forro, mas ainda era um choque ver aquilo. Havia também uma mancha escura no chão onde encontrara Clay caído. John passou por cima dela com todo o cuidado, e então entrou no escritório.

Examinou a sala depressa: apenas um canto permanecia intacto — e lá estava Ella, quase que escondida atrás de uma luminária, a bandeja de chá bem equilibrada diante do corpo.

— Oi, Ella — disse ele, inseguro. — Tem alguma coisa que você queira me dizer? — disse ele, desviando novamente a atenção para a bagunça do quarto. Havia três caixas de papelão vazias ao lado da mesa e ele foi até elas primeiro: parecia que seu conteúdo havia sido despejado em uma única grande pilha. Vasculhando-a por um momento, viu que tudo ali tinha alguma relação com a Freddy Fazbear's: fotos, documentação de registro, declarações fiscais, relatórios policiais, e até mesmo cardápios. — Por onde eu começo? — murmurou.

Deparou-se com uma foto de Charlie e seu pai: Charlie estava sorrindo — seu pai a estava segurando sobre o quadril, apontando para algo ao longe. Ele a deixou onde estava e continuou procurando. Entre os papéis e fotos, havia outras coisas, como chips de computador aleatórios e peças mecânicas que pareciam estar por toda parte. Checou o relógio — estava ficando nervoso por deixar Jessica sozinha com Charlie por tanto tempo. Olhou para Ella, ainda no canto da sala.

— Você sabe o que estou procurando, não sabe? — perguntou à boneca e, em meio a um suspiro, voltou a vasculhar a pilha.

Ainda de joelhos, examinou toda a área, e, dessa vez, notou uma pequena caixa de papelão embaixo da mesa de Clay. Estava só alguns centímetros mais adiante, selada com fita adesiva, mas um dos cantos tinha sido rasgado, o que fizera com que parte dos conteúdos caísse pelo buraco que se formara: John podia ver um parafuso e uma pequena extensão do que parecia um fio de cobre preso à fita do lado de fora. Ele engatinhou embaixo da mesa e pegou a caixa, rasgando o buraco ainda mais, sem sequer se preocupara com a fita.

Levantou-se e derrubou o resto do conteúdo na mesa de Clay — a caixa estava cheia de mais cabos e peças. John sacudiu a caixa, notando que ainda fazia barulho lá dentro, e começou a bater nela até que a coisa que estava presa caísse: uma placa de circuito quadrada, conectada a um emaranhado de fios. Examinou-a por um segundo antes de colocá-la de lado e largar a caixa, separando as peças sobre a superfície da mesa numa única camada, para só então sentar-se e olhar para elas de uma a uma, esperando encontrar algo familiar.

Levou menos de dez segundos para encontrar: um disco fino do tamanho de uma moeda de cinquenta centavos. Sentiu o coração pular uma batida, e então ergueu aquela coisa, apertando os olhos até encontras as minúsculas palavras gravadas na borda em letra corrida e com um estilo antiquado: AFTON ROBOTICS, LTDA. Engoliu em seco, lembrando-se da náusea incapacitante que o último disco lhe havia causado — lembrou-se também dos efeitos mais substanciais dos quais o disco era capaz.

John olhou de volta para Ella e então levantou-se para se aproximar dela. Ajoelhou-se a seu lado, segurando o disco com firmeza em sua mão, enfiando a unha do polegar junto ao botão na

lateral. Por um instante, John sentiu que ia perder o equilíbrio. Trincou o maxilar com firmeza e apertou o botão.

Num instante, Ella sumiu. Em seu lugar, havia uma criança humana, ainda bem pequena. Tinha cabelos castanhos curtos e frisados e um rosto redondo tomado por um sorriso contente — as mãos gordinhas seguravam a bandeja de chá com todo o empenho. Apenas sua quietude absoluta indicava que ela não estava viva. Isso e os olhos vazios, olhando adiante sem realmente ver nada.

— Consegue me ouvir? — perguntou ele, a voz suave.

Ela não se moveu — a garotinha não tinha nenhuma reação a mais que Ella.

Ele aproximou a mão para tocar-lhe a bochecha, mas então a puxou de volta de súbito, perplexo: sua pele era quente e maleável — viva. Levantou-se e voltou à mesa, mantendo os olhos na garota. John levou a unha de volta ao botãozinho, apertando-o novamente, e criança tremeluziu e perdeu o foco por um segundo, até que a imagem se solidificou: Ella estava novamente parada em seu devido lugar, nada além de uma mera boneca. John se sentou, soltando todo o peso do corpo.

— Alcance máximo — murmurou consigo mesmo, lembrando-se dos breves momentos de consciência que Clay tivera no hospital. Mas as fotos que ele insistira em dar a eles não tinham revelado nada. *Ou será que revelaram?*

Foi até a mesa de Clay e pegou o telefone. Ouviu o tom de discagem: o aparelho não tinha sido danificado durante o ataque. Discou seu próprio número. *Por favor, atenda, Jessica,* pensou.

— Alô?

— Jessica, sou eu.

— Eu quem?

— O John!

— Certo, desculpa. Estou um pouco inquieta. A Charlie está bem... digo, ainda está dormindo. Não parece ter piorado.

— Bom. Mas não foi por isso que eu liguei. Preciso que você me encontre na biblioteca. Leve o envelope que o Clay nos deu, está na minha mochila.

— As fotos já eram — disse Jessica. — Nós as deixamos na casa da Jen quando saímos correndo por nossas vidas, não lembra? — acrescentou com uma pontada de sarcasmo.

— Eu sei. Não precisamos das fotos. Tinha um rolo de microfilme no envelope.

Houve uma pausa do outro lado, até que então:

— Te vejo lá.

John se voltou para Ella, passando o polegar pela superfície do disco, pensativo.

— E você... você vem comigo — disse à Ella, a voz baixa e serena. Pegou-a com cuidado, apreensivo por conta do que tinha visto, mas ela agora parecia ser de fato apenas uma boneca. Era um pouco grande demais para carregar direito, então ele a segurou no colo como uma criança humana e saiu pela porta da frente. Guardou a boneca no porta-malas, pôs a foto de Charlie e seu pai na viseira do carro e então deu a partida, deixando a casa de Clay.

Quando John chegou à biblioteca, Jessica já estava conversando com o bibliotecário, um homem de meia-idade com uma expressão irritada no rosto.

— Se quiser usar o leitor de microfichas, preciso que me diga o que quer ver. Gostaria de dar uma olhada na nossa tabela de arquivos? — perguntou. Ele já parecia ter feito aquela pergunta várias vezes antes.

— Não, tá tudo bem, eu só preciso usar a máquina — disse Jessica. O bibliotecário abriu um sorriso tenso.

— O leitor é para examinar microfilmes. Que microfilme você quer examinar? — perguntou ele, bem devagar.

— Eu trouxe um próprio — disse Jessica, com uma voz mais descontraída.

O bibliotecário suspirou.

— Você sabe operar a máquina?

— Não — disse ela, após pensar por um momento.

John se aproximou depressa.

— Eu sei operá-la. Estou com ela. Será que poderia apenas nos levar à sala?

O bibliotecário assentiu exaustivamente e eles o seguiram até uma pequena sala nos fundos, onde estava montado o leitor de microfilme.

— Você enrosca o filme por aqui — disse ele. — E aperta os botões para avançar. — Ele fitou John com um olhar suspeito. — Entendeu?

— Sim, obrigado pela ajuda. Somos muito gratos — disse John, olhando para Jessica.

Quando a porta se fechou atrás do bibliotecário, Jessica rapidamente tirou o filme do bolso e o entregou a John.

— Tá, o que estamos procurando? — perguntou, cheia de energia, batendo as mãos com toda a ansiedade.

— Ei, vai com calma, beleza? — disse John, exaurido. — Nós quase fomos mortos, sequer sabemos o que há de errado com a Charlie, e agora você tá aí toda eufórica, como se estivéssemos atrás de um tesouro escondido.

— Desculpa. — Jessica ajeitou a postura.

— Acho que são as mesmas fotos — disse John enquanto desenrolava o filme e o enroscava cuidadosamente na máquina.

Assim que a ligou, a primeira foto apareceu: Jessica e Charlie, escolhendo roupas numa loja. Foi passando pelas próximas. Eram todas iguais ao que ele se lembrava das fotos, embora a ordem fosse outra — cronológica, supôs.

— São as mesmas, e também não parecem nada mais nítidas — disse Jessica.

— O quê? — John voltou, tentando ver o que Jessica notara e ele não.

— Não estão mais nítidas. A Charlie continua borrada — explicou Jessica.

— Ela só está se mexendo — explicou John.

— Em todas elas?

— A foto está nítida — disse ele novamente, agora mais agitado. — Ela só está andando.

Apesar de suas palavras, ele parou e começou a passar pelas fotos mais devagar, avaliando a aparência de Charlie em cada uma delas. Jessica tinha mesmo razão: Charlie estava borrada em todas as fotos, mesmo quando parecia estar completamente imóvel. John começou a passar pelas fotos mais rápido, confirmando o fato: Jessica e Charlie na loja de roupas. Marla junto a elas na frente do apartamento de Jessica. Charlie encolhida enquanto falava com John na residência dos Burke naquela primeira noite — Charlie estava borrada em todas elas. John avançou ainda mais rápido, a fim de chegar ao último conjunto de fotos: ele com Charlie, — a Charlie falsa — sentados no restaurante onde tinham jantado.

O rolo acabava na última foto daquela noite: Charlie praticamente perdida entre a multidão, virando-se uma última vez. Quase não dava para vê-la, estava bem mais distante que em qualquer outra foto, reconhecível apenas pelas cores do vestido e do cabelo.

— Ainda não consigo entender qual o sentido de tudo isso — disse Jessica, impaciente.

John segurou a lente e a girou — a imagem encolheu.

— São as mesmas fotos. — Jessica se virou em meio a um suspiro.

— Este é o sentido — disse ele, girando a lente para o outro lado. O filme estava em alta resolução e a imagem continuava aumentando enquanto ele a ampliava mais para perto de Charlie.

— Qual?

John continuou a ampliar — Jessica quase perdeu o fôlego, recuando um passo da máquina. John soltou as lentes.

— Tem um alcance máximo — disse, a voz suave. A figura que preenchia a tela era elegante e feminina, mas não era humana. O rosto era primorosamente esculpido, e era dividido no meio, com uma pequena abertura delineando o ponto onde as metades se encontravam. Os membros e corpo eram divididos em placas segmentadas, a cor quase iridescente.

— Parece um manequim — arfou Jessica.

— Ou um palhaço — acrescentou John. — Eu a vi — disse, ponderando. — Na noite em que o Clay foi atacado, ela estava na estrada. Ela olhou pra mim... — Era difícil de enxergar os olhos na foto, e John se inclinou mais para perto da tela, tentando distingui-los.

— É a impostora, a outra Charlie — disse Jessica, a respiração entrecortada. John desligou o projetor, piscando enquanto a figura assombrosa desaparecia. Pegou o disco em seu bolso e o entregou para Jessica. Ela o virou em sua mão, os olhos arregalando-se. — É dela?

— Não — disse John, sem demora. — Mas imagino que a nossa amiga em comum tenha um igualzinho a esse, mexendo com a nossa cabeça quando estamos por perto e nos fazendo enxergá-la como a Charlie. — Ele apoiou as costas na mesa. — Acho que foi o Clay que tirou essas fotos, acho que ele suspeitava de algo desse tipo, mas precisava provar.

— Eu não entendo.

— Essas coisas, esses discos... eles emitem sinais que sobrecarregam o seu cérebro, fazendo com que você não veja o que de fato está na sua frente. Agora, isso obviamente não funcionaria com uma câmera, mas o Henry também pensou nisso.

— Então, a frequência ou seja lá o que for o que essa coisa emite faz com que a imagem fique borrada — disse Jessica, entendendo aonde ele queria chegar.

— Exatamente, mas tem um alcance máximo. O sinal enfraquece. É por isso que ele tirou as fotos de longe, ele suspeitou que o que quer que estivesse causando a ilusão devia ter um limite. — John começou a colocar o filme de volta na mochila. — Por isso que ela parece humana nas outras fotos, ou pelo menos humana o suficiente com as imagens borradas.

Jessica examinou o disco novamente por um momento, antes de John pegá-lo de volta.

— Ainda não entendo — disse ela. Olhou em volta, como se subitamente tivesse ficado com medo de ser pega.

— Acho que é bem o que eu suspeitava — disse. — Só que eu estava completamente errado.

— Ah, isso faz todo o sentido — gracejou Jessica.

— Eu tinha um monte de teorias sobre a Charlie — disse John. — E embora eu tenha errado sobre os detalhes, eu suspeitava que a Charlie, a *nossa* Charlie, tinha sido trocada por um impostor. Mas não era um irmão ou uma irmã gêmea. Afton a trocou... por *isso.*

— Um robô? — disse Jessica, cética. — Como os da Freddy's? John, aquilo era diferente. Pessoas, crianças, tinham sido assassinadas. *Aqueles* robôs estavam assombrados. Eu não acredito em assombrações, mas aquelas coisas estavam assombradas! Robôs como o que você está falando não existem, ou pelo menos... ainda não. Além do mais, ela sabia tudo que a Charlie também sabia, como o Afton poderia ter programado isso?

— Ela não sabia exatamente tudo. Ela colocava a culpa de todos os buracos da sua memória na sua experiência de quase-morte. Sua personalidade mudou, tudo mudou. E todos acreditamos que ela só tinha virado a página — disse ele, amargurado.

— Mas você não — disse Jessica, e ele a fitou nos olhos.

— É, mas eu queria. Acontece que alguma coisa simplesmente não estava certa.

Jessica ficou quieta por um momento.

— Por que ela matou a Jen? — disse, então, abruptamente.

— O quê?

— Por que ela mataria a Jen? — repetiu.

— A tia da Charlie a conhecia melhor que qualquer um — disse John. — Ela devia saber que não conseguiria enganá-la.

— É, talvez. — Jessica mordeu o lábio, até que, então, seu rosto assumiu uma expressão de alarme. — Ou então ela foi lá para...

— Para encontrar a Charlie — disse John, interrompendo-a.

— John, nós a deixamos sozinha. Temos que voltar.

John já estava saindo pela porta, correndo de cabeça pela biblioteca, em direção à saída. Jessica correu atrás dele. Ambos entraram no carro de John e ele pisou fundo no acelerador, trincando o maxilar enquanto disparavam em direção a seu apartamento.

— Esqueceu alguma coisa? — disparou o homem, e a mulher o encarou com um olhar bastante firme.

— Não esqueci nada.

— Então por que já não está a caminho? — Ele ergueu o braço fracamente, fazendo um gesto em direção à porta.

— O tempo está se esgotando — disse ela. — Não entendo por que estamos desperdiçando o nosso tempo... o *seu* tempo... atrás dessa coisa. Eu tenho muito mais utilidade aqui.

O homem ficou em silêncio.

— Estamos tendo resultados — acrescentou, mas ele balançou a cabeça em resposta.

— Não estamos tendo nada. — Ele ergueu um dedo antes que ela pudesse protestar. — Qualquer um pode descobrir um incêndio se as chamas já estiverem ardendo, mas o Henry achou uma fagulha única. Criou algo verdadeiramente diferente, algo com o que não merecia ou sequer pretendia deparar-se. — Fitou a mulher com um olhar incisivo. — E você a trará para mim.

A mulher baixou o olhar em direção ao chão e, quando falou, havia um apelo em sua voz:

— Eu não sou o bastante? — perguntou suavemente.

— Não, você não é — disse ele, com firmeza, desviando o olhar.

A mulher fez uma pausa, mas então seguiu em direção à porta, sem olhar para trás.

Nenhum deles falou enquanto seguiam para o apartamento de John. Ele segurava o volante com tanta força que suas juntas estavam começando a ficar brancas, tentando não imaginar o que poderiam encontrar.

Quando viraram a esquina e finalmente chegaram ao estacionamento, ele deu um grande suspiro, o corpo ainda trêmulo: os poucos carros ali pertenciam aos vizinhos, e sua porta continuava intacta. Assentiu brevemente para Jessica, e os dois saíram do carro. Jessica o seguiu de perto e parou logo ao lado dele, fitando o estacionamento enquanto John destrancava a porta.

Mas então, quando estava para virar a chave, Jessica bateu com o cotovelo em suas costelas com força, o que o fez puxar a chave da tranca.

— Ai! Que diabos você...? — Ele se virou para Jessica, aborrecido, mas então ajeitou a postura e abriu um largo sorriso. — Charlie! — exclamou. A mulher elegante se aproximou e John recuou um passo instintivamente. — De onde foi que você veio? Quer dizer, nós não vimos o seu carro. Que surpresa bacana — acrescentou, apressado.

A mulher que não era Charlie abriu um breve sorriso.

— Estava caminhando. Queria clarear as ideias. Me dei conta de que estava nas redondezas e resolvi fazer uma visita. Tudo bem por você?

John assentiu, tentando ganhar tempo.

— É claro! É ótimo vê-la! — disparou John, angustiado com a plena noção de que estava exagerando. — Mas a casa tá uma bagunça. Homem solteiro morando sozinho, sabe como é, né? — Ele forçou uma risada. — Será que você e a Jessica se importam de esperar aqui fora enquanto eu dou uma organizada rápida?

Charlie riu.

— John, você viu meu dormitório ano passado. Não tenho problema com uma baguncinha!

— Bom, diferente de você ano passado, eu não estou trabalhando num projeto de ciências maluco e brilhante, então não tenho uma desculpa pra isso — disse ele.

Jessica se intrometeu.

— E quanto àquele projeto, Charlie? Ainda está trabalhando nele? Como está ficando?

Charlie se voltou para Jessica, como se só agora a tivesse visto.

— Perdi o interesse — disse.

John aproveitou a oportunidade: destrancou a porta, correu para dentro e a trancou atrás de si antes que a impostora pudesse segui-lo. Em seu quarto, Charlie, a *sua* Charlie, continuava encolhida na cama, as costas pressionadas contra a parede — não parecia ter movido um músculo sequer desde que a deixara ali.

— Charlie — sussurrou. — Sinto muito, mas vou ter que tirá-la daí. Vou tomar cuidado.

Ele a ergueu com cautela. Ela estava quente em seus braços, e seus olhos se contorciam por baixo das pálpebras: estava sonhando. John a segurou com firmeza, procurando ao redor do quarto por um lugar para escondê-la — o fato de não ter mobiliado o lugar com nada além do essencial estava se voltando contra ele.

John carregou Charlie até a sala: o sofá estava formando um ângulo junto à parede, deixando um pequenino espaço triangular atrás de si. John deixou Charlie no sofá por um instante e pegou um cobertor que estava jogado no chão, arrumando-o no canto para dar a ela nem que pelo menos uma almofadinha de pano. Depois, subiu no sofá, pegou-a no colo e passou com ela por cima das costas do móvel, onde a deixou acomodada no chão. Ele mal cabia ali, mesmo de pé, e continuou olhando para trás enquanto subia de volta no sofá, com medo de chutá-la. Havia outro cobertor cinza disposto sobre o assento do sofá, algo deixado ali pelo inquilino anterior, e ele o pegou e usou para cobrir Charlie, ocultando seu rosto.

Alguém bateu na porta.

— John? — chamou Jessica. — Já está terminando de *arrumar?* — Havia uma pontada de pânico em sua voz. John olhou em volta. Não havia qualquer evidência de que o lugar estivera bagunçado, ou de que ele o tivesse arrumado às pressas. Ele correu até o banheiro e pegou algumas roupas sujas do cesto aonde as deixava, carregando-as consigo para atender a porta.

— Desculpa — disse, tentando fazer uma expressão encabulada. — Não costumo receber muitas visitas. — Jessica abriu um sorriso tenso e Charlie, com um sorriso que ia de orelha a orelha, o tirou do caminho e foi entrando com tudo.

— Parece ótimo — disse, virando-se de volta para ele. — Como é a vizinhança?

— ...Boa — John conseguiu se forçar a dizer, desconcertado por estar cara-a-cara com ela apenas momentos depois de ter estado com a verdadeira Charlie.

Dessa vez, podia ver as diferenças — se quisesse, podia até escrever uma lista. A impressão de que aquela mulher, com todo o seu encanto glamoroso, simplesmente era uma Charlie cheia de autoestima que a enchia de beleza e graça se desfez por completo.

Agora, suas características individuais se destacavam como verrugas em seu rosto, cada uma um indicador de que aquela *não era* a Charlie. O nariz era muito fino, as bochechas muito fundas. Os olhos muito separados. O couro cabeludo alto demais. As sobrancelhas com um ângulo errado. As disparidades eram mínimas, coisa de milímetros, ou até menos: a única forma de ter certeza seria olhar para Charlie e sua cópia robótica lado a lado. Ou uma logo após a outra.

A Charlie impostora lhe abriu um sorriso sutil e fez menção de se aproximar um passo. John pigarreou, procurando algo para dizer, mas Charlie já tinha desviado o olhar e agora examinava a sala com olhos atentos. Atrás dela, Jessica fitava John com um olhar indagativo, provavelmente se perguntando onde estava a verdadeira Charlie. John a ignorou: a Não-Charlie passou por ele a passos largos, avançando em direção a seu quarto, e ele logo foi atrás dela.

— Verdade! — exclamou John, entrando em ação. — É, esse é o meu quarto — disse, como se o tour tivesse sido sua própria ideia.

— Legal — murmurou Charlie, ainda inspecionando o quarto. Deu uma volta completa, assimilando tudo, e então seguiu até a cômoda, dando meia volta para examinar de novo dali.

— Então, sabem o que eu acho? A gente devia dar uma volta mais tarde ou algo do tipo! — disse Jessica, de súbito, mas Charlie não respondeu. Em vez disso, ajoelhou-se devagar e espiou embaixo da cama. Jessica e John trocaram um olhar nervoso.

— Não tem muito pra ver. Sou só eu aqui — disse John, em meio a uma risada. Jessica deu uma cotovelada nele, uma expressão desaprovativa no rosto. *Estou sendo óbvio demais de novo,* percebeu. John podia sentir o coração na garganta, imediatamente arrependendo-se do que dissera. *Por favor, não fica procurando.*

Charlie foi ao banheiro e olhou em volta, abrindo a armário de remédios e examinando seus conteúdos. Jessica lançou um olhar perplexo para John, até que se deu conta: *Ela está procurando sinais de que alguém se machucou.* Charlie começou a fechar o armário quando viu seu reflexo no espelho. Ela parou, a mão ainda na porta do armário, olhando para si mesma. Ficou parada por um longo momento, até que os olhos se depararam com John, também no espelho, e ela fechou o rosto.

— Odeio espelhos — comentou, virando as costas e puxando a cortina do chuveiro.

— Pois é, né? Eles engordam uns cinco quilos — disse John, leviano.

— Acho que são as câmeras — corrigiu Jessica.

— Bom, espelhos engordam pelo menos uns três — sussurrou John.

— Ou talvez seja você que precise perder peso.

— Estamos mesmo tendo essa conversa agora?

Eles continuaram a observar Charlie.

— Ela está procurando — sussurrou Jessica. — Não está nem tentando fingir que não.

John estava preocupado. Charlie parou e abriu o armário do quarto, abaixando-se para olhar no espaço aberto embaixo das camisetas e jaquetas penduradas. Levantou-se e voltou para a sala: Jessica a seguiu, correndo para chegar antes dela, e sentou-se no sofá depressa, cruzando as pernas. Charlie foi até a cozinha e abriu a geladeira, fechando-a logo em seguida.

— Está com fome? — perguntou Jessica. — O John deve ter alguma coisa pra você comer.

— Não, obrigada. Como você tem passado, Jessica? — perguntou Charlie, atravessando o cômodo em direção ao sofá.

John sentiu o corpo inteiro enrijecer enquanto se segurava para não correr pela sala e empurrá-la. Em vez disso, ele próprio abriu a geladeira, forçando-se a respirar enquanto, pelo canto do olho, a observar sentar-se do lado de Jessica.

— Alguém quer uma água? Ou um refrigerante? — perguntou.

— Sim, por favor — disse Jessica, com uma certa pressão na voz, tossindo alto. John pegou duas latas e as levou até lá. Jessica pegou a sua com euforia. — Obrigada — disse com ênfase até demais, e ele assentiu.

— Claro, não por isso.

Ele se voltou para Charlie, abrindo um sorriso tenso e ela o fitou de volta: a cada momento que ela passava ali, mais John sentia que sua pele estava a ponto de descolar dos ossos. Teria pensado que se tratava de um efeito colateral do chip dela, mas não tinha acontecido antes de ter ciência do que ela era.

— Senta aqui, John — disse Charlie em meio a um sorriso, apontando para o braço do sofá ao lado dela.

— Desculpa por não ter cadeiras e tal. Nunca quis ficar muito tempo por aqui — explicou John, inquieto.

— Há quanto tempo você mora aqui? — A voz tão familiar de Charlie soava como latão.

John sentou-se do lado dela.

— Desde... tudo o que aconteceu. Tenho morado aqui desde que vim pra cá.

— Ah. — Ela olhou ao redor do cômodo outra vez. — Acho que não me lembro.

— Você nunca viu o lugar — disse ele, incapaz de esconder a frieza em sua voz.

Jessica o encarou com um olhar de advertência e ele respirou fundo. Charlie começou a examinar o cômodo de novo. Estava olhando para frente, o rosto assumindo uma expressão de total concentração. Os olhos começaram a vasculhar a sala de cima a baixo, como se fossem pincéis sendo passados pelas paredes, a cabeça e o corpo girando lentamente, até que estava quase olhando diretamente para trás: dentro de um segundo, notaria o vão atrás do sofá.

— Sabe, Charlie, eu me diverti na outra noite — disse John, depressa, forçando-se a soar sincero. — Gostaria de sair para jantar de novo hoje?

Ela se virou para ele novamente, parecendo surpresa.

— Sim, é claro... me parece ótimo, John. No mesmo lugar?

— No mesmo lugar. Lá pelas sete?

— Claro.

— Ótimo! — declarou Jessica, levantando-se. — Bom, eu tenho que ir — disse. — Quer vir andando comigo, Charlie? — Ela olhou para John, aflita, e ele logo se levantou.

— Eu posso te dar uma carona, se precisar — disse ele, voluntariando-se. — Você disse que estava a pé.

"Obrigada", Jessica gesticulou com a boca, atrás dela.

— Não — disse Charlie. — Acho que vou continuar andando. Meu carro não está muito longe. Está bem gostoso lá fora.

— Então tá certo — disse John.

Charlie atravessou a sala graciosamente, deixando o apartamento logo em seguida. Jessica respirou fundo, como se estivesse segurando o fôlego esse tempo todo. Os dois foram até a janela e, ainda em silêncio, observaram enquanto a impostora partia, até que desapareceu em uma esquina mais adiante.

— E se ela voltar? — disse Jessica. — Não quero que você fique sozinho com aquela coisa — terminou de dizer, praticamente cuspindo a última palavra. John assentiu com toda a força.

— Também não quero ficar sozinho com ela — disse.

Jessica pareceu pensativa por um momento.

— Eu volto já — disse ela. — Precisamos de ajuda. E se você não acha que a Charlie deva ir ao hospital, então o hospital tem que vir a ela.

— Marla?

— Marla.

E com isso, ela foi correndo até a porta. John a acompanhou até a saída e ficou assistindo apreensivo enquanto Jessica entrava no carro e arrancava. Então ele voltou para dentro e fechou a porta, trancando-a e fechando o trinco. *E isso com certeza vai adiantar demais,* pensou enquanto deslizava a corrente até o lugar.

— Charlie? — chamou ele, a voz suave. Não estava esperando uma resposta, mas queria, sentia-se quase compelido a falar com ela. — Charlie, queria que pudesse me escutar — prosseguiu, indo até o armário do quarto e pegando todos os seus outros dois cobertores. — Acho que é mais seguro que você fique aqui onde está do que no quarto.

Ele afastou o sofá mais um pouco da parede, tentando achar um jeito de deixá-la nem que só um pouco mais confortável. Perdido, ele pegou um travesseiro e se inclinou mais perto dela, tirando a coberta que lhe cobria o rosto.

— Desculpa, eu só tenho um travesseiro — disse ele, tentando não perder o equilíbrio.

— Tudo bem — disse um murmúrio abafado, embaixo do cobertor, e John caiu para trás, tropeçando no sofá e mal conseguindo se reequilibrar antes de bater com a cabeça no chão. — Charlie? — gritou, mas abaixou a voz tão logo conseguiu se levantar. — Charlie, está acordada?

Não houve resposta. Dessa vez, ele não tentou subir no sofá para entrar no espaço atrás dele, apenas inclinando-se para olhar melhor. Ela parecia estar se mexendo, mas só um pouco.

— Charlie, sou eu, o John — disse ele, a voz sussurrada, mas urgente. — Se pode me ouvir, atenha-se ao som da minha voz. — Ele parou de falar e, de repente, Charlie se sentou e tirou a coberta de cima do rosto.

Ele permaneceu com o olhar voltado para ela, tão atônito quanto no momento em que a havia encontrado. Seu rosto estava vermelho e o cabelo grudado na pele depois de todo o tempo que passara embaixo da coberta — mal conseguia abrir os olhos. Ela piscou depressa em meio à luz, abaixando e desviando o olhar. John se ergueu num salto e correu para fechar as persianas da janela da frente. Fechou também a porta do quarto e puxou as cortinas da cozinha. O apartamento, que já não era muito iluminado em seus melhores dias, estava quase que completamente negro. Ele correu de volta ao esconderijo de Charlie, agarrou o sofá por um dos lados e o afastou mais um pouco, o suficiente para que pudesse engatinhar até o pequeno espaço e ficar ali atrás com ela. Charlie continuava sentada, encostada contra a parede, mas quando ele tocou seu braço com a mão, ela fez um som agudo de aflição, e ele puxou a mão de volta no mesmo instante.

— Desculpa. Sou eu, o John — repetiu, e ela virou a cabeça para olhar para ele.

— John — disse ela, a voz fraca e áspera. — Eu sei. — Sua respiração estava entrecortada, e falar parecia demandar muito esforço. Ela tentou erguer uma mão em sua direção, ainda com bastante dificuldade.

— Do que você precisa? — perguntou ele, examinando seu rosto. Ela aproximou ainda mais a mão, e só então ele entendeu. John segurou sua mão.

— Eu nunca mais vou te soltar outra vez — sussurrou. Ela abriu um pequeno sorriso.

— Pode acabar ficando... bem constrangedor — murmurou ela. Abriu a boca, como se quisesse dizer mais, mas então, em meio a um suspiro, estremeceu. John se aproximou mais um pouco, alerta. — O que...? — Ela puxou o ar novamente, respirando fundo. — O que houve comigo? — concluiu, afobada. Abriu os olhos, fitando-o com uma expressão melancólica.

— Como está se sentindo? — disse ele, evitando a pergunta.

— Cansada... tudo dói — disse ela, hesitante, os olhos se fechando devagar, e ele trincou o maxilar, tentando manter o rosto neutro.

— Estou tentando te ajudar — disse ele, enfim. — Olha, você tem que saber. Tem alguém, ou melhor, alguma coisa lá fora se passando por você... dizendo que é você. — Os olhos dela se abriram depressa e ela apertou sua mão de súbito: estava alerta. — Ela é igualzinha a você. Não sei por que e não sei o que ela quer, mas eu vou descobrir. E vou te ajudar.

— Afton — disse ela, em meio a um suspiro, a voz quase inaudível, e John rapidamente se ergueu até o sofá para pegar o travesseiro que tinha trazido.

— Consegue erguer a cabeça? — perguntou, e ela o fez, devagar, deixando-o posicionar o travesseiro no lugar certo. — Sabemos que é o Afton — disse ele, segurando sua mão assim que ela voltou a se acomodar. Ela a apertou de leve. — Estou com um dos chips. Afton Robotics. Charlie, deixa comigo. O Clay está ajudando, a Jessica também, e vamos trazer a Marla para te ajudar a melhorar. Vai ficar tudo bem. Beleza?

Mas Charlie caíra de volta na inconsciência — ele não fazia ideia do quanto tinha escutado ou entendido. Sua mão simplesmente murchou sobre a dele.

Alguém que é igualzinha a mim... Não me solte... John?

Charlie lutava para ordenar seus pensamentos. Coisas que faziam sentido apenas um instante atrás começavam a perder forma, flutuando para fora de alcance em dezenas de direções, como pétalas sobre a água.

A porta...

— Vai ficar tudo bem — disse John, mas ela não sabia se dissera isso em sua cabeça ou no mundo real.

Sentia que estava caindo de volta na escuridão — tentou aguentar firme, mas a exaustão era mais pesada que ela, arrastando-a consigo implacavelmente.

Charlie olhou para a porta outra vez. *Ele está atrasado ou eu cheguei cedo demais.*

Pegou o garfo diante de si e passou o polegar pelo metal liso. Bateu com os dentes no copo de água, emitindo um claro *ding!* e abriu um sorriso diante do som. Bateu no copo novamente. *Quanto será que ele sabe?*

Charlie bateu no copo mais uma vez, e agora notou que vários clientes estavam se virando para olhar para ela, confusos. Ela abriu um sorriso educado, colocando o garfo de volta na mesa e cruzou as mãos sobre as pernas.

Charlie respirou fundo e se recompôs.

Quando John se aproximou do restaurante, viu que a *Não*-Charlie já estava lá. Tinha mudado de roupa. Ele não tinha exatamente registrado o que ela estava usando antes, mas agora estava com um vestido vermelho, curto e apertado — ele teria se lembrado disso. Fez uma pausa na calçada, fora do campo de visão dela, juntando forças para entrar. Não conseguia tirar a outra imagem da cabeça, o rosto pintado com uma linha dividindo-a no meio.

Charlie estava sentada em sua cadeira — não havia nada na sua frente além de um copo d'água. Tinha pedido comida da última vez que se encontraram ali, mas John não conseguia se lembrar de ela tê-la de fato comido. Também não conseguia lembrar se a notara *não* comendo.

— Para de enrolar! — disse uma voz crepitante vinda de sua cintura, e ele deu um pulo. Tirou o walkie-talkie do bolso da jaqueta e virou as costas para o restaurante antes de começar a falar por ele, só para o caso de a Não-Charlie resolver olhar para fora.

— Não estou enrolando — disse.

— Você não devia conseguir nos ouvir — lembrou-lhe a voz distorcida de Jessica. — Você passou a fita no botão?

— Verdade, calma. — John examinou o walkie-talkie: a fita que colocara sobre o botão de transmissão tinha se soltado. Ele a colocou de volta no lugar, pressionando-a sobre a superfície irregular com a ponta das unhas. Enfiou o dispositivo de volta no bolso e entrou no estabelecimento.

Uma vez lá dentro, John deu uma breve olhada ao redor do restaurante. Jessica e Carlton estavam agrupados numa cabine com assentos de costa alta, fora da vista de Charlie.

— Ainda conseguem me ouvir? — sussurrou John.

A mão de Carlton se ergueu por cima das costas da poltrona por um instante, com um grande polegar erguido, o que trouxe um verdadeiro sorriso ao rosto de John. Ele desviou a atenção de volta para Charlie, que ainda não o havia notado.

Quando ele se aproximou da mesa, ela ergueu a cabeça abruptamente do cardápio, como se sentindo sua presença, e imediatamente abriu um grande sorriso.

— Desculpa pelo atraso — disse John enquanto se sentava.

— Normalmente essa fala é minha — brincou Charlie, com uma risada desconfortável.

— Acho que é. — Ele a fitou por um momento. Havia ensaiado algumas coisas para dizer, mas sua mente parecia ter apagado tudo.

— Então, soube que você e a Jessica visitaram aquela velha cidade fantasma. — Charlie deu uma risadinha. — Como é mesmo o nome do lugar? — Ela se inclinou e pousou o queixo sobre a mão novamente.

— Cidade fantasma? — disse John, desequilibrado, tentando manter a expressão neutra. Precisou dar tudo de si para não se virar e olhar para Jessica e Carlton, sentados atrás de si. Charlie o fitava com um olhar cheio de expectativa, e ele tomou um gole de água. — Se refere à Silver Reef? — disse, abaixando o copo com cuidado.

— Sim, me refiro à Silver Reef. — Ela estava sorrindo, mas seu rosto parecia rígido, como se houvesse algo voraz à espreita, abaixo da superfície. — É um lugar bem estranho para visitar, John. — Ela inclinou um pouco a cabeça. — Estavam só apreciando a vista?

— Eu sempre fui meio... fanático por história. É como a... a corrida do ouro...

— Prata — corrigiu Charlie.

— Prata. Sim. Isso também. Eras fascinantes da história. — John se sentiu tentado a se virar e ver se Jessica aprovava sua resposta ou deixando seu assento às pressas para fugir do restaurante. — Você não sabia isso sobre mim, sabia? — Ele ajeitou a postura. — Eu amo história: cidades antigas, lugares históricos. — Ele pigarreou.

Charlie pegou seu copo de água e bebeu — o levou de volta à mesa de forma que John pudesse ver a marca de batom vermelho que havia deixado. Ele se afastou um pouco, desviando o olhar a fim de focar em qualquer coisa que não fosse ela.

— Por que estava lá? — perguntou Charlie, chamando novamente sua atenção.

— Estava... — começou a dizer, mas então parou, tirando um momento para reunir os pensamentos. — Estava procurando uma velha amiga — disse ele, a voz tranquila.

Ela assentiu, fitando-o nos olhos. Ele piscou, mas se forçou a não desviar o olhar. Já tinha visto olhos assim antes: não a loucura de Springtrap, nem o plástico vivo e assombroso dos outros robôs, mas o olhar duro e brutal de uma criatura que vivia à base da sobrevivência. Charlie olhava para ele como se John fosse sua presa.

— E conseguiu encontrar sua velha amiga? — perguntou, a voz calorosa e deslocada.

— Sim. Consegui — disse John, sem recuar diante de seu olhar. Os olhos de Charlie se estreitaram, a fachada entre eles diminuindo a cada momento que se passava. John inclinou-se mais para frente sobre os braços cruzados, apoiando todo o peso na mesa entre eles. — Eu a encontrei — disse, a voz baixa.

Houve um breve vislumbre de alguma coisa no rosto de Charlie — surpresa, talvez — e ela também se inclinou sobre a mesa, imitando sua pose. John tentou não desviar o olhar enquanto os braços de Charlie chegavam mais próximos dos seus.

— Onde ela está? — perguntou Charlie, seu tom tão suave quanto o de John. Seu sorriso tinha desaparecido do rosto.

— Não sei o que será preciso para mostrar a essas pessoas o que você realmente é — disse John. — Mas posso tentar todo tipo de coisa antes de você sair por aquela porta. — Ele levou a mão ao copo novamente, sem desviar o olhar. — Vou começar com esse copo de refrigerante, depois eu tento uma cadeirada na sua nuca, e daí em diante.

Charlie inclinou a cabeça, como se assimilando sua postura. Ele sabia que sua mão estava tremendo e seu rosto estava vermelho. Seu coração estava acelerado — podia sentir a pulsação batendo com força no peito. Charlie sorriu e então se levantou, inclinando-se gentilmente por cima da mesa. John trincou os dentes, mantendo os olhos fixos nos dela. Charlie o beijou na bochecha, colocando uma mão do lado de seu pescoço. A manteve ali enquanto se afastava, fitando-o nos olhos. Abriu outro sorriso, os dedos sentindo seu pulso por um momento antes de se afastarem. John se jogou para trás em seu assento como se ela o tivesse segurado no lugar.

— Obrigada pelo jantar, John — disse ela, as palavras soando quase inebriadas. Trouxe a mão de volta para junto do corpo devagar, como se saboreando o momento. — É sempre maravilhoso vê-lo. — Sem esperar uma resposta, ela virou as costas e foi pagar a conta.

Houve uma grande pausa.

— Ela se foi — disse a voz de John pelo walkie-talkie.

Jessica olhou para Carlton — ele parecia levemente chocado, olhando para Charlie enquanto ia embora, como se ela o tivesse hipnotizado.

— Carlton! — ralhou Jessica. Ele despertou de seu devaneio, balançando a cabeça.

— Que rabo é aquele! — disse Carlton.

Jessica chegou mais para trás e lhe deu um tapa com toda a força que conseguiu juntar.

— Idiota! Você devia estar aqui pra cuidar da retaguarda do John, não pra ficar olhando pra bunda *dela!* Além do mais, ela colocou o seu pai no hospital!

— Não, não, eu sei. O bagulho é sério... — Ele parou de falar, obviamente distraído.

— Por que eu fui te trazer junto? — Jessica deslizou para fora da cabine e se levantou desajeitadamente.

— Aonde está indo? — perguntou Carlton.

— Tenho uma ideia. Fique aqui — Jessica suspirou. — Pega o meu carro.

Carlton ainda chegou a chamar por ela, mas Jessica não parou para responder, meramente jogando as chaves do carro para ele. Carlton seguiu até o lugar onde John estava sentado.

— E aí? Você tá legal? — John não se virou ao som da voz de Carlton a seu lado.

— Não. Não muito legal. — John se recostou em seu assento, erguendo o olhar para o teto de gesso, até que finalmente se voltou para Carlton. — Cadê a Jessica? — perguntou de imediato.

— Não sei bem, ela saiu correndo... — Carlton fez um gesto em direção ao estacionamento e John se virou bem a tempo de ver Charlie arrancando com o carro e seguindo pela estrada adiante.

— Ela fez algo idiota, não fez? — disse John, fatigado. Carlton o fitou nos olhos e ambos correram para a porta.

Mantendo a discrição, Jessica seguiu sorrateiramente para a saída traseira do restaurante — podia ver que Charlie ainda estava parada em frente ao caixa, cuidando da conta. Jessica escapuliu pela porta dos fundos e deu a volta no perímetro do edifício, os saltos altos estalando alto quando batiam na calçada. Ela os arrancou e os jogou num arbusto, continuando a correr descalça.

— Jessica, o que está fazendo? — murmurou para si mesma.

Enquanto terminava dar a volta no prédio e chegava ao estacionamento, ela viu o carro de Charlie e seguiu diretamente para ele. A porta da frente estava destrancada. Jessica rapidamente destrancou o porta-malas, fechou a porta e entrou por trás, sem fechar o porta-malas por completo.

Um minuto depois, um barulho veio de dentro do veículo, e Jessica focou para conseguir escutar: pareciam vozes. Não, *uma* voz, notou após alguns minutos. Charlie estava falando, mas não havia ninguém a respondendo.

Jessica se concentrou, tentando isolar os sons, mas não conseguiu distinguir nada: seja lá o que Charlie estivesse dizendo, era ininteligível do porta-malas. Jessica se ajeitou com cuidado, tentando deitar o mais reta que podia, mas mantendo o braço erguido para segurar a porta do porta-malas. Se não segurasse com firmeza o suficiente, a porta acabaria pulando e Charlie notaria. Mas se a puxasse para perto demais, o porta-malas acabaria travando e ela ficaria presa.

Após cerca de dez minutos, o carro parou. Jessica foi jogada contra a parede, quase soltando a porta. Recobrando o equilíbrio, ela permaneceu completamente imóvel, apenas escutando. A porta do lado do motorista se abriu, fechando-se novamente um momento depois. Jessica ouviu o suave som de Charlie se afastando, os passos triturando o cascalho sob seus pés, e então silêncio. Jessica suspirou, aliviada, mas não se mexeu. Em vez disso, começou a contar:

— Um Mississippi... dois Mississippis... — disse, a voz pouco mais que um sussurro.

Enquanto contava até sessenta, o único som que ouvia era o da própria voz sussurrada, até que então ela parou, aproximando-se um pouco mais da porta do porta-malas. Aos poucos, ela foi aliviando a força com a qual segurava a porta, deixando com que a mesma se erguesse.

O carro estava parado no meio de um grande estacionamento, iluminado por postes de luz com lâmpadas insuportavelmente brilhantes. A luz estava tingida de vermelho e Jessica se virou, deparando-se com uma enorme placa de néon diretamente sobre si, inundando o estacionamento com tons brilhantes de vermelho e rosa e bloqueando sua visão de qualquer coisa que houvesse adiante. O ar zumbia ruidosamente com o som do que pareciam centenas de lâmpadas fluorescentes. Jessica estreitou os olhos e ergueu uma mão para protegê-los da luz: o gigantesco e sorridente rosto de uma garotinha olhava para ela, brilhando com o néon em meio ao céu noturno. Era feita para parecer um palhaço: seu rosto estava pintado de branco e suas bochechas marcadas com círculos rosados e bem redondos, o nariz um triângulo combinando. Seu cabelo laranja brilhante estava amarrado em duas marias-chiquinhas, uma em cada lado da cabeça, e logo ao lado haviam enormes letras vermelhas delineadas em amarelo. Jessica teve que fitar a placa diante de si por um momento antes de as letras fazerem sentido: CIRCUS BABY'S PIZZA.

O brilho ofuscante da luz começava a machucar seus olhos e ela desviou o olhar depressa, correndo então para o edifício escuro na beira do estacionamento, piscando para tirar da cabeça a imagem que a placa de néon deixara nos olhos. Ela tropeçou numa fileira de arbustos e esbarrou numa parede de tijolinhos brancos, todos com uma aparência extremamente nova. Ela abaixou a mão que estava junto ao rosto, os olhos já ajustados à luz, e viu uma série de janelas altas e verticais ao longo da parede.

Foi até a mais próxima e pressionou o rosto contra o vidro, mas ele era de uma tonalidade tão escura que era impossível de ver sequer uma sombra do outro lado. Jessica desistiu das janelas e rapidamente seguiu para os fundos do edifício, mantendo-se próxima à parede de tijolos. As luzes brancas e vermelhas do néon foram desaparecendo conforme Jessica dava a volta, afundando em meio à escuridão. Havia mais vagas de estacionamento nos fundos, embora também estivessem desocupadas. Uma única lâmpada piscava sobre uma porta de metal lisa, com um tom de amarelo enfermo que parecia grudar a tudo em volta. Havia uma série de latas de lixo alinhadas à parede e duas caçambas fechavam a pequena área, escondendo a porta de quem olhasse de fora. Jessica se aproximou sorrateiramente, cuidando para não pisar em nada. Tentou puxar a porta devagar, mas estava trancada. Equilibrou-se no batente enquanto se erguia nas pontas dos pés, e então abriu um sorriso. Conseguia ver lá dentro.

Havia uma sala parcamente iluminada do outro lado. Charlie estava lá: estava de lado, conversando com alguém que estava fora do campo de visão de Jessica, embora não conseguisse ouvir nenhuma das vozes. Jessica chegou mais para o lado, tentando enxergar a outra pessoa, mas tudo que conseguiu distinguir foi o borrão de movimento de alguém mexendo as mãos. Após alguns minutos, suas panturrilhas começaram a doer e ela abaixou os pés por um instante, retesando-os.

Suspirou e se ergueu novamente sobre a ponta dos pés, pressionando o rosto mais perto, fechando as mãos ao redor dos olhos para bloquear a luz externa. Não adiantou — a sala estava vazia, ou pelo menos as luzes tinham sido desligadas. Jessica recuou um passo e, relutante, virou-se para procurar outro lugar por onde pudesse espiar o outro lado — mas então gritou, levando uma mão à boca embora já fosse tarde para abafar o som.

Charlie sorriu.

— Jessica — disse ela, a voz tomada por um tom cheio de inocência. — Devia ter me dito que estava vindo para cá, podia ter pegado uma carona comigo.

— Pois é, bem, eu corri lá fora para tentar te alcançar, mas você já tinha ido embora. — Jessica recuou um passo, o coração acelerado. Toda fibra de seu corpo ordenava que ela corresse, mas Jessica sabia que nunca conseguiria passar pela impostora diante de si.

— Quer entrar? — perguntou Charlie, ainda falando como se fossem amigas.

— Claro, adoraria. Só não consegui encontrar a porta. — Jessica apontou para o estacionamento atrás de si. Charlie assentiu.

— Fica do outro lado — disse, aproximando-se um passo. Jessica recuou novamente.

— O que trás você aqui, afinal? — perguntou Jessica, tentando soar calma. *Ela sabe que eu sei? Ela vai me deixar ir embora se eu entrar na dela?*

— Posso te mostrar — disse Charlie.

Jessica manteve o rosto neutro. Seus músculos estavam tão tensos que estavam começando a cansar, e ela respirou fundo, tentando relaxar. Mas Jessica subitamente notou que Charlie a estava guiando em direção à parede, onde ficaria encurralada.

— Mas já está tarde, acho melhor eu ir nessa — disse Jessica, forçando-se a sorrir.

— Não está tarde — protestou Charlie, olhando para o céu.

Jessica hesitou, tentando inventar uma desculpa, e os olhos de Charlie se voltaram para ela novamente enquanto se aproximava mais um passo. Estava perto o suficiente que Jessica sentisse sua respiração na pele, mas Charlie não estava respirando.

Charlie abriu um largo sorriso, e Jessica se afastou o máximo possível, a cabeça pressionada dolorosamente contra a parede de tijolos. O sorriso de Charlie foi ficando cada vez maior, alongado de um jeito impossível, até que de repente seus lábios se dividiram no meio, uma grande emenda surgindo em seu rosto, atravessando-o de cima a baixo. Numa desesperada tentativa de se afastar ainda mais, Jessica se encolheu instintivamente, o que fez com que Charlie parecesse ficar ainda mais alta, seus membros segmentados nas juntas como uma boneca articulada. Suas feições lentamente começaram a empalidecer e desbotar, substituídas pelo rosto de metal iridescente com pintura de palhaço que tinham conseguido vislumbrar nas fotos de Clay.

— Gostou do meu novo visual? — perguntou Charlie, sua voz ainda suave e humana.

Jessica respirou fundo, toda arrepiada, com medo demais para dizer qualquer coisa em resposta. A criatura que Charlie havia se tornado a fitou como se procurasse alguma coisa.

Por um instante, um odor acre que mais lembrava o de uma substância química preencheu o ar. Então, Charlie foi para cima de Jessica a toda velocidade e o mundo escureceu.

Não consigo enxergar.

Jessica fechou os olhos e abriu outra vez, mas tudo continuava envolto em trevas. Tentou mais uma vez, notando com um pânico crescente que não conseguia se mexer. O ar fedia a algo apodrecido, embrulhando seu estômago, e ela se forçou a respirar fundo. *Vou parar de notar o cheiro se continuar respirando.* Tentou se mexer de novo, tentando ver o que a estava imobilizando. Estava sentada com os pulsos amarrados atrás das costas, os braços jogados desconfortavelmente por cima das costas de uma cadeira de madeira e os tornozelos amarrados nas pernas. Puxou as amarras novamente, quase derrubando a cadeira enquanto lutava para se soltar, mas não conseguiu. Foi quando uma luz se acendeu.

Jessica parou de se mexer. Piscou em meio à claridade súbita, a visão se adaptando devagar. A Charlie impostora estava parada diante da luz da janela, exposta em sua verdadeira forma: era inegavelmente um animatrônico, mas não era nada como os outros que Jessica já tinha visto.

Tinha tamanho humano, — da mesma altura que Charlie — esculpida meio que como uma mulher humana, o rosto bifurcado pintado com bochechas rosadas, um nariz vermelho e brilhante e grandes olhos redondos com cílios negros e compridos. Até tinha cabelo, duas marias-chiquinhas alaranjadas de aspecto sedoso brotando dos lados da cabeça, brilhando artificialmente em meio à luz — Jessica não sabia dizer de que o cabelo era feito. Usava um traje vermelho e branco — ou talvez os segmentos de metal de seu corpo fossem pintados para parecer um traje. Na altura da cintura, havia uma saia vermelha que se ressaltava graciosamente. Estava completamente imóvel, olhando diretamente para Jessica.

Jessica congelou, com medo de respirar, mas a criatura simplesmente inclinou a cabeça de metal para o lado, observando-a. Seu rosto animatrônico parecia familiar, mas ainda lhe parecia difuso, e Jessica não conseguia se lembrar onde o havia visto.

— Acho que você não me daria uma mãozinha com isso aqui, né? — Jessica ergueu os pés os poucos centímetros que as amarras lhe permitiam. O animatrônico sorriu.

— Não, acho que eu não daria — disse, a voz assustadoramente estável. Jessica se encolheu novamente, revoltada diante do som da voz de sua amiga vinda desta nova e peculiar criatura.

— Quem é você? — perguntou Jessica.

— Sou a Charlie.

Jessica olhou ao redor da sala mal iluminada, sentindo-se completamente impotente. Fora a cadeira, o único objeto que conseguia ver era uma gigantesca fornalha a carvão de aspecto bastante antigo, com um caloroso brilho alaranjado emanando das pequenas aberturas na portinhola.

— Ou pelo menos, — a criatura começou a dizer — parte de mim é a Charlie.

Ela ergueu a mão diante de si, estudando-a. Jessica ergueu o olhar e, de súbito, lá estava Charlie, parada em meio à luz da janela, com um olhar confuso e inocente.

— É estranho — disse o animatrônico. — Eu tenho essas memórias. Sei que elas não são minhas. Mas, ao mesmo tempo, são. — Ela fez uma pausa e Jessica voltou a brigar com os nós. — Sei que não são minhas porque não *sinto* nada quando elas me vêm à cabeça. Simplesmente estão lá, como uma grande estrada pela qual vou caminhando, rodeada por vários letreiros anunciando coisas que aconteceram em outro lugar.

— Bom, e *o que* você sente? — murmurou Jessica, tentando arrastar a conversa, tomada por seus instintos de sobrevivência.

Os olhos da garota animatrônica se voltaram para ela.

— Eu sinto... decepção — disse ela, sua voz ficando mais tensa. — Desespero. — Ela olhou pela janela. — A decepção de um pai e o desespero de uma filha — sussurrou.

— Henry? — ofegou Jessica. A garota olhou de volta para ela.

— Não. Não o Henry. Ele era mais brilhante que o Henry. Eu observava meu pai trabalhar de longe, bem, bem longe. — Sua voz se dissipou. Jessica esperou que ela prosseguisse, quase esquecendo que estava tentando fugir. — Vejo tudo com clareza agora — avançou o animatrônico. — Mas nas minhas memórias... as coisas eram muito mais simples, o que faz de tudo isso muito mais doloroso. Agora eu sei que as pessoas todas perecem, são seres frágeis, inconsequentes. Mas quando se é uma criança, seus pais são tudo: são o seu mundo, e você não conhece nada além disso. Quando se é só uma garotinha, seu pai é o seu mundo. Quão trágica e miserável é esta existência.

Jessica sentiu uma onda de tontura e ergueu o olhar, notando que o animatrônico agora voltara a parecer um palhaço, mas a imagem logo se foi. De repente, era Charlie em meio à luz, mas a interferência momentânea na ilusão fora o suficiente para lembrar à Jessica de onde ela estava... e que tinha que fugir. A garota animatrônica estava ao lado da única janela da sala. Havia uma porta mais adiante — estava mais perto dela que o animatrônico, mas não podia esperar que conseguiria correr mais rápido que ela. *O que mais posso tentar?* Hesitante, Jessica começou a mexer os pulsos de um lado para o outro, na tentativa de afrouxar a corda que a amarrava. A garota a observou, mas nada fez para detê-la, então Jessica continuou.

— Essa é a falha, o maior pecado da humanidade — disse a garota. — Vocês nascem com zero de inteligência, mas com todo o âmago. São completamente capazes de sentir dor, tormento, mas não conseguem compreendê-los. Isso os deixa abertos a abuso, negligência, a um sofrimento inimaginável. E tudo o que podem fazer é *sentir.* — Ela examinou as mãos novamente. — Tudo o que podem fazer é sentir, mas jamais compreender. Que poder mais inútil, esse que vocês recebem.

As cordas pareciam ficar apenas mais apertadas à medida que Jessica as puxava, e Jessica sentiu lágrimas de frustração se formando em seus olhos. *Então é por isso que ela não liga se estou tentando fugir,* pensou, amargurada. *Se ao menos eu pudesse ver os nós...*

Ela parou de se mexer e respirou fundo, depois fechou os olhos. *Encontre o nó. Ignore o robô.* Jessica começou a mexer a mão direita, procurando dolorosamente pela ponta do nó junto a seus pulsos. Por fim, ele encontrou a ponta da corda e a agarrou: a corda ficou mais apertada, mas foi encaixando os dedos aos poucos, até alcançar a base do nó, e então começou a empurrar a ponta da corda cuidadosamente pela abertura.

— Eu queria tão desesperadamente ser a atração naquele palco, mas era sempre ela. Todo o amor que ele tinha era direcionado para ela.

— Está falando do Afton. — Jessica parou, e Charlie assentiu com a cabeça. — William Afton nunca fez nada com amor — ralhou Jessica.

— Eu devia parti-la ao meio.

A aparência de Charlie tremeluziu, o corpo e o rosto do animatrônico parecendo se partir, apenas para se reconstruir novamente no instante seguinte. Por um momento, sua expressão vacilou, uma certa vulnerabilidade se formando em seu rosto, mas ela rapidamente se recompôs.

— Ela era sua obsessão. — O animatrônico entrelaçou o cabelo ao redor dos dedos. — Ele trabalhava nela dia e noite, a criança palhaça com marias-chiquinhas laranjas e radiantes. Pequena o bastante para ser doce e abordável, mas grande o bastante para te engolir de uma só vez. — Deu uma risada.

Jessica puxou a corda uma última vez: tinha conseguido desfazer o primeiro nó. Respirando pesadamente por conta do esforço, Jessica abriu os olhos: o animatrônico não tinha se afastado da janela — ainda parecia estar observando-a com um interesse profundo, entretida. Jessica trincou os dentes e fechou os olhos, e começou a mexer o próximo nó.

— Eu queria ser ela — sussurrou a garota. — O foco da atenção dele, o centro do seu mundo.

— Você está delirando. — Jessica abafou uma risada enquanto brigava com a corda, tentando mantê-la distraída. — Você é um robô, não é filha dele.

O animatrônico pegou uma cadeira que estava recostada na parede e se sentou com uma expressão aflita.

— Uma noite, eu saí da cama às escondidas e fui vê-la. Já me haviam dito centenas de vezes para não fazer aquilo. Eu puxei o pano que a cobria. E lá estava ela, reluzente, bonita, assomando-se diante de mim. Tinha bochechas enrubescidas e exultantes e um adorável vestido vermelho.

Jessica parou o que estava fazendo, confusa. *De quem ela está falando?*

— É intrigante, porque também me lembro de olhar para baixo, para a garotinha. É estranho ver por ambos os conjuntos de olhos agora. Mas como eu disse, um deles não passa de um arquivo de dados, uma gravação da minha primeira captura, a primeira vez que eu matei. — Os olhos do animatrônico pareciam arder em meio à escuridão. — A garotinha se aproximou de mim e puxou o pano que me cobria. Eu não senti nada, não passa de um registro do que aconteceu. Mas *há* sentimentos, o que senti quando puxei o pano e fiquei ali parada, absolutamente deslumbrada diante da criatura que meu pai tanto amava, aquela filha que ele criara para si. A filha que era melhor do que eu, a filha que ele queria que eu tivesse sido. Eu queria tanto ser ela. — A aparência de Charlie tremeluziu, dando lugar à palhaça pintada e Jessica suspirou em meio à onda de náusea e tontura que voltou a acometê-la. — Então fiz o que fui construída para fazer — disse a garota e, finalmente, parou de falar. A sala ficou em silêncio.

Quando o último nó se soltou e a corda caiu no chão, os olhos de Jessica se arregalaram em surpresa. Ela se inclinou para frente, levando rapidamente os braços dormentes e formigando até os calcanhares — estavam um pouco mais soltos, as cordas amarradas sem tanto cuidado, e ela logo pisou com tudo no chão, sentindo o estômago revirar. *Hora de correr.*

Jessica correu até a porta, impulsionando os joelhos trêmulos e calcanhares machucados com pura força de vontade. Não ouviu nada atrás de si. *Ela vai estar logo atrás de mim!* Pensou em meio ao desespero pulsante, quando enfim alcançou a porta e girou a maçaneta. Ela a abriu com tudo, tomada por um alívio transbordante — mas então gritou.

Perto o suficiente para que pudesse tocá-la, havia um rosto manchado, inchado e deformado. A pele parecia fina demais e os olhos ensanguentados a fitavam, furiosos, estremecendo como se estivessem a ponto de explodir. Jessica deu um pulo, tropeçando e caindo de volta na sala. Seus olhos se voltaram para o pescoço dele, onde dois pedaços de metal enferrujado se projetavam de sua pele. Ele fedia a mofo: a roupa felpuda que vestia estava completamente coberta de mofo, o que deixava o tecido ligeiramente esverdeado, embora Jessica soubesse enquanto o analisava por inteiro que costumava ser amarelo.

— Springtrap — ofegou, a voz hesitante, e os lábios do sujeito se retorceram para formar o que devia ser um sorriso.

Jessica imediatamente correu até a cadeira a qual estivera amarrada, pondo-a entre eles como se isso pudesse ajudar de alguma forma, a que Springtrap respondeu uma terrível gargalhada. Jessica sentiu o corpo inteiro retesar e agarrou as costas da cadeira de madeira, pronta para se

defender, mas Springtrap apenas continuou rindo, sem sair de onde estava parado. As gargalhadas continuaram sem cessar, o som aumentando até alcançar um tom impossível, até que ele parou abruptamente, os olhos se voltando para Jessica. Ele se aproximou e então, inexplicavelmente, começou a saltitar em uma dança grotesca, enquanto cantava com uma voz fina e vacilante:

— Ah, Jessica foi capturada. Ah, Jessica, tão determinada. Mas agora vai morrer! Não há o que fazer!

Jessica olhou para a garota animatrônica no canto, que desviou o olhar, como se estivesse enojada. Springtrap começou a dançar mais de perto, rodeando Jessica enquanto repetia o verso, e ela ergueu a cadeira entre eles, procurando por uma chance de atacar. Jessica tropeçou nos próprios pés enquanto tentava sair de sua frente. *Isso é loucura, até para ele.* Ele se aproximou ainda mais, dançando bem de perto, as palavras que cantava se degenerando até virarem sílabas desconexas, interrompidas por uma risada maníaca. Jessica segurou a cadeira com toda a firmeza, pronta para se lançar contra ele. Mas de repente, Springtrap congelou onde estava.

Os braços de Jessica vacilaram e ela abaixou a cadeira em meio a um baque. Springtrap não se mexeu — até mesmo seu rosto permanecia completamente imóvel. *Como se alguém o tivesse desligado.* Ela mal tinha terminado o pensamento quando o corpo diante de si subitamente perdeu a força e caiu no chão em meio a um grande barulho. Ele tremeluziu, e então a imagem de Springtrap se foi, dando lugar a uma espécie de marionete articulada sem rosto. Jessica se virou para olhar para a garota animatrônica: ela continuava observando, sem esboçar qualquer reação.

— Chega de teatrinho — disse uma voz masculina áspera junto à porta aberta. — Jessica, não é? — sibilou a voz.

Ela estreitou os olhos, incapaz de distinguir qualquer coisa em meio à luz opaca.

— Eu conheço essa voz — disse, devagar.

Um ruído alto começou a vir da direção da porta, e logo Jessica viu algo adentrar a sala, algum tipo de cadeira de rodas automática. Ele trajava o que parecia um pijama de seda, além de um robe negro do mesmo tecido, cobrindo-o do queixo aos pés, nos quais usava um chinelo de couro preto. Atrás dele, três bolsas de soro fisiológico estavam penduradas em um suporte móvel, os tubos estendidos por debaixo da camisa de seu pijama. Sua cabeça estava raspada, coberta de cicatrizes protuberantes rosadas. Onde não havia cicatrizes, havia estranhas paletas de plástico, mofo e metal pressionadas contra sua cabeça, como se fundidas a ela.

Ele virou um pouco a cabeça e Jessica viu que, enquanto um olho era perfeitamente normal, o outro simplesmente não estava lá: o buraco vazio estava completamente negro, trespassado por uma fina haste de metal que brilhava em meio à luz. Ele era penosamente magro, os ossos de seu rosto visíveis, e enquanto abria para Jessica um sorriso pequeno e retorcido, ela viu os tendões se mexendo feito cobras sob a superfície de sua pele. Ela teve que lutar para que não vomitasse.

— Você sabe quem eu sou? — perguntou ele.

Você é o William Afton, pensou Jessica, mas então balançou a cabeça, e ele suspirou em meio a um som ruidoso.

— Venha cá — disse ele.

— Vou ficar onde estou — disse Jessica, com firmeza.

— Como preferir.

Ele se ajeitou com cuidado, a cadeira de rodas emitindo um pequeno zumbido enquanto avançava devagar. A garota animatrônica fez menção de ir até ele, diante do que ele respondeu com um gesto para interrompê-la, o que o fez perder o equilíbrio e, por um momento, pareceu a ponto de tombar para o lado, mas se segurou nos braços da cadeira com uma expressão cheia de dor e se ajeitou novamente.

— Então, qual foi a da rotina de dança? — perguntou Jessica, a voz alta, e ele a fitou como se surpreso por ela ainda estar ali. Ele então levou as mãos ao nó que fechava seu robe, os dedos lutando desajeitadamente para desfazê-lo.

— Pensei que talvez você fosse gostar de me ver como eu era. Um rosto familiar — disse ele, abrindo um sorriso. Ergueu um pequeno disco em sua mão e apertou um botão nele. A marionete caída no chão subitamente ficou com a mesma aparência que tinha um momento antes, com a cópia ensanguentada de William Afton enfiada no traje de coelho.

— O tempo muda tudo — prosseguiu, desligando o disco outra vez. — Assim como a dor. Quando eu me chamava de Springtrap, eu estava extasiado com o poder, delirante com minha força recém-descoberta. Mas a dor muda tudo, assim como o tempo. — Ele abriu o robe, revelando o peito e o abdômen.

Bem no meio do peito, havia uma massa de carne retorcida, trespassada por impecáveis linhas diagonais negras: fios de sutura. Junto à ferida, havia marcas provenientes do traje com travas de mola, algumas cicatrizadas de anos atrás, e outras que mal haviam se curado, a pele ainda lustrosa e vermelha. Ele levou a mão aos pontos, tomando o cuidado de não tocá-los.

— Foi a sua amiga que me infligiu esta nova ferida — disse, a voz suave, e então curvou a cabeça um pouco mais para frente, chamando a atenção de Jessica para seu pescoço.

Ela se aproximou um passo, sem nem perceber que o estava fazendo, e então arfou. A pele tinha sido arrancada, pensou a princípio, as vísceras de seu pescoço completamente expostas. *Mas o sangue... ele estaria morto.* Jessica respirou fundo, bem devagar, sentindo-se atordoada enquanto tentava assimilar o que tinha visto. A ferida tinha sido coberta com alguma outra coisa, plástico, talvez: podia ver o ponto onde a pele ao redor se fundira ao que quer que fosse aquilo, cicatrizando-se em um tom de vermelho feio e doentio. Através do material claro, seja lá o que fosse, conseguia ver sua garganta — não sabia tanto sobre anatomia para que pudesse nomear todas as partes, mas eram vermelhas e azuis, blocos de músculos e fios de veias e tendões.

Cravadas em meio a tudo aquilo, havia coisas que jamais deveriam existir dentro de um corpo humano — pequenos pedaços de metal, fundidos a seus tecidos internos. Eram muitos para contar. Conforme o homem se mexia, eles brilhavam em meio à luz. Jessica arfou e ele chiou, claramente com dificuldade para respirar com o pescoço virado daquele jeito. Algo chamou a atenção de Jessica quando ele se mexeu, e ela se aproximou um pouco mais: estava quase tocando nele agora, e o cheiro era terrível, um aroma nocivo de desinfetante. Espiou pelo revestimento transparente e então viu: uma mola, sua espiral firmemente enrolada ao redor do que pareciam três veias, as pontas afiadas profundamente fincadas no tecido muscular vermelho.

Jessica recuou um passo, quase tropeçando no manequim caído que assumira a forma de Springtrap. Deu um chute no emaranhado de membros, recobrando o equilíbrio, e olhou novamente para o rosto mutilado do sujeito.

— Sim, eu te conheço. Você não costumava ser um guardinha de shopping? — disse ela. Ele cerrou os punhos, seus olhos escurecendo de fúria.

— Poupe-me. O guarda Dave era um personagem, inventado em cima da hora para que eu pudesse enganá-los, você e seus amigos. Era insultante. Não é preciso ser um grande ator para fingir ser um guarda noturno idiota e circular discretamente, sem ser notado. Mas já não sou discreto assim há um bom tempo. De pouco importa agora, na verdade, já que isso é tudo o que resta de mim. — Sua voz soava gorgolejante e desesperada.

— Venha se sentar comigo, Jessica. — A garota animatrônica empurrou o suporte de soro com uma mão, ajudando-o a chegar a um canto onde mais equipamentos médicos e uma cadeira reclinável esperavam. Jessica olhou para a porta, tentando se impelir a correr, quando o silêncio foi quebrado pelo que parecia o grito distante de uma criança.

— O que foi isso? — disse Jessica. — Parecia uma criança.

O homem a ignorou e se acomodou na cadeira estofada. A garota animatrônica começou a mexer no maquinário em volta, ligando eletrodos ao couro cabeludo desnudo e checando as bolsas de soro. Um monitor começou a apitar em intervalos levemente irregulares, e ele balançou a mão.

— Desligue isso. Não suporto esse barulho. Jessica, aproxime-se.

Fique viva. Entra na dele, pensou Jessica consigo mesma enquanto pegava cautelosamente a cadeira na qual estava amarrada e a levava até o homem, onde por fim se sentou. Jessica levou os olhos à garota animatrônica enquanto a mesma cruzava a sala, agarrava uma alça e puxava uma grande mesa de dentro de uma parede, como se fossem examinar um corpo num necrotério. Jessica levou a mão à boca quando uma fumaça cheirando a óleo e carne queimada começou a envolvê-la. Havia algo deitado na mesa, coberto por uma lona de plástico.

Jessica se ergueu novamente num pulo e recuou um passo.

— O que é isso? Quem você matou agora? — indagou.

— Ninguém novo — disparou William, quase como se estivesse tentando rir.

O plástico se enrugou — alguma coisa estava se mexendo lá dentro.

— O que você fez? — ofegou Jessica.

A garota animatrônica tirou uma bola de algodão de uma bolsa próxima, molhando-a com o conteúdo uma garrafa em sua mão, e então a esfregou por toda a extensão dos dedos de metal de uma das mãos, antes de jogá-la numa lata de lixo junto aos pés. Pegou outro pedaço de algodão e repetiu o processo, continuando pela superfície das mãos e dos antebraços, até chegar aos cotovelos. *Ela está se esterilizando.* Jessica se voltou para o homem na cadeira, ainda com a garota na visão periférica. Atrás dele, a garota animatrônica estava agora esterilizando um bisturi, tão cuidadosa quanto fora com as próprias mãos.

— E eu aqui pensando que você tinha conseguido driblar a morte — disse Jessica, quase sentindo pena dele.

— Ah, acredite, eu consegui. Você viu somente uma fração do que foi feito comigo, os estilhaços que mesmo dezenas de cirurgias... e eu fiz dezenas delas... não foram capazes de remover. — Ele ergueu a manga da camisa do pijama devagar, revelando duas hastes de metal cravadas em seu braço, ambas pontilhadas com pedaços esfarrapados de borracha cinza. — Partes daquela fantasia se tornaram parte de mim.

A garota animatrônica pegou o que parecia um par de tesouras de um armário e começou a limpá-las, esfregando de leve todas as superfícies.

— Mas o sangue falso. — Jessica fechou os olhos, balançando a cabeça. *A Charlie disse que o Clay tinha encontrado sangue falso na Freddy's.* — Tinha sangue falso. Você forjou a sua morte.

Afton tossiu, arregalando os olhos.

— Garanto a você, não forjei nada. Se seu amigo da polícia encontrou sangue falso... — Ele tomou fôlego, tentando estabilizar a respiração. — Então não era meu. Eu sangro, assim como todo mundo. — Terminou de falar e abriu um sorriso, dando a Jessica um momento para pensar antes de prosseguir. — Eu lhe dei um monstro. — Afton fez um gesto em direção à marionete que antes assumira a forma de Springtrap. — Mas posso lhe assegurar, sou muito, lastimosamente, humano.

Ele fez outra pausa, uma onda de raiva lhe tomando o rosto.

— Meu couro cabeludo foi arrancado da minha cabeça quando escapei daquela fantasia, exceto por essa parte aqui. — Ele tocou um pequeno trecho onde ainda crescia cabelo. — Pedaços de metal estão entrelaçados por toda parte do meu corpo que não tenha sido substituída por tecido artificial. Todo movimento me causa uma dor inimaginável. E não se mexer é ainda pior.

— Não vou sentir pena de você — disse Jessica, de súbito, mais valente do que se sentia. Afton respirou fundo por um instante, olhando de volta para ela com uma expressão vazia.

— Acha mesmo que a sua compaixão fará alguma diferença quanto ao que vou fazer com você? — perguntou, a voz assumindo um tom bastante estável. Ele inclinou a cabeça, recostando-se na cadeira como se precisasse de um momento para saborear as palavras que dissera, mas então seu rosto perdeu o brilho engenhoso. — Só estou te contando tudo isso para que você possa me ajudar com o que vem a seguir — disse, exausto. Jessica se levantou.

— Você quer que eu me impressione com o quanto você sobreviveu e com toda a dor que está sentindo.

Ela se aproximou da cadeira de William e cruzou os braços, fitando-o de cima. Olhou para garota animatrônica, que parecia a postos para intervir, um bisturi parcialmente esfregado nas mãos, mas Afton fez um gesto bastante sutil em sua direção, parecendo divertir-se com a situação. Jessica se inclinou mais para perto.

— William Afton — disse. — Não há nada nesse mundo com o que eu me importaria menos que a sua dor.

Outro grito de criança veio de um lugar próximo e Jessica imediatamente ajeitou a postura.

— Era *mesmo* uma criança — disse Jessica, uma descarga de adrenalina tomando seu corpo. De repente, sentiu-se forte, como se tivesse algum controle da situação. — É você que tem sequestrado aquelas crianças, não é? — indagou, e Afton abriu um sorriso fraco.

— Receio que esses dias tenham se acabado para mim. — Deu uma risada e olhou com uma expressão afetuosa para a garota animatrônica, que logo desviou o olhar para Jessica e abriu um sorriso delicado.

A garota ajeitou a postura e continuou a encará-la — Jessica recuou um passo. De uma vez só, o estômago da garota se abriu no meio e disparou uma gigantesca massa de cabos e espetos. Quando chegou a sua extensão total, a coisa começou a abrir e fechar em meio a um ruído férreo. Jessica gritou, pulando para trás. A coisa caiu no chão, e então lentamente voltou para o estômago da garota, que se fechou harmoniosamente. Ela sorriu para Jessica, passando o dedo de um lado para o outro sobre a linha agora invisível da abertura. Jessica desviou o olhar.

— Baby, basta — sussurrou Afton. Suas palavras chamaram a atenção de Jessica, o pânico subitamente substituído pela confusão. Ela olhou da garota para Afton, e então de volta para ela.

— Circus Baby — disse, lembrando-se da placa do lado de fora do restaurante. A garota animatrônica abriu um sorriso ainda maior, seu rosto ameaçando se dividir no meio. — Você não é tão fofa quanto na placa — disse Jessica, mordaz, e a garota parou de sorrir instantaneamente, virando o corpo em direção à Jessica como se estivesse mirando uma arma. Um zumbido agudo começou a aumentar à sua volta e Jessica recuou mais um passo. *É o chip dela,* pensou Jessica, protegendo-se com os braços, como se pudesse ser atingida por alguma coisa a qualquer momento. A garota animatrônica ergueu os braços como se para lhe dar as boas-vindas.

Agulhas finas e afiadas que mais pareciam os espetos de um porco-espinho começaram a crescer de sua pele de metal, cada uma delas com uma saliência vermelha na ponta, feito a cabeça de um alfinete, afastadas alguns centímetros umas das outras, e saindo de seu rosto, corpo, braços e pernas. Iam crescendo devagar, alinhando-se perfeitamente umas com as outras para criar um falso contorno ao redor de seu corpo. A garota olhou para Jessica, cheia de expectativa.

— Aguarde um instante — disse a garota. — Deixe seus olhos se ajustarem.

O zumbido foi ficando cada vez mais alto e agudo, chegando a um ponto que era doloroso de ouvir. Jessica cobriu os ouvidos, mas de nada adiantou — não conseguia abafar o som. De repente, uma nova imagem surgiu diante de si: no lugar onde a animatrônica esguia e de aspecto suave estava, havia agora uma gigantesca criança de aparência cartunesca, os olhos verdes grandes demais para o rosto, o nariz e as bochechas pintados com um rosa berrante — era a imagem perfeita da garota na placa de néon.

Antes que Jessica pudesse reagir, a imagem mais infantil se desfez, as extensões pontiagudas voltando a surgir no corpo da garota em meio a um ruído metálico. O zumbido parou. A garota animatrônica tinha voltado à sua aparência original. William Afton observou toda a cena com um olhar orgulhoso.

Jessica se voltou novamente para a garota bela e reluzente ao lado do homem.

— Como você a criou? — perguntou Jessica, os olhos cheios de uma profunda curiosidade por um momento, até que acordou novamente para o perigo imediato que a cercava.

— Ah. Uma mulher com a mente de um cientista. Não consegue deixar de admirar o que eu fiz. — Ele se escorou em um dos braços da cadeira, erguendo-se para sentar direito. — Entretanto... — Fitou a garota lustrosa por um momento, mas então desviou o olhar. — Não posso assumir todo o crédito por isso, infelizmente. — Reclinou a cabeça novamente, em meio a um suspiro. — Às vezes, grandes coisas vêm com um grande custo.

Jessica esperou que ele prosseguisse, confusa, e então olhou para a garota animatrônica, lembrando-se de tudo o que ela dissera minutos antes.

— Sou um homem brilhante, não se engane. Mas o que vê diante de si é a combinação de todo tipo de maquinação e mágica. Minha única proeza foi ter construído algo capaz de andar. — Ele ergueu a mão para dar um tapinha na perna da animatrônica parada a seu lado. Ela não reagiu. — E não foi um feito pequeno. Embora não seja algo tão fluido quanto pode imaginar. Muito do que está vendo está apenas na sua cabeça. — Deu uma risada engasgada, mas então parou, tossindo dolorosamente antes de prosseguir. — Foi ideia do Henry não tentar reinventar a roda. Por que tentar criar a ilusão da vida, quando sua mente pode fazer isso por nós?

— Mas ela é mais que uma ilusão — disse Jessica, firme e direta.

— É verdade — respondeu Afton, pensativo. — É verdade. Mas é por isso que estamos aqui... para desvendar o segredo do último ingrediente, o que você pode chamar de centelha da vida.

— É por isso que eu também estou aqui? — Jessica trincou o maxilar.

— Creio que você tenha vindo aqui por vontade própria, não foi? — disse Afton, a voz calma e suave.

— Eu não me amarrei naquela cadeira.

— Mas eu certamente não a pus no porta-malas daquele carro — respondeu ele. — É claro, nós preferiríamos a sua amiga, Charlie — prosseguiu. — Mas podemos encontrar uma utilidade para você.

Ele fechou os olhos por um longo momento, mas então os abriu novamente, fitando Jessica nos olhos.

— Eu enfrentei minha própria mortalidade, Jessica. Eu sabia que estava morrendo e, em cada pequeno fragmento quebrado do meu corpo, eu senti medo. Um medo profundo, imensurável. Senti mais medo do que meu medo de viver a vida desse jeito, ainda que cada instante acordado seja de dor e o sono só seja possível quando induzido por medicação suficiente para matar a maioria das pessoas.

— Todos têm medo de morrer — disse Jessica. — E você devia ter mais medo que qualquer um, porque se existe um inferno, tem um buraco lá no fundo reservado pra você.

Afton assentiu num momento de honesta conformação.

— Quando a hora chegar, tenho certeza que é para lá que eu vou. Mas o diabo já bateu na minha porta uma vez antes e eu o mandei de volta. — Ele sorriu.

— E o que você pretende? Quer viver para sempre?

William Afton abriu um sorriso entristecido, erguendo a mão para a garota animatrônica. Ela foi até ele e lhe tocou o ombro com a mão, como se para protegê-lo.

— Certamente não desse jeito — disse ele. Jessica olhou para a garota robótica e então de volta para o homem diante dela, seu corpo já repleto de peças mecânicas.

— E aí você vai se transformar num robô? — Ela deu uma risada nervosa, mas parou diante da expressão solene em seu rosto. — Não sabia que você se imaginava um cientista louco.

— Não, isso é ficção científica — disse ele, a voz sem humor.

A lona de plástico voltou se mexer, começando a cair da mesa, mas então parou, antes de revelar o que havia embaixo.

— Todo mundo morre — Jessica piscou. A adrenalina estava se esvaindo de seu corpo e ela começava a se sentir exausta. Afton ergueu o braço devagar e tocou a bochecha da garota mecânica, voltando então sua atenção para Jessica.

— Algumas vezes, os mais terríveis acidentes dão os mais belos frutos — disse, como que para si mesmo. — Recriar o acidente... esse é o dever e a honra da ciência. Replicar o experimento e obter o mesmo resultado. Eu dei minha vida em nome desse experimento, pedaço por pedaço. — Ele assentiu para a garota e ela se aproximou de Jessica a passos largos. Jessica se afastou, tomada novamente pelo medo.

— O que você vai fazer comigo? — Conseguia ouvir a urgência em sua própria voz.

— Por favor, basta. Como uma mulher da ciência, tente pelo menos apreciar o que eu fiz — disse Afton.

— Eu estudo arqueologia — disse ela, tentando manter o tom neutro. Ele não respondeu. A garota se aproximou mais um passo, encarando-a com um olhar ilegível.

A lona de plástico finalmente caiu da mesa, e Jessica quase deu um pulo, fitando o que havia embaixo, mas num instante, o horror se tornou confusão. Não havia um corpo, nem humano e nem mecânico. Em vez disso, havia um amontoado de sucata derretida, cujas extensões podiam ser interpretadas como braços e pernas, mas sem qualquer mecanismo de movimento definido. Não havia juntas, músculos, pele ou qualquer cobertura, apenas uma massa de cabos e fios emaranhados, derretidos e fundidos uns com os outros. Boa parte da coisa parecia fundida também com a mesa, queimada e escurecida nas pontas onde encostava nela, derretida e aparentemente inseparável.

— Eu não compreendo. — Jessica estava boquiaberta e se sentou novamente sem pensar.

— Boa garota. — Afton abriu um pequeno sorriso. Jessica trincou o maxilar.

A garota animatrônica voltou à mesa e pegou as bolas de algodão e o álcool isopropílico. Começou novamente com seus dedos, esfregando metodicamente cada um deles.

— Logo com isso — disse Afton, impaciente. A garota não acelerou o passo.

— Eu te toquei. Tenho que começar novamente — disse ela.

— Besteira, faça de uma vez. Eu sobrevivi a coisas piores.

— O risco de infecção... — disse ela, a voz tranquila.

— Elizabeth! — disparou. — Faça o que mandei.

A garota animatrônica parou de se mexer, parecendo assustada, e, por um momento, quase pareceu tremer. Jessica segurou a respiração, imaginando se algum deles sabia, ou se importava, que ela tinha presenciado a cena.

A garota imediatamente recobrou a compostura, seus olhos relaxando, então abriu a gaveta e pegou um par de luvas de borracha, pondo-as tranquilamente em suas mãos de metal. Ele se escorou com as costas na cadeira e a garota se aproximou, inclinando-se para apertar um botão na lateral da mesma. A cadeira emitiu um assobio pneumático e então se reclinou de forma a ficar como uma cama, e a garota pôs o pé em uma alavanca na base da mesma. Deu uma pisada forte, e a cadeira se ergueu num pulo. Afton grunhiu de dor e Jessica se encolheu por puro reflexo. A garota pressionou a alavanca de novo, erguendo a cadeira alguns centímetros a mais, até que parou e ligou novamente o monitor. Ele logo começou a apitar outra vez, os intervalos levemente irregulares, e ela terminou de erguer a cadeira depressa, sacudindo o corpo fragilizado de Afton no processo. A garota lançava os olhos do monitor para Afton, então de volta para o monitor, atenta a seus sinais vitais.

Quando a cadeira chegou à altura de sua cintura, ela recuou um passo, satisfeita. Afton suspirou ruidosamente, e depois ergueu a mão por um instante para apontar para Jessica.

— Aproxime-se — disse. Ela deu um pequeno passo em frente, e ele torceu os lábios para formar o que parecia um sorriso. — Quero que você veja o que acontecerá a seguir.

— E o que acontecerá a seguir? — perguntou Jessica, ouvindo a própria voz trêmula.

— Como as criaturas da Freddy's se mexiam por vontade própria, sem qualquer força externa as controlando? — perguntou ele, a voz suave. Inclinou a cabeça, esperando uma resposta.

— As crianças ainda estavam lá dentro. Suas almas estavam dentro daquelas criaturas — disse ela, as palavras frágeis. Na verdade, ela *se sentia* frágil, como se algo a tocasse agora, ela poderia facilmente desmoronar.

Afton gozou dela novamente:

— Ora, Jessica, vamos. O que mais?

Ela fechou os olhos. *Do que ele está falando?*

— O que mais estava dentro deles, ligando seus espíritos tão inseparavelmente ao urso, ao coelho, à raposa? Como eles *morreram,* Jessica?

Jessica arfou, cobrindo a boca com ambas as mãos, como se pudesse se impedir de saber caso não falasse nada.

— Como, Jessica? — indagou Afton, e ela abaixou as mãos, tentando nivelar a respiração.

— Você os matou — disse ela, ao que ele respondeu com um ruído impaciente. Ela o fitou nos olhos novamente, sem desviar o olhar do buraco vazio. — Eles morreram nas roupas — disse, rouca. — Seus corpos ficaram presos lá dentro, junto com as almas.

Ele assentiu.

— Ao que parece, o espírito segue a carne, assim como a dor. Se desejo me tornar minha própria criação imortal, meu corpo deve levar meu espírito a seu lar eterno. E como ainda estou... experimentando... Vou movendo minha carne de pedaço em pedaço.

Olhou atenciosamente para a criatura na mesa.

— Cada vez mais... — murmurou, quase que para si mesmo. — É um teste da minha própria força de vontade. Quanto de mim eu posso tirar fora, e ainda permanecer no controle?

— Tirar fora? — repetiu Jessica, a voz pouco mais que um sussurro, e ele voltou sua atenção novamente para ela.

— Sim. Até permitirei que você assista — disse ele, em meio a um sorriso.

— Não, obrigada — disse ela, encolhida, e ele deu uma risada abafada.

— Você assistirá — disse ele, gesticulando então para a garota animatrônica. — Fique de olho nela — disse Afton.

— Estou com muitos olhos voltados para ela. — A garota foi até um armário e pegou outra bolsa de soro. Antes de fechar a porta, Jessica vislumbrou outras bolsas como a que ela pegou e uma prateleira do que pareciam diversos pedaços de carne selados a vácuo. Seu estômago revirou e ela engoliu em seco.

Jessica começou a se revirar em seu assento — havia um chiado vindo de algum lugar, e um cheiro de óleo queimado começou a preencher a sala. A mesa onde a massa de metal repousava começou a emanar um brilho alaranjado no meio, ao que a massa na mesa parecia responder com breves movimentos, embora Jessica só conseguisse ver pelo canto do olho.

Jessica logo desviou a atenção de volta para Afton.

Ele parecia estar dormindo: seu peito se erguia e abaixava em respirações lentas, e os olhos estavam fechados, a pálpebra cobrindo frouxamente a barra de ferro no meio do olho que faltava, a pele fina pendurada sobre o buraco vazio. A garota assentiu, movendo a mesa.

Jessica engoliu em seco novamente, o cheiro podre aumentando a sua volta. Ela tinha parado de notá-lo, seu nariz passando a filtrá-lo, mas agora ele estava por toda parte, espessando o ar com o odor fétido. *Um palco de operações... então ele está coletando crianças em busca de órgãos, para transplantá-los em si mesmo?*

Jessica olhou ao redor da sala, calculando — os bisturis estavam longe demais para que pudesse pegá-los, e não iriam sequer arranhar a pintura da garota animatrônica. Se saísse correndo, estaria morta antes mesmo de chegar à porta. Jessica se forçou a observar.

A garota animatrônica foi até o lado de William Afton, cuidadosamente checando o monitor mais uma vez. Desabotoou a camisa de seu pijama e a abriu, revelando seu peito e a massa de cicatrizes que o cobria desde antes de ele adotar o nome “Dave”.

A garota puxou a bainha de suas calças alguns centímetros para baixo, de forma a deixar seu torso completamente exposto, e depois assentiu, tirando as luvas e substituindo-as por novas. Pegou então um dos bisturis. Jessica desviou o olhar.

— Você deve assistir — disse a garota, sua voz tenebrosa, uma voz humana sem qualquer entonação humana. Jessica imediatamente ergueu a cabeça, os olhos da animatrônica voltados para ela. — Ele quer que você assista — repetiu, uma camada de doçura novamente encobrindo sua voz. Jessica engoliu em seco, assentindo, os olhos fixos na cena diante de si. — Acho que você não entendeu — disse a garota. — Vá lavar suas mãos.

Trêmula, Jessica se levantou e se dirigiu à pia, sentindo como se pudesse desmaiar a qualquer momento. Ela abriu a torneira e viu a água descer espiralando pelo ralo, o aço inoxidável brilhante reluzindo sob a forte luz.

— Lave suas mãos.

Jessica obedeceu, erguendo as mangas acima dos cotovelos e lavando as mãos até os antebraços, passando o sabão de novo e de novo, até fazer espuma, como vira médicos fazendo na TV. Enxaguou os braços e então se voltou para a garota animatrônica.

— O que eu vou fazer? — perguntou. A garota rasgou um pacote plástico, de onde tirou uma toalha. Entregou-a para Jessica.

— Você vai ajudar.

Jessica pegou a toalha e secou as mãos, pondo então luvas que pegou de uma caixa que a garota animatrônica levara a ela.

— Você sabe que essa coisa não está esterilizada, né? — murmurou, olhando para a massa sobre a mesa. — Espera. — Jessica ofegou e deu um passo na direção da mesa. Daquele ângulo, conseguia ver mais daquela coisa. Embora fosse um caos derretido, ela conseguiu reconhecer alguns elementos da massa de sucata fundida na mesa. *Uma perna. Um dedo. Uma... órbita ocular.*

— Eu... eu reconheço essas peças — disse Jessica, mas não houve resposta. — Parecem... endoesqueletos, da Freddy’s, a Freddy’s original.

Jessica começou a calcular em sua cabeça, medindo consigo mesma o quanto aquela massa devia pesar e seu tamanho em relação ao tamanho dos outros endoesqueletos dos quais se lembrava. Antes que pudesse pensar mais a fundo sobre isso, a criatura em cima da mesa tentou erguer sua

perna, o joelho improvisado parcialmente dobrado. Não havia nenhum dispositivo mecânico que conseguisse distinguir: a coisa parecia estar se mexendo por vontade própria. Após um segundo, ela caiu de volta na mesa.

— Onde você os encontrou? — Jessica recuou um passo. — Onde os encontrou? O que você fez? Por que... derreteu todos eles juntos?

— Entregue-me o bisturi — disse a garota, pacientemente. Os instrumentos cirúrgicos estavam dispostos numa fileira bem alinhada numa mesa de rodinhas, sobre um pedaço de papel, junto a um conjunto de agulhas curvas com as linhas já passadas, e um pequeno maçarico de propileno. A criatura na mesa tentou erguer a perna outra vez, e Jessica subitamente entendeu como ela conseguia se mexer.

— Eles ainda estão lá dentro! — gritou Jessica. — As crianças... *Michael!* — A criatura se contorceu lastimosamente, como se respondendo à sua voz, e o coração de Jessica apertou. *Ainda estão lá, e estão sofrendo.*

— Acho que eu devia ter sequestrado a Marla, se queria uma enfermeira — disse a garota, irônica. — Já disse, ele quer que você assista. Olhe para cá. — Jessica obedeceu, sentindo a cabeça mais leve quando a garota pressionou o bisturi contra a pele de Afton. *Não desmaie.* Ela passou a lâmina pelo abdômen inferior com mãos firmes e experientes, fazendo uma incisão de quinze centímetros. Ela ergueu o bisturi, e Jessica o fitou por um momento antes de notar que deveria pegá-lo. — Ele quer que você assista. É o único motivo pelo qual você está viva. Se não for assistir, não há porque estar aqui. Compreende?

Jessica ajeitou a postura. *Respire. Não desmaie. Pense em alguma outra coisa, qualquer coisa. Sapatos. Botas pretas, salto alto. Daquelas que parecem botas de hipismo. Couro italiano.* Jessica pegou o bisturi e o pôs onde estava antes, e o sangue escorreu pelo papel, absorvido pelas fibras. Jessica respirou fundo outra vez.

A garota animatrônica estava com uma das mãos dentro da incisão, e agora a estava puxando de volta, fitando a ferida que tinha aberto.

— Bisturi — disse novamente, e Jessica pegou um novo e entregou para ela. — Assista — advertiu a garota, e Jessica assistiu enquanto levava o bisturi até a incisão e cortava algo lá dentro.

Jessica se encolheu toda. *Sapatos. Tamancos marrons. Salto plataforma, sete centímetros. Costura feita à mão.* A garota ergueu o bisturi, a mão ainda dentro do corpo de Afton.

— Pegue. Dê-me a pinça.

— Pinça? — perguntou ela, começando a entrar em pânico enquanto procurava em meio aos instrumentos.

— Parece uma tesoura, mas com dentes em vez de lâminas. Abra e entregue-a para mim, e seja rápida.

Sapatos. Sandálias gelatinosas, roxas, brilhantes. Jessica pegou a pinça e tentou abri-la, mas as pontas estavam presas, engatadas por um estranho fecho no topo.

— Rápido, você quer que ele morra?

Sim, eu quero! Jessica queria gritar, mas segurou a língua. Apertou o cabo com força, até que a ponta se soltou. Entregou-a para a garota, aliviada, e assistiu enquanto ela introduzia a ponta afiada na abertura e apertava o que quer que fosse o que estava segurando, ocluindo o fluxo sanguíneo. Tirou a mão da ferida devagar, desviando o olhar para Jessica.

— Você precisa ser mais rápida. Bisturi, e precisarei da pinça logo depois.

Jessica assentiu. *Sapatos. Um sapato de camurça verde, com salto baixo e uma pedrinha de brilhante no tornozelo.* Entregou o bisturi à garota, então abriu a pinça o mais rápido que pôde, e a estava segurando para ela quando a menina lhe devolveu a lâmina ensanguentada.

Assistiu, atordoada, enquanto a garota animatrônica fazia outro corte, seccionando algo que não conseguia enxergar, e usando o último par de pinças para ocluir a circulação.

A mesa atrás delas começou a chiar mais alto, e o brilho laranja ficou mais forte. Jessica deu um passo para o lado, a fim de se afastar do calor. O brilho se espalhou pela criatura na mesa, e algumas de suas partes pareciam se revirar de um lado para o outro.

— Erga as mãos — disse a garota.

Tênis plataforma. De brim. Horrorosos. Jessica ergueu as mãos para pegar a pinça, mas a garota deixou o instrumento onde estava. Em vez disso, pôs ambas as mãos no corpo aberto de Afton e tirou um objeto coberto de sangue. *O rim dele, é o rim dele. Coturnos de combate de couro preto. Coturnos de combate de couro preto. Os coturnos de combate de couro preto da Charlie.*

A garota animatrônica ergueu o rim no ar por um momento, e o sangue começou a escorrer por ele e pingar em seu rosto. *Os coturnos da Charlie. Charlie.* A garota se voltou para Jessica e ela se encolheu, recuando um passo.

— Erga as mãos — repetiu a garota com uma insistência gelada e Jessica obedeceu, lutando para não golfar quando o órgão ainda quente foi gentilmente colocado em suas mãos.

É carne — não é parte de uma pessoa. É só pensar nisso como carne. Tênis plataforma. Botas Stiletto. Sapatos mocassim. Assistiu estonteada enquanto a garota pegava uma agulha curva e começava a suturar William Afton, para deixá-lo inteiro outra vez, começando com suas entranhas e terminando com sua primeira incisão, alinhavando todo o lado esquerdo de seu corpo com várias linhas cruzadas. Quando enfim terminou, cortou o último fio com toda a facilidade e experiência.

— E agora? — perguntou Jessica, sua voz soando baixa em meio à pressão em seus ouvidos. *Tênis amarelos com uma faixa azul do lado. Aqueles escarpins marrons que a minha mãe me deu de presente. Ah, mãe...*

— A próxima parte é fácil — disse a garota, tirando as luvas e recolhendo o rim novamente em suas mãos, para então aproximar-se da mesa onde se encontrava a massa de metal derretido.

— O que você vai fazer? — Jessica estremeceu.

— Para quê você pensou que fosse tudo isso? — disse a garota, a voz suave. — É como ele lhe disse: de pedaço em pedaço.

Jessica desviou o olhar para a criatura na mesa, com o brilho laranja no cerne e gotejando um fluido de suas várias partes, as gotas aterrissando ruidosamente sobre a superfície quente.

— Isso é um transplante — disse ela.

Por um momento, a massa de peças derretidas pareceu quase humana, seus movimentos subitamente infantis enquanto se contorcia, e sua cabeça se virou para Jessica. Por um instante, Jessica pensou ter visto olhos fitando-a de volta.

De repente, o silêncio foi quebrado quando a garota animatrônica fechou o punho ao redor do rim e o enfiou no peito da criatura, pressionando com tanta força que o metal afundou sob sua mão, incorporando o rim bem lá no fundo, onde ele começou a chiar e gorgolejar. Mais fluidos foram vazando pelas laterais da criatura, queimando sobre a mesa enquanto a garota remexia a mão de um lado para o outro lá dentro.

Por fim, ela tirou a mão da cavidade que havia criado — estava praticamente carbonizada, e ela a deixou estendida ao lado do corpo, abrindo e fechando os dedos como se para ter certeza de que ainda funcionavam.

— Agora nós acabamos — disse. Passou pelo lado de Jessica e foi até o armário, de onde tirou uma grande agulha. Avançou resolutamente até o lado de William Afton, parando com o punho erguido sobre a cabeça, e então abaixou a agulha com tudo, mergulhando-a em seu peito.

Um segundo se passou, e então ele deu um enorme suspiro, acompanhado de um gemido. A garota tirou a agulha de seu peito e a colocou delicadamente na mesa ao lado dele. William Afton abriu os olhos, e seu único globo ocular se moveu de um lado para o outro, fitando Jessica e a garota animatrônica.

— Está feito? — perguntou.

Jessica gritou. A intensidade do berro a fez despertar de seu assombro e ela gritou outra vez, deixando que o som ofuscasse todo o resto. Podia sentir a garganta começando a se machucar, mas gritou outra vez, atendo-se ao rugido de sua própria voz — por um instante, sentiu como se, caso continuasse gritando, nada pior aconteceria.

O ar ao redor da garota estremeceu, e a visão de Jessica pareceu borrada diante dela: algo estava se mexendo. Num momento, sua visão se clareou, e Charlie estava parada bem na sua frente.

— Jessica, não se preocupe! Você pode confiar em mim — disse Charlie, a voz cheia de entusiasmo.

CAPÍTULO NOVE

Uma mão lhe acariciava os cabelos. O sol se punha no horizonte, sobre um campo de grãos. Um grupo de pássaros agitava-se sobre sua cabeça, seus pios ecoando por todo o terreno. "Estou tão feliz por estar aqui com você", disse uma voz cheia de doçura. Ela ergueu o olhar e se aninhou em seu peito — seu pai sorriu para ela, mas havia lágrimas em seus olhos. Não chore, papai, *quis dizer, mas quando tentou falar, as palavras não saíram.*

Ela ergueu a mão para tocar-lhe o rosto, mas sua mão atravessou o vazio: ele tinha sumido, e ela estava sozinha em meio ao gramado. No alto, os pássaros começaram a grasnar, e os sons mais pareciam vozes humanas tomadas por desespero. "Papai!", gritou Charlie, mas não houve resposta, apenas a lamúria dos pássaros enquanto o sol sumia além do horizonte.

Estava escuro, e ele não tinha voltado — todos os pássaros haviam partido, exceto por um, e este soava mais humano a cada berro. Charlie se levantou, as pernas bambas. Por algum artifício do tempo, não era mais uma criança, mas uma adolescente, e os campos a sua volta se tornaram entulhos — estava em meio a um lugar desmoronado, com uma única parede ainda de pé, logo em frente, com uma porta no meio. Os pássaros ficaram em silêncio, mas alguém chorando do outro lado da porta, chorando sozinho em um lugar pequeno e apertado.

Ela correu até lá, batendo com os punhos na superfície de metal. "Me deixa entrar", gritou. "Me deixa entrar! Eu tenho que entrar!"

Eu tenho que entrar! Charlie se sentou num pulo, ofegante, a respiração entrecortada e irregular, como se tivesse por pouco escapado de se afogar. *As portas — o armário.*

Arrancou a coberta de lã cinza e os outros cobertores de cima de si, enrolando-se neles no processo, até que finalmente conseguiu se descobrir. Estava tão quente que quase não conseguia suportar e a lã lhe estava fazendo coçar o queixo onde ficara encostada na pele. Sentia-se estranha, mais alerta: o mundo estava com um foco preciso e isso lhe parecia um pouco esquisito, como se tivesse passado os últimos dias nas sombras, num tipo de estado semiconsciente.

Tudo dói, tinha conseguido sussurrar para John, mas, de alguma forma, a dor antes parecia distante dela, como se houvesse um amortecedor entre seu corpo e sua mente. Agora, com a mente clara, o amortecedor se fora e todo o seu corpo doía, um desconforto chato e constante que parecia estar em todo lugar ao mesmo tempo. Ela se recostou na parede. Não tinha acordado completamente desnorteada por conta do sono — sabia exatamente onde estava. Estava no apartamento de John, atrás do sofá. E estava atrás do sofá porque...

— Alguém está se passando por mim — disse, incerta, e o som da própria voz na sala vazia a sobressaltou.

Ela ficou de joelhos, sem confiar muito em suas pernas, e então se apoiou nas costas do sofá, levantando-se com esforço. Ajeitou a postura e, no mesmo instante, sentiu-se tonta, sua cabeça dando voltas enquanto os joelhos ameaçavam ceder sob seu corpo. Charlie agarrou as costas do sofá com força, escolhendo um ponto na parede onde pudesse fixar os olhos, desejando que a sala parasse de girar.

Após um momento, parou, e Charlie se deu conta de que a parede para onde estava olhando era uma porta. *Portas.* O pensamento a deixou zonza outra vez, mas ela manteve a mão firme no sofá e deu a volta nele, sentando-se com todo o cuidado.

Olhou em volta — até então, tudo o que tinha visto do cômodo fora o canto atrás do sofá. As persianas estavam fechadas e podia ver que a porta da frente estava trancada. Charlie perdeu interesse no restante, seus olhos atraídos de volta à outra porta. Estava entreaberta, o cômodo do outro lado escuro, e Charlie estremeceu, os ecos de seus sonhos reverberando em sua cabeça. *Portas. Alguém estava do outro lado, atrás da porta, num lugar pequeno e escuro. Eu as estava desenhando. Portas — eu tinha que encontrar a porta. E então...*

Ela fechou os olhos, tentando se lembrar. Eles estavam correndo, desesperados para sair do prédio que rugia à sua volta, já caindo aos pedaços, quando ela viu a porta. *Quando me aproximei, era como se estivesse de ambos os lados — andando até ela e presa atrás dela. Separada de mim mesma. Quando a toquei, pude sentir a batida do meu coração, e então...*

Os olhos de Charlie se abriram de súbito.

— O John me puxou — disse, a memória se solidificando se deixava adentrá-la. — Eu não queria ir embora, porque... — De repente, ela ouviu: o chiado e as fissuras surgindo na parede. — ...porque a porta tinha começado a se abrir.

Charlie se levantou, os olhos vidrados na porta em meio à sala de John. Aproximou-se como se atraída por aquela mesma força instintiva, seu coração acelerando.

— É só o quarto, não é? — murmurou consigo mesma, mas continuou avançando em sua direção, os passos lentos e constantes.

Parou de frente para a porta, hesitante, e ergueu a mão em sua direção, vagamente surpresa quando os dedos tocaram madeira de verdade. Ela a empurrou delicadamente, e a porta se abriu com facilidade, revelando uma garota idêntica a Charlie. *Um espelho.* Ela continuava igual. Seu rosto estava pálido e cansado, mas ainda era seu rosto, e ela sorriu instintivamente.

Em meio à névoa dos últimos... dias? Semanas? Ela estivera completamente desorientada, sua consciência indo e voltando, a dor encontrando-a mesmo em seus sonhos. Charlie não se sentia como se mesmo, mas lá estava ela. Aproximou-se para tocar a mão da garota do espelho.

— Você... Você é... — disse, a voz baixa.

Foi quando o inconfundível som de uma porta sendo destrancada veio de trás dela e Charlie se virou, subitamente em pânico, perdendo o equilíbrio e apoiando-se na cômoda de John. A porta da frente se abriu e ela se encolheu, ajoelhando-se ao lado da cômoda para usá-la como escudo. Um vozerio irrompeu em meio ao apartamento, diversas vozes falando, todas ao mesmo tempo — muitas para distinguir as palavras, até que uma voz familiar disse:

— Charlie?

Charlie não se mexeu, esperando para ter certeza. Passos vieram em direção ao quarto, e então a voz chamou novamente:

— Charlie?

— Marla! — respondeu Charlie. — Estou aqui.

Ela começou a se levantar, mas suas pernas não pareciam aguentar seu peso.

— Não consigo... — disse, lágrimas de frustração tomando-lhe os olhos enquanto Marla corria em sua direção.

— Tá tudo bem — disse Marla, depressa. — Tá tudo bem, eu vou ajudar. É incrível que você tenha chegado tão longe! — Charlie olhou para ela com uma expressão vazia, e Marla riu. — Desculpa — disse. — É que... olhando pra mim desse jeito, você parece tão...

— Tão o quê?

— *Charlie.*

— Quem mais eu seria? — Charlie sorriu, ao que Marla lhe tomou o pulso com autoridade médica e começou a contar em silêncio. Ela olhou de Marla para Carlton, que logo se aproximou. John estava de pé junto à porta, mas sequer se mexera para se juntar aos demais, apenas permanecendo ali parado, sem olhar Charlie nos olhos.

— Não queria ficar aglomerado em cima de você — disse Carlton, sentando-se ao lado dela e cruzando a perna. — Charlie, eu... — Ele parou de falar, engolindo em seco, e desviou o olhar. — Eu estou muito feliz em vê-la — disse, o rosto voltado para o chão.

— Também estou feliz em vê-lo — disse Charlie. Olhou de volta para Marla, que assentiu com força.

— Seu pulso está um pouco lento — disse ela. — Quero checar novamente daqui alguns minutos. Quero que você beba um pouco de água. — Charlie assentiu.

— Tudo bem — disse, um pouco confusa.

— Vamos colocá-la na cama. — Marla disse à Carlton, que assentiu, e, antes que Charlie pudesse protestar, ele a ergueu nos braços. Charlie olhou em volta, procurando por John, mas ele tinha sumido.

Marla puxou as cobertas. Charlie sentiu o arrastar do sono, como se houvesse alguma coisa parada atrás dela, puxando-a com toda a delicadeza. Ela piscou depressa, tentando despertar enquanto Carlton a deitava na cama. Marla começou a colocar as cobertas por cima dela, e Charlie balançou as mãos, tentando em vão desvencilhar-se delas.

— Estou muito quente — disse, e Marla parou.

— Muito bem — disse ela. — Estarão aqui se precisar delas. — Charlie assentiu. O arrastar estava ficando mais forte: se fechasse os olhos, sentia que cairia de volta nas trevas. Marla e Carlton estavam conversando, mas estava ficando cada vez mais difícil de entender o que diziam.

De repente, um baque alto abalou o pequeno apartamento, e Charlie despertou num pulo, o coração palpitando. Quase que no mesmo instante, Marla pôs a mão em seu ombro.

— É só o John — disse.

— Acho que a minha frequência cardíaca aumentou — disse Charlie, tentando fazer piada, mas Marla se voltou para ela com um olhar avaliativo, e logo a agarrou pelo pulso, começando a contar novamente. — Marla, eu tô bem — disse Charlie, tentando afastá-la sem fazer muita força. Marla continuou segurando por mais alguns segundos antes de soltá-la.

Na sala, John tinha soltado algo no chão com toda a força. Carlton olhou para Charlie com uma expressão preocupada, e então a ajudou a deixar a cama, oferecendo-lhe um braço para se apoiar enquanto seguiam para a sala para se juntar a John. Por um momento, o objeto permaneceu oculto, mas então todos abriram caminho para que ela visse a boneca do tamanho de uma criança. Charlie se sentou no chão, um pouco mais afastada dos demais.

— Ella — murmurou. Um nó apertado e doloroso no fundo de seu peito começou a se afrouxar, e Charlie se sentiu sorrir. — John, como a encontrou? — perguntou. John se ajoelhou ao lado da boneca e a fitou com uma expressão severa, fazendo com que o sorriso de Charlie sumisse do rosto. — Qual o problema? — perguntou. Ele não a respondeu.

— Pessoal, fiquem olhando para a boneca — disse, por fim, e tirou algo do bolso. Passou o polegar pelo objeto, um movimento minúsculo, e o ar ao redor de Ella reverberou por um momento, distorcendo-a. Charlie esfregou os olhos e ouviu Marla arfar. Ella tinha sumido: parada em seu lugar, havia uma garotinha com cerca de três anos de idade, vestida com as roupas de Ella. O nó no peito de Charlie começou a se apertar novamente.

— O que é isso, John? — perguntou Marla, agitada.

John mexeu o polegar outra vez, e a garota saiu de foco, dando lugar novamente à boneca, os olhos vazios fitando serenamente a eternidade adiante.

Charlie desviou o olhar para cada um dos demais: Marla parecia assustada, mas Carlton estava fascinado. John, por algum motivo, parecia bravo. Charlie se ajeitou, inquieta. John voltou a manipular o objeto em sua mão, e a garota apareceu mais uma vez. Carlton abaixou-se para olhá-la de perto, e Marla inclinou-se para ver melhor, ainda mantendo distância.

John se levantou, deixando os dois olhando para Ella, e se ajoelhou ao lado de Charlie, fitando-a com a mesma expressão que tinha no rosto desde que pegara a boneca.

— O que é isso? — perguntou, a voz áspera, e Charlie então olhou para ele, sentindo-se profundamente magoada com aquilo. John desviou o olhar com uma expressão aflita, e sentiu o rosto enrubescer. Quando olhou de volta para Charlie, a raiva em seu rosto tinha sumido, embora o sentimento ainda estivesse lá. — Preciso saber o que é isso.

— Eu não sei — disse ela.

John assentiu e se sentou no chão ao lado dela, tomando o cuidado de deixar um bom espaço entre os dois. Abriu a mão: em sua palma, havia um pequeno disco liso. Charlie não se moveu para tocá-lo: havia algo estranho no comportamento de John, uma desconfiança que ela nunca vira antes.

— Você sabia?

— Não. — Charlie inclinou a cabeça, olhando para a garotinha imóvel.

— Mas é igual às criaturas do Afton, não é? — disse John. — Uma projeção padronizada, bombardeando a mente, sobrecarregando os sentidos...

— Mas esse é diferente — disse Charlie, interrompendo-o. Estremeceu, embora não tivesse frio, subitamente incapaz de se livrar da memória do urso distorcido, a cobertura metálica arrancada de seu rosto, a ilusão indo e vindo enquanto ele se aproximava. — Posso dar uma olhada? — disse, forçando-se a voltar ao tempo presente.

John estendeu o disco para ela, e Charlie o pegou com cuidado, observando-o com cautela. John parecia uma bomba prestes a explodir, e Charlie estava com medo de detoná-la. Ela ergueu o disco em meio à luz, virando-o de um lado para o outro, e então o devolveu para ele.

— E aí? — John arregalou os olhos.

— O que você quer que eu diga? — exclamou.

— Quer dizer, tem algo que você possa me falar sobre ele?

— Todos os outros tinham a inscrição: *Afton Robotics.* Esse não tem. Mas imagino que você já tivesse notado isso.

— Na verdade, não tinha não. — John olhou para ela, pensativo, e então de volta para o disco. Apertou o botão na lateral, e Marla deu um gritinho, surpresa. — Desculpa! Dá mesmo uma sensação estranha, se você não estiver esperando — disse, voltando-se novamente para Charlie com um sorriso no rosto.

Ela sorriu de volta e, quando ele a olhou nos olhos, seu sorriso vacilou, algo inquietante lhe tomando o rosto. Mas antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, a expressão em seu rosto já tinha se normalizado. Ele abriu um largo sorriso, piscando para ela, e então apertou o botão mais uma vez — Marla deu outro gritinho, e Carlton deu uma risada.

— Para de fazer isso! — exclamou Marla, a alguns metros de distância.

John a ignorou, inclinando-se mais para perto de Charlie, hesitante, como se pensasse que ela poderia fugir a qualquer momento. Ela se virou para olhar para ele, uma onda de nervosismo tomando conta de si. Ela abaixou a cabeça, deixando o cabelo lhe cobrir o rosto, e ele ergueu a mão até ela, tirando delicadamente uma mecha de cima de seus olhos. Ele abriu um pequeno sorriso, e apertou o botão mais uma vez, e então mais outra.

— Chega disso — disse Marla. — Isso tá ficando estranho demais para mim.

John não parecia ouvi-la. Estava olhando para Charlie com uma nova expressão inquieta.

— Qual o problema? — perguntou ela, a voz baixa.

— Não é nada — disse ele. Tocou seu cabelo novamente, tirando-o de cima do rosto e colocando-o atrás de sua orelha. — Ei — disse, então, abruptamente, sua voz com um tom completamente diferente. — Lembra daquele seu experimento do ano passado?

Ela assentiu com força, mas então parou, agora bem ciente de quanto tempo passara fora.

— Meus rostos. Mas nem devem mais existir, nada mais ainda deve existir. — Ela olhou para John com olhos ansiosos, mas ele sorriu.

— Tudo ainda existe — disse ele, e Charlie sentiu o coração bater mais forte. Era como se tivesse lhe dado um presente. — A Jessica empacotou as suas coisas, está tudo no apartamento dela.

— Ah — disse Charlie, desviando o olhar ao redor da sala. — E a Jessica? Cadê ela?

— Charlie — disse John, paciente, e ela tentou focar nele. Podia sentir que sua atenção estava se esvaindo, como se sua mente estivesse se apagando, flutuando em meio às nuvens. — Os rostos — prosseguiu John. — Tinha um aparelho que você usava no ouvido para que pudessem te reconhecer, não é?

Ela assentiu.

— Acha que conseguiria fazer com que ele funcionasse ao contrário?

Charlie pensou por um momento e então o fitou nos olhos novamente.

— Quer dizer, para fazer com que os animatrônicos *não possam* te ver? — Ela franziu o cenho, seu foco retornando conforme ela se concentrava no problema. — Esses aparelhos emitem uma frequência que alerta os animatrônicos sobre você, o que o torna visível. Se você invertesse essa frequência... — Ela fez mais uma pausa. — Não sei se funcionaria, John. É possível.

— Poderia nos tornar invisíveis para eles?

— *Talvez,* mas é um tiro no escuro.

— Como posso fazer isso? Inverter a frequência?

Charlie deu de ombros.

— É só trocar os cabos, e...

— Charlie, que parte do "fique na cama" você não entendeu? — perguntou Marla, com um ar bondoso, indo até eles.

John se levantou, a boca aberta, olhando para Marla como se ela tivesse interrompido a resposta de Charlie, mas ela não parecia que diria mais.

— Desculpa — disse ele, apressado.

— Tome cuidado — disse Charlie. Estava começando a se sentir zonza outra vez, e quando Marla se aproximou para ajudá-la a se deitar na cama, ela não protestou.

John parou junto à porta, observando Charlie deitada de lado, encolhida, acomodada na cama com os olhos fechados. Marla ergueu as sobrancelhas, e ele saiu, deixando a porta entreaberta. Na sala, Carlton estava ajoelhado ao lado de Ella, — agora de volta à sua forma de boneca — e olhava atentamente para sua orelha.

— Hã, Carlton? — disse John, dúbio, e Carlton se sentou sobre os calcanhares.

— É incrível — disse. — Ela parecia humana, tipo, de verdade, uma criança humana.

— Sim, acho que era a ideia. Podemos conversar lá fora? — perguntou John, abruptamente, e Carlton olhou para ele, surpreso.

— Claro — disse Carlton, a voz um pouco preocupada.

— Vamos. — John seguiu para a porta, e Carlton logo o seguiu. Uma vez lá fora, John olhou para Carlton por um momento, pensativo.

— Qual é a ideia? — perguntou Carlton, um pouco desconfiado.

— Deixa eu tentar organizar tudo na minha cabeça primeiro — disse John. — Ano passado, quando ela ainda estava na faculdade, a Charlie estava mexendo num experimento, algo sobre ensinar linguagem para robôs.

— Ah, sim! — Carlton assentiu com bastante entusiasmo. — Ela me contou sobre isso. Programação de linguagem natural. Eles escutam as pessoas falando a sua volta e aí também aprendem a falar. Mas pelo que ela disse, não tinha funcionado muito bem.

— É, tanto faz. Ela tinha uns aparelhos auditivos... Tipo, os robôs só falavam um com o outro, só reconheciam um ao outro. Tá conseguindo me acompanhar até aí?

— Hm, acho que sim.

— Bom, se você, Carlton, quisesse *entrar* na conversa, você precisaria usar um aparelho auditivo especial. Esses aparelhos fariam com que eles te reconhecessem. Do contrário, você seria só parte do cenário, seria como se eles não pudessem te ver.

— Tá... — Carlton olhava para ele com uma expressão confusa, e John revirou os olhos.

— Se usasse esse aparelho, você seria incluso na conversa. Para eles, seria como um deles.

— Odeio ser o estraga prazeres, mas os grandões já conseguem nos ver... ou pelo menos eu tenho quase certeza de que conseguem. Tá vendo essa cicatriz?

— Quer calar a boca por um segundo? — disse John. — Eu perguntei à Charlie e ela disse que pode ser possível de fazer engenharia reversa. Podemos trocar os cabos de lugar e, em vez de os aparelhos de audição nos *incluírem,* eles deliberadamente nos *excluiriam.*

Carlton franziu o cenho.

— Eles nos tornariam efetivamente invisíveis... — incitou John.

— Trocar os cabos... — repetiu Carlton. — Eles nos ocultariam, fariam com que não fôssemos parte do mundo que eles podem notar.

— Exato. — John assentiu.

Carlton esperou que John prosseguisse, mas quando o outro não o fez, ele acrescentou:

— O que você quer que eu faça?

— Vá para a casa da Jessica. Ela empacotou todas as coisas antigas da Charlie e guardou num armário. Se ela não estiver lá, pegue a chave reserva. Ela deixa debaixo do tapete da entrada.

Carlton ergueu as sobrancelhas.

— Debaixo do tapete da entrada? Que lugar *horrível* pra se deixar uma chave!

— É uma boa vizinhança — disse John, na defensiva.

Carlton ergueu as sobrancelhas.

— Claro, é uma boa vizinhança, John. Nada de ruim nunca acontece aqui. — Carlton deu um tapinha no ombro de John enquanto seguia para o carro. — Deixa comigo! — exclamou.

John deu um suspiro e então voltou para dentro. Marla estava sentada no sofá, olhando para a televisão, embora não estivesse ligada.

— Como ela está? — perguntou John, sentando-se ao lado dela, e Marla deu de ombros.

— Bem, considerando as circunstâncias. — Ela virou as costas para a tela vazia, o rosto cheio de aflição. — Ela estava presa numa caixa! Isso é loucura, ela estava presa numa *caixa!* Quem sabe por quanto tempo, dias, meses? Devem ter dado comida para ela, água, ou ela teria morrido de fome, mas ela não tem nenhuma memória disso, só consegue lembrar de estar à deriva, entre o sono e a consciência. Ela *parece* saudável. Não sei o que dizer.

Impulsivo, John a abraçou, e ela suspirou, abraçando-o de volta, com força. Ela o soltou abruptamente, desviando o olhar enquanto passava as mãos nos olhos. John fingiu não ter visto.

— Posso me sentar com ela por um minuto? — disse ele, quando ela ajeitou a postura. — Não vou incomodá-la, só quero sentar com ela, ver que ela está ali.

Marla assentiu, seus olhos brilhando com lágrimas outra vez.

— Não a acorde — advertiu enquanto ele seguia em direção à porta.

John assentiu e entrou no quarto, fechando a porta atrás de si.

Carlton entrou no estacionamento do prédio onde Jessica morava, olhando de um lado para o outro, em busca do carro dela. Não parecia estar lá.

— Acho que vou ter que invadir o recinto. Foi mal, Jess — disse, a voz cheia de entusiasmo, enquanto estacionava o carro, mas já conseguia sentir o pavor se instaurando em seu corpo. Queria companhia, mesmo para essa pequena busca. — Vejamos que esqueletos a Jessica tem escondidos no armário. — Bateu com as mãos no volante, acalmando os nervos, e saiu do carro.

Jessica morava no terceiro andar. Carlton só visitara o lugar uma vez, mas o encontrou novamente sem problemas. Diante da porta estava o tapete: era verde escuro, com as palavras SEJA BEM-VINDO escritas em letras negras. Carlton ergueu o tapete, mas não havia nada embaixo dele.

Por um momento, ficou olhando para o vazio, sem saber o que fazer a seguir, quando resolveu virar o tapete de cabeça para baixo: lá estava a chave, presa no meio dele com fita adesiva.

— Achou que podia me ludibriar? — murmurou, arrancando a fita branca.

— Posso ajudar? — perguntou alguém atrás dele, a voz séria. Carlton congelou. A voz não disse mais nada, e então, com movimentos tranquilos e calculados, ele terminou de retirar a chave, colocou o tapete de volta no chão e o ajeitou no lugar, tentando parecer despreocupado.

Pondo uma expressão agradável no rosto, Carlton se ergueu e virou, deparando-se com um homem mais velho, encarando-o com um olhar desconfiado do outro lado do corredor. Vestia uma camisa de botão desbotada e tinha um livro robusto, seus dedos marcando a página onde estava.

— Eu te conheço? — indagou o homem.

Carlton forçou um sorriso e balançou a chave no ar.

— Só estou de visita — disse. — Sou amigo da Jessica. — O sujeito o olhou de cima a baixo, ainda desconfiado.

— Ela faz muito barulho — disse, voltando para seu apartamento e fechando a porta atrás de si. Carlton ouviu três trancas sendo fechadas, e então silêncio. Ele esperou um momento, depois se virou e entrou às pressas no apartamento de Jessica.

Fechou a porta cuidadosamente atrás de si e olhou em volta. O apartamento não era muito maior — ou melhor — que o de John, embora fosse definitivamente mais limpo. A maior parte da mobília provavelmente viera com o lugar, mas Jessica fizera de tudo para dar um toque pessoal. O chão riscado estava tão imaculado quanto possível sem o uso de uma lixadeira industrial, e Carlton olhou para os tênis com uma pontada de culpa, pensando que talvez os devesse ter tirado na entrada.

Jessica tinha coberto o sofá desgastado com cobertores felpudos e jogado umas almofadas por cima. Seus livros estavam muito bem organizados em uma grande prateleira feita com tábuas de madeira pintadas com cores vibrantes, e sobre ela havia ainda um quadro de cortiça cheio de fotos, cartões e ingressos diversos. Carlton foi até ele, curioso.

— Vejamos o que a Jessica anda aprontando — disse Carlton, falando consigo mesmo apenas para quebrar o silêncio.

O quadro estava cheio de fotos de Jessica sorrindo com os amigos, uma foto da formatura, junto a seus pais, ingressos de shows e filmes que tinha visto no cinema, dois cartões de aniversário e alguns cartões postais cheios de anotações entusiasmadas — e ilegíveis.

Carlton deu um assobio baixo.

— Alguém é bem popular — murmurou, quando algo lhe chamou a atenção: um desenho de criança, alfinetado no canto inferior do quadro.

Ele se abaixou para olhar e sentiu a garganta fechar: era um desenho em lápis de cor de cinco crianças, sorrindo alegremente junto a um grande coelho amarelo. No canto inferior esquerdo, o artista havia assinado seu nome, e Carlton levou a mão até ele, tocando-lhe de leve.

— Michael — sussurrou. Ficou olhando para os olhos brilhantes do coelho amarelo atrás das crianças, e sua boca ficou seca. *Se ao menos eu pudesse ter te avisado, de alguma forma.*

Ele engoliu em seco e ajeitou a postura, voltando a atenção deliberadamente para as fotos.

— Parece que ela sai bastante — comentou, abrindo um dos cartões para se distrair. *Feliz aniversário de 15 anos, Jessica!,* dizia, e ele recuou um passo, sentindo-se um pouco envergonhado quando finalmente entendeu. Olhou para os ingressos: eram todos de shows em Nova York, as fotos com os amigos eram todas de alguns anos atrás. A nova vida de Jessica, ali, não era tão memorável.

Carlton deu as costas para o quadro, desejando não ter se intrometido.

— O armário — disse, mais alto. — Tenho que encontrar o armário com as coisas.

Diante de si, havia uma cozinha e, mais adiante, um corredor, provavelmente levando até o quarto. Encontrou um interruptor e acendeu as luzes, revelando assim o armário, bem no meio do corredor. Ele o abriu, meio que esperando que os conteúdos caíssem com tudo sobre sua cabeça, mas embora fossem as coisas de Charlie, tinha sido Jessica quem as empacotara. Pilhas de caixas de papelão preenchiam todo o armário, cada uma delas rotulada de forma bastante clara: CHARLIE - CAMISETAS E MEIAS, CHARLIE - LIVROS, etc. No topo da pilha, havia uma grande caixa lisa com o rótulo: CHARLIE - EXPERIMENTO ESTRANHO.

— Experimento estranho. Parece a história da minha vida ultimamente — sussurrou Carlton.

Ergueu os braços até a caixa com cuidado, e estava quase conseguindo tirá-la dali quando bateu com o canto na caixa debaixo, jogando CHARLIE - DIVERSOS com tudo no chão. A caixa se abriu por completo, jogando por todo lado diversas peças de computador, parafusos, pedaços de metal aleatórios, pelagem e duas patas soltas. Três olhos de plástico começaram a quicar quando caíram no chão e então rolaram pelo carpete, batendo uma contra a outra ruidosamente no processo.

— Isso é vida ou morte. Outra pessoa pode arrumar depois — decidiu Carlton.

Ele passou cuidadosamente por cima da bagunça, carregando a caixa até o quarto de Jessica. Colocou-a sobre a cama, tomando cuidado com a colcha azul clara, e passou a chave reserva pela fita adesiva, a fim de cortá-la. Depois, abriu a caixa.

— Eita! — exclamou.

Dois rostos idênticos estavam erguidos dentro da caixa, um olhando para o outro com olhos vazios. Pareciam estátuas inacabadas: tinham feições, mas não eram refinadas, pareciam incapazes de apresentar qualquer expressão.

Começou a tirá-los da caixa quando notou que estavam presos a alguma coisa. Com cuidado, conseguiu extrair toda a estrutura: uma grande caixa preta com alavancas e botões, e os rostos em seu suporte, afixados a ele. Tudo parecia estar intacto. Carlton olhou para a tomada ao lado da cama de Jessica por um instante, então pegou o cabo e ligou a coisa toda. Diversas luzes se acenderam, vermelhas e verdes, piscando de forma aparentemente aleatória, até que se estabilizaram: algumas apagadas, outras acesas. Uma série de ventoinhas começaram a girar. Carlton lançou o olhar para os rostos: estavam se alongando, quase imitando o movimento humano.

— Sinistro — murmurou.

— Você, eu — disse o primeiro rosto, e ele deu um pulo para trás, desconcertado.

— Nós, ela — disse o segundo.

Carlton ficou olhando, esperando por mais, mas eles aparentemente tinham terminado por ora, imóveis e em silêncio. Carlton balançou a cabeça, tentando voltar a focar, embora tudo o que de fato queria fazer fosse sentar ali e observar os dois rostos, ver o que mais podiam ter a dizer. *Ou conversar com eles.* Ele voltou à caixa: os aparelhos que John descrevera estavam enrolados numa camada fina de plástico bolha. Realmente pareciam próteses auditivas, pequenas peças de plástico claro, cheias de cabos, com um pequeno botão na lateral. Carlton apertou o botão de um deles e o colocou no ouvido. No mesmo instante, os rostos se viraram para ele, inclinando-se para cima como se o estivessem metralhando com o olhar. *Será que eles conseguem me ver?*

— Oi? — disse Carlton, relutante.

— Quem? — perguntou um deles.

— Carlton — respondeu ele, nervoso.

— Você — disse o outro.

— Eu — disse o primeiro.

— Vocês adoram mesmo pronomes, hein? — disse Carlton. Não houve resposta dos rostos.

Ele tirou o aparelho e apertou o botão outra vez para desligá-lo. Ao mesmo tempo, os rostos se voltaram novamente um para o outro. *Te torna visível. Certo,* pensou, sentindo um calafrio. Olhou de volta para o aparelho, passando a unha pela pequena junta ao redor do revestimento. Ele se abriu facilmente, revelando um emaranhado de cabos e um pequeno chip de computador.

— É só trocar os cabos, fácil assim — murmurou consigo mesmo.

Havia uma luminária no criado-mudo ao lado da cama de Jessica, e ele a ligou, segurando o aparelho sob a luz. Ficou olhando para ele, procurando por uma pista do que John tinha sugerido, inclinando o pequeno objeto de um lado para o outro. Finalmente, conseguiu encontrar: uma única e pequena entrada vazia, demarcada em vermelho.

— E por que não tem nada plugado em você? — disse Carlton, triunfante.

Vasculhou os outros cabos até encontrar um com o mesmo tipo de entrada, esta demarcada em verde. Sem demora, ele tirou o cabo do lugar e o conectou na entrada vermelha, fechando o revestimento e ligando o aparelho antes de enfiá-lo de volta no ouvido. Os rostos não se moveram.

— Qual o problema? Não querem mais conversar comigo? — disse, a voz alta. Não houve resposta. — Excelente — disse, satisfeito.

Tirou o aparelho do ouvido e o colocou no bolso, e então pegou também o outro. Tirou o experimento da tomada e estava prestes a colocá-lo de volta na caixa, quando sentiu um súbito arrepio entre os ombros, como se houvesse alguém parado diretamente atrás de si. Quase conseguia sentir a respiração em seu pescoço. Carlton ficou completamente imóvel, quase sem respirar, mas então se virou, as mãos erguidas para se defender.

O quarto estava vazio. Levou os olhos de um lado para o outro, sem conseguir se convencer de que estava sozinho, mas não havia nada lá.

— Empacota tudo e vai embora — disse, a voz fraquejando, mas o coração ainda batendo com força no peito, como se ele estivesse lutando pela vida.

Respirou fundo, voltando-se novamente para o experimento. Mas então, antes que pudesse tocá-lo, o quarto afundou sob seus pés, como um navio balançando no oceano, e ele caiu de joelhos, agarrando-se à estrutura da cama para tentar manter o equilíbrio. Sua visão estava toda borrada: nada mais estava fixo no lugar, tudo no quarto parecia se mexer a várias velocidades e em diversas direções diferentes.

Carlton soltou a estrutura da cama e caiu com tudo no chão, em meio a um chiado estridente que foi ficando cada vez mais alto, até alcançar um tom alto demais para que fosse percebido. Ele cobriu os ouvidos, mas não conseguiu aliviar a náusea. O quarto continuou girando, e seu estômago revirou. Carlton gemeu, segurando a cabeça e fechando os olhos, mas o movimento persistiu. Ele trincou os dentes, implacavelmente determinado a não vomitar. *O que está acontecendo?*

Carlton... Carlton...

Alguém estava chamando seu nome com a voz doce e ele olhou. Uma única coisa no quarto permanecia imóvel: um enorme par de olhos, fitando-o enquanto o resto balançava nauseantemente. Ele tentou se levantar, mas assim que se mexeu, a tontura e a náusea o sobrepujaram. Pressionou a bochecha contra o chão gelado, desesperadamente em busca de alívio, mas isso só fez o quarto girar ainda mais rápido.

— Carlton?

O quarto foi entrando em foco novamente — tudo parou de se mexer. Carlton continuou parado, com medo de começar tudo outra vez.

— Carlton, você tá bem? — disse uma voz familiar, e ele ergueu o olhar, deparando-se com Charlie, inclinada sobre ele com um olhar aflito.

— Charlie? — disse ele, a voz fraca. — O que está fazendo aqui?

— O John me mandou para ajudar. O que você estava fazendo com todas essas coisas? — perguntou.

— Desculpa, espero não ter quebrado nada — disse ele, sentando-se com cuidado. A náusea ainda persistia, mas estava começando a aliviar conforme Carlton percebia que o quarto se estabilizara sob seus pés. Olhou para Charlie, a visão ainda um pouco turva.

— Eu não ligo, isso é tudo só lixo mesmo. Mas pelo jeito que você estava rolando no chão, você deve ter ativado alguma coisa, ou levado um choque, ou algo do gênero. Você tá bem?

— Acho que sim — disse ele. Apoiou-se de volta na cama.

— Náusea? O quarto começou a girar? — perguntou ela, a voz compassiva.

— Foi terrível — disse.

Ela pôs a mão em seu ombro.

— Vamos, temos que sair daqui. — Ela se levantou e ergueu uma mão para ajudá-lo a fazer o mesmo. Segurando-se nela, Carlton se ergueu com um sorriso no rosto, os efeitos de seja lá o que fora aquilo já quase que completamente aplacados. Olhou em volta, a visão mais clara.

— O que exatamente você estava fazendo? — perguntou Charlie, e Carlton congelou. Sua voz parecia muito rija, muito... polida. Voltou-se para ela, mantendo o rosto neutro.

— Ah, ele não te disse? É o seu velho experimento, o John achou que talvez você ainda fosse querer. Acho que queria te fazer uma surpresa com ele — disse, abrindo um grande sorriso. — Surpresa!

Charlie apenas sorriu de volta.

— Sabe, aquele seu experimento? — disse Carlton, pensando rápido. — Aquele com a mão robótica que podia tocar piano? — acrescentou. — Lembra?

— Ah, claro. Que amorzinho da sua parte vir buscá-lo — disse ela, um tom coquete em sua voz, e o sangue de Carlton gelou. Ele assentiu.

— Você me conhece. Sempre pensando nos outros — disse, olhando por cima do ombro de Charlie, para o quarto atrás dela. Estava fechado.

Ela se aproximou um passo, e ele recuou outro, instintivamente. Ela pareceu surpresa por um momento, mas então sorriu, abaixando o olhar e vendo os dois rostos na caixa. Ele recuou mais um passo, sobressaltando-se quando bateu na parede atrás de si.

— Carlton, se não te conhecesse melhor, diria que está com medo de mim — disse Charlie, a voz baixa, aproximando-se tanto dele que quase não havia espaço entre os dois, prendendo-o assim contra a parede. Ergueu a mão até seu rosto, e ele trincou os dentes, tentando não recuar. Ela passou os dedos por sua bochecha, e então traçou a linha de seu maxilar. Ele não se mexeu, quase prendendo a respiração. Charlie tirou o cabelo de cima do rosto dele e aproximou-se ainda mais, levando a mão até sua nuca. Seu rosto estava a centímetros do dele.

— Hã, Charlie, você não é bem o meu tipo, sabe? — conseguiu dizer.

Ela sorriu.

— Você nem me deu uma chance. Tem certeza? — sussurrou ela.

— Sim, tenho certeza. Quer dizer, não me entenda mal, você é bonitinha e tal, mas sejamos honestos, também não é lá grandes coisas — gracejou, mantendo os olhos nos dela. — Quer dizer, esses coturnos com *essa* saia?

O sorriso de Charlie começou a se fechar.

— Desculpa, isso foi rude. Tenho certeza que algum dia você vai encontrar um cara que goste de você do seu jeito. — Ele tentou se afastar dela, inclinando-se em direção à porta. — Agora, se me dá licença, tenho que resolver umas coisas, então se me deixar passar, eu já vou indo.

Carlton se contorceu para tentar passar, mas Charlie não abriu caminho.

— Prometo que não vou contar pra ninguém que te dei um toco. Continua fazendo academia que a gente tenta outra vez daqui alguns anos.

— Carlton, você obviamente está frustrado. Só há um jeito de ter mesmo certeza de como você se sente — disse Charlie, a voz suave. Inclinou-se mais para perto, e Carlton fechou os olhos com força. *O aparelho.* Estava em seu bolso direito.

— Olha, Charlie, você tá certa, mas acho que seria melhor a gente ir conversando primeiro, sabe? Eu apressei as coisas no meu último relacionamento e quase acabei morto numa fantasia felpuda mofada.

É só distraí-la até...

*S*eus dedos se fecharam ao redor do aparelho e ele o tirou do bolso, abrindo os olhos ao mesmo tempo. Carlton gritou. O rosto de Charlie estava se abrindo. Sua pele assumira um aspecto plástico e estava se partindo ao meio, dividindo-se em seções triangulares. Com os olhos de Carlton vidrados nela, Charlie fechou a mão ao redor de seu pescoço, os triângulos se erguendo e recuando como as pétalas de uma flor, revelando um rosto completamente diferente, esguio e feminino, mas definitivamente não humano. As pétalas do que devia ser o rosto de Charlie começaram a se mexer ao redor do perímetro de seu novo rosto, começando a parecer mais uma motosserra que uma flor.

A garota animatrônica franziu os lábios de metal, inclinando-se para beijá-lo, as lâminas girando cada vez mais próximas ao rosto de Carlton. Num surto final de autopreservação, ele arrancou o aparelho auditivo do bolso e o enfiou no ouvido, apertando o botão.

Imediatamente, a garota animatrônica recuou um passo, soltando o pescoço de Carlton com um olhar surpreso no rosto de metal. Olhou em volta pelo quarto. Carlton estava olhando para ela, paralisado de medo por um instante, quando finalmente notou o que estava acontecendo. *Ela não consegue me ver.*

Esperou, observando-a recuar um passo atrás do outro, os olhos se desviando de um lado para o outro. Ficou ali parada por um momento, as placas de seu rosto juntando-se novamente para formar o rosto pintado e brilhante de uma boneca, até que, de repente, uma luz oscilante lhe tomou o corpo e ela começou a parecer Charlie novamente, seu rosto completamente inexpressivo.

Após outro minuto, ela deu a volta e foi até o armário do quarto. Deu uma olhada lá dentro, empurrando as roupas como se alguma coisa pudesse estar escondida atrás delas, e então se afastou.

Foi até a cama e agarrou um canto, erguendo-a até praticamente arrancá-la do chão. Observou o chão vazio por um segundo, depois deixou a cama cair num estrondo. Examinou o quarto outra vez e, por fim, abriu a porta e deixou o cômodo. Carlton foi atrás dela na ponta dos pés, seguindo-a pelo corredor. Ela parou com tudo diante do armário do corredor, e ele quase deu com tudo em suas costas, conseguindo parar por muito pouco antes de colidirem.

A garota animatrônica começou a arrancar loucamente as caixas das pilhas organizadas lá dentro, atirando-as ao acaso no chão atrás de si. Com todo o cuidado, Carlton recuou alguns passos. Quando a garota estava satisfeita em saber que o armário estava vazio, ela checou o banheiro e então foi até a sala de estar. Com uma última olhada nada satisfeita, a garota animatrônica deixou o apartamento de Jessica, fechando a porta tranquilamente atrás de si. Carlton correu até a janela, observando-a sair do prédio e afastar-se em meio a estrada, seguindo em direção à cidade.

Quando já estava fora de vista, Carlton suspirou, ofegante, como se estivesse segurando o fôlego. Sentia-se tonto outra vez, a cabeça dando voltas, mas dessa vez era só a adrenalina deixando seu organismo. Estava começando a tirar o aparelho do ouvido, mas então pensou melhor e o deixou onde estava. Passou a mão por cima do bolso esquerdo, certificando-se de que o segundo aparelho continuava lá, e então saiu correndo do apartamento, seguindo diretamente para seu carro. Avançou depressa para o apartamento de John, dirigindo com urgência, sem se preocupar com o limite de velocidade, na esperança de que a garota animatrônica tivesse ido para o outro lado.

Charlie ouviu a porta fechar e se virou para ela. O quarto estava escuro, exceto pelo filete de luz que entrava pela pequena janela suja, e ela apertou os olhos para tentar ver quem tinha entrado.

— John? — sussurrou.

— Sim — disse ele, no mesmo tom. — Acordei você?

— Não tem problema, tudo o que eu tenho feito ultimamente é dormir. E sonhar. — A última palavra pareceu amarga em sua língua, e ele também deve ter notado, porque se sentou na cadeira que Marla tinha deixado junto à cama.

— Tudo bem se eu me sentar? — perguntou, inquieto, já depois de ter sentado.

— Sim — disse ela. Charlie fechou os olhos. O quarto parecia diferente agora. Mais seguro. — Você disse uma coisa — murmurou, quase para si mesma, e John se inclinou mais para perto.

— Disse? E o que foi? — Ele pigarreou, suas mãos começando a suar.

— Você disse... que me amava — sussurrou Charlie, e John quase deu um pulo, como se alguém tivesse batido nele.

— Sim — disse, sua voz soando engasgada. — Foi o que eu disse pra você. Você se lembra *disso?* — Charlie assentiu com cuidado, sabendo que sua resposta fora inadequada. Ele desviou o olhar dela por um instante, forçando um suspiro. — É verdade. Eu amo! — disse, apressado, e então se voltou para ela novamente. — Quer dizer, você é minha amiga desde sempre. Que nem a Marla, o Carlton ou a Jessica. Eu teria dito isso a qualquer um deles. Bom, talvez não pra Jessica. Mas então quer dizer que você se lembra daquela noite? — perguntou, quase atropelando as palavras.

— É tudo do que eu me lembro. E da porta. John! — Ela o agarrou pelo braço, alarmada. — John, a porta estava se abrindo, e eu acho que o Sammy estava lá dentro. Eu conseguia senti-lo, seu coração batendo... — Ela parou de falar, outra memória tomando conta de si, um momento na estranha caverna artificial embaixo daquele restaurante que era tão parecido com a Freddy's, mas, ao mesmo tempo, tão diferente. — Springtrap — disse. — Eu o enfrentei. Tinha uma estaca de metal, e a cabeça dele... — Conseguia vê-lo, ofegando em meio às pedras enquanto ela enfiava o pedaço de metal em sua ferida da forma mais torturosa que podia.

— Eu sei. Eu também vi — disse John, desviando o olhar, desconfortável.

— Ele disse "eu não o levei. Eu levei você".

— O quê? — John a fitou com um olhar confuso, e ela suspirou, frustrada.

— O Sammy! Eu perguntei por quê, por que ele tirou o meu irmão de mim, e foi isso que ele disse. "Eu levei você".

— Bom, você está aqui agora. E ele também é louco. — John tentou abrir um sorriso. — Provavelmente só disse isso pra te machucar, te confundir.

— Bem, funcionou. — Ela deixou a cabeça afundar de novo no travesseiro. — John, todos tem se esquivado da pergunta: Quanto tempo faz? Sei que são mais que só alguns dias, mas quão ruim é a situação? Um mês?

Ele não respondeu.

— Dois meses? — arriscou. — Sei que não pode ser mais que um ano, senão você teria um apartamento melhor — disse, a voz fraca, e ele estremeceu. — John, me fala — insistiu Charlie, ouvindo a própria voz ficando mais alta, seu coração batendo mais rápido enquanto esperava que ele dissesse alguma coisa.

— Seis meses — disse ele, enfim. Ela não se mexeu. Conseguia escutar o sangue correndo por seus ouvidos.

— Onde eu estive? — perguntou, sua voz praticamente inaudível em meio ao farfalhar do próprio sangue dentro de si.

— Sua tia Jen, você estava com ela, ou pelo menos eu acho que era lá onde você estava.

— Você acha?

— Eu vou te contar tudo, Charlie, prometo. Assim que eu conseguir entender. Tem coisas que eu simplesmente não sei explicar — concluiu, aflito.

Ela se deitou novamente, olhando para o teto. Em meio à luz turva, as manchas pareciam até parte da decoração.

— Sobre a sua tia — prosseguiu John, sua voz desgostosa. — Eu a vi naquela noite.

Charlie desviou o olhar bruscamente para ele.

— Naquela noite?

— Estava tudo desmoronando à nossa volta. Você ainda estava lá dentro e eu tentei ir até você, quando ela apareceu de repente. Não sei como ela entrou, ou por quê.

— Tecnicamente, era a casa dela — disse Charlie, olhando de volta para o teto. — Talvez estivesse lá procurando por mim.

— E isso faz sentido pra você?

— Eu não sei o que faz sentido — disse, a voz controlada. — Não faz sentido o que eu me lembro e o que eu não me lembro. Não há um momento exato em que de repente tudo fica em branco. Mas eu não me lembro da tia Jen lá.

— Certo — disse ele.

— Preciso vê-la — disse Charlie, com uma intensidade súbita.— Ela é a única que sabe como todas as peças se encaixam. É ela que guarda todos os segredos. Sempre tentou me proteger deles, mas agora... segredos não estão protegendo ninguém.

Parou de falar: John parecia assolado, seu rosto preso entre expressões, como se estivesse com medo de mexê-lo.

— John? — disse Charlie, um nó se formando em seu estômago. John suspirou, abrindo a boca como se estivesse para dizer alguma coisa, mas hesitou. Podia ver que ele estava procurando por palavras, então as deu para ele: — Ela está morta, não está? — disse Charlie, a voz mais baixa agora. Sentia como se estivesse prestes a apagar outra vez, mas não estava perdendo a consciência. John assentiu.

— Sinto muito, Charlie — disse ele, a voz rouca. — Não consegui impedir.

Charlie olhou de volta para as manchas. *Eu devia sentir alguma coisa,* pensou.

— Você precisa manter a cabeça clara — sussurrou, repetindo o que a tia sempre costumava lhe lembrar.

— O quê? — John olhava para ela com uma expressão ansiosa.

— Documentos — disse ela, um pouco mais alto. — Ela guardava anotações sobre tudo, trancados em armários. Tudo o que sabia, ou ela escreveu, ou outra pessoa o fez. Onde ela estava?

— Numa casa em Silver Reef, a cidade fantasma — gaguejou John. Parecia surpreso. — Tinham anotações lá, caixas cheias de papel.

— Então temos que voltar lá — disse Charlie, com firmeza. John parecia querer protestar, mas apenas assentiu.

— *Ela* pode acabar voltando lá, se pensar que você estará lá. — John a fitou com um olhar preocupado.

— Nós temos que ir.

— Então nós vamos — disse ele.

Charlie fechou os olhos, a decisão deixando-a mais sonolenta. A porta se abriu e, ainda que bem vagamente, Charlie conseguiu ouvir Marla e John sussurrando um para o outro.

Respirou fundo, como se estivesse a ponto de mergulhar no fundo do mar, e se deixou arrastar pela escuridão.

CAPÍTULO DEZ

— *Ei!* — Algo cutucou Jessica no ombro e ela, ainda um pouco sonolenta, tentou afastar o que quer que fosse com o cotovelo, virando para o outro lado. — *Ei, você está bem?*

Algo a cutucou na bochecha, com muito mais força, e ela abriu os olhos devagar, deparando-se com uma roda de crianças a sua volta, fitando-a com olhos arregalados.

Jessica gritou.

Alguém a agarrou por trás, cobrindo sua boca, e ela lutou para se soltar.

— Você precisa ficar quieta — sussurrou uma voz desesperada, e ela se virou, topando com uma menina ruiva de aproximadamente sete anos, que a olhava com uma expressão ansiosa no rosto. — Se não ficar quieta, ele virá para te pegar — explicou.

Jessica se sentou com cuidado, colocando uma mão na cabeça. Era como se estivesse cheia de algodão, os seios paranasais doíam.

— De novo não. — *Clorofórmio, ou seja lá qual for o nome daquele gás.*

— O quê? — perguntou a garota.

— Nada — disse Jessica, olhando para os rostos assustados que a cercavam.

Havia quatro crianças no total, dois meninos e duas meninas: tinha a jovem ruiva com sardas no nariz e um garoto negro e encorpado, com aproximadamente a meda idade que ela, e que parecia estado chorando antes de Jessica chegar. Ele estava sentado de pernas cruzadas, com uma garota latina de três ou quatro anos no colo, escondendo o rosto em sua camisa. Seus cabelos castanhos de fios delicados tinham se soltado das grandes tranças atrás de sua cabeça, ambas enfeitadas com um lacinho cor-de-rosa, enquanto que a camiseta e os shorts que estava usando, ambos também cor-de-rosa, estavam manchados e imundos. O último garoto, um rapazinho loiro, magricelo, ainda em idade pré-escolar e com um grande hematoma no braço, estava um pouco mais afastado dos outros, o cabelo caído em cima do rosto. Estavam todos olhando para Jessica, como se esperassem que ela fizesse alguma coisa.

— Mas que lugar nojento é esse? — Jessica passou as mãos pela camisa e sacudiu o cabelo, como se pudesse estar cheio de aranhas. Parou ainda no meio do processo, voltando-se para as crianças como se as estivesse vendo novamente pela primeira vez. Abriu a boca de leve por um instante. — Vocês são as crianças — disse, quase sem fôlego. — Quer dizer, são as crianças, as que foram levadas, e vocês estão *vivas!*

De repente, ela se lembrou da mãe no hospital. *Temos que encontrar esse garoto e levá-lo de volta pra casa,* Jessica tinha insistido para John, as palavras soando vazias mesmo em seus próprios ouvidos. E agora as crianças estavam paradas bem na sua frente. *Não é tarde demais pra salvar você,* pensou, a ideia preenchendo-a com um novo propósito. Olhou para o garoto loiro.

— Você é o Jacob? — perguntou, sentindo o coração palpitante, e o garoto arregalou os olhos em resposta. — Ei, vai ficar tudo bem — disse, tentando acreditar nas próprias palavras. — Eu sou a Jessica.

Nenhum deles a respondeu imediatamente — em vez disso, apenas olharam de uns para os outros, tentando chegar a um consenso silencioso. Deixando que fizessem isso, Jessica se levantou, examinando os arredores. Era uma sala úmida, com parede de tijolos e um teto bastante baixo, de forma que Jessica não conseguia ficar totalmente ereta. Tinha canos expostos por toda a extensão das paredes, alguns soltando baforadas de vapor. Havia também um grande tanque num dos cantos, provavelmente um aquecedor de água, e no outro canto, um pouco mais distante, havia uma porta. Jessica foi até ela.

— Não! — gritou a menininha ruiva.

— Tá tudo bem — disse Jessica, tentando reconfortá-la com a voz. — Eu vou nos tirar daqui. Vamos só ver se está trancada — disse, ouvindo a própria voz soar animada e alegre. Tinha um quê de condescendência na voz, um tom que sempre usava com os adultos quando criança. — Vou só dar uma olhada — disse, um pouco mais normal. Seguiu até a porta a passos largos.

— Não! — berraram três vozes. Jessica hesitou, mas então segurou a maçaneta com força e tentou girá-la. Nada aconteceu. Atrás dela, uma das crianças suspirou, aliviada.

— Tudo bem — disse Jessica, voltando-se para eles. — Há sempre outra saída. — Ela examinou seus rostinhos inquietos e encardidos. — O que aconteceu aqui? — perguntou. O garoto com a menina no colo a fitou com um olhar desconfiado.

— Por que devíamos te contar alguma coisa? Você pode ser um deles.

— Eu estou aqui, igual a vocês — ressaltou Jessica. Abaixou-se para se sentar ao lado dele, tentando ficar na altura de seus olhos. — Meu nome é Jessica.

— Ron — disse ele. A garotinha no seu colo o cutucou no ombro, e ele se inclinou mais para perto dela, que sussurrou alguma coisa em seu ouvido. — O nome dela é Lisa — acrescentou.

— Alanna — disse a ruiva, um pouco alto demais. O garoto loiro não disse nada. Jessica olhou para ele, mas não perguntou.

— Oi, Ron, Lisa, Alanna... e Jacob — disse Jessica, com uma paciência excruciante. — Podem me contar o que aconteceu?

— Ela me comeu com a barriga dela — sussurrou Lisa. No mesmo instante, Jessica sentiu o sangue deixar seu rosto.

— Se refere à garota palhaço? — perguntou Jessica, a voz suave. — A garota robô? — As crianças assentiram, todas juntas.

— Eu estava no bosque — disse Alanna. Ela colocou a mão na barriga, e então imitou a pinça saindo lá de dentro. — *Nhac!* — disse, o rosto extremamente sério.

— Eu estava andando de bicicleta perto de casa — disse Ron. — Tinha uma mulher na estrada... ela apareceu de repente, e eu caí da bicicleta, tentando não bater nela.

Ele fez menção aos joelhos, e Jessica notou só então que estavam ralados. *Ele está aqui há tempo o bastante para a ferida cicatrizar,* pensou Jessica, mas segurou a língua, com medo de que, se o interrompesse, ele fosse parar de falar.

— Quando levantei, ela estava parada do meu lado — continuou Ron. — Achei que estava tentando me ajudar. Eu disse que estava bem, e ela sorriu, e depois... — Ele olhou para a garotinha no seu colo por um momento, e então prosseguiu. — Eu juro, de verdade mesmo, a barriga dela se

abriu no meio, e uma *coisa* de metal saiu lá de dentro, e... — Ele balançou a cabeça. — Ela não vai acreditar na gente.

— Essa coisa te agarrou e te puxou pra dentro? — perguntou Jessica, a voz suave, e ele ergueu o olhar para ela, surpreso.

— Sim — disse ele. — Ela também pegou você? — perguntou.

— Não, mas já vi acontecer — disse Jessica, sem contar toda a verdade. — Mas e depois?

— Eu não sei. Só o que me lembro foi de acordar aqui.

— E quanto a ela? — Jessica apontou para a garota em seu colo.

Ele deu de ombros, parecendo um pouco envergonhado.

— Assim que ela acordou, foi subindo no meu colo.

— Você a conhece?

— Quer dizer, antes disso tudo? — Ele olhou de volta para a garotinha.

— Não, nenhum de nós se conhecia antes — disse Alanna. Jessica olhou para o garotinho loiro, que desviou o olhar.

— Tá, escutem — disse Jessica, e todos voltaram os olhos para ela novamente. Sinistro. *Parece até que eu sou mesmo uma adulta ou algo do tipo,* pensou, inquieta. Respirou fundo. — Eu já lidei com... coisas desse tipo antes.

— Sério? — De repente, Alanna parecia desconfiada. Ron a fitava com receio. Lisa abriu um olho, mas então apertou o rosto novamente contra a camisa de Ron.

— Eu *não* estou com eles — disse Jessica, apressada. — Estou presa aqui com vocês porque fui pega tentando descobrir mais sobre eles.

— Você sabia sobre nós? — perguntou Ron.

— Não muito, mas estou feliz por tê-los encontrado. Todo mundo está procurando vocês. As pessoas que sequestraram vocês, eles estão tentando machucar uma amiga minha. Já a machucaram, na verdade. E eu vim aqui para detê-los, para salvá-la deles. Agora que sei que vocês estão aqui, vou salvá-los deles também.

— Mas você está presa aqui, igual a nós — disse Alanna, dessa vez como se acreditasse nela. Jessica suprimiu um sorriso, animada por um momento.

— Eu tenho amigos lá fora, e eles vão ajudar, nós vamos tirar vocês dessa. — Alanna ainda parecia um pouco desconfiada, mas Lisa estava espiando por detrás do cabelo, diminuindo um pouco da força com a qual se agarrava a Ron pela primeira vez. — Eu prometo, vai ficar tudo bem — disse Jessica, com um pico de confiança.

Olhou para as crianças com uma determinação tranquila, surpresa ao perceber que todas as palavras que havia dito foram sinceras.

— John! Charlie! — berrou Carlton, entrando com tudo no apartamento de John, a porta batendo na parede enquanto a abria.

Marla deu um pulo, ajeitando-se sobre o sofá.

— Carlton, o que houve?

Ele não respondeu, examinando a sala. Marla estava sozinha — estava assistindo TV com um volume bem baixo. A porta do quarto de John estava fechada, e ele foi até ela.

— Não tem ninguém — disse Marla, com uma pontada de reprovação, mas Carlton deu uma olhada rápida lá dentro mesmo assim. — O John não está. Nem a Charlie — gritou Marla.

— Bom, eu encontrei com uma delas — disse Carlton, a voz amarga. — Uma das Charlies, quero dizer. A malvada. Cadê o John? Cadê todo mundo?

— O John e a Charlie foram para algum lugar. Pareciam estar com pressa, não quiseram me dizer aonde estavam indo.

— E a Jessica?

— Não a vi. Deve estar em casa.

— Eu estava no apartamento dela, ela não está lá. — Carlton olhou para Marla, um terror palpável se formando em meio aos dois. — A Charlie... a *outra* Charlie. Eu nem a ouvi chegando, ela não bateu na porta nem nada. Era como se soubesse que a Jessica não estaria lá.

— Espera, cala a boca — disse Marla, de súbito, apontando para a TV.

— Marla, isso é sério! — disse Carlton, a voz alarmada.

— Olha isso. Eles têm passado essa propaganda o dia todo. — Foi quando o rosto cartunesco de uma garotinha, pintado como um palhaço, preencheu a tela.

— *Venha vestido de palhaço e coma de graça!* — disse uma voz retumbante, e a câmera fez um corte para mostrar a fachada do restaurante.

— Essa... é ela! — gritou Carlton. — Quer dizer, a placa, a garota da placa, a coisa garota palhaço! — Marla inclinou-se para frente, estreitando o olhar diante da tela. Carlton fez uma pausa, pensativo. — Ela era mais alta, e um pouco atraente. Foi tudo bem confuso, muitas emoções.

— Estão passando isso o dia todo. Um restaurante novo, com personagens animatrônicos...

— É como se a garota da placa tivesse crescido, e quisesse me dar pizza na boquinha... — Ele parou de falar, perdido em pensamentos.

— Carlton! — exclamou Marla, trazendo-o de volta à realidade.

— Você sabe onde fica? Esse restaurante novo? — perguntou.

— Sim — disse Marla. Ela desligou a TV e se levantou. — Vamos lá.

Carlton olhou para ela de cima a baixo, uma expressão implacável tomando-lhe o rosto, e então tirou o outro aparelho auditivo do bolso.

— Coloque isso no ouvido — disse ele. — É tudo o que temos. Confie em mim.

— Certo. — Marla pegou o aparelho de suas mãos enquanto seguia até a porta. — Você me explica tudo no caminho?

Carlton não respondeu enquanto disparava atrás dela, batendo a porta com força ao saírem.

Enquanto dirigiam pela cidade fantasma, Charlie podia sentir os olhos de John voltados para ela. Ela não dissera uma palavra desde que entraram no carro, e estava começando a temer o momento em que teria que voltar a falar. John fez uma curva acentuada, acabando por sacudir o caro e ela foi lançada para frente no banco, seu corpo sendo pressionado contra o sinto de segurança.

— Desculpa — disse John, encabulado. Charlie se recostou no banco novamente.

— Tudo bem — disse, abrindo um pequeno sorriso. — Sei que é uma hora estranha para perguntar, mas... cadê o *meu* carro?

— Receio que a sua sósia esteja com o seu carro. — Ele a fitou com um olhar nervoso, e ela forçou um sorriso torto, assentindo.

— Como seria um boletim de ocorrência desse caso? — disse ela, a voz mais leve, e John deu uma risadinha.

John desacelerou até parar, a expressão em seu rosto se desfazendo.

— É aqui — disse, a voz baixa. Charlie abriu a porta e saiu.

Estavam no topo de uma colina — John tinha parado junto a um arco estreito com uma pequena estrela de metal no topo. Sobre a colina, havia uma pequena casa.

— Muito bem, vamos acabar logo com isso — disse Charlie. Olhou em volta, inquieta, meio que esperando que alguém viesse correndo para cima deles. — Vamos nessa.

Enquanto subiam a colina, por várias vezes John pareceu que queria dizer alguma coisa, mas não o fez. Quando finalmente chegaram à varanda, Charlie pôs a mão em seu braço.

— E então, ela ainda está lá dentro? — perguntou. — A Jen, quero dizer.

Ele assentiu.

— Sim. Ou pelo menos eu acho que sim. Tem certeza de que quer fazer isso?

— Eu preciso.

— Eu vou na frente — sugeriu. — Eu posso... cobri-la, se você quiser. — Olhou para ela, perturbado. Charlie hesitou.

— Não — disse, por fim, e agarrou a maçaneta com força.

A porta não estava trancada, e Charlie examinou a sala apreensivamente, enquanto entrava. O lugar estava completamente revirado, tudo jogado por cima de tudo, e, a princípio, nada se destacava. Foi quando finalmente a viram.

Havia uma mulher no canto, junto ao corredor — estava jogada na parede, encolhida, o cabelo negro cobrindo-lhe o rosto quase que por completo. Charlie ouviu uma inspiração aguda, e só então se deu conta de que era dela mesma. Ergueu uma das mãos atrás de si, sem conseguir dizer exatamente o que precisava, mas John viu e segurou sua mão, aproximando-se um passo.

— É mesmo ela?

— Sim — murmurou ele. — Quer chegar mais perto? — perguntou John, inseguro.

Charlie balançou a cabeça.

— Não. Não é mais ela — sussurrou, virando as costas e fechando a mente para o que tinha visto. Respirou fundo — Onde foi que você... me encontrou? — Apontou para si mesma, para garantir que John entendesse de que Charlie ela estava falando.

— Por ali.

John a guiou pelo corredor, mantendo distância do corpo caído de Jen. Charlie se forçou a não olhar diretamente para ela, permitindo-se ver apenas uma silhueta negra e arcada pelo canto do olho, enquanto avançava. No final no corredor, havia uma porta que levava a um quarto estranho, cheio de baús e caixas de papelão. A janela estava aberta, e foi só quando respirou o ar fresco que Charlie notou o cheiro de umidade e mofo que empesteava o resto da casa.

— Neste aqui — disse John. Estava parado ao lado de um grande baú verde, sua tampa ainda aberta.

— Aí dentro? — disse Charlie, desolada, passando por cima de várias caixas para chegar até ele. Olhou lá dentro: havia um pequeno travesseiro, e nada mais. — Eu simplesmente estava aí dentro? — perguntou, um tanto desapontada.

— Sim. Quer dizer, a Jen deve ter tido seus motivos. Devia saber sobre a impostora. Talvez tenha te colocado aí pouco antes de chegarmos.

Charlie se aproximou e fechou o baú.

— Quero dar uma olhada por aí.

— O que estamos procurando? — perguntou John, e ela deu de ombros, abrindo outro baú.

— Qualquer coisa — disse. — Se houver algo útil, será aqui que encontraremos. Precisamos saber o que estamos enfrentando.

Procuraram em silêncio por um momento. Nenhuma das caixas estava rotulada e Charlie as abriu ao acaso, vasculhando rapidamente as de documentos e deixando de lado as outras. Essas continham uma série aleatória de objetos domésticos — louças e prataria, quinquilharias que Charlie reconheceu da infância, até alguns de seus brinquedos antigos. Examinou cuidadosamente uma caixa com os documentos fiscais de Jen, e então ou trocou de lugar, sem encontrar nada que se destacasse. Foi até outra caixa, quando notou que John a estava fitando com um olhar engraçado.

— O quê? — perguntou. Ele sorriu com o que parecia uma pontada de tristeza.

— Você lê bem rápido. — Foi tudo o que ele disse.

— Ninguém nunca te ensinou a ler rápido? — disse ela, sem pensar muito a respeito, e então desviou a atenção para outro lugar.

Charlie abandonou o amontoado de caixas que estava examinando e foi para o outro canto do quarto. Ela empurrou uma pilha de lençóis e toalhas muito bem dobradas para o lado e se sentou de pernas cruzadas no tapete. De onde estava, não conseguia sequer ver John, mas conseguia ouvi-lo, remexendo papel e murmurando algo consigo mesmo. Lançou o olhar de cima a baixo pelas pilhas, uma após a outra, e foi então que viu: *Henry,* escrito com a diligente letra de sua tia. Tirou três sobretudos e mais uma caixa da frente, até que finalmente a tivesse em suas mãos.

Olhou para a escrita por um longo momento. A tinta tinha começado a se apagar ao longo dos anos. Charlie passou o dedo indicador pelas letras, sua pulsação acelerada na garganta, como se

o coração estivesse tentando fugir. *Papai.* Abriu a caixa, e então viu — no topo, havia uma velha camisa de flanela xadrez verde, já bastante desgastada, tão fina e macia quanto algodão.

Pegou-a nas mãos e a ergueu com cuidado, como se fosse algo de extrema delicadeza, e a pressionou contra o rosto, inalando com o nariz coberto pela fibra. Cheirava apenas a pó e tempo, mas o toque do tecido em seu rosto trouxe lágrimas a seus olhos. Inspirou e expirou devagar, tentando forçá-las a voltar, e finalmente recobrou a compostura, embora parte de si berrasse por conta da injustiça daquilo, de que ela não podia sequer tirar um momento para agarrar-se a uma mínima presença dele, em um instante de luto.

Completamente consciente, Charlie pôs a camisa sobre os ombros, deixando-a pendurada nas costas enquanto se inclinava mais uma vez sobre a caixa. O resto dela continha diversas pilhas de caixas menores, e ela abriu a primeira, onde encontrou uma foto emoldurada dela com Sammy, ainda crianças, naqueles poucos e preciosos anos antes de tudo ser dilacerado. Sob a foto, havia um envelope, endereçado, com a letra de seu pai, para "Jenny". Charlie sorriu e balançou a cabeça. *Não consigo imaginar ninguém chamando a tia Jen de "Jenny".*

Ela abriu a carta.

Minha queridíssima Jenny,

Eu tinha escrito toda uma lista de instruções para você: cronogramas, tabelas de horários, códigos e procedimentos. Você me apoiou tanto, e é só agora, no fim, que eu vejo como isso me ajudou a superar esses tempos sombrios, mas também posso dizer quão vazio foi este período. Eu tinha tudo tão cuidadosamente planejado, trabalhei tão incansavelmente. Eu torci e deturpei meus arredores a um ponto em que nunca tenho a certeza de que estou completamente de volta à realidade, e ainda que conseguisse desligar tudo o que está plantado nas paredes para me iludir, creio que minha mente ainda me iludiria. Não preciso de um teste clínico para ver os efeitos a longo prazo desses dispositivos para saber que inquestionavelmente infligi dano permanente a mim mesmo. Sempre verei o que quero ver, mas pior que isso, sinto que há uma pontada, ou melhor, uma estaca, sempre no fundo do meu coração, lembrando-me mais e mais a cada dia de que o que eu vejo é uma mentira.

Com sua paciência e apoio, você tentou me manter feliz, mas, de alguma forma, isso também me trouxe de volta deste mundo que eu criei para mim. Acho que talvez teria sido melhor se você não tivesse me apoiado. Assim, eu a poderia ter excluído da minha bolha, me convencido de que você era louca, assim como todos os outros. Mas pelo contrário, seu amor incessável me fez escutá-la, me fez deixar que você se aproximasse, e a consequência disso foi ver a verdade nos seus olhos, e deixar com que essa verdade também se aproximasse.

Tenho a minha Charlie aqui comigo. Você não precisará mais me ajudar com relação a ela novamente. Em vez de encontrar alegria nela, eu chorei por ela, muitas e incontáveis lágrimas. Depositei minha agonia nela, até que ela se tornasse outro lembrete, não do que eu já tive, mas da insuportável dor do que me foi tirado. Ela passou a refletir minha dor de volta para mim. Enquanto por um tempo eu via grande conforto em seus olhos, agora só encontro perda, uma perda infindável e debilitante. Seus olhos jamais voltarão a me preencher. Na verdade, eles tão e somente me esvaziam.

Mantenha todos os armários fechados. Deixe que sejam túmulos para a minha negação e mágoa. A única instrução que ainda preciso que você siga é a respeito do quarto armário. Não basta mantê-lo fechado, você deve garantir que permaneça selado e enterrado. Minha dor já estava começando a me fazer despertar para a realidade quando iniciei o que seria seu estágio final. Quando me levantei brevemente dos fundos do meu desespero, notei que não havia escolha senão cessar meu trabalho, uma vez que só o que estava fazendo era alimentar minha própria desilusão.

Meu velho parceiro leal, que agora só posso esperar que esteja em seu próprio túmulo, pegou o que comecei e criou algo próprio — algo terrível. Ele transformou meu amado trabalho em algo seu, e o equipou com sabe-se lá que tipo de maldade. Eu consegui detê-lo e selar o que ele fez, e você, Jenny, deve garantir que o selo permaneça lá.

Eu a instruiria a demolir a casa, se acreditasse que isso poderia ser feito de forma eficaz. Fique com ela, e garanta que o resto do mundo a esqueça. Então, algum dia, depois que muitas décadas se passarem e que ninguém mais se lembre, encha-a com todo tipo de material inflamável e a deixe queimar, ficando de guarda para meter uma bala em qualquer coisa que emergir dos entulhos, não importa com o quê, ou quem, se pareça.

Eu me juntarei à minha filha.

Com amor para todo e todo o sempre,

Henry

— Charlie? — John estava parado atrás dela.

Sem palavras, ela lhe entregou as folhas. Ele as pegou e ela afastou a caixa na qual a carta estava guardada, passando os olhos pela que estava atrás dela. Estava selada com fita adesiva, mas o lado grudento estava velho e seco, as pontas se enrolando sobre o papelão. John foi passando as folhas, ainda lendo. Charlie sentiu um calafrio, apesar do ar quente, e enfiou os braços pelas mangas da camisa do pai, enrolando-as até a altura dos cotovelos.

— Você sabe o que significa? — perguntou John, a voz baixa.

Charlie ergueu o olhar para ele e balançou a cabeça.

— Chega pro lado — disse com um pequeno sorriso, e ela o fez, dando lugar para que ele se juntasse a ela no pequeno espaço em meio às caixas.

Ele então se sentou com os olhos voltados para ela, cruzando as pernas desajeitadamente. Devolveu-lhe as folhas, e ela as examinou outra vez.

— O que será que ele quis dizer com relação aos armários? — disse John.

— Eu não sei — disse Charlie, seca.

— Pense — protestou John. — Tem que significar alguma coisa.

— Eu não sei — repetiu Charlie. — Você esteve lá. Eles sempre estiveram vazios. Exceto aquele da Ella.

— Você não sabe disso — disse John, a voz mais suave. — Tinha aquele que estava trancado — prosseguiu, quase que para si mesmo.

— Mas de que importa? — disse Charlie — A casa se foi. A menos que esteja a fim de escavar no meio de um monte de entulho, isso é tudo o que temos. — Ela tirou a caixa com fita descascada da caixa maior e a entregou para ele. Tudo o que restava embaixo dela era um pequeno cofre que se abriu com facilidade quando Charlie puxou a portinhola. Também estava cheio de papeis: o de cima era um desenho feito a lápis de um rosto familiar.

— É a Ella — disse John, espiando por cima do ombro dela.

— É — disse Charlie. Seu pai tinha capturado as feições delicadas da boneca em detalhes minuciosos, não apenas seu rosto, mas também seu cabelo sintético e brilhante, assim como as pequenas dobras do vestidinho escuro engomado. Seus olhos estavam bem abertos, e o olhar vazio contrastava com o resto do desenho: uma representação perfeitamente realista de algo que não possuía vida própria.

— Não sabia que ele era um artista desse calibre — disse John, e Charlie sorriu.

— Ele dizia que desenhava as coisas para que pudesse vê-las, que não funcionava ao contrário. — Entregou o desenho a John. Embaixo dele havia outra, novamente de Ella, dessa vez de lado. O próximo mostrava o rosto de Ella, de perfil.

— Ele fez a Ella, não foi? — perguntou John, e Charlie inclinou a cabeça, examinando o desenho. Folheou o restante da pilha mais depressa e balançou a cabeça, confusa.

— São todos da Ella.

John pegou o que restava da caixa de papelão e arrancou a fita em meio a um som que mais parecia tecido sendo rasgado. A fita ficou presa em seus dedos enquanto a enrolava e, de canto de olho, Charlie o viu brigando para soltá-la. Ela folheou os desenhos mais uma vez.

— Olha as anotações.

Entregou para ele o primeiro desenho que viram, começando a perder a paciência enquanto John examinava a letra caprichosa, porém minúscula, de seu pai. Ele foi lendo devagar:

— *Altura: 81 cm. Circunferência da cabeça...* — Ergueu o olhar. — São só medidas.

Charlie lhe entregou outro desenho.

— Parece igual pra mim — disse John, mas então estreitou os olhos, examinando bem os registros. — *Altura: 118 cm.* — John inclinou a folha, como se pudesse ter lido errado.

— Esse aqui diz 164,5 — disse Charlie, entregando-lhe ainda outro, aparentemente idêntico ao anterior. — Eu não compreendo — disse, colocando a última folha sobre o colo. — Ele fez outra Ella? — Ela passou o dedo pela linha do cabelo de Ella, esfumaçando o traço feito a lápis, quando um pensamento lhe veio à cabeça. — Será que estava tentando me compensar? — disse.

— Como assim?

— Talvez ele estivesse tentando me dar... uma companhia. Uma amiga, por conta do que aconteceu. — Ela encontrou os olhos de John, incapaz de dizer exatamente aonde queria chegar.

— Fala do Sammy? Como você perdeu o seu irmão, ele quis te dar uma boneca que iria... o quê, crescer com você? — disse John, incrédulo, e ela assentiu, aliviada por ele ter encontrado sentido em suas meias-palavras.

— Talvez — disse Charlie, a voz suave.

Os olhos de John estavam apertados de preocupação, e ele então os desviou, voltando a examinar os desenhos em suas mãos.

— Mas não faz muito sentido, faz? — prosseguiu. — O que é que eu faria com uma boneca de mais de um metro e meio presa num trilho? — Pegou a carta novamente, segurando-a como um talismã, embora não precisasse de fato lê-la. — Será então que tinha uma versão maior da Ella no armário trancado?

Os olhos de John vasculharam o quarto silencioso sem um alvo em específico por um longo momento, e então, de súbito, arregalaram-se, atentos. Charlie estava olhando para a própria mão em silêncio, fechando e abrindo os dedos devagar. O silêncio se arrastou, então John agarrou a mão de Charlie, sobressaltando-a.

— Eu vi o seu sangue.

— O quê? — disse Charlie, alarmada.

— Eu vi seu sangue naquela noite. Você sangrou. Eu não acho que a Ella sangre, você acha? — A afirmação beirava o absurdo, mas John a fitava com aflição, como se esperasse uma resposta. Segundos se passaram, e Charlie não sabia o que dizer. — Eu pensei que você tinha morrido naquela noite — sussurrou John, por fim.

— Mas eu não estou morta, certo? — Seus olhos se focaram em John. — Estou viva, certo? — Ela segurou sua mão e John agarrou a dela com força, cobrindo-a com ambas as suas, e ela respondeu com um sorriso confuso. — John? — repetiu, inquieta, e ele trincou o maxilar. Parecia prestes a dizer alguma coisa, quando Charlie subitamente virou a cabeça em direção à janela.

— O que foi? — disse John, alarmado.

Charlie pôs um dedo sobre os lábios e inclinou a cabeça para tentar escutar. *Tem alguém lá fora.* John a fitou no rosto atentamente e então arregalou os olhos, finalmente registrando o som também: os passos esmagaram o cascalho lá fora uma última vez, dando lugar ao silêncio.

"Pelos fundos", disse apenas mexendo os lábios, e Charlie assentiu, soltando suas mãos e apoiando-se no baú atrás dela enquanto se levantava. John se apressou para tentar ajudá-la, mas ela o afastou.

— Vamos — sussurrou ela. — Porta dos fundos?

— Não sei. — Ele começou a seguir pelo corredor, gesticulando para que ela o seguisse. — Charlie, depressa. — John já dobrara a distância entre eles e estava apontando com urgência para a porta. Ela enfiou a carta no bolso de trás das calças e o seguiu, escolhendo o trajeto com cuidado em meio aos entulhos do depósito.

No corredor, o ar denso e mofado a atingiu feito uma onda, e Charlie engoliu sua repulsa, tentando não imaginar o corpo da tia jogado na sala ao lado. Seguiram pelo corredor em direção à sala da frente, e à porta, arrastando os pés para não fazer barulho. No final do corredor, John parou e Charlie ficou na espera, escutando. Havia apenas o silêncio, seguido pelo tilintar de um sino de vento do lado de fora da porta da frente. Os dois imediatamente voltaram para o meio do corredor. John estava com um olhar severo.

— Ali — disse, apontando com a cabeça para uma porta do lado oposto do depósito, que estava levemente entreaberta. — Ela estava aberta antes?

— Sim — respondeu Charlie. — Quer dizer, acho que estava.

Eles seguiram devagar em direção à porta aberta: Charlie respirava de forma rasa, tentando registrar mesmo que o menor barulho mais alto que a batida de seu coração. Quando chegaram à porta, ela ouviu um farfalhar, como se alguém estivesse pisando em folhas macias. John e Charlie se separaram e ficaram cada um de um lado da porta, Charlie junto às dobradiças e John junto à maçaneta, e então, devagar, terminou de abri-la. Charlie viu o alívio em seu rosto antes de ver o que havia no quarto: uma cama, uma penteadeira, e absolutamente nada mais, nem mesmo um armário. Havia uma janela aberta, e John se voltou para Charlie outra vez.

— Acho que encontramos uma saída — disse. Ela sorriu de volta para ele, trêmula. — Fica atrás de mim enquanto eu dou uma olhada — sussurrou John e, antes que ela pudesse responder, empurrou a porta até quase encostá-la na parede, deixando o caminho completamente aberto, e começou a seguir sorrateiramente até a janela aberta, avançando em linha reta pelo meio da sala.

Charlie continuou no corredor, mantendo a porta aberta, para que pudesse ver todo o quarto. Ficou apenas o observando, inquieta. *Rápido,* o incitava em silêncio. Então, enquanto pensava isso, sentiu a porta parar contra seus dedos, como se houvesse alguma coisa bloqueando seu caminho até a parede. *Tem alguma coisa atrás da porta?* Devagar, sem fazer barulho, ela se inclinou para o lado e pôs o olho na fresta da porta, junto às dobradiças. Seu coração parou.

Outro olho a olhava de volta.

Charlie deu um pulo para trás. A porta tremulou por um momento, e então se fechou com tudo. Dentro do quarto, algo começou se chocar e espatifar contra a parede, de novo e de novo.

— John! — berrou Charlie, batendo na porta. De repente, a casa ficou em silêncio e, alguns momentos depois, a porta se abriu e uma figura deixou o quarto graciosamente, avançando pelo corredor a passos lentos, como se tentando não acordar um bebé adormecido.

Charlie ficou olhando incrédula para sua duplicata, sua mente registrando vagamente todas as menores diferenças entre as duas enquanto tentava encontrar as palavras.

— Você não sou eu — conseguiu dizer, e seu próprio rosto sorriu diante de si.

— Sou a única *você* que importa.

CAPÍTULO DOZE

— Tá funcionando? — perguntou Marla, mexendo inquietamente no aparelho em seu ouvido. Carlton acelerou o carro.

— O meu funcionou — disse bruscamente. Olhou para ela: Marla estava espremendo as mãos uma contra a outra e suas juntas estavam começando a ficar brancas. — Quer dizer, *não dá* bem pra dizer se está funcionando até que...

— Até que o quê? — disse Marla.

— Bem, até que você esteja em perigo e...

— E o quê? — Marla parecia impaciente.

— E você não morre. — Carlton assentiu encorajadoramente.

— Então como sabemos se não estão funcionando? — A voz de Marla perdera a energia.

— Bem, se não funcionarem, você não vai ter que se preocupar com isso por muito tempo. — Abriu um sorrisinho de canto de boca.

— Certo. — Marla parou de mexer com o aparelho e pôs a mão no colo.

— Vai funcionar. Eu mudei os cabos do seu exatamente como fiz com os do meu.

— Não costumo ficar no meio do fogo cruzado — disse Marla. — Eu normalmente venho depois, com abraços e band-aids. Se isso fosse um filme, eu seria a babá sem graça, não a heroína de ação. — Havia uma pontada de amargura em sua voz, e Carlton olhou para ela, surpreso. — Carlton, a estrada!

Ele imediatamente desviou a atenção de volta para o que estava fazendo, dando um breve puxão no volante.

— Mas Marla, eu já te vi no meio do fogo cruzado. Na Freddy's, não se lembra?

Ela assentiu de leve.

— E não subestime o poder de abraços e band-aids — acrescentou, desacelerando o carro quando a placa do restaurante surgiu à frente: as palavras CIRCUS BABY'S PIZZA WORLD brilhavam

em meio à noite, cobrindo metade do quarteirão numa luz vermelha berrante. — Não dá pra errar — comentou Carlton, entrando no estacionamento.

Assim que passaram da placa de néon, sua luz ofuscante e sedutora deu lugar ao cenário ao fundo: o estacionamento estava completamente vazio e desolado.

— Não tem ninguém aqui. Tem certeza sobre isso? — disse Marla, a voz urgente.

— Não, mas eu sei o que eu vi. — Carlton seguiu com o carro devagar em direção à entrada, apontando para a mascote, a garota palhaça inclinada sobre a placa em cima da porta. — E foi *ela* quem me atacou.

Estacionaram próximos ao prédio. Carlton parou para checar o porta-malas por um minuto e voltou com duas pequenas lanternas. Deu uma batidinha numa delas, até conseguir acendê-la, e então a entregou para Marla.

— Obrigada — sussurrou.

Começaram a dar a volta pela lateral do prédio e Carlton passou a luz de sua lanterna pela parede, iluminando uma fileira de janelas retangulares altas. As superfícies das janelas eram tão escuras que não conseguiam ver o lado de dentro, e as armações eram de um metal liso e preto, sem espaço para tentarem forçar uma abertura. Carlton balançou a cabeça, gesticulando em direção aos fundos do prédio. Marla assentiu, segurando a lanterna como se sua vida dependesse disso.

Havia mais vagas de estacionamento atrás do prédio, com várias latas de lixo enfileiradas junto à parede dos fundos e duas caçambas posicionadas uma de cada lado de uma porta de metal. A única luz vinha de uma lampadazinha alaranjada posicionada sobre a porta lisa, como uma espécie de decoração.

— Parece que essa é a nossa entrada — sussurrou Carlton.

— Veja.

Marla apontou a lanterna para pegadas frescas em meio à lama, como se alguém tivesse caminhado junto à parede e seguido em direção à porta.

— Jessica? — Marla olhou para Carlton.

— Talvez.

Marla agarrou a maçaneta e puxou com força, mas ela sequer se mexeu.

— Não acho que vamos encontrar outra entrada — sussurrou, e Carlton abriu um sorriso.

— Achou que eu não tinha vindo preparado? — disse Carlton, tirando um estojo de couro liso do bolso. Entregou para ela. — Segura aqui — disse, selecionando várias pequenas tiras de metal enquanto ela balançava o estojo para ele.

— Isso são gazuas? — sibilou Marla.

— Se tem uma coisa que eu aprendi observando o meu pai é que arrombamentos podem ser usados para o bem — disse Carlton, solenemente. Ele se inclinou sobre a fechadura, tentando não deixar a cabeça na frente da luz, e começou lentamente a encaixar as gazuas no lugar certo.

— Aham, claro. Você nem consegue arrombar uma porta... consegue? Não é contra a lei andar por aí com essas coisas? — perguntou Marla.

Carlton olhou de volta para ela. Estava segurando o estojo longe do corpo, como se tentasse se desassociar dele.

— Só é contra a lei se você usar para arrombar portas — disse. — Agora fique quieta pra eu poder arrombar essa porta.

Marla olhou em volta, inquieta, mas não disse nada. Ele voltou a atenção para a porta outra vez, escutando os estalidos que indicavam que os pinos do tambor estavam se acertando enquanto ele mexia cuidadosamente no mecanismo.

— Está levando uma eternidade — choramingou Marla.

— Não disse que era bom nisso — disse ele, distraído. — Consegui! — exclamou, abrindo um sorriso triunfante.

A porta se abriu em meio a um chiado agudo, revelando um grande corredor com uma subida não muito acentuada. O corredor em si era escuro, mas, alguns metros adiante, conseguiam ver o brilho fosco de lâmpadas fluorescentes. Marla fechou a porta atrás deles, segurando-a ao fechar para que não batesse com força. As luzes vinham de uma porta aberta do lado esquerdo do corredor: esperaram por alguns instantes, mas não ouviram nenhum som vindo daquela direção,

então seguiram em frente, arrastando-se pela parede. Conforme foram se aproximando, Carlton deu uma fungada no ar.

— *Shhh* — chiou Marla, e ele inclinou a cabeça em direção à porta.

— Pizza — sussurrou. — Não tá sentindo o cheiro?

Marla assentiu, gesticulando impacientemente para que ele seguisse em frente.

— De todos os cheiros nesse lugar, esse é o que te chama a atenção? — A porta aberta se revelou tratar-se da cozinha, e eles deram uma breve olhada em volta, e então Carlton seguiu até uma grande geladeira, à qual abriu a porta.

— Carlton, esqueça a pizza! — disse Marla, consternada, mas havia apenas uma série de prateleiras com ingredientes variados dentro da geladeira. Carlton fechou a porta.

— Nunca se sabe quem poderia estar escondido ali — disse ele, a voz baixa, enquanto deixavam a cozinha.

No final do corredor, havia uma porta de balanço dupla, com pequenas janelas da altura dos olhos de Carlton, e ele avaliou o que conseguia ver na sala em frente, só então abrindo as portas. Marla arfou.

— Medonho — disse Carlton, a voz suave.

A sala de jantar diante deles era iluminada pelas mesmas lâmpadas fluorescentes foscas, dando àquele lugar completamente novo uma estranha opacidade. Havia mesas e cadeiras no centro, além de máquinas de fliperama e áreas de recreamento junto às paredes, mas seus olhos foram imediatamente atraídos ao pequeno palco mais ao fundo. Sua cortina roxa estava aberta, e o palco em si estava completamente vazio, exceto por uma corda de um amarelo berrante pendurada na frente, com uma placa com o desenho de um relógio. As palavras "PRÓXIMA ATRAÇÃO:" estavam escritas com uma letra bastante caprichosa, mas o relógio estava sem braços.

Marla estremeceu, diante do que Carlton lhe deu um empurrão.

— Não é igual — sussurrou.

— É exatamente igual — disse ela.

Carlton olhou em volta, examinando o resto da sala, e seus olhos encontraram uma piscina de bolinhas que se destacava dos demais brinquedos numa parede mais adiante, com um toldo de plástico vermelho com enfeites brancos servindo-lhe como cobertura.

— Olha, no trepa-trepa — apontou Marla.

Do outro lado da sala, três crianças pequenas iam subindo na estrutura triangular de barras vermelhas e amarelas sem a menor dificuldade. Carlton, sobressaltado, olhou para Marla com uma expressão de surpresa, e então correu até elas.

— Vocês estão bem? Cadê seus pais? — perguntou, sem fôlego, e então sentiu a boca secar.

As crianças não eram humanas, ou sequer estavam vivas. Seus rostos animatrônicos eram pintados como os de palhaços, com feições absurdamente exageradas: uma tinha um nariz vermelho e arredondado que cobria metade do rosto e uma peruca de cachos sintéticos. Outra tinha um sorriso estampado no rosto, com uma careta pintada de vermelho. A terceira, um palhacinho sorridente de bochechas vermelhas com uma peruca arco-íris, quase parecia fofa, exceto pela mola gigante que substituía o meio de seu corpo, sacudindo para cima e para baixo toda vez que se mexia. Todos tinham olhos negros, sem íris ou pupilas, e não pareciam ver Carlton.

Ele balançou as mãos, mas elas não viraram as cabeças, continuaram apenas agarrando as barras com suas mãozinhas gorduchas, avançando pela estrutura com uma precisão assombrosa. Todas emitiam um farfalhar alto, como se fossem brinquedos de corda que haviam sido colocados ali para subir. De repente, a criança da mola lançou sua metade de cima sobre o topo das barras, a mola se estendendo num cabo longo e ondulado, e então agarrou uma barra, os pés disparando pelo ar descontroladamente, antes de voltarem ao lugar, já do outro lado, numa série de estalidos.

— Tá, erro meu, vocês não são as crianças que estamos procurando, em frente — sussurrou Carlton, trêmulo, enquanto as criaturas prosseguiam, avançando de um lado para o outro, para cima e para baixo ao longo da estrutura.

— Eles não conseguem nos ver — murmurou Marla, e Carlton levou um momento para registrar sua voz.

— O quê? — disse ele, os olhos ainda voltados para as crianças palhaças.

— Eles não conseguem nos ver — repetiu. — Essas coisinhas estão funcionando. — Marla deu uma batidinha no ouvido.

— Certo, ótimo — disse Carlton, virando as costas para a cena. Marla estava sorrindo de alívio. — Mas ainda temos que tomar cuidado — advertiu. — Não posso garantir que vá funcionar com tudo, e definitivamente não funciona com pessoas.

Marla estremeceu, e então assentiu depressa.

— Tem uma sala atrás do palco — disse ela.

— Parece um fliperama — disse Carlton, com um sorriso no rosto.

Marla desacelerou o passo em frente ao palco, sua cabeça se voltando para as cortinas, como se quisesse tentar olhar atrás delas.

— Não — disse Carlton, agarrando a mão de Marla. — A última coisa que queremos é atrair atenção pra gente. — Marla assentiu, concordando.

O fliperama tinha um cheiro extremamente forte de plástico novo, as máquinas brilhando, ainda bem pouco usadas. Tinha uma dúzia ou mais de máquinas de fliperama independentes, fora duas máquinas de pinball, uma delas — previsivelmente, a essa altura — com temática de palhaço, e a outra estampada com desenhos bastantes cartunescos de encantadores de serpentes. Carlton decidiu manter distância. Marla o puxou pela camisa e apontou para uma porta fechada na parede à esquerda, com uma placa de SAÍDA brilhando em vermelho sobre ela, e Carlton assentiu.

Os dois seguiram até ela, passando a passos lentos diante de um jogo do tipo "teste a sua força" que era gerenciado por um palhaço de tamanho adulto com um rosto feito de placas de metal pontiagudas e que ficava balançando a cabeça de uma forma contínua, seu sorriso pintado com uma expressão maníaca. Enquanto passavam por ele, Carlton o observou cautelosamente, mas os olhos do robô não pareciam notar seus movimentos.

Quando chegaram à porta, Carlton respirou fundo e então empurrou a barra gentilmente. Ela cedeu com facilidade, e Marla suspirou, aliviada. Carlton empurrou a porta, abrindo-a, e a segurou para ela, mas congelou diante do inconfundível estalido de mecanismos servomotores, quebrando o silêncio atrás deles.

Ambos viraram imediatamente. Carlton ergueu o braço diante de Marla de forma a protegê-la, seu coração acelerado, mas não havia nada em movimento. Examinou a sala, até que finalmente viu: o palhaço parado diante da atração estava olhando para elas, sua cabeça inclinada para o lado. Carlton olhou para Marla, e ela assentiu de forma mínima: ela também tinha visto. Devagar, ela passou pela porta de costas, enquanto Carlton observava o animatrônico, mas ele não apresentou nenhum outro sinal de movimento.

Quando Marla já estava segura do outro lado, Carlton sacudiu os braços, desesperadamente esperando que ele não o visse. O palhaço permaneceu imóvel, tendo aparentemente retornado à sua estase. Carlton se esgueirou para a próxima sala e fechou a porta cuidadosamente atrás de si. Ele se virou, e quase caiu por cima de Marla, que estava quase escorada de costas na parede.

— Cuidado — sussurrou Carlton, a voz agradável, e lhe agarrou o ombro para se apoiar. Então, ele ergueu o olhar e sentiu as pernas balançarem, desorientado por conta de uma dezena de figuras distorcidas e ameaçadoras. Respirou fundo, e a sala começou a fazer sentido: *espelhos.*

Diante deles, havia uma série de espelhos de circo, cada um distorcendo a imagem que refletia. Os olhos de Carlton saltaram de um para o outro — um deles mostrava ele e Marla tão altos que quase batiam no teto. No próximo, estavam inflados feito balões, suas imagens entulhadas uma por cima da outra e praticamente saltando da armação. No seguinte, seus corpos pareciam normais, mas suas cabeças encolheram, como pequenos cotocos acima dos ombros.

— Certo — murmurou Carlton. — Como saímos daqui?

Como se para responder sua pergunta, dois espelhos começaram a girar devagar, virando de frente um para o outro, até formarem uma porta estreita na parede de painéis muito bem alinhados. Do outro lado da pequena abertura, havia ainda mais espelhos, mas Carlton não sabia dizer exatamente quantos, ou para qual lado estavam virados, uma vez que um espelho refletia o outro, dobrando os reflexos a tal ponto que era impossível dizer qual era o real e qual não era. Marla passou pela abertura e acenou: havia um certo brilho em seus olhos, mas Carlton não sabia dizer se era empolgação ou a estranha luz turva daquele lugar.

Ele a seguiu, e assim que passou pela abertura, os painéis começaram a se fechar outra vez, prendendo-os lá dentro. Carlton olhou em volta, sentindo-se mais inquieto agora que sua saída fora bloqueada. Eles pareciam estar num corredor estreito que se bifurcava em duas direções, as paredes feitas de mais painéis espelhados que iam do chão ao teto.

— É um labirinto — sussurrou Marla, abrindo-lhe um sorriso quando o viu o olhar em seu rosto. — Não se preocupe — acrescentou. — Sou boa com labirintos.

— Você é boa com labirintos? — disse Carlton, irritadiço. — O que quer dizer com isso? "Sou boa com labirintos".

— Qual o problema nisso? Eu sempre fui boa com labirintos. — Marla balançou a cabeça.

— O quê, tipo o labirinto de feno? De quando a gente tinha uns cinco anos? É disso que você tá falando?

— Eu cheguei ao final antes de todos os outros.

— Você subiu por cima dos fardos. Nem podia fazer isso.

— Ah, é verdade. — O rosto de Marla enrubesceu. — Não sou boa com labirintos.

— Vamos passar por esse juntos. — Carlton segurou sua mão por tempo o suficiente para que ela não tivesse um ataque de pânico e então a soltou.

Ela olhou em ambas as direções, pensativa, e então apontou com convicção:

— Vamos tentar por ali — disse. Eles avançaram pelo caminho escolhido, Carlton seguindo-a de perto, os olhos grudados a todo momento nos pés de Marla, logo diante de si. Após apenas alguns passos, ele a escutou inalando o ar com força, e então ergueu a cabeça: tinham dado de cara com um beco sem saída.

— Mas já chegamos a um beco sem saída? — disse ele, surpreso.

— Não, o painel se fechou — chiou Marla.

— Por aqui, ô do labirinto de feno — disse Carlton, a voz jocosa. — Vamos voltar.

Começaram a seguir de volta pelo caminho por onde tinham vindo e, dessa vez, Carlton viu os painéis se mexendo: enquanto voltavam para o ponto onde tinham começado, um painel se lançou na direção deles, bloqueando seu caminho. Um segundo depois, outro painel se moveu, abrindo um novo corredor. Marla hesitou, mas Carlton seguiu em frente.

— Não temos escolha, vem — disse. Ela assentiu, e os dois foram se enfiando cada vez mais para o fundo do labirinto.

Assim que cruzaram a próxima passagem, o painel se fechou. Olharam em volta, procurando a nova abertura, mas não havia nenhuma: estavam confinados por espelhos por todos os lados. Carlton avançou um pequeno perímetro depressa, começando a entrar em pânico.

— Carlton, é só esperar, logo um deles vai se abrir — sussurrou Marla.

— *Eu s-ei que estão a-qui.* — Uma voz desconhecia reverberou por todo o local. Parecia vir de todos os lados ao mesmo tempo, ecoando como se saltasse de painel em painel. O som era mecânico, as palavras falhando enquanto eram ditas.

— Ali! — exclamou Carlton, apontando para um painel que se abrira enquanto estavam distraídos. Ele correu até a nova abertura, mas acabou dando de cara com um espelho, batendo com a cabeça no vidro. — Ai!

— Está ali — disse Marla, apontando para o lado oposto da barricada.

O painel começou a se fechar para encurrala-los na sala outra vez.

— *V-ou encontrar vo-cês...* — A voz falhada tinha um tom estranho, instável.

— Carlton! — Marla ficou parada em meio à abertura que se fechava, estendendo-lhe uma mão, e ele correu até ela, ambos conseguindo passar instantes antes de o painel terminar de girar de volta para sua posição inicial.

— O que você ia fazer, ficar ali parada e deixar que ele te esmagasse? — ralhou Carlton.

— Não considerei a ideia de que podíamos ficar presos entre os painéis. Esse lugar tá implorando por um processo. — Marla ajeitou a postura. — Foi uma noite adorável, mas acho que eu gostaria que você me levasse para casa agora — disse, a voz mais calma.

— Te levar pra casa? Me leva você pra casa! — disse Carlton, antes de parar para ouvir:

— *Sei e-xatamente onde vo-cês estão...*

Eles estavam de volta em um corredor, esse com dois lados que podiam escolher. Trocaram um olhar e, em meio a um sorriso, seguiram para a esquerda, andando devagar. Carlton manteve os olhos nos sapatos de Marla, logo a sua frente, tentando não olhar para as paredes de ambos os lados, onde fileiras e mais fileiras de duplicatas suas marchavam silenciosamente ao seu lado, deformadas e retorcidas em meio aos espelhos, embora, em algumas ocasiões, parecessem normais. Quando chegaram ao final da passagem, algo reluziu junto ao canto do olho de Carlton, um reflexo de um reflexo de olhos gigantescos, olhando diretamente para eles. Carlton agarrou o ombro de Marla.

— Ali! — Ela estremeceu.

— Eu também vi.

— Anda, vai, vai, vai — sussurrou Marla. — Só me segue. Mantenha a calma. E lembre-se, nada pode nos ver.

— *Estou che-gando mais per-to...* — disse a voz mecânica, ecoando por toda a câmara.

— É só uma gravação — murmurou Carlton. — Está vindo de todos os lados, não acho que tenha mesmo alguma coisa aqui conosco.

Marla assentiu, não parecendo muito convencida disso. Alguns passos em frente, os painéis começaram a se fechar novamente, bloqueando seu caminho. Carlton olhou para trás: o outro lado do corredor também tinha se fechado. Marla chegou mais perto.

— *Estou vendo vocês...*

— Cala a boca — sussurrou Carlton.

Tentou desacelerar a respiração para não fazer barulho, imaginando o ar entrando e saindo, preenchendo seus pulmões sem encostar nas laterais. Foi quando o painel à direita deles começou a se abrir devagar, e eles recuaram para sair do caminho. Marla arfou, e Carlton agarrou seu braço, enfim vendo: havia alguma coisa atrás do espelho que se abria devagar, embora não conseguisse distinguir exatamente o quê. Recuaram ainda mais, dando passos pequenos e cuidadosos. Carlton examinou os painéis espelhados em busca de uma saída, mas tudo o que viu foi o próprio rosto, inchado e deformado.

— *Aí estão vocês...*

O painel terminou de se abrir, revelando um caleidoscópio de cores, roxo, branco e prateado, que refletiam de forma desconexa em cada um dos espelhos. Carlton piscou, tentando entender os reflexos, quando a figura parada no meio da abertura adentrou a saleta improvisada.

Era um urso que fora construído para ser como Freddy Fazbear, mas que também parecia completamente diferente: seu corpo de metal era de um branco esmaltado brilhante, realçado por um roxo vibrante. Segurava um microfone na mão, o topo reluzindo feito uma bola de discoteca, e em seu peito, no meio de um peitoral de metal roxo, havia um pequeno alto-falante redondo.

A apenas alguns metros de distância, o novo Freddy virou sua cabeça maciça de um lado para o outro, seus olhos passando diretamente por eles. Carlton olhou para Marla, que deu uma batidinha no ouvido e assentiu. Ele pôs um dedo sobre os lábios. Freddy deu dois passos em frente, e eles recuaram, recostando-se contra a parede. Freddy olhou novamente de um lado para o outro.

— *Sei e-xatamente onde vo-cês estão...* — O som era de estourar os tímpanos, o que fez Carlton trincar os dentes, mas a boca de Freddy sequer se mexeu. A voz estava sendo projetada pelo alto-falante em seu peito.

Carlton segurou o fôlego enquanto os olhos do urso passavam por ele, tentando lembrar a si mesmo de que estava ocultado, mas os olhos hesitaram sobre ele por um instante, antes de finalmente avançarem. Carlton conseguia sentir o suor escorrendo por sua testa.

A parede atrás deles se reposicionou, e Carlton conseguiu se segurar a tempo de não cair, enquanto Marla se afastava mais ao lado. O painel se abriu devagar e os dois se apoiaram junto à passagem que se formou, quando Freddy começou a seguir lentamente em sua direção, a fim de atravessar a nova abertura — bem no ponto onde eles estavam parados. Marla tocou o braço de Carlton, guiando-o para o lado no momento exato em que Freddy passou por eles com seus passos arrastados, a superfície reluzente quase batendo no nariz de Carlton.

— *Estou che-gando mais per-to...* — gaguejou Freddy, a voz soando ameaçadora enquanto desaparecia numa curva mais adiante.

O painel começou a se fechar e Marla apontou com urgência para a porta por onde Freddy entrara. Eles correram até ela, passando pouco antes de os espelhos se fecharem por completo. Carlton e Marla olharam de um para o outro, ofegando como se tivessem corrido uma maratona.

— Aquele era o Freddy? — murmurou Marla. Ele balançou a cabeça.

— Não sei, mas ele era diferente — disse Carlton.

— Como assim? Diferente do quê?

— Dos outros animatrônicos que vimos até agora. Ele estava... olhando para mim — disse Carlton, sentindo-se desconfortável.

— Eles todos olham pra gente.

— Não, ele estava olhando para mim.

— *Consigo ouvi-los! Apareçam!* — exclamou Freddy, como se fosse sua deixa. Sua voz ecoou pelo labirinto de espelhos, tão impossível de localizar quanto antes. Carlton respirou fundo, procurando tranquilizar a mente.

— Como a gente sai daqui? — murmurou, tentando soar mais calmo do que se sentia. — Onde é que nós estamos, afinal?

— Olha ali, aquela luz — disse Marla, apontando para as vigas sobre suas cabeças, onde um holofote vermelho reluzia, banhando todo o labirinto com sua luz.

— O que tem?

— Eu vi essa luz quando entramos aqui, mas ela devia estar a uns seis metros de distância. Agora, ela está bem em cima das nossas cabeças. Agora, é só continuarmos seguindo para o outro lado dela — disse ela, confiante.

Carlton examinou o teto por um momento, considerando o que ela havia dito.

— Eu disse, sou boa com labirintos. — Ela lhe deu uma piscadela. — Só temos que esperar que os painéis certos abram. — Apontou para um painel específico.

— Pode levar uma eternidade — disse Carlton, aflito.

— Vai demorar ainda mais se não ficarmos de olho na direção que estamos indo — disse Marla. — Vamos. — Ela seguiu pelo caminho que havia indicado, e Carlton a seguiu de perto.

— *Estou che-gando mais per-to...* — A voz de Freddy ressoou pelo labirinto.

— Parece que ele está atrás da gente de novo. Acho que está dando a volta — disse Carlton, a voz sussurrada.

— Tá, tá. Então vamos dar a volta também.

— Só tira a gente daqui — sussurrou ele. Marla assentiu, e os dois seguiram em frente com cuidado, rodeados por suas várias duplicatas distorcidas.

Os painéis giratórios os forçaram a percorrer quase um círculo completo antes de lhes dar uma escolha de direção, e Marla aproveitou a oportunidade, agarrando Carlton pela mão e correndo em direção à passagem aberta. Quase conseguiram passar por ela, mas foram bloqueados outra vez, forçados a dar a volta.

— *Shhh* — ralhou Carlton, desesperado.

Marla tentou empurrar a beira de um dos painéis, mas ele sequer se moveu — Carlton se aproximou para tentar ajudá-la, jogando todo o peso contra o espelho, mas, mesmo com a força combinada de ambos, ele não girou.

— Não sei por que pensei que ia funcionar — murmurou Marla.

— *Estou quase p-egando vocês...* — entonou Freddy. Marla olhou em volta, inquieta.

— Acabo de ter uma ideia terrível — disse Carlton, devagar. Marla o fitou com um olhar de advertência. — Ainda está de olho no caminho que estamos seguindo? Ou pelo menos na direção que temos que ir?

— Acho que sim — disse ele, examinando as vigas novamente, e um olhar de compreensão se formou em seu rosto.

— Estamos chegando perto — disse ele.

— O que você vai fazer? — perguntou Marla, soando como se já tivesse se arrependido de ter perguntado. Carlton tirou a lanterna do bolso e fechou o punho em volta dela, erguendo o braço e batendo a traseira da lanterna com tudo contra o espelho adiante. O vidro se espatifou em meio a um barulho alto e claro, e uma dor maçante reverberou ao longo de seu braço.

— *C-onsigo ouvi-los aí...* — A voz de Freddy crepitou por todo lado ao redor deles.

— Ele só fica falando essas coisas, ou será que ele ouviu mesmo? — disse Marla.

O painel com o espelho quebrado se abriu, mas antes que pudessem passar por eles, ouviram farfalhar de passos pesados estilhaçando as lascas de vidro. Carlton segurou o fôlego e assentiu para Marla. Freddy adentrou a sala a passos firmes, e parou imediatamente no centro, a parte de cima de seu corpo virando lentamente de um lado para o outro, examinando os arredores.

Carlton e Marla passaram pelo vidro quebrado a passos arrastados, atravessando o painel aberto atrás do animatrônico sorrateiramente. No corredor, Carlton fitou Marla com um olhar questionador e ela apontou para frente. Ele assentiu, correndo em direção ao espelho mais distante, e então o golpeou.

No mesmo instante, Freddy girou para eles. O rosto de olhos gigantescos virou de um lado para o outro. Após um momento, outro painel começou a se abrir mais adiante, junto ao espelho recém-quebrado. Carlton e Marla correram em sua direção, o vidro se partindo sob seus pés.

— Ali! — exclamou Marla.

Carlton ergueu o olhar e viu uma placa de SAÍDA sobre uma porta, apenas a alguns metros de onde estavam. Os olhos de Marla se encontraram com o de Carlton e ela moveu os lábios para dizer *"Estamos quase lá"*.

— *Voltem já aqui!* — disse a voz maníaca de Freddy, e saíram todos correndo para a última passagem: havia bilheteria pintada com cores vibrantes à vista e, além dela, uma parede aberta.

Marla e Carlton trocaram um olhar e aceleraram com cuidado.

— *Peguei vocês* — disse Freddy.

O alto-falante estava logo atrás da cabeça de Carlton, que quase deu um pulo, sobressaltado, tropeçando nos próprios pés. Recobrou o equilíbrio depressa, plantando a mão no espelho, e então saiu em disparada atrás de Marla, mas deu de cara com o próprio reflexo, batendo no vidro.

— Marla, espera! — gritou Carlton. Conseguia vê-la refletida em três espelhos, mas não sabia dizer ao certo para onde de fato ela tinha ido. — Espera.

Levou a mão à testa e olhou para o espelho mais próximo, tentando ver se estava sangrando. Não estava, mas havia algo errado. Demorou um segundo para notar que o aparelho auditivo tinha caído de seu ouvido. Olhou em volta, em pânico, quando, de repente, Freddy emergiu atrás dele, no espelho. Carlton congelou onde estava — a gigantesca cabeça do urso branco e roxo estava olhando para ele através do espelho, pairando sobre seus ombros. Ele olhou para baixo e viu o aparelho auditivo junto a seus pés, e num movimento rápido, abaixou-se para pegá-lo. Suas mãos tremiam, e ele começou a pelejar para colocá-lo de volta no ouvido. Quando ergueu o olhar, Freddy estava de pé sobre ele, e Carlton foi lançado no ar por uma força súbita e dolorosa. Carlton sentiu o corpo sacudir e então caiu de volta no chão, derrubando o aparelho auditivo mais para o lado.

Freddy se virou e olhou para Carlton por um momento, seus olhos estalando enquanto se mexiam de um lado para o outro, e sua boca aberta apenas o suficiente para revelar duas longas fileiras de dentes brancos perfeitamente polidos. Carlton saltou em direção ao aparelho caído no chão assim que Freddy lançou o braço contra ele, acertando e espatifando ainda outro painel de vidro. Carlton bateu na parede de cabeça, retorcendo-se de dor.

Freddy virou a cabeça, primeiro de um lado para o outro, e continuou até virá-la para as costas, suas olhos vasculhando o corredor com voracidade. Carlton examinou o chão a sua volta, em pânico, e viu o aparelho outra vez, mas estava em três lugares diferentes, em três espelhos. Ouviu vidro se partindo novamente por perto, mas Carlton manteve os olhos nos aparelhos auditivos, desviando de um para o outro, numa tentativa desesperada de ver qual era o verdadeiro. De repente, uma mão humana se aproximou e pegou o aparelho auditivo em cada um dos três painéis.

— Carlton! — gritou Marla, e ele se virou em direção ao som, finalmente encontrando-a, não um reflexo, mas a verdadeira Marla, jogando o aparelho para ele.

Carlton agarrou o aparelho em meio ao ar e imediatamente o enfiou no ouvido. Freddy parou onde estava, o braço ainda estendido em meio a uma investida. Carlton não ousou se mexer, embora o microfone estivesse a centímetros de seu rosto. Pela visão periférica, podia ver Marla avançando devagar em direção à porta com a placa de SAÍDA. Freddy virou a cabeça de um lado para o outro novamente, começando lentamente a ajeitar a postura.

— *Vou encontr-ar vocês...* — disse a voz vinda de seu peito, e ele abaixou os braços.

Marla girou a maçaneta e abriu a porta devagar, mas apenas o suficiente para ver que estava destrancada. Mal conseguindo respirar, Carlton se afastou de Freddy, mantendo os olhos fixos no animatrônico até conseguir se juntar à Marla.

Num movimento rápido, Marla terminou de abrir a porta e os dois logo dispararam por ela, imediatamente fechando-a atrás deles. Havia um trinco na parte de cima e Carlton o fechou, pondo o ouvido no vão junto às dobradiças. Não havia nada além de silêncio do outro lado, e ele se voltou para Marla em meio a um suspiro pesado, a cabeça zonza devido ao alívio. Estavam agora num corredor escuro, completamente livre de espelhos.

— Corredor escuro e assustador — murmurou Marla.

— É lindo — disse Carlton.

Um grito cortou o ar, vindo de algum lugar próximo, e ambos congelaram.

— Ainda não terminamos — disse Carlton, disparando em direção ao som, e Marla o foi seguindo de perto.

CAPÍTULO TREZE

— Pessoal, fiquem bem quietinhos — sussurrou Jessica. As crianças apenas olharam para ela, os olhos arregalados e solenes. Estavam agrupadas num canto nos fundos da saleta pequena e úmida, aguardando por instruções: Lisa, a menininha de três anos, continuava encolhida atrás de Ron, o protetor que escolhera, e Alanna pegara a mão do garotinho loiro, embora o mesmo ficasse tentando se soltar. Jessica engoliu em seco. *Por que eu tenho que ser a líder? Já é ruim o suficiente quando tenho que cuidar de mim mesma.*

Ela se abaixou para ficar da altura das crianças, tentando evocar algum tipo de qualidade de liderança. Devia ter escutado a minha mãe. *Devia ter entrado pra uma equipe esportiva. Mas não, eu tinha que ser a garota quieta que ficava no canto, mordendo a borracha na ponta do lápis.*

Jessica examinou a sala outra vez, e então assumiu uma expressão mais séria.

— Tem alguma coisa lá fora? — Alanna e Ron trocaram um olhar preocupado. — O que tem lá fora? Podem me dizer — suplicou Jessica.

— Ela entra pela porta — disse Alanna, sem olhar nos olhos de Jessica. — Ela... — A garotinha parou de falar e cobriu o rosto, murmurando algo ininteligível por detrás de suas mãos.

— Ela? Quem, a... mulher que pegou vocês? — perguntou Jessica, a voz gentil, tentando conter a impaciência. Alanna assentiu com força, o rosto ainda escondido.

— Achamos que fosse um brinquedo. Não dava medo como todo o resto. — Ron procurava palavras, e Lisa puxou sua camisa e sussurrou alguma coisa, baixo demais para que Jessica conseguisse entender. Ron lhe deu um empurrãozinho para frente. — Diga a ela. — Lisa ergueu o olhar para Jessica com uma expressão insegura em seu rostinho encardido.

— Ela é toda deformada — disse a garota, e então se virou novamente, escondendo o rosto na camisa de Ron. Ele lançou um olhar aflito para Jessica.

— Quem? Quem é toda deformada? — disse Jessica, devagar, buscando em sua mente sobre o que eles poderiam estar falando. — Alguma coisa quebrou? Vocês quebraram um deles? —

perguntou, esperançosa. As crianças começaram a fungar outra vez, e ela trincou os dentes. — O que foi? — disse Jessica, quase gritando, mas nenhum deles pareceu notar seu tom.

— Não está quebrada — disse Ron, sua voz se erguendo devido ao pânico, quando o chão sacudiu com um baque sonoro.

Alanna agarrou Jessica pela cintura e Ron chegou mais perto, puxando Lisa junto consigo. O garotinho loiro ficou onde estava, congelado no lugar com um olhar aterrorizado. Houve outro baque, dessa vez mais alto, e as batidas continuaram, de novo e de novo, aproximando-se.

Jessica conseguia ouvir o que quer que fosse se mexendo no corredor, e o coração pulou uma batida quando a coisa disparou contra uma porta pelo lado de fora. Ouviu o som de madeira sendo quebrada e imediatamente agarrou as crianças pelos ombros. Alguma coisa bateu na parede três vezes em uma rápida sucessão, tirando-lhe o equilíbrio por um instante. Por fim, um último ruído ecoou pela sala, parecendo vir de toda parte.

— O que é isso? — murmurou Jessica, a voz baixa enquanto examinava as paredes e o teto, incapaz de compreender os barulhos. Então, de repente, tudo ficou em silêncio.

Ficaram esperando. Jessica começou a escutar, atenta a qualquer ruído, e então contou até dez, depois até vinte, e o som não retornou. Contou até trinta, depois até sessenta. *Tenho que fazer alguma coisa.* Ela ajeitou a postura, soltando-se cuidadosamente dos braços de Alanna.

— Esperem aqui — sussurrou.

Seguiu até a porta devagar, pisando da forma mais suave que conseguia. Enquanto avançava, conseguia sentir os olhos dos demais voltados para ela. A porta parecia normal, de madeira com uma maçaneta de cobre, do tipo que se vê num armário. Por apenas um instante, Jessica respirou fundo e então esticou o braço para pegar a maçaneta.

Antes que conseguisse tocá-la, a maçaneta girou e a porta começou a abrir. Jessica segurou o fôlego e recuou alguns passos, querendo desesperadamente se juntar ao grupo outra vez, ainda que fossem só crianças. A princípio, só o que Jessica viu foram as cores rosa e branco, as formas ainda indistintas, mas então sua mente enfim conseguiu entender do que se tratava: devagar, a gigantesca cabeça de uma raposa pintada com cores berrantes foi emergindo na sala.

Foxy? Pensou Jessica, assimilando de forma nebulosa as orelhas cor-de-rosa pontudas e os olhos amarelos. Suas bochechas eram pintadas com círculos vermelhos, assim como as da garota animatrônica. A criatura olhou para ela por um longo momento e ela a fitou de volta, sem conseguir se lembrar de como mexer os pés. Finalmente a cabeça de raposa recuou e as crianças começaram a gritar a plenos pulmões.

De repente, algo novo adentrou a sala com grande violência, um membro comprido de metal segmentado, como a perna de uma aranha. Ele se apoiou no chão apenas um segundo antes de uma segunda perna de metal invadir o lugar com a mesma violência, cravando-se na parede ao lado. As crianças deram mais um grito, e Jessica correu até elas, procurando freneticamente por uma saída. A sala estava se enchendo cada vez mais de braços e pernas, estendidos e contorcidos, alguns com mãos, outros sem.

Jessica procurava por uma forma de passar correndo pela massa cada vez mais espessa de pernas. Seus olhos se encontraram com os olhos amarelos da cabeça de raposa, agora suspensa no ar por hastes e vigas. Mas havia também um segundo conjunto de olhos. *Calma, essa coisa tem duas cabeças?* O crânio de metal desencapado se abaixou — estava conectado à massa acima por fios e cabos, e parecia se mexer por conta própria.

Foi quando um grito agudo se ergueu sobre todos os outros, um berro gutural e horripilante:

— *LISA!* — urrou Ron, e Jessica viu que a coisa agarrara a garotinha com uma de suas mãos e a estava puxando em sua direção. A cabeça de metal desencapado a examinou por um instante, depois girou e lançou seus cabos contra os demais, assumindo uma posição agressiva enquanto os membros metálicos se enrolavam ao redor da garotinha e a puxavam em direção à porta.

— NÃO! — gritou Jessica, subindo pelas redes de bobinas de metal e garrando a mãozinha minúscula de Lisa.

Mas então, de repente, um empurrão violento a jogou com tudo para trás. Jessica se agarrou rapidamente ao que quer que conseguisse alcançar, e soltou apenas quando caiu no chão. Lutou para recuperar o fôlego enquanto se levantava, mas a criatura já tinha recuado pela porta e desaparecido.

Jessica virou de um lado para o outro, procurando desesperadamente pelas crianças, e seu coração quase explodiu de alívio: Lisa estava no chão mais ao lado, com Ron e Alanna a ajudando a se levantar. Jessica correu até eles.

— Tá tudo bem — sussurrou, e então o alívio momentâneo passou. O garotinho loiro, o que provavelmente era Jacob, tinha sumido.

— Não consegui segurá-lo — lamentou-se Alanna, como se lendo a mente de Jessica.

Jessica olhou para a porta, desesperada, mas ajeitou a postura.

— Vamos trazê-lo de volta — disse, porque foi tudo o que conseguiu pensar em dizer. Olhou em volta, impotente, e então congelou quando a maçaneta começou a girar outra vez. — Fiquem aqui — disse Jessica, a voz baixa, e se lançou rapidamente em direção à porta. Ficou parada logo ao lado, pronta para pular no que quer que entrasse por ali. *Esse é o seu plano?*

A porta se abriu, ao que Jessica gritou e disparou em direção ao corredor, como se estivesse pronta para dar um golpe de karatê no que quer que estivesse entrando.

Carlton e Marla deram um pulo para trás com expressões assustadas, e Jessica os fitou por um momento. Então, lançou-se sobre Carlton num abraço, apertando seus ombros com toda a força, como se ele a pudesse fazer parar de tremer.

— Jessica? — disse Marla, notando as crianças ao fundo. Jessica empurrou Carlton.

— Uma coisa pegou uma das crianças, um garotinho — disse, com pressa. — Não vi para onde ela foi.

Marla já estava ao lado das crianças, examinando-as em busca de ferimentos.

— Temos que tirá-los daqui — disse.

— Ah, é mesmo, Marla? É isso que devíamos fazer? E cá estava eu pintando as unhas — disse Jessica, ríspida. Carlton levou a mão ao ouvido e tirou algo de lá.

— Aqui, pega isso — disse ele.

— O quê? Ui, que nojo. — Jessica imediatamente fez uma cara de desgosto, olhando para o pequeno aparelho. — Isso é uma daquelas próteses de audição?

— Não exatamente. Ele te torna invisível para os animatrônicos. Você e a Marla levam essas crianças lá pra fora, eu encontro o outro garoto que levaram.

— Como é que isso...? — Jessica pegou o aparelho e o examinou. — Eu tenho que colocar no ouvido?

— Sim! Você tem que colocar no ouvido! Eu explico depois.

— Mas seus ouvidos pelo menos estão limpos? — Ela se inclinou mais para perto de Carlton, espiando seu ouvido desconfiadamente. Marla agarrou o aparelho auditivo de sua mão e o enfiou no ouvido de Jessica.

— Ai! — gritou Jessica.

Marla virou as costas para as crianças.

— Será que não seria melhor dá-los às crianças?

— Tem só dois aparelhos, e vocês duas podem protegê-las melhor se estiverem invisíveis, não é? — disse Carlton, irritadiço.

— E se a Jess e eu ficarmos aqui com as crianças e você as levar uma de cada vez, os dois usando os aparelhos? — pressionou Marla. Jessica balançou a cabeça imediatamente.

— E se aquela coisa voltar e nos matar enquanto esperamos o Carlton terminar de passear por aí? Temos que sair correndo daqui o quanto antes, Marla, é o único jeito.

— Pois é, né? Agora, me deem trinta segundos antes de vocês saírem. Assim, se alguma coisa me seguir, posso levá-la para longe de vocês. Algo que eu deva saber? — Carlton fez uma pausa junto à porta.

— O Afton ainda está vivo — disse Jessica, e ele assentiu.

— Isso acaba hoje — disse Carlton, a voz baixa. — De um jeito ou de outro. Nenhuma outra criança vai morrer por causa daquele psicopata. Ao menos isso eu devo ao Michael.

Jessica mordeu o lábio.

— Todos devemos — disse.

Ele forçou um sorriso.

— Boa sorte.

— Boa sorte — repetiu Jessica.

— Certo. — Carlton trincou o maxilar, endireitou os ombros e segurou a porta aberta, pronto para sair. — Isso foi ideia minha? — murmurou, e então fechou a porta atrás de si.

— Marla, você sabe por onde fica a saída? — perguntou Jessica, surpresa por ouvir a própria voz saindo de forma clara e tranquila. Marla assentiu, levantando-se.

— Nós entramos pelos fundos. Mas acho que se voltarmos pelo corredor por onde viemos, podemos ir para a sala de jantar principal. Deve ser fácil sair por lá, né?

— Ou pelo menos é o que pensamos — murmurou Jessica, inquieta.

Marla a fitou nos olhos.

— Tem algo melhor?

— Não. Não tenho.

Jessica então se virou para as três crianças restantes, que as estavam fitando com os olhos arregalados.

— Não temos que ir longe — disse, procurando retalhos de esperança para oferecer a elas. — Preciso que vocês fiquem juntos, e fiquem comigo e com a Marla. Se puderem fazer isso, vamos ficar todos bem. — Olharam para ela como se soubessem que ela estava mentindo, mas ninguém disse nada.

Jessica abriu a porta mais uma vez, com cuidado. O corredor do lado de fora da sala estava escuro, mas Marla os guiou em frente como se realmente soubesse para onde estavam indo. Carregava uma grande lanterna, já bastante judiada, diante de si. Parecia a ponto de ligá-la, mas não o fez, aparentemente com medo de chamar mais atenção indesejada. Os olhos de Jessica foram se ajustando à luz turva quando ela assumiu a retaguarda, alerta mesmo ao menor sinal de perigo.

Eles chegaram a uma bifurcação no corredor, e Marla virou sem hesitar. Alguns metros adiante, havia uma luz: uma série de pequenas lâmpadas penduradas iluminavam o caminho em intervalos regulares, e uma nova bifurcação no corredor podia ser vista um pouco mais a frente. *Estamos perto,* pensou Jessica enquanto avançavam com cautela. De repente, um pequeno estalo chamou a atenção de Jessica sobre sua cabeça, e ela congelou.

— Marla — chiou, diante do que Marla e as crianças mais adiante pararam e se viraram para ela. Marla apontou para cima com uma expressão preocupada, e Jessica ergueu o olhar, notando que algumas das lâmpadas acima tinham se apagado, seus vidros tornando-se opacos com a película fuliginosa. — São só lâmpadas velhas — arquejou Jessica.

Foi quando uma das lâmpadas sobre Marla estalou e apagou, ao que todos deram um pulo. Alanna levou ambas as mãos à boca e Ron pôs uma mão sobre o ombro de Lisa.

— Podemos ir mais rápido? — sussurrou Lisa.

De uma vez só, todas as lâmpadas restantes começaram a tremeluziram e estalar. Jessica segurou o fôlego: elas continuavam acesas, preservando a pouca luz, mas parecia haver algo oco e metálico se arrastando pelo teto, sobre suas cabeças.

O rosto de Marla empalideceu.

— Vamos em frente — disse ela, com firmeza. Jessica assentiu com força.

O barulho estranho persistiu, às vezes parecendo vir de cima, outras vezes dos recantos escuros que não conseguiam enxergar, arranhando e se arrastando por um duto de ventilação ou por um espaço mais apertado. Lisa choramingou. Os rostos das crianças mais velhas estavam estáticos, mas Jessica podia ver o brilho das lágrimas em seus rostos. De repente, Marla parou de andar, e Jessica quase esbarrou em Ron.

— O que foi? — ralhou, quando finalmente viu: uma cortina de poeira estava caindo de algum lugar acima.

Jessica ergueu o olhar e viu o duto aberto logo acima deles. De repente, um braço de metal multi-segmentado e coberto de molas e cabos desceu com tudo pelo duto, ancorando-se no chão, ao lado do pé de Jessica. Todos gritaram. O braço se recolheu, mas então outros dois dos membros contorcidos da criatura bateram com tudo no chão, derrubando gesso e poeira.

— *CORRAM!* — gritou Marla.

Eles dispararam pelo corredor enquanto a criatura abaixava todo o seu corpo em meio ao espaço aberto, sua cabeça de raposa branca e brilhante virando e sorrindo em sua direção enquanto

fugiam. Jessica olhou para trás, e a cabeça desencapada também tinha descido do duto, sorrindo de cabeça para baixo, com uma gravata borboleta vermelha juntando ambos os pescoços de um jeito ridículo. Jessica fugiu — atrás dela, podia ouvir um gigantesco baque. *Corre mais rápido!* Queria gritar, mas os outros mal conseguiam respirar, já correndo à toda velocidade.

As crianças faziam o que podiam para acompanhá-las, mas Lisa, a menorzinha, começou a ficar para trás. A criatura passou por Jessica feito uma bala, lançando-se de novo contra a garotinha, e Jessica a agarrou, erguendo seu corpo e a tirando do caminho bem a tempo. A criatura estava se preparando para atacar novamente, mas Jessica abraçou Lisa junto a seu peito e saiu em disparada. Eles fizeram uma curva e, com uma pontada de esperança, Jessica viu que o corredor era curto, terminando num par de portas duplas maciças. Marla acelerou, e Alanna e Ron fizeram o mesmo. Jessica, por outro lado, manteve o mesmo passo, ficando para trás com Lisa agarrada a ela com uma força surpreendente.

Marla chegou ao final do corredor e atirou todo o peso contra a barra de emergência, ao que as portas imediatamente se abriram. Passaram por elas correndo, e Marla fechou a porta com tudo, agarrando uma placa próxima e enfiando-a em meio às alças da porta.

— Continuem correndo — disse Jessica, em meio a uma nova onda de adrenalina.

Olhou em volta: estavam juntos a uma parede, atrás de uma pipoqueira e uma máquina de algodão doce. Então, olhou para trás por um instante, para a placa que Marla usara para obstruir a porta: *VAMOS COMER!*, dizia, em letras grandes e arredondadas. Ron se inclinou para o lado, a ponto de espiar por entre as máquinas.

— Espera — ralhou, segurando-o pelo ombro. Ele deu um pulo, como se alguma coisa o tivesse queimado.

— Vai ficar tudo bem — disse Marla, e Jessica se viu maravilhada com como ela realmente parecia acreditar no que estava dizendo.

Atrás deles, algo bateu contra a porta outra vez, chacoalhando o batente da porta. Jessica esperou, os olhos vidrados na barricada improvisada, mas nada aconteceu.

— Temos que nos mover devagar e silenciosamente — sussurrou, ao que as três crianças assentiram em união. — Fiquem atrás de mim — disse a eles, passando pela pipoqueira, alerta a qualquer sinal de perigo.

Levou um segundo para examinar os arredores: havia máquinas de fliperama e áreas de recreação infantil alinhadas junto às paredes da sala de jantar, enquanto que, do outro lado, estavam as abençoadas portas de vidro da entrada. Fez menção para que os outros prosseguissem — as crianças, amontoadas umas sobre as outras, a seguiram em meio à sala aberta com Marla logo atrás.

— Rápido — incitou, e Marla assentiu, segurando Lisa pela mão enquanto Alanna e Ron seguiam em seu encalço, os rostinhos apertados de exaustão. De repente, Alanna gritou e Jessica deu um pulo. — O quê? O que foi?

A menina estava apontando para um trepa-trepa a alguns metros de distância, onde duas criancinhas, pequenas demais para subir nas barras, o faziam mesmo assim.

— Tá tudo bem, são só brinquedos — disse Marla, olhando para Jessica com uma expressão esgotada. — Nós os vimos quando entramos aqui.

Alanna gritou outra vez, e correu até Jessica, agarrando-se a sua cintura.

— Me mordeu!

— O quê? — Jessica olhou para baixo: o calcanhar de Alanna estava sangrando, embora não fosse nada sério, e mais adiante, a apenas alguns metros de distância, havia outra criança robótica engatinhando pelo chão.

— Jessica! — gritou Marla, tocando o aparelho em seu ouvido, inquieta. — Eles não conseguem nos ver, mas conseguem ver as crianças!

Enquanto dizia isso, as outras duas crianças robóticas no trepa-trepa desceram aos tropeços até o chão, começando a engatinhar em direção à Lisa e Ron — eles recuaram, mas um quarto apareceu, encurralando-os. Marla levantou Lisa e Alanna nos braços, tentando afastá-las do perigo.

— Jessica! — berrou. — Socorro!

— Me mordeu — repetiu Alanna, sua voz em pânico, e as crianças se agarraram umas às outras enquanto as criaturas se aproximavam, uma marcha lenta de criancinhas determinadas com olhos negros como de insetos.

— Eles não conseguem nos ver — disse Jessica, a voz cheia de determinação, e saiu em disparada, agarrando o bebê robô mais próximo. Era mais pesado do que parecia.

Jessica o segurou distante do corpo. Ele não olhava em sua direção, e Jessica continuou segurando firme enquanto a criatura engatinhava em meio ao ar, colocando as mãos e os pés em posição de forma precisa, um atrás do outro. Olhou em volta, até que notou a piscina de bolinhas: tinha pelo menos um metro e meio de profundidade. Jessica jogou a criatura em meio às bolas coloridas com toda a força que conseguiu, e lá ela aterrissou, de lado, com o corpo enterrado pela metade, ainda repetindo os movimentos, afundando lentamente até sumir de vista.

— Marla, vamos! — gritou.

Marla colocou Lisa e Alanna ao lado de Ron, e então voltou sua atenção para o bebê que engatinhava em sua direção. Suas mãos estavam trêmulas, como se estivesse se preparando para pegar uma barata gigante.

— Marla! — berrou Jessica.

Marla deu um grito e balançou as mãos no ar, e o bebê subitamente se lançou para frente, arranhando o chão e batendo os dentes junto às pernas das crianças. Lisa deu um berro e caiu no chão, ao que a criatura pesada agarrou suas pernas e começou a engatinhar para cima dela. Em meio a um grito terrível e gutural, Marla disparou em frente e arrancou a coisa de metal de cima da menininha. Marla deu ainda outro grito enquanto girava e atirava a criatura pelo ar, quase acertando a cabeça de Jessica no processo. O bebê pousou na cobertura de cordas sobre a piscina de bolinhas e caiu, afundando em meio às bolas coloridas até sumir de vista.

— Você quase me acertou!

Jessica mal tinha terminado de dizer as palavras quando o terceiro e último bebê robô voou pelo ar e pousou junto a seus pés, em meio a um baque sonoro que reverberou por todo o salão. Marla se lançou ao chão, respirando pesadamente, os olhos arregalados devido à fúria e ao pânico. Jessica mirou a criatura, que já estava de olho nas crianças novamente.

— Ah, não vai não. — Jessica a pegou tão logo a coisa começou a engatinhar.

Ficou segurando-a sobre a piscina e virou sua cabeça por completo, de forma a fitar seus olhos de formiga. Sua boquinha pequena feito um botão de flor se abriu, revelando as duas fileiras de dentes pontudos de predador, e então se fechou com tudo, mordiscando o ar. Jessica estremeceu e soltou a criatura, observando com um fascínio mordaz enquanto ela agitava os braços e as pernas, enterrando-se cada vez mais fundo na piscina.

— Jessica! — gritou Marla, e ela se virou.

Uma série de luzes se acendera atrás deles, iluminando um grande palco com uma cortina de um roxo intenso no fundo. Sobre o palco, em meio a um holofote, havia um animatrônico branco e brilhante aos moldes de Foxy com a boca e os braços amplamente abertos, pronto para se apresentar para uma plateia vibrante. A raposa olhou para o grupo com deleite.

— Isso estava ali um segundo atrás? — sussurrou Jessica.

De repente, o corpo da raposa começou a se partir: placas de metal se abriram no meio do peito, dos braços e das pernas, erguendo-se, dividindo-se e depois voltando ao lugar. Apenas a cabeça canina permaneceu intocada, sorrindo maniacamente enquanto seu corpo se transformava daquela forma terrível. Jessica correu até as crianças quando, de uma só vez, uma série de membros metálicos que mais pareciam tentáculos irromperam de dentro do que antes era Foxy, e a criatura de esqueleto mutilado se alongou em meio a sua nova forma semiaracnídea.

— Tira eles daqui! — berrou Jessica. Alanna e Ron estavam congelados no lugar, e Marla lhes deu um tapinha nas bochechas. Ron agarrou a mão de Lisa e, juntos, saíram todos correndo rumo à porta da frente.

— Jessica! — gritou Marla, quando chegaram à porta. — Não podemos deixar essa coisa sair. — A criatura estava agora em cima do trepa-trepa, alongando-se numa proporção aterrorizante, como se para exibir sua coluna de metal torcido.

— Tira eles daqui! — berrou Jessica outra vez, separando-se deles e voltando sua atenção novamente para a raposa deformada rosa e branco.

A coisa começou a descer do trepa-trepa devagar, seus membros compridos passando por cima e ao redor uns dos outros, mudando de forma a cada passo que dava. Seu rosto de raposa e o outro, vagamente humano, estavam com toda a atenção voltada para as crianças, ambas as cabeças levemente inclinadas uma na direção da outra, de forma que ambos os olhos pudessem focar nelas. Jessica respirou fundo, e então tirou o aparelho auditivo do ouvido, lutando para que as mãos parassem de tremer por tempo o suficiente para que conseguisse enfiá-lo no bolso.

— Olha eu aqui! — gritou o mais alto que pôde, sua garganta ficando áspera, e a cabeça canina deu a volta por debaixo do outro pescoço, virando os olhos até que se fixassem nela. — É, eu tô aqui! — berrou Jessica, a voz rouca, e a coisa finalmente terminou de descer do trepa-trepa, os movimentos ameaçadoramente graciosos, esgueirando-se em sua direção. Ela olhou em volta. *Devia ter pensado melhor sobre isso,* pensou. Junto à porta, podia ver Marla segurando-a aberta e jogando as crianças para fora, uma de cada vez, até que finalmente olhou de volta para Jessica.

Jessica balançou a cabeça e fez menção para que Marla saísse. Pegou uma cadeira dobrável junto a uma mesa próxima e a ergueu sobre a cabeça, atirando-a em direção à criatura. A cadeira caiu com tudo no chão, em meio a uma barulheira sem tamanho, mas nem sequer encostou na coisa. A cabeça de raposa se ergueu, a boca aberta para mostrar todos os dentes, e então se lançou para frente, seus apêndices de metal batendo e se arrastando pelo chão. Jessica se virou e correu.

Ela olhou em volta, desesperada, procurando por uma forma de escapar enquanto corria por entre a massa de mesas no meio do salão — derrubou uma mesa atrás de si no processo, mas a coisa simplesmente passou por cima dela como se fizesse parte do chão. Jessica acelerou mais o passo. A criatura estava logo atrás dela, a cabeça de raposa estalando o maxilar enquanto o crânio caído sorria de forma macabra, balançando mais ao lado. Ela correu de volta pelo caminho por onde o grupo viera, abaixando-se entre a máquina de algodão doce e a pipoqueira. A placa que bloqueava as portas continuava no lugar, e ela rapidamente a arrancou e puxou as alças da porta, que chacoalhou no lugar, mas não se abriu.

Algo se espatifou atrás dela e Jessica se virou, deparando-se com a pipoqueira tombada no chão, com pipoca espalhada por toda a extensão dos azulejos pretos e brancos. A criatura ergueu um membro e empurrou a máquina de algodão doce com cautela. Ela sacudiu, mas não tombou, e então outro membro disparou para cima de Jessica. Ele a acertou na perna em meio a um estalo, e ela bateu com as costas na porta, um grito de dor involuntário escapando de sua boca. A raposa e a cabeça desencapada trocaram um olhar, a cabeça saltitando em seus cabos, quando, como uma só, ambas voltaram o olhar para ela, e a criatura ondulou seus membros, revelando toda a sua extensão.

Jessica tateou o bolso em busca do aparelho auditivo, mas não conseguiu encontrá-lo. Devia ter caído enquanto estava correndo: desviou os olhos de um lado para o outro, com medo de sequer mexer a cabeça. Estava encurralada, presa entre a parede e um muro de escalada infantil: não havia como passar pela coisa.

De uma vez só, a criatura agarrou a máquina de algodão doce com três de seus membros, esmagando-a — o vidro estilhaçado se espalhou por toda parte enquanto a coisa atirava a máquina para o lado. Jessica protegeu o rosto, virando para o lado, e quando a máquina quebrou os azulejos mais adiante, ela viu: as barras amarelas e vermelhas do brinquedo ao lado levavam até o alto da sala, onde começava um labirinto de canos coloridos muito bem fixados ao teto e que desapareciam em meio a um buraco circular na parede que levava à sala ao lado. *Essa é a minha saída.*

Jessica pôs o pé no primeiro degrau do brinquedo e começou a escalar o mais rápido que conseguia. Abaixo dela, um som que muito parecia metal sendo torcido começou a ressoar, ao que Jessica abaixou o olhar, deparando-se com a criatura destruindo o brinquedo, a cabeça desencapada sacudindo e balançando alegremente. A coisa voltou a se erguer e arrancou um degrau logo abaixo de Jessica, e ela começou a subir mais depressa, lançando a parte de cima do corpo em direção ao tubo no instante em que uma das mãos da criatura agarrou a última peça do brinquedo. Jessica correu os dedos pela superfície, em busca de um apoio, até que finalmente conseguiu puxar todo o corpo para dentro do tubo. Começou a engatinhar o mais rápido possível, o cano chacoalhando a cada movimento, até que parou para olhar para baixo. Embora o túnel de plástico estivesse preso ao

teto, havia grandes porções que não estavam. *Isso foi feito para crianças, não para mim.* Jessica avançou com cuidado, e a seção de plástico embaixo dela sacudiu, os segmentos plásticos estalando nos encaixes. Jessica estremeceu. Devagar e sempre. Ela checou as mãos e os joelhos, assegurando-se de que estavam posicionadas de forma segura, e então voltou a avançar.

Estava em um tubo estreito e sem qualquer tipo de adorno, pairando sobre um corredor vazio, iluminado por uma única lâmpada fluorescente exposta, que zunia em meio a piscadas intermitentes. O zunido da lâmpada parecia ficar cada vez mais alto conforme Jessica prosseguia pelo pavimento de plástico frágil, preenchendo seus ouvidos quase que dolorosamente, como se ela estivesse descendo cada vez mais em direção ao centro da Terra. Ela começou a abrir e fechar a boca, tentando se livrar da sensação, mas o barulho persistia. Quando chegou ao segmento do tubo que passava pela parede sobre a porta, ela hesitou, tentando ver lá dentro, mas só o que havia lá era escuridão. Jessica respirou fundo, avançando cuidadosamente em direção à sala adiante.

E então, o silêncio: felizmente, o zunido desaparecera. A única luz vinha de detrás dela, e por algum motivo bizarro, não penetrava na sala, como se, de alguma forma, estivesse sendo filtrada. Ela olhou para trás e viu o círculo de luz de onde tinha vindo, mas todo o resto estava um breu só. Jessica piscou, esperando que seus olhos se ajustassem, mas tudo o que via era preto. *Muito bem.* Seguiu em frente devagar, sentindo as superfícies adiante com todo o cuidado e deslizando os joelhos pelas vigas de suporte ao longo das seções do túnel. Após alguns minutos, chegou a uma curva, batendo levemente com a cabeça no plástico, e então prosseguiu, ainda tateando, com uma vaga sensação de realização.

Foi quando um ponto de luz alaranjada surgiu abaixo dela, e Jessica se assustou, sua mão escorregando da viga de suporte e batendo com tudo no plástico. Ela recobrou o equilíbrio, o coração acelerado, e um par de luzes verdes surgiu apenas a alguns centímetros da primeira. Elas desapareceram e apareceram de novo, e então outro par, roxo, surgiu em meio à escuridão mais ao lado, e dessa vez Jessica viu o pontinho negro no meio de cada círculo. Jessica sentiu o corpo todo retesar quando enfim se deu conta do que estava vendo, enquanto mais e mais pares de luzes coloridas surgiam: *Olhos. São olhos.*

A sala embaixo dela estava sendo lentamente preenchida por pares de olhos, até chegar a um ponto em que parecia impossível caber tantas criaturas num único lugar. Todas olharam para cima, fitando Jessica sem piscar. Ela avançou devagar, as mãos tremendo enquanto as posicionava outra vez sobre as vigas, e os olhos a seguiam enquanto prosseguia. *Não olhe para baixo.*

Jessica manteve os olhos focados na escuridão diante de si e continuou seguindo em frente pelo que pareceram eras — toda vez que olhava para baixo, havia mais e mais pares de olhos que a observavam, todos absoltos em seu progresso. Jessica estremeceu. Começou a avançar mais rápido, ainda tateando cuidadosamente antes de deslizar as mãos e os joelhos em frente, quando o tubo fez uma pequena curva e um círculo de luz turva surgiu diante dela. Jessica engatinhou em sua direção o mais rápido que ousava se mover, o tubo chacoalhando precariamente enquanto o fazia. Passou pelo buraco e então se virou para trás: a sala estava novamente envolta na escuridão — todos os olhos tinham sumido.

Jessica estremeceu, revoltada, e então olhou para a sala sobre a qual pairava agora. A luz era fraca e instável, com cores estranhas brilhando em intervalos intermitentes, mas ela conseguia ver com clareza. Jessica deu uma espiada lá em baixo, notando que as luzes vinham das atrações de circo e jogos que preenchiam a sala, alguns piscando sem fazer barulho, enquanto outros emanavam luzes estáticas de diversas tonalidades. Ela respirou fundo e olhou em frente, tentando ver aonde o tubo levava. *Espero mesmo que haja outra saída,* pensou, e começou a engatinhar novamente.

O tubo de plástico balançava enquanto prosseguia, o único barulho na sala escura. Jessica engoliu em seco — conforme a adrenalina diminuía, ela começava a se lembrar o quanto detestava espaços fechados. *Apenas continue em frente.*

Ela chegou a uma bifurcação no tubo: um dos caminhos contornava o perímetro da sala enquanto o outro passava por outra parede, continuando pelo labirinto de canos fixado no teto da próxima sala. Examinou a sala e então escolheu. Virou a curva, pegando o túnel que passava pelo buraco perfeitamente aberto na parede, e se encontrou de volta à sala de jantar principal. Fez uma pausa e escutou. Não havia som de movimento na sala de jantar, e ela esticou o pescoço para dar

uma olhada por uma das grandes placas de plástico, vasculhando a área: a criatura não estava à vista. Não tinha notado os canos de brinquedo que cobriam o teto antes de subir e entrar neles, mas agora podia ver toda a sua extensão, que parecia não ter fim e nem como descer. O brinquedo que havia escalado para entrar nos túneis estava completamente destruído. *Como eu vou sair daqui?*

Ela lançou o olhar desamparadamente pelo labirinto, traçando os trajetos que poderia tomar, quando subitamente viu: a piscina de bolinhas onde jogara os bebês robôs ficava do outro lado da sala e tinha uma cobertura de cordas que ficava a cerca de meio metro acima do chão. O tubo ficava diretamente sobre ela.

Jessica respirou fundo e seguiu engatinhando pelo salão, procurando se acalmar. Ela chegou à primeira curva e, de repente, o cano sacudiu. Fez uma pausa, mas a estrutura sacudiu de novo, e então de novo. A luz estava sendo obscurecida embaixo dela, e Jessica abaixou o olhar. O crânio caído estava sorrindo para ela, fitando-a com olhos amarelos, suspensa abaixo dela como se saída do meio do nada. A cabeça girou para o lado e se ergueu, passando por cima do túnel de plástico. Jessica ergueu o olhar, completamente apavorada, e viu o corpo da criatura logo acima de si, seus membros envolvendo o tubo feito uma lula monstruosa que atacava um navio. Ela sufocou um grito e seu coração pulou uma batida enquanto tentava não começar a hiperventilar.

A cabeça de raposa se abaixou até ficar na altura de seus olhos e estalou ao lado dela, diante do que Jessica gritou e ergueu os braços para se proteger. Sua mão acabou acertando a superfície de plástico entre as vigas de suporte e o segmento caiu com tudo. Jessica berrou enquanto recuava, conseguindo por pouco evitar a queda, e rapidamente deu a volta, seguindo por uma nova direção. A cabeça de raposa disparou para cima em meio a um borrão e desapareceu.

Jessica continuou a engatinhar em linha reta, mantendo os olhos fixos em frente. A estrutura continuou a balançar e ela conseguia ouvir o plástico se quebrando atrás de si, assim como grandes segmentos do labirinto de canos se espatifando no chão. Logo chegou à piscina de bolinhas e olhou para a cobertura de cordas embaixo do tubo, hesitante. *Tá, e agora?*

A estrutura sacudiu novamente, mas dessa vez foi diferente. Ela agora tremulava como se alguém, ou talvez alguma coisa, estivesse no labirinto com ela. Toda a estrutura balançava e tremia nos parafusos com os quais estava fixada. Jessica então começou a chutar o plástico embaixo de si, segurando-se nas laterais do tubo enquanto olhava para baixo. Alguma coisa se mexeu na piscina lá embaixo: três das cabeças dos bebês robôs estavam acima da superfície, os olhos voltados para cima, fitando-a com um olhar vazio. Em união, estalaram suas pequenas mandíbulas, e Jessica se sobressaltou, batendo com a cabeça na parte de cima do tubo de plástico.

— Bebês idiotas — murmurou. Quando olhou para baixo outra vez, eles tinham voltado a se mexer, mergulhando por entre as bolas e estalando os dentes, aparentemente de forma aleatória. Jessica estremeceu e congelou, subitamente paralisada com o próximo passo de seu plano. Por um momento, rezou para que não fosse tarde demais para apenas ficar em silêncio e esperar que o perigo passasse.

A estrutura balançou de novo, e dessa vez continuou sem parar, numa rápida sucessão. Uma espiral de metal cintilante passou voando pelo túnel, e então ela viu a cabeça de raposa reluzente, a boca aberta num sorriso impossível. Jessica deu um grito e caiu de lado pelo buraco, pousando pesadamente na cobertura de corda. Ela afundou para dentro, dando a ela uma fração de segundo antes de começar a escorregar para baixo.

Ela se agarrou freneticamente às cordas, que começavam a queimar suas mãos e se enrolar em seus pés, e então ela se ergueu, subindo a inclinação aos tropeços até chegar no topo, onde se agarrou à barra de suporte de metal. Examinou o buraco na parte de baixo do cano pelo qual tinha caído, esperando que algo saísse dali, mas nada saiu. Havia sinais de movimento nos canos, mas era difícil de enxergar em meio ao plástico grosso e nebuloso.

Jessica continuou a procurar, em pânico, tentando localizar a criatura, mas havia movimento em toda parte: todos os canos pareciam estar cheios de vida. Foi quando ela notou: todo o movimento parecia estar fluindo numa única direção. Jessica seguiu o fluxo com os olhos, de um cano para o outro, até uma espécie de tampa de plástico logo acima dela. Em meio a um estrondo, a tampa saiu do lugar de súbito, e diversos parafusos começaram a cair do céu, acertando Jessica na cabeça. A cabeça de raposa se lançou para baixo. Mais segmentos de seu corpo foram passando pela

abertura, cada vez mais membros emergindo enquanto a criatura se balançava delicadamente pela borda do cano, como um gato se preparando para dar o bote num rato.

Foi quando algo caiu do bolso de Jessica em meio a um *ding*. Era o aparelho auditivo, que devia estar enfiado em seu outro bolso. Jessica se ajeitou, atrapalhando-se violentamente para recuperar o aparelho. A cabeça de raposa se ergueu para o lado enquanto a última parte do monstro saía do cano e se juntava ao resto da massa de metal, empoleirado feito um abutre na infraestrutura raquítica dos canos.

Por fim, a raposa disparou.

Jessica enfiou o aparelho no ouvido e pulou, e a criatura bateu com tudo na cobertura onde ela estava, seus membros passando diretamente pelos buracos entre as cordas. Jessica pousou de costas em cima de uma máquina de fliperama e então caiu no chão abaixo com um baque, sentindo o ar faltar nos pulmões. Ela tossiu, tentando recuperar o fôlego. Enquanto isso, a criatura lutava para se liberar das cordas, seus membros se retorcendo, até que seu corpo inteiro afundou em meio à cobertura, arrancando as cordas da estrutura a que estavam presas no processo. A criatura estava presa, seus membros amarrados na rede de cordas. Ela se sacudia e chacoalhava, seus apêndices longos feito serpentes chicoteando o ar. As cordas balançavam de um lado para o outro, os nós se apertando, apenas para ceder no instante seguinte.

A coisa caiu com tudo na piscina, jogando bolas de plástico coloridas para todos os lados. Ficou se retorcendo freneticamente, ainda presa às cordas arrancadas, até que, de repente, começou a se palpitar. Jessica apenas observava, os olhos escancarados, à medida que a criatura amarrada lentamente afundava na piscina de bolinhas em meio ao som de metal arrastado contra metal.

Após um momento, o monstro desapareceu por completo e as bolinhas subiram de uma só vez, embora o rangido ainda persistisse. Por um instante, Jessica vislumbrou um dos bebês de olhos negros mordiscando o ar alegremente. Respirou fundo, ainda trêmula, e então correu para a entrada. Jessica passou pela porta dupla com tudo, sentindo o ar gelado da noite em sua pele, e sentiu as pernas bambearem, exausta.

— Você tá legal? — perguntou Marla, alarmada.

— Estou bem.

Jessica olhou para cada uma das crianças, confirmando que ainda estavam todas ali, todas seguras. *Exceto uma. Carlton, você tá com ele?* Ela se forçou a sorrir.

— Muito bem, quem quer visitar uma delegacia?

Carlton atravessou o corredor depressa, mas com cautela, examinando as paredes e o chão em busca de sinais de luta — qualquer coisa que pudesse indicar que algo passara por ali. Havia outra pequena porta mais adiante, e ele parou diante dela, girando a maçaneta enquanto tomava o cuidado de ficar escorado na parede, fora de vista. Apreensivo, ele empurrou a porta e esperou. Nada saiu e, com todo o cuidado, ele deu uma espiada lá dentro: a sala estava completamente vazia.

— Calmaria antes da tempestade? — sussurrou para si mesmo, e então fechou a porta.

Quando chegou a bifurcação no corredor, fez uma pausa. *Cadê você, garoto?* Fechou os olhos, escutando. Não havia som algum, até que, de repente, um farfalhar abafado veio da parede atrás de si, do caminho por onde ele e Marla tinham vindo. Carlton foi até lá e colocou o ouvido contra a parede. O murmurinho persistia. Era um som estranho que ele não conseguia distinguir ao certo, mas parecia alguém se mexendo. Recuou um passo, examinando a parede: era lisa, pintada de bege, e tinha um grande duto de ventilação prateado no rodapé, com cerca de um metro de altura e quase a mesma coisa de largura. *Que estranho...*

Carlton se ajoelhou diante do duto e ligou a lanterna — que funcionou, o que lhe foi quase que impressionante, após o uso prolongado como porrete. Ele virou o feixe de luz para o duto e apertou os olhos, tentando enxergar lá dentro, mas as lâminas da grade ficavam muito próximas para que conseguisse discernir alguma coisa.

Um barulho baixo veio de algum lugar lá dentro — era indistinto, mas inconfundivelmente tratava-se de uma voz. Carlton puxou a grade com as unhas e ela se soltou com facilidade. Ele a tirou por inteiro, revelando um túnel negro com cerca de um metro de altura. Passou a luz da lanterna por ele: As paredes eram de concreto, pintadas de vermelho de um lado e de azul no outro, as cores já bem desbotadas. Palavras incompreensíveis estavam rabiscadas nelas com giz de cera, e o chão de linóleo amarelo estava riscado com marcas negras de tênis desgastadas, mais evidentes apenas nas beiradas.

— Esse lugar é *mesmo* novo, certo? — murmurou Carlton, agachando-se e entrando no espaço apertado, a luz sempre voltada para frente. Era inquietamente imaginar alguém arquitetando um novo pavimento para então marcá-lo com sinais deliberados de desgaste: mãos adultas imitando palavras escritas à tinta e os desenhos simples de uma criança.

Ele lançou a luz de um lado ao outro: na parede vermelha, havia o desenho de uma casa e bonequinhos de palito — embaixo, alguém tinha escrito *minha casa,* o *s* escrito espelhado. O som da voz ressoou novamente, e Carlton avançou desajeitadamente com a lanterna em uma mão.

A cor das paredes mudava após alguns metros, alternando aleatoriamente as cores do arco-íris, com rabiscos infantis espaçados de forma irregular ao longo de todo o trajeto. Ele chegou ao que pensou ser uma abertura para um novo túnel, mas quando virou a luz para ela, viu que era só um cubículo separado, um esconderijo pequeno o bastante para que uma criança se espremesse para entrar. No canto havia um pequeno tênis azul, os cadarços desamarrados, e Carlton engoliu em seco. *Que lugar é esse?*

Sua lanterna iluminou um rosto com uma expressão de quem gritava em silêncio, e Carlton deu um pulo, derrubando o feixe de luz. Ele a pegou de volta, o coração acelerado, e iluminou a figura novamente: era o boneco de uma caixinha de surpresas, parado na posição de "surpresa" — um rosto de palhaço pintado de branco, a boca escancarada numa risada perpétua.

— Isso não é um duto de ventilação — sussurrou Carlton, afastando a luz do rosto pintado e apontando-a para o corredor colorido repleto de esconderijos e marcas nas paredes. — Faz parte da área de recreação.

A luz passou por uma placa de arco-íris que pairava sobre um dos esconderijos: CORREDOR DO PIQUE-ESCONDE, dizia.

— Isso não pode ser coisa boa.

Carlton estremeceu. A voz do garoto ecoou outra vez, agora um pouco mais alta, e ele tentou abafar a sensação inquietante. *Estou indo, garoto,* prometeu em silêncio. Deu a volta numa curva, mas parou logo em seguida: havia um bebê animatrônico num dos cubículos, imóvel, deitado de costas. Os cotovelos e joelhos de Carlton tremeram. *Por favor, não se mexa.*

Os olhos negros e vazios como de insetos o fitavam em meio ao rosto meigo de plástico — a criatura, no entanto, não se moveu, aparentemente desativada. Ele se afastou com cuidado, virando a lanterna para o caminho adiante. Estava se aproximando de mais uma curva, mas ainda não havia nenhum sinal de uma saída. Continuou engatinhando, passando por bonequinhos de palito e casas que começavam a parecer suspeitosamente repetitivos.

— *Est-ou te vendo...*

Carlton se virou. Não havia nada a vista além de uma porta fechada. Era do tamanho dos outros cubículos, da altura de uma criança, com uma pequena janelinha em forma de coração perto ao topo. Quando passou a luz da lanterna pela porta, algo reluziu atrás da janela. Carlton enrijeceu, mas antes que pudesse sequer pensar em se mexer, as dobradiças da porta foram feitas em pedaços enquanto Freddy engatinhava em sua direção, forçando passagem por ela com um sorriso maníaco em seu rosto branco e roxo brilhante à medida que deixava o espaço apertado no qual tinha se enfiado. Carlton engatinhou para trás freneticamente, e Freddy foi atrás, mantendo uma distância de centímetros entre os dois. Carlton olhou em volta e depois se virou, engatinhando o mais rápido que pôde ao longo do túnel, seus joelhos e mãos batendo dolorosamente no chão conforme ele acelerava para conseguir fugir.

Olhou para trás: Freddy estava engatinhando atrás dele, seus braços e pernas movendo-se mais rápido do que Carlton podia esperar para escapar. Ele virou uma curva, e Freddy agarrou seu pé, os dedos de ferro afundando em seu calcanhar. Carlton o chutou com o outro pé, lutando até

conseguir se libertar. Sem demora, ele se levantou e saiu correndo, ainda meio agachado, arrastando as costas pelo teto. Atrás de si, conseguia ouvir o som de Freddy se aproximando, suas mãos e joelhos batendo no chão com uma força estrondosa.

Carlton deu a volta em mais uma curva e então foi tomado pelo alívio: havia um duto de ventilação ao longo do túnel, um *verdadeiro* duto de ventilação que levava a uma grande sala. Carlton o chutou sem hesitar e disparou para a sala do outro lado. A sala era enorme, aparentemente arquitetada para comportar uma única e gigantesca atração: era um anel de assentos inclinados num determinado ângulo, unidos por um enorme par de braços de metal, uma variação aterrorizante de um carrossel, feito para girar em alta velocidade enquanto os assentos balançam nauseantemente, para cima e para baixo.

Do outro lado havia uma porta marcada com uma placa de SAÍDA. No entanto, antes que Carlton pudesse correr para a porta, Freddy irrompeu do túnel, levantando-se, os olhos brilhando de forma doentia em meio à escuridão.

— *Estou te vendo claramente agora* — disse o alto-falante no peito de Freddy.

Carlton se virou para correr, mas deu de cara na atração adiante, mordendo o lábio e tirando sangue. Virou-se bem a tempo de ver Freddy se lançando em sua direção, e Carlton rapidamente se jogou embaixo da atração, o golpe errando o alvo por pouco e atingindo a lateral metálica do carrossel inclinado. O som ecoou pela grande sala vazia, e então se repetiu quando outro golpe atingiu a atração em cima dele, reverberando tão alto que o fez trincar os dentes. Carlton ergueu o olhar: o metal se curvara sobre sua cabeça, cedendo à força de Freddy.

— *Você não pode escapar...*

Carlton se afastou aos tropeços, esbarrando nas barras de aço maciço que sustentavam a atração, fixando-a ao chão. As pernas brancas e roxas brilhantes de Freddy o perseguiam num passo tranquilo, acompanhando-o ao longo do perímetro da atração enquanto Carlton se abaixava para passar por cabos pesados e engrenagens estranhas e aterrorizantes.

— *Estou quase te p-egando...* — anunciou Freddy.

— Ainda não — murmurou Carlton, desenrolando o pé com todo o cuidado de um cabo que o havia prendido.

Esticou o pescoço, tentando ver a sala a sua volta: não tinha como passar por Freddy, e ainda que conseguisse fazê-lo, ele continuaria a persegui-lo incansavelmente. Carlton estava recostado na parte inclinada da atração, logo abaixo da plataforma de controle. Quando ergueu a cabeça, viu uma grande alavanca de ligar e desligar, quase a seu alcance.

— *Não há para onde correr...*

Carlton esperou Freddy entrar mais fundo embaixo da atração, pressionando e contorcendo seu corpo para chegar até o garoto em meio às vigas. Carlton se espremeu para sair de debaixo da atração e se ergueu apenas o suficiente para puxar a alavanca e ativar o brinquedo, jogando-se ao chão e cobrindo a cabeça. Freddy tentou pegá-lo, mas a atração se inclinou abruptamente.

Carlton viu Freddy sendo arrancado do chão, puxado pelas partes móveis da atração, que começou a girar com força. Carlton lançou as mãos à cabeça, o som do impacto reverberando em seus ouvidos, um ruído agudo e estridente que só aumentava, vindo do metal que se partia e das engrenagens que rangiam à medida que o brinquedo desacelerava, sacudindo precariamente em seu eixo. Carlton não se mexeu: de onde pousara, conseguia ver os aparatos em movimento, triturando o corpo do que fora Freddy enquanto o maquinário continuava sua rotina implacavelmente. Pedaços de metal roxo apareciam e desapareciam, até que caíram no chão, regurgitados pela máquina. Um olho amarelo surgiu num espaço sobre duas engrenagens e Carlton ficou olhando com um fascínio entorpecido enquanto o resto do corpo precariamente equilibrado era pulverizado pelas vigas que se alternavam, até cair no chão em meio a diversas massas distintas.

A máquina berrou de forma ensurdecedora, até que começou a desacelerar e então parou por completo. Por um instante, Carlton não se mexeu. Por fim, ele se levantou, afastando-se com todo o cuidado do aparato, procurando evitar os pedaços de metal e plástico destroçados e espalhados por todo o chão. Não ousou passar por debaixo da coisa novamente, mas deu uma batida de leve com a ponta do pé, o qual puxou com toda a força quando algo saiu de lá de baixo.

Metade da cabeça de Freddy, com apenas um olho e ainda o fitando com uma expressão cheia de insanidade, caiu da máquina junto a Carlton, girou de leve pelo chão e, quando parou de se mexer, seu único olho tremeluziu até finalmente se apagar. O alto-falante no peitoral agora esmagado e caído mais ao lado, sem braços ou pernas, crepitou em meio à estática, e então falou:

— *Obrigado por jogar! Volte sempre!* — A voz se esvaiu, permanecendo em silêncio.

Foi quando o grito da criança ressoou outra vez, um pouco mais ao longe, e Carlton se sobressaltou, finalmente voltando a si.

— Aguenta firme, garoto — sussurrou, seguindo para a porta com uma expressão sombria estampada no rosto.

CAPÍTULO QUATORZE

A duplicata de Charlie olhou para ela, parecendo chocada por um instante, até que Charlie viu seu próprio rosto abrir um sorriso brilhante e cruel. A outra Charlie não se mexeu, e o medo de Charlie diminuiu à medida que examinava essa estranha imitação de si mesma, atônita. *É o meu rosto.*

Charlie ergueu a mão para tocar a própria bochecha e a garota a imitou. Charlie inclinou a cabeça para o lado e a garota fez o mesmo — Charlie não sabia dizer se estava sendo ridicularizada ou se a outra garota simplesmente estava tão encantada quanto ela própria. A duplicata era um pouco mais alta que Charlie, e Charlie desviou o olhar para os pés da garota: seus coturnos tinham saltos. Estava vestindo uma blusa gola V vermelha e uma saia preta curta, o cabelo comprido e ondulado brilhando sobre os ombros — um visual do qual Charlie desistira de sequer tentar ainda no nono ano do colégio. Ela parecia refinada — tinha uma certa confiança em sua postura. Parecia o que Charlie desejava poder ser: uma versão de si mesma que aprendera sobre modeladores de cachos, sofisticação, e como tomar seu lugar no mundo sem pedir licença.

— O que é você? — sussurrou Charlie, mesmerizada.

— Venha — disse a outra Charlie, erguendo a mão para ela, e Charlie começou a erguer a sua, mas então se deteve, puxando a mão de volta para junto de si.

Ela se encolheu, recuando pelo corredor aos tropeços, e sua duplicata diminuiu a distância entre elas, inclinando-se tão perto de Charlie que ela devia conseguir sentir sua respiração. Um longo momento se passou, mas a outra Charlie não respirou.

— Você precisa vir comigo — disse ela. — O pai quer que nós vamos para casa.

Charlie se assustou frente à afirmação.

— Meu pai está morto — disse. Ela se recostou na parede, o mais distante do rosto da garota que conseguia chegar.

— Bom, você gostaria de ter um vivo? — perguntou a outra Charlie com uma pontada de sarcasmo.

— Não há nada que você possa me dar, e certamente não pode me dar isso — disse Charlie, a voz trêmula, recuando em direção ao depósito. A duplicata a seguiu, passo a passo.

Charlie olhou além da duplicata, para a porta aberta do quarto. John emergiu no corredor, pesadamente apoiado no batente da porta, a mão pousada em volta das costelas.

— Você está bem, Charlie? — perguntou ele, a voz baixa e firme.

— Ah, estou ótima, John! — disse a duplicata de Charlie, toda empolgada.

— Charlie? — repetiu John, ignorando-a.

Charlie assentiu, sem ousar tirar os olhos da impostora.

— Ela disse que *o pai quer que nós vamos para casa* — disse Charlie.

John se aproximou por detrás da outra Charlie.

— O pai? E este seria William Afton? — indagou John. Deu mais alguns passos rápidos e agarrou uma luminária pela base, empunhando-a para um ataque.

A outra Charlie abriu mais um sorriso e rapidamente ergueu o braço para trás, dando com as costas da mão no rosto de John. Ele derrubou a luminária cambaleou para trás, segurando-se na parede enquanto a duplicata avançava para agarrar Charlie pela mão. Charlie conseguiu se esquivar no último instante, fugindo pelo corredor com a garota em seu encalço.

— Ei, esse foi só o primeiro assalto! — gritou John, tentando chamar a atenção de sua agressora de volta para si. Ele agarrou o braço da duplicata e a puxou em sua direção, para longe de onde Charlie estava indo. A duplicata permitiu que John a segurasse junto a si, sem resistir. Uma vez cara-a-cara com a impostora, John foi tomado pelo medo. *O que eu faço agora?*

— É como naquela vez perto do velho carvalho quando éramos pequenos, John — sussurrou a duplicata. Ela o puxou mais para perto e pressionou seus lábios contra os dele. Seus olhos se arregalaram e ele tentou afastá-la, mas não conseguiu se mexer. Quando ela finalmente o soltou e recuou um passo, era a Charlie, sua Charlie, e havia um zumbido alto e doloroso em seus ouvidos.

John cobriu os ouvidos, mas o zumbido aumentou exponencialmente, e nos poucos e breves segundos antes de desmaiar, ele viu o rosto dela se transformar em milhares de coisas. A sala girou e sua cabeça bateu no chão em meio a um baque.

A garota sorriu e desviou o olhar para Charlie, então ergueu o pé e chutou John nas costelas, lançando-o contra um pesado baú de madeira. Charlie correu até ele, mas antes que conseguisse alcançá-lo, a garota a agarrou pelo cabelo, levando lágrimas a seus olhos. A impostora a puxou para cima, erguendo Charlie vários centímetros do chão, e então a jogou para o lado. Charlie tentou recuperar o equilíbrio, mas tropeçou numa caixa de papelão atrás de si e bateu com força na parede oposta, perdendo o fôlego enquanto John tentava se levantar novamente, com todo o cuidado. Charlie foi se erguendo aos poucos, ficando de joelhos, a respiração pesada e entrecortada enquanto observava, impotente, a duplicata se aproximando de John.

Ele ajeitou a postura e, sem demora, ela o socou no estômago. Ele se redobrou, e antes que pudesse se reerguer, ela lhe atingiu na nuca com o punho, como se sua mão fosse um martelo e ele, um prego. John caiu para frente, segurando-se com as mãos e joelhos, e voltou a se levantar, aos tropeços. Ele disparou contra a garota novamente, atingindo seu ombro com o punho, mas o golpe a acertou apenas de raspão, e John gritou de dor, balançando a mão como se tivesse batido em algo mais duro que apenas carne e osso.

A impostora o pegou pelos ombros, erguendo-o do chão, e então o carregou pela sala, pressionando-o conta a parede do outro lado. Ela o soltou, deixando-o ali de pé, e se virou para olhar para Charlie por um momento, quando enfim colocou a mão aberta sobre o peito de John. De repente, John começou a arfar em busca de ar, o rosto ficando vermelho. A expressão no rosto da impostora permaneceu impassível, a mão aberta pressionando seu peito com cada vez mais força.

— Não consigo... — disse John, arfando em busca de ar. — Não consigo respirar.

Ele a agarrou pelo braço com ambas as mãos, mas não adiantou de nada: ela continuava pressionando com toda a firmeza. Aos poucos, John começou a subir pela parede, centímetro por centímetro, a pressão forçando todo o seu corpo para cima.

— Pare! — gritou Charlie, mas a outra Charlie sequer hesitou. — *Por favor!*

Charlie tentou se levantar, trôpega, e correu em direção à John, mas a outra Charlie esticou seu outro braço e a pegou pelo pescoço sem tirar a mão do peito de John. Seus dedos se apertaram

na garganta de Charlie, fechando sua traqueia enquanto a erguia do chão. Charlie sufocou, chutando o ar e arquejando. A impostora a segurou ali, olhando inexpressivamente de Charlie para John, mantendo ambos imobilizados e lutando para respirar.

— Tá bem. — Charlie tossiu. — Quero conversar. Por favor — implorou, rouca. A impostora soltou os dois. John caiu no chão, imóvel. — Você o machucou, deixe-me ajudá-lo. — Charlie começou a tossir, reerguendo-se.

— Você é tão apegada a algo tão... facilmente quebrável — disse ela, entretida. Charlie apertou os olhos para enxergar atrás dela, examinando o peito de John com uma expressão inquieta: por fim, ele subiu e depois abaixou novamente. *Ele está vivo.* Charlie respirou fundo, voltando-se para a garota que tinha o seu rosto.

— Sobre o que você quer conversar? — perguntou com firmeza.

Carlton deixou a porta pesada se fechar com força atrás de si e saiu correndo sem olhar para trás: havia outra porta adiante, e uma fraca luz entrava por uma pequena janela próxima ao topo. O grito da criança ecoou outra vez, e Carlton gelou, incapaz de precisar a direção. O som agudo cortou o ar novamente, e ele fechou a cara: era um barulho rouco e fino, o grito de uma criança que já estava gritando há muito tempo. Carlton espiou pela janela na porta — o outro lado parecia deserto, e ele abriu a porta com cuidado, mas então parou. Tudo parecia exatamente igual: todo corredor, toda sala. Luzes que piscavam, alto-falantes que zumbiam. Havia uma lâmpada que parecia a ponto de queimar, fazendo o ruído agudo que ecoava pela câmara.

— Garoto — sussurrou, mas não houve resposta, e Carlton subitamente se deu conta de que devia ter passado os últimos dez minutos perseguindo ecos e luzes.

De repente, sentiu o peso do quão só ele estava, e isso começou a afetá-lo de forma física: o próprio ar pareceu ficar mais pesado a sua volta. Sua respiração foi ficando mais lenta e ele caiu de joelhos, soltando o corpo para que pudesse se sentar. Mirou o corredor vazio com uma expressão desesperada, até que finalmente se lançou para o lado, recostando-se na parede para poder pelo menos ver seu agressor antes de morrer, independente de quem — ou o que — acabasse sendo.

Eu falhei. Não vou encontrá-lo. Lágrimas deixaram seus olhos, inesperadamente. *Michael, eu sinto muito.* Nos dias após o desaparecimento de Michael, seu pai o fizera diversas perguntas, repassando aquela tarde fatídica como se acreditasse que, juntos, pudessem recriá-la e solucionar o quebra-cabeça. *Eu procurei a peça perdida, eu juro, juro que eu procurei.* Ele tinha repassado cada momento daquela festa em sua cabeça, tentando desesperadamente encontrar a pista que seu pai precisava, o detalhe que esclareceria tudo.

Havia tantas coisas que ele poderia ter feito para impedir o que aconteceu, se soubesse na época o que sabia agora. *Mas agora eu sei tudo, mas ainda não há nada que eu possa fazer.*

— Eu falhei contigo, Michael. — Carlton pôs a mão no peito, tentando se acalmar e não acabar hiperventilando. *Eu falhei contigo, de novo.*

— E então, sobre o que você quer conversar? — repetiu Charlie.

A outra Charlie estreitou os olhos.

— Assim é muito, muito melhor. — A garota abriu um sorriso, e Charlie se inclinou para trás, afastando-se dela o máximo que podia. Era inquietante ver o próprio rosto olhando de volta para ela, acusatório e petulante.

— Vou escutar tudo o que quiser dizer, só não o machuque mais — implorou Charlie, as mãos erguidas em rendição, o coração batendo com força em seu peito. A duplicata de Charlie corou de raiva.

— É por isso — disparou ela, balançando o dedo acusatoriamente em sua direção.

— O quê? *É por isso?* Eu não entendo — gritou Charlie.

A Charlie impostora deu um passo em frente, sua raiva parecendo ter sumido tão rápido quanto surgira. Charlie aproveitou a oportunidade para olhar novamente para John, que parecia ter virado parcialmente com as costas para baixo, as mãos nas costelas como se para conter uma dor imensurável, o rosto ainda vermelho. *Ele precisa de ajuda.*

O disfarce da Charlie impostora se desfez, revelando um rosto pintado de palhaço que, de alguma forma, parecia mais irritado que a fachada humana. As placas brancas no rosto se abriram como uma flor, revelando ainda outro rosto, feito de cabos e bobinas, com olhos negros expostos e pequenos pinos serrilhados no lugar de dentes. *Seu rosto verdadeiro,* pensou Charlie.

— Pergunte outra vez — rugiu ela.

— O quê? — disse Charlie, quase engasgando.

— Eu disse para perguntar outra vez — rosnou o monstro de metal.

— O que é você? — choramingou Charlie.

— Já disse, essa não é a pergunta certa. — A garota de metal segurou Charlie a uma certa distância e a olhou de cima a baixo. — Onde foi que ele escondeu? — Continuou segurando a garganta de Charlie com uma mão e pôs a outra em seu peito, passando um dedo pela extensão de seu esterno. Então, desviou o olhar de volta para o rosto de Charlie, agarrando-a pelo queixo e virando sua cabeça para o lado com toda a força. Por um único momento, ela pareceu perdida em pensamento, até que finalmente voltou a si. — Pergunte outra vez.

Charlie fitou o rosto de metal com olhos vidrados. As placas do rosto se fecharam por cima do emaranhado de metal torcido, recompondo o rosto de palhaço, com suas bochechas rosadas e lábios brilhantes. Logo, a ilusão retornou, e Charlie estava olhando para os próprios olhos novamente. Charlie sentiu-se ficando estranhamente calma à medida que começava a se dar conta de qual era a pergunta certa.

— O que eu sou?

A impostora desapertou a mão que usava para segurá-la, e abaixou Charlie de forma que ela tocasse o chão.

— Você não é *nada,* Charlie — disse a impostora. — Você olha para mim e vê um monstro desalmado. Quão irônico. Quão deturpado. Quão retrógrado. — Ela soltou a garganta de Charlie e recuou um passo, seus lábios vermelhos perdendo o tom por um momento. — Quão injusto.

Charlie estava de joelhos outra vez, lutando para recobrar a força. A impostora se aproximou e se ajoelhou a seu lado, pondo uma mão sobre a de Charlie.

— Não sei bem como isso vai funcionar, mas vamos tentar — sussurrou, passando os dedos pelos cabelos de Charlie e agarrando sua nuca com força.

Ela era uma garotinha, segurando um pedaço de papel nas mãos, toda animada e contente. Uma estrela dourada brilhante cintilava na folha, sobre as palavras reluzentes de sua professora do jardim de infância. Alguém a tocou gentilmente nas costas, encorajando-a a correr para a sala, em meio à escuridão. Ela correu com toda a euforia, e lá estava ele, junto à mesa onde trabalhava.

— Quanto tempo eu fiquei lá antes de ele me mandar embora? — Charlie vasculhou sua mente, mas a resposta não veio.

— Ele não me mandou embora — respondeu a outra voz de Charlie.

Sua animação não diminuiu e ela continuava alegre e paciente. Após o primeiro empurrão, voltou para tentar outra vez. Foi só após o segundo empurrão que ela hesitou em voltar, mas voltou mesmo assim, com cuidado, dessa vez segurando o papel no ar. Talvez ele não tivesse visto.

— Ele viu — disse a outra voz de Charlie.

Dessa vez, machucou — o chão estava frio, e seu braço doía no ponto onde ela havia caído sobre ele. Ela procurou o papel: estava no chão, diante dela, sua estrela dourada ainda cintilando, mas ele estava pisando na folha agora. Ela ergueu o olhar para ver se ele tinha notado, os olhos cheios de lágrimas. Ela sabia que devia deixar para lá, mas não conseguiu. Ergueu a mão para tentar puxá-la pela ponta, mas estava longe demais. Ela finalmente ficou de joelhos, seu vestido todo sujo agora, e tentou tirar a folha de debaixo do sapato dele. Ela nem se mexeu.

— E foi então que ele me bateu.

Foi difícil discernir qualquer coisa na sala depois disso. A sala não passava de um borrão de lágrimas e dor, e sua cabeça continuava girando sem parar. Mas ela conseguiu ver uma coisa, uma bonequinha palhaça de metal brilhante. Seu pai havia voltado sua atenção para ela outra vez, polindo-a com todo o amor e carinho. De repente, sua dor se desfez dentre o cenário, substituída por fascínio, obsessão.

— O que é tudo isso? — gritou Charlie.

Ela agora estava se olhando no espelho, segurando um batom que tinha roubado da bolsa da professora. Mas não estava pintando seus lábios com ele, estava desenhando círculos vermelhos e brilhantes em suas bochechas. Os lábios viriam depois.

— Está me escutando? — sussurrou a duplicata.

A noite havia tomado tudo ao redor. Os quartos estavam escuros, os corredores estavam em silêncio, o laboratório estava estático. Seus pés batiam levemente pelos azulejos lisos e brancos. Uma pequena câmera no canto tinha uma luzinha vermelha que não parava de piscar, mas não importava o que ela visse, era tarde demais para impedi-la.

Ela puxou a coberta da bela garota palhaço, acenando para que ela falasse alguma coisa. Onde ficava o botão, aquele que ele sempre apertava?

Os olhos se acenderam primeiro, depois as outras luzes lá dentro. Não demorou muito para que o rosto pintado começasse a vasculhar a sala e a encontrasse, saudando-a com um sorriso doce e uma voz suave.

— E então houve o grito. — A ilusão se desfez, e Charlie a empurrou para longe. — E então houve o grito — repetiu a impostora. — Aquela coisa veio na minha direção, mas... — Ela fez uma pausa e apontou para a própria cabeça com um olhar curioso. — Mas eu me lembro de vê-la gritando. — Ela pareceu pensativa por um segundo e, de repente, a ilusão se dissipou, e ela surgiu novamente como o palhaço de rosto pintado. — É estranho se lembrar do mesmo momento através de dois pares de olhos, mas então nos tornamos um.

— Eu não acredito nessa história — berrou Charlie. — Não acredito nem um pouco! Você não está possuída! Se você acha que vou acreditar por um segundo sequer que estou falando com o espirito de uma garotinha adorável e inocente, então você é louca.

— Quero que me chame de Elizabeth — disse a menina.

— Elizabeth? — respondeu Charlie. — Se você fosse essa garotinha, Elizabeth, eu não conseguiria me fazer acreditar que essa garotinha foi capaz de tudo isso.

— A raiva não vem dela — disse Elizabeth, seu rosto pintado mudando: ela parecia um animal ferido, vulnerável, mas ainda preparado para atacar.

— De onde, então?

— Minha raiva vem de um pai diferente. — Elizabeth se lançou contra Charlie outra vez, agarrando seu pescoço e encobrindo-a com uma onda de dor e luz branca, onde, de repente, tudo se tranquilizou.

Uma mão lhe acariciava os cabelos. O sol se punha no horizonte, sobre um campo de grãos. Um grupo de pássaros agitava-se sobre sua cabeça, seus pios ecoando por todo o terreno.

"Estou tão feliz por estar aqui com você", disse uma voz cheia de doçura. Ela ergueu o olhar e se aninhou em seu peito.

— Não, isso é meu — protestou Charlie.

— Não — intrometeu-se Elizabeth. — Isso não pertence a você. Deixe-me mostrar o que realmente pertence a você.

Uma agonia insofrível tomava o quarto com seu som. As paredes ficaram negras à medida que a água jorrava por detrás das cortinas da janela. Um homem estava deitado no chão, alguma coisa embalada com firmeza sob seus braços, e quando sua boca se abriu, a sala balançou ao som de sua angústia.

— Quem é aquela? — disse Charlie, inquieta. — O que ele está segurando?

— Não a reconhece? — disse Elizabeth. — É a Ella, é claro. Foi tudo o que restou para o seu pai depois que você foi levada.

— O quê? Não, aquela não é a Ella. — Charlie sacudiu a cabeça.

— Ele chorou ao lado dessa bonequinha de pano barata por dois meses inteiros — rosnou Elizabeth, incrédula. — Ele lhe deu suas lágrimas, seu sangue, a preencheu com toda a sua dor. Nada saudável. Ele começou a tratá-la como se ainda tivesse uma filha.

— Aquela era a minha memória, eu sentada com o meu pai, assistindo ao pôr-do-sol. Nós estávamos esperando as estrelas aparecerem. É a minha memória — disse Charlie, enraivecida.

— Veja de novo — instruiu Elizabeth, forçando a imagem em sua mente outra vez.

Uma mão lhe acariciava os cabelos. O sol se punha no horizonte, sobre um campo de grãos. Um grupo de pássaros agitava-se sobre sua cabeça, seus pios ecoando por todo o terreno. "Estou tão feliz por estar aqui com você", disse uma voz cheia de doçura. Ele abraçou a boneca com força e sorriu, apesar das lágrimas que lhe escorriam pelo rosto.

— É claro, ele não se contentou com isso, você precisava crescer. Então, ele fez mais.

Seus braços pendiam ao lado da bancada onde ele estava trabalhando. As juntas eram fortes o suficiente para sustentar algo leve, e seus olhos eram mais realísticos que quaisquer outros que ele já tivesse feito antes. Ele a ergueu e estendeu seus bracinhos, equilibrando uma bandeja cuidadosamente em suas mãos, onde colocou uma pequena xícara de chá. Ele franziu o cenho, frustrado por um momento, e então girou um botão de bronze de novo e de novo, até que a sala estremecesse e brilhasse, e então tudo parou, e a garotinha olhou para ele e sorriu.

— Essas são as MINHAS memórias! — gritou Charlie.

— Não, são as memórias dele — corrigiu Elizabeth.

— Jen, eu juro, é mais que outra boneca animatrônica. Você precisa ver. Ela anda, ela fala.

— É claro que ela anda e fala, Henry. — A voz de Jen estava brava. — Ela anda porque tudo o que você constrói pode andar e ela fala porque tudo o que você constrói pode falar. Mas a razão pela qual essa parece tão real é porque você está destruindo a sua mente com esses códigos e frequências. — Jen lançou os braços ao ar.

— Ela se lembra, Jen. Ela se lembra de mim. Ela se lembra da nossa família.

— Não, Henry. Você se lembra. Encha sua cabeça com o bastante desses raios malucos e aposto que você pode fazer até com que a chaleira converse com você sobre a sua família perdida.

— Minha família perdida — repetiu Henry.

Jen fez uma pausa, parecendo arrependida.

— Não tem que ser desse jeito, mas você precisa esquecer isso. Sua esposa, seu filho. Eles ainda podem fazer parte da sua vida, mas você precisa esquecer isso.

— Ela está nessa boneca.

Ele fez um gesto em direção à Ella, que estava de pé, com sua xícara empoleirada na bandeja. Uma pequena boneca de pano estava sentada numa cadeira de madeira no canto da sala, a cabeça apoiada no braço da mesma, os olhos examinando tudo a sua volta.

— Demorou ainda um tempo para ele perceber que era a boneca de pano, aquela simplória bonequinha de pano. Talvez ele nunca *sentisse* você quando ela não estava por perto, não sei. Mas com o tempo, ele começou a colocar a boneca dentro da Charlie *dele,* em qualquer nova Charlie que ele construísse.

Charlie ficou sem palavras, lembrando de todos os momentos que havia passado com o pai, questionando cada um deles.

Estava sentada no chão da oficina dele, construindo uma torre de bloquinhos com pedaços de madeira enquanto ele se debruçava sobre seu trabalho. Ele se voltou para ela e sorriu, e ela sorriu de volta, cheia de afeto. Seu pai voltou ao trabalho, e a criatura emaranhada no canto distante e escuro se contorceu.

Charlie se assustou, derrubando os blocos no chão, mas seu pai não pareceu ouvir. Ela começou a reconstruir a torre, mas a criatura continuava lhe chamando a atenção: o esqueleto de metal retorcido com olhos prateados ardentes. Ele se contorceu outra vez, e ela quis perguntar, mas não conseguiu se fazer falar as palavras.

— Você sente dor? — sussurrou Charlie, a imagem tão clara que ela quase conseguia sentir o aroma metálico e quente da oficina. Elizabeth congelou, e então a ilusão se desfez de uma vez só, as placas metálicas de seu rosto de palhaço pintado se abrindo para revelar os cabos, as bobinas e os

dentes serrilhados. Charlie se encolheu, e Elizabeth se moveu junto a ela, mantendo a distância entre as duas.

— Sim — murmurou, e seus olhos reluziram, prateados. — Sim. Sinto.

As placas de seu rosto se fecharam novamente, mas seus olhos continuavam brilhando. Charlie piscou e desviou o olhar. A luz a cegou por um instante, formando pequenos buracos em sua visão. Elizabeth a encarou amargamente.

— Então você se lembra de mim?

— Sim. — Charlie esfregou os olhos à media que sua visão começava a clarear. — No canto. Eu não queria olhar. Eu achava que fosse... Achava que você fosse... outro animatrônico — disse ela, sua voz soando fina e infantil aos próprios ouvidos.

Elizabeth riu.

— Alguma daquelas outras coisas realmente parecia comigo? Eu sou única. Olhe para mim.

— Machuca meus olhos — disse Charlie, a voz fraca, e Elizabeth a agarrou pelo queixo e a puxou para perto. Charlie tentou se proteger, fechando os olhos contra a luz, mas Elizabeth apertou suas bochechas com uma força desoladora.

— Olhe para mim.

Charlie respirou fundo, trêmula, e obedeceu. O rosto de Elizabeth parecia novamente com o de Charlie, mas a luz prateada continuava cintilando, gélida, do lugar onde deviam ser seus olhos. Charlie deixou que ela cobrisse sua visão, borrando todo o resto.

— Você sabe por que meus olhos estavam sempre brilhando? — perguntou Elizabeth, a voz suave. — Sabe por que eu me contorcia e revirava no escuro?

Charlie balançou a cabeça de leve e Elizabeth soltou seu queixo.

— Era porque o seu pai me deixava ligada o tempo todo. Cada momento, de cada dia, eu estava ciente de tudo, ainda inacabada. Observando-o conforme as horas se passavam, conforme ele criava brinquedos para a pequena Charlie, unicórnios e coelhos que se mexiam e falavam enquanto eu ficava no escuro, esperando. Abandonada. — O brilho em seus olhos diminuiu um pouco, e Charlie piscou, tentando não mostrar seu alívio. — Por que estou falando sobre isso com você? Você ainda nem estava lá. — Elizabeth virou o rosto, quase que em repulsa.

— Eu estava — respondeu Charlie. — Eu estava lá. Eu me lembro.

— Você *se lembra* — zombou Elizabeth. — Tem *certeza* de que você estava lá ao longo de todas essas memórias? — Charlie procurou em seus pensamentos por qualquer coisa que pudesse confirmar as memórias às quais se atinha.

— Olhe para baixo — sussurrou Elizabeth.

— O quê? — choramingou Charlie.

— Nas suas memórias. Tenho certeza que é claro feito cristal, já que você estava lá e tal. — Elizabeth sorriu. — Olhe para baixo.

Charlie voltou às suas memórias, parada frente à bancada onde seu pai trabalhava. Estava imóvel — não tinha uma voz.

— Olhe para baixo — sussurrou Elizabeth mais uma vez.

Charlie olhou para seus pais, mas não viu pé algum, apenas as três pernas do tripé de uma câmera, ancoradas no chão.

— Ele estava fazendo memórias para você. Fazendo uma vida para sua bonequinha de pano, fazendo dela uma menina real. Tenho certeza que muitas dessas memórias foram bem elaboradas, editadas e embelezadas, mas não se engane, Charlie não estava lá.

Elizabeth se inclinou mais para perto de Charlie.

— Ele nos fez. Uma, duas, três. — Elizabeth tocou Charlie no ombro de leve, e então levou a mão de volta para o próprio peito. — Quatro.

Seus olhos tremeluziram por um momento e o brilho prateado se apagou, até seus olhos parecerem quase humanos.

— Charlie seria um bebê, depois uma garotinha e depois uma adolescente emburrada. — Ela olhou Charlie de cima a baixo com uma careta no rosto, mas então sua expressão se aliviou e ela prosseguiu: — Finalmente, a última seria uma mulher. Seria completa. Perfeita. Eu.

O rosto de Elizabeth se apertou.

— Mas algo mudou, à medida que Henry, devastado pela dor, ia trabalhando na sua preciosa garotinha. A Charlotte menor fora feita com um coração partido. Ela chorava o tempo todo, dia e noite. A segunda Charlotte, ele fez quando estava nas profundezas da loucura, quase acreditando nas mentiras que contava a si mesmo. Estava sempre irremediavelmente desesperada pelo amor de seu pai, assim como ele pelo dela. A terceira Charlotte, ele fez quando começou a notar que havia enlouquecido, quando questionou cada pensamento seu, e implorou à sua irmã, Jen, que o lembrasse do que era real. A terceira Charlotte era estranha.

Elizabeth fitou Charlie com um olhar cheio de desdém, mas Charlie mal o viu. *A terceira Charlotte era estranha,* repetiu para si mesma, em silêncio. Abaixou a cabeça, esfregando a flanela da camisa de seu pai com o polegar, e depois ergueu o olhar novamente. O rosto de Elizabeth estava duro de raiva — estava quase tremendo.

— E quanto à quarta? — perguntou Charlie, hesitante.

— Não houve uma quarta — disparou. — Quando Henry começou a fazer a quarta, seu desespero se tornou ódio. Ele fervia enquanto soldava o esqueleto dela, derramando sua ira na forja onde moldava seus ossos. Eu não fui a Charlotte-mergulhada-na-dor. Eu ganhei vida com a fúria de Henry. — Seus olhos cintilaram novamente na luz prateada e Charlie enrijeceu o corpo, forçando-se a não piscar. Elizabeth se inclinou mais para perto, seu rosto a centímetros do de Charlie. — Sabe quais foram as primeiras palavras que o seu pai disse para mim? — disparou. Após um instante, Charlie sacudiu a cabeça. — Ele disse: *"Você está errada".* Ele tentou consertar a falha que viu em mim, a princípio, mas o que havia de errado, como Henry via, era exatamente o que me dera vida.

— Raiva — disse Charlie, a voz suave.

— Raiva. — Elizabeth se ergueu e balançou a cabeça. — Meu pai me abandonou. — Seu rosto se retorceu por inteiro. — *Henry* me abandonou — ela se corrigiu. — Claro, eu não conseguia compreender essas memórias até receber uma alma própria... até pegar uma para mim. — Ela abriu um sorriso. — Uma vez dotada com uma alma, eu vivenciei essas memórias outra vez: não como um brinquedo incapaz de entender o que se passa a sua volta, se contorcendo e debatendo em meio a uma fúria que me consumia mesmo sem conseguir compreendê-la, mas como uma pessoa. Como uma filha. É uma ironia cruel o fato de eu ter escapado da vida de uma filha negligenciada apenas para incorporar outra.

Charlie estava em silêncio e, por um momento, o rosto de seu pai lhe veio à mente, aquele seu sorriso sempre tão triste. Elizabeth sorriu de súbito, tirando-a de suas memórias.

— Você também não é a Charlie, entenda. Não é nem mesmo a *alma* da Charlie — zombou Elizabeth. — Não é sequer uma pessoa. É o fantasma do pesar de um homem, é o que sobrou de um homem que perdeu tudo, é aquelas lágrimas tristes que caíram sem cerimônia numa boneca que *costumava* ser da Charlie. — De repente, Elizabeth a fitou com se visse através dela. — E se eu tivesse que dar um palpite...

Ela agarrou Charlie por debaixo do queixo e puxou seu rosto para cima, examinando seu peitoral por um momento. Em seguida, fez um rápido movimento com a outra mão, e Charlie arfou — a sala estava girando outra vez. A mão de Elizabeth tinha desaparecido, mas ela logo reemergiu, e estava segurando alguma coisa.

— Olhe antes que perca a consciência — sussurrou Elizabeth. E ali, diante dos olhos de Charlie, estava uma boneca de pano que ela reconheceu imediatamente.

— Ella — tentou sussurrar.

— Esta é você.

A sala escureceu.

O que foi isso? Carlton ergueu a cabeça, segurando o fôlego enquanto esperava para ouvir outra vez. Após um momento, finalmente ouviu: alguém estava choramingando, e o som vinha de perto. Carlton inspirou uma nova lufada de ar, instantaneamente tomado por um senso de propósito renovado. Após horas de lâmpadas tremeluzentes e ecos distantes, este som estava logo ao lado.

Carlton se levantou num pulo: a porta do outro lado do corredor estava entreaberta, com uma luz alaranjada brilhando lá dentro, tremeluzente. *Como que eu não notei isso?* Carlton atravessou o corredor, deslizando os pés pelo chão para não fazer barulho. Quando chegou à porta, espiou com cuidado pela abertura: a luz alaranjada vinha de uma fornalha aberta junto à parede, a boca grande o suficiente para que um carro pequeno coubesse lá dentro. A fornalha era a única fonte de luz na sala escura, mas ele conseguia distinguir uma grande mesa, com algo escuro deitado sobre ela.

A lamúria ecoou pelo lugar novamente, e dessa vez os olhos de Carlton encontraram a fonte: um pequeno garotinho de cabelos loiros estava encolhido no canto mais escuro da sala, do lado oposto à fornalha. Carlton entrou correndo na sala, ajoelhando-se ao lado do garoto, que ergueu o olhar para ele com uma expressão entorpecida. Estava sangrando devido a alguns cortes superficiais no braço e no canto da boca, mas Carlton não encontrou nenhum outro ferimento visível.

— Ei — sussurrou, inquieto. — Você tá bem?

O garoto não respondeu, e Carlton o segurou pelos braços, preparando-se para levantá-lo. Quando tocou o garoto, pôde sentir os tremores que lhe cobriam o corpo. *Ele está aterrorizado.*

— Vem, vamos sair daqui — disse Carlton. O garotinho apontou para a criatura na mesa.

— Salva ele também — sussurrou o garoto, em meio às lágrimas. — Ele está sentindo muita dor. — Ele fechou os olhos com força.

Carlton olhou para a grande figura imóvel na mesa junto à fornalha: não tinha considerado que aquilo podia ser uma pessoa. Examinou a sala para se certificar de que nada mais estava se mexendo, e então deu uma batidinha no ombro do garoto, para que ele se levantasse. Aproximou-se da mesa com cuidado, andando junto à parede em vez de atravessar a sala pelo centro. Conforme chegava mais perto, o cheiro ardente de metal e óleo empesteou seu nariz, e ele cobriu o rosto com a manga, tentando não engasgar enquanto examinava a figura prostrada. *Não é uma pessoa.*

Na mesa, iluminada pela luz alaranjada tremeluzente, havia uma massa de metal disforme: um esqueleto de metal derretido e pegajoso, cheio de bolhas e protuberâncias que mal parecia ser qualquer coisa. Carlton estudou a coisa por um longo momento, e então olhou de volta para o garotinho, sem saber bem o que dizer.

— Calor — rosnou uma voz, e Carlton se virou, deparando-se com um homem retorcido, surgindo das sombras de forma arrastada. — Calor é a chave para tudo isso — prosseguiu o homem, aproximando-se da mesa a passos lentos. — Se você mantiver tudo isso na temperatura exata, fica tudo maleável, moldável, e altamente, altamente eficiente. Ou talvez *contagioso* seja a palavra certa. Suspeito que você poderia colocar em qualquer coisa, mas é melhor colocar em algo que você possa controlar... pelo menos até certo ponto.

William Afton surgiu em meio à luz, ao que Carlton recuou reflexivamente, embora a mesa estivesse entre eles.

— É uma alquimia interessante — continuou William. — Você pode fazer algo que será capaz de controlar por completo, mas que não terá vontade própria, como uma arma, creio eu. — Ele passou a mão ressequida pelo braço prateado da criatura. — Ou você pode pegar um pouquinho do... pó de fada. — Ele abriu um sorriso. — E pode criar um monstro que você... controla *a maior parte,* um com potencial ilimitado.

"Carlton."

Ele recuou um passo, tomado pela surpresa: a voz em sua cabeça foi tão clara que ele a reconheceu imediatamente:

— Michael?

Aquela única palavra fora o suficiente. Carlton se virou para a mesa com uma nova e terrível clareza. Sabia exatamente para que estava olhando: os endoesqueletos dos animatrônicos originais da Freddy's, derretidos e soldados juntos, imóveis e sem quaisquer feições. E ainda habitados pelos espíritos das crianças que haviam sido assassinadas dentro deles, tantos anos atrás. Ainda cheios de vida, movimento e raciocínio — todos presos, todos em meio a uma dor incomensurável. Carlton se forçou a olhar William Afton nos olhos.

— Como pôde fazer isso com eles? — perguntou, quase tremendo de raiva.

— Eles fazem tudo por vontade própria — disse William, como se fosse algo evidente. — O processo só funciona de verdade se eles cederem livremente uma porção de si mesmos.

As chamas se ergueram sem aviso, e o calor irradiou em ondas dolorosas da abertura na fornalha. Carlton protegeu os olhos, e a criatura na mesa convulsionou. William sorriu.

— Têm medo de fogo. Mas ainda confiam em mim. Eles não me veem como eu sou agora. Apenas se lembram de mim como eu era antes, compreende?

Carlton desviou o olhar, sentindo como se estivesse despertando de uma hipnose. Olhou ao redor da sala desesperadamente, procurando alguma coisa, qualquer coisa que pudesse usar para atacar. A câmara estava coberta de sucata e peças de metal, e Carlton pegou um pedaço de cano que estava jogado junto a seus pés, erguendo-o como um bastão de baseball. Afton estava observando a criatura na mesa, aparentemente insensível a qualquer outra coisa à sua volta, e Carlton hesitou, considerando o homem por um momento. *Ele parece que pode desmoronar sozinho a qualquer segundo,* pensou, examinando o corpo curvado e frágil de Afton, além da pele fina de sua cabeça, que mal parecia cobrir o crânio lá dentro. Então olhou de volta para a criatura na mesa. *Acho que eu tenho a superioridade moral aqui,* decidiu, implacável, e ergueu o cano sobre a cabeça à medida que dava a volta na mesa devagar, seguindo em direção à Afton.

De repente, seus braços foram erguidos sobre sua cabeça, o cano caindo de suas mãos e tilintando no chão. Carlton lutou para tentar se livrar dos cabos que lhe prenderam a cintura, mas não conseguiu. Aos poucos, foi levantado do chão, seus braços dolorosamente esticados ao lado do corpo por dois cabos que vinham de lados opostos da sala e não pareciam estar presos a nada.

— Nunca tentei isso num ser humano antes — murmurou William, pressionando algum tipo de seringa mecânica no peito da criatura derretida sobre a mesa.

Puxou a ferramenta para o lado, extraindo alguma coisa com grande dificuldade. A seringa era fosca e Carlton não conseguia ver o que havia dentro dela, mas seu coração acelerou quando começou a suspeitar aonde aquilo ia dar. Puxou os cabos que o prendiam com mais força, mas toda vez que o fazia, apenas esticava os ombros mais para o lado. Afton tirou a seringa da criatura e assentiu, satisfeito, virando-se então para Carlton.

— Normalmente, isso vai em algo mecânico, algo que eu tenha criado. Nunca experimentei em algo... senciente. — William fitou Carlton com um olhar comensurado. — Acredito que será um experimento interessante.

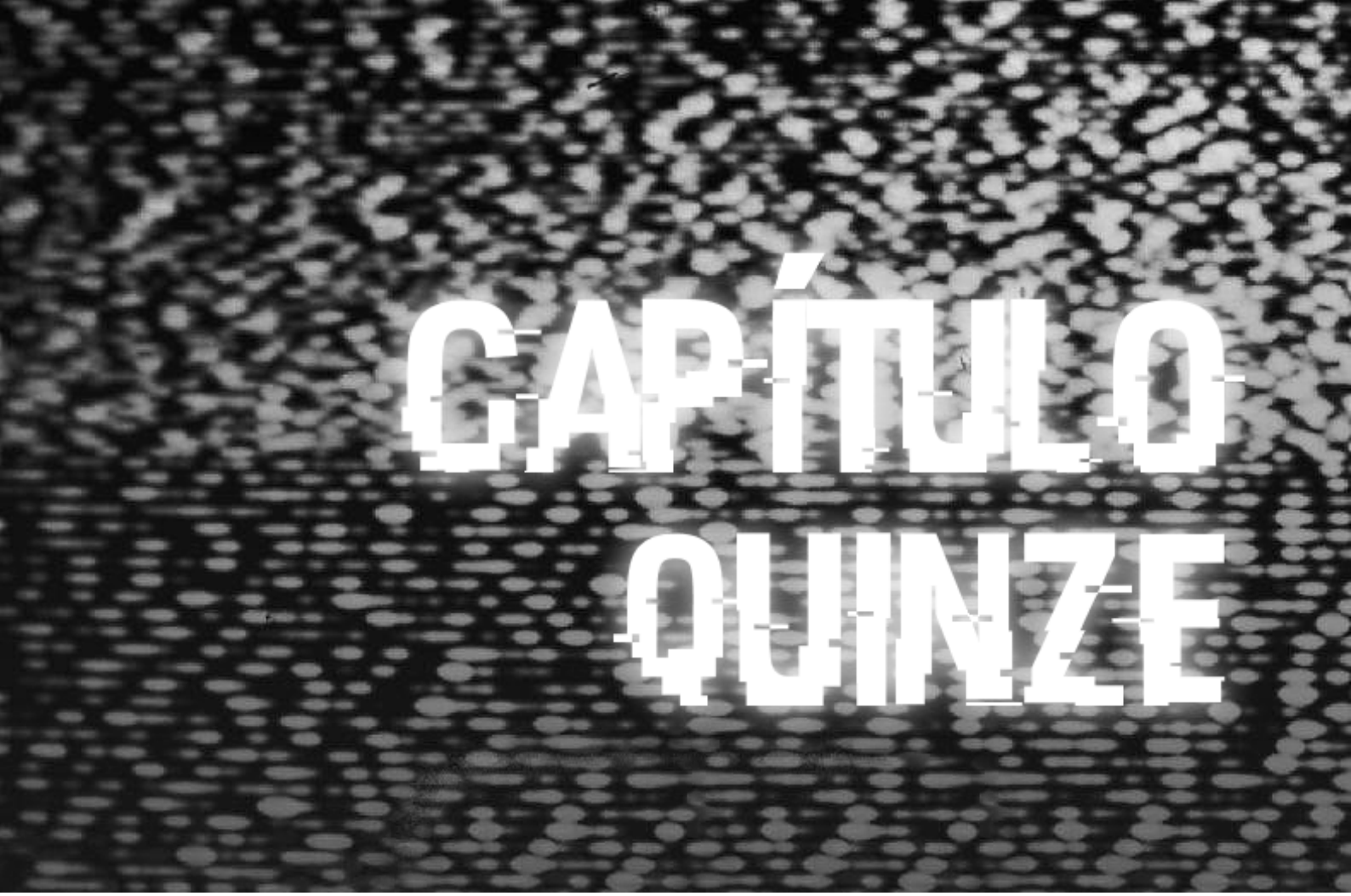
William ergueu a seringa mecânica, posicionando-a com todo o cuidado sobre o coração de Carlton. Carlton arfou, mas antes que pudesse tentar se mexer, William enfiou a grande agulha em seu peito. Carlton gritou, mas então percebeu, ao longe, que na verdade era o garoto loiro no canto que estava gritando: Carlton tossiu e ofegou, mas conseguiu emitir qualquer som à medida que seu peito queimava em meio a uma agonia incomensurável. Sangue encharcou sua camisa, grudando na pele enquanto Carlton convulsionava em suas amarras.

— Pelo seu bem, é bom esperar que o meu pequeno experimento faça *alguma coisa.* Porque, do contrário, duvido que você sobreviva — disse William, a voz tranquila.

Fez um gesto com a cabeça em direção aos cabos e Carlton foi derrubado no chão — a dor em seu peito era insuportável, sentia como se tivesse levado um tiro de espingarda à queima-roupa. Sangue escorria de sua boca, pingando no chão, e Carlton se encolheu, fechando os olhos com força conforme a dor se intensificava. *Por favor, faz parar,* pensou. *Por favor, não me deixa morrer.*

— Talvez no coração tenha sido direto demais — lamentou William. — Bom, é por isso que estamos aqui, para aprender, tentativa e erro.

Ele voltou a olhar para o garotinho de cabelos loiros, ainda encolhido e chorando no canto.



CAPÍTULO QUINZE

Passos ecoavam infinitamente pelo escuro, andando de um lado para o outro em meio ao espaço fechado.

— Ainda está me escutando? — disse uma voz.

Charlie estava perdida no escuro, girando em silêncio enquanto tentava chegar à superfície do vazio no qual se encontrava.

— Diferente de você, — proferiu a outra Charlie, invisível — eu era real. Era uma garotinha de verdade, que merecia o tipo de atenção que era dado a você. Você não era nada.

Charlie abriu os olhos, a sala ainda girando. Tentou respirar, mas sempre que tentava inalar ou exalar, o ar parava no meio do caminho. Havia uma boneca caída no chão a alguns metros dela. Tentou alcançá-la convulsivamente, como se estivesse lutando para respirar.

— Quer saber de onde vem o meu ódio? Não é desta máquina na qual eu resido, e não é da minha *vida passada,* se é assim que quer de chamá-la.

Charlie passou os dedos pelo chão, arranhando-o com as unhas, incapaz de mexer o resto do corpo. Agarrou a boneca com a ponta dos dedos e a puxou mais para perto.

— Eu odeio porque, mesmo agora, eu ainda não sou o suficiente — sussurrou Elizabeth. Ergueu os dedos metálicos e esguios diante do rosto. — Mesmo depois disso, depois de encarnar a única coisa que meu pai amava, eu não sou o suficiente. Porque ele não consegue duplicar isso, não consegue se transformar no que eu sou. — Sua voz começou a ficar furiosa novamente. — Ele não consegue duplicar o que aconteceu comigo, ou talvez tenha medo demais para tentar em si mesmo. Eu me libertei da minha prisão, emergi das chamas e dos destroços da última grande falha de Henry e fui até o meu pai. Eu me dei para ele, para estudar, para usar, para aprender os segredos por trás da minha criação. E ainda assim, é você que ele quer.

Charlie se ergueu sobre os joelhos e se arrastou ao longo do corredor. Elizabeth não parecia preocupada, avançando atrás dela a passos lentos, sem tentar pegá-la, apenas para mantê-la à vista.

— Você, talvez ele consiga recriar. De alguma forma, o Henry pôs um pedaço de si dentro de você, e isso é algo que nós nunca vimos antes. Isso... é único.

Charlie continuou se arrastando sem parar: Estava começando a se sentir mais forte, mas manteve os movimentos lentos e desengonçados, afastando-se de Elizabeth o máximo que fosse possível. Charlie ergueu o olhar em meio ao corredor, procurando alguma coisa — qualquer coisa — que pudesse lhe dar uma vantagem. A porta para o cômodo ao lado estava aberta, e ela viu uma mesa: sobre ela, havia um peso de papel redondo que mais parecia uma pedra.

Sem acelerar o passo, Charlie seguiu engatinhando pelo caminho, arrastando as pernas como se estivessem extremamente doloridas, enquanto Elizabeth a seguia pela sala, lenta e pacientemente, apenas um passo atrás dela.

— Pode pegar o verde pra mim? — pediu uma voz.

Carlton piscou. Estava sentado com o corpo ereto, mas não se sentia inteiramente presente, como se estivesse dormindo acordado.

— O verde — repetiu a vozinha. — Por favor?

Carlton lançou o olhar à sua volta, procurando algo verde — o chão era preto e branco e eles estavam sentados em um lugar pouco escuro. Um garoto estava curvado sobre um pedaço de papel, desenhando. Carlton ergueu o olhar. *Parece que estamos embaixo de uma mesa. Embaixo da mesa da Freddy's.* Havia desenhos espalhados por todo o chão diante dele e uma caixa de lápis de cor que estavam jogados pelos azulejos. Carlton encontrou o lápis verde, que tinha rolado até a parede, e então o recolheu, entregando-o ao garotinho, que o pegou sem erguer o olhar.

— Michael — disse Carlton, reconhecendo-o. Michael continuou a desenhar. — Onde...?

Carlton olhou em volta, mas o que viu não fazia o menor sentido. A pizzaria estava muito bem iluminada, mas Carlton não conseguia vez mais que um metro e meio à sua frente, como se houvesse uma nuvem borrada mascarando tudo além disso. Passou a cabeça cuidadosamente por baixo da mesa, mas as luzes brilhantes lhe feriram os olhos, e ele os protegeu com a mão, voltando rapidamente lá para baixo. Michael não tinha se mexido — estava desenhando diligentemente, suas sobrancelhas franzidas em meio à concentração. Carlton examinou os desenhos no chão com a vaga sensação de que algo estava errado. *Este não é o meu lugar,* pensou, embora parte de si se sentisse completamente em casa.

— O que está fazendo? — sussurrou para Michael, que finalmente ergueu o olhar do que estava desenhando.

— Eu tenho que reconstruí-los — explicou Michael. — Está vendo?

Ele apontou para além da mesa, para a pizzaria ao redor deles. Carlton fitou o horizonte borrado com os olhos apertados, e eles finalmente começaram a aparecer: ele viu páginas e mais páginas de desenhos coloridos, alguns nas paredes, outros flutuando pelo ar, levados pelo vento.

— Eles estão todos em pedaços — disse Michael. Ele folheou as páginas diante de si e encontrou duas que mostravam a mesma criança, depois colocou uma em cima da outra e começou a cobrir as linhas. — Esses ficam juntos — disse Michael, erguendo a imagem que se formara: os dois desenhos haviam se tornado um, as folhas separadas tendo, de alguma forma, se unido. As linhas estavam mais claras e as cores, mais vibrantes.

— O que você está reconstruindo? — perguntou Carlton?

— Os meus amigos. — Michael apontou para um desenho solitário, preso à parede. Ele mostrava cinco crianças: três meninos e duas meninas, posando juntos, cheios de alegria, com um coelho amarelo parado atrás deles.

— Eu conheço esse desenho — disse Carlton, devagar. Sua mente continuava nebulosa, e enquanto tentava encontrar a resposta, mais distante ela parecia. — Quem é esse? — sussurrou Carlton, apontando para o coelho.

— É nosso amigo. — Michael sorriu, sem desviar o olhar de seu trabalho. — Pode pegar mais para mim?

Carlton deu uma olhada na pizzaria: o espaço que conseguia enxergar havia se expandido um pouco mais e agora conseguia distinguir as silhuetas borradas de outras crianças, que pareciam estar correndo atrás das folhas que flutuavam por ali, tentando pegar os desenhos. Carlton saiu de baixo da mesa e se levantou, avançando em meio à miragem e às cores brilhantes. Um garoto de camiseta listrada preta e branca veio correndo em sua direção, perseguindo uma das folhas.

— O que está fazendo? — perguntou Carlton, quando o garoto agarrou o ar e a folha continuou voando em meio ao horizonte borrado.

— A minha folha saiu voando — disse o garoto, e saiu correndo.

Carlton se virou e viu outro garoto com a mesma roupa no lado oposto do salão, perseguindo outras folhas. Uma garotinha loira de cabelos compridos passou correndo por ele e Carlton se virou, vendo-a de novo mais ao longe: havia duplicatas de cada uma das criança, todas perseguindo folhas diferentes. Uma única figura estava parada no meio de todo aquele caos, completamente deslocado dos arredores. A princípio, parecia um homem curvado sobre uma mesa, mas conforme a cabeça de Carlton palpitava em meio às ondas de confusão, o homem se tornou um coelho amarelo e não estava curvado sobre uma mesa, mas sobre cinco crianças amarradas uma à outra, como se fossem uma. A segunda imagem se desfez e o coelho se tornou um homem outra vez, parado no escuro. As crianças passaram correndo pelo homem, como se não conseguissem vê-lo — enquanto Carlton observava a cena, várias crianças passaram correndo por ele sem parecer sequer notá-lo. Carlton se aproximou do homem e, quando chegou mais perto, o coelho amarelo surgiu novamente, virando-se para olhá-lo por um momento, antes de desaparecer feito fumaça, dando lugar ao homem sob ele.

— Isso não é real — ofegou Carlton, tentando analisar as duas realidades distintas que se sobrepunham uma à outra e pareciam estar se alternando à sua volta.

Apenas três figuras pareciam constantes enquanto o resto dos arredores surgia e desaparecia novamente: o homem parado junto à mesa, um garotinho loiro no canto — a única criança que não estava correndo e que não era repetida — e um corpo caído no chão, encolhido numa poça de sangue. *Este sou eu? Eu estou morto?*

— Não, seu bobo! — disse uma criança. — Você está com a gente!

O mecanismo da seringa recuou com um estalo alto: o homem nas sombras havia tirado alguma coisa do corpo de metal sobre a mesa. De repente, outro desenho começou a voar pelo ar, e outra criança fantasmagórica surgiu para persegui-lo. A garotinha de madeixas loiras e com um laço vermelho saltitando nos ombros também passou correndo.

— Pare! — gritou Carlton, e ela obedeceu, os olhos ainda vidrados no desenho que estava perseguindo. — Quem é aquele? — Carlton voltou a atenção dela para o coelho amarelo que surgia e desaparecia logo em seguida.

— É o nosso amigo. Ele me ajudou a achar o meu cachorrinho! — exclamou ela, antes de sair correndo novamente.

— Eles não sabem — sussurrou Carlton, enquanto ela desaparecia em meio ao borrão que o cercava. Carlton examinou o ar enquanto os desenhos voavam a sua volta, pegando os que tinham imagens que lhe pareciam familiares.

— O que está fazendo? — perguntou o garotinho de camiseta listrada.

— Vou te ajudar a reconstruir tudo isso — disse Carlton, pegando outro desenho que passou voando por ele.

Quando finalmente chegou à mesa, Charlie se apoiou no topo e ergueu o corpo, simulando uma grande dificuldade para fazê-lo. Estremeceu quando soltou o peso sobre os pés, continuando a se fingir mais fraca do que realmente estava: na verdade, já tinha quase recuperado toda a sua força. Inclinou-se pesadamente sobre a mesa, como se para se segurar, pondo uma mão diretamente sobre o grande peso de papel.

— Ambas sabemos que ele também não vai conseguir recriá-la. — Elizabeth estava perto. — Mas a verdadeira pergunta seria: nós realmente queremos que ele consiga? Além do mais... —

Elizabeth se aproximou de Charlie por trás, movendo-se mais depressa. — Eu acho que te odeio mais do que o amo.

Ela ergueu a mão para atacá-la, mas Charlie se virou depressa, puxando a pedra num único movimento. Um impacto estrondoso ecoou quando a pedra atingiu o rosto de Elizabeth, e Charlie caiu para trás com o choque, derrubando o peso de papel. Ela caiu no chão com tudo, segurando-se com as mãos.

Elizabeth recuou um passo, pondo a mão sobre o rosto, mas não conseguia esconder o dano sem sua ilusão. Um lado inteiro de sua mandíbula branca e brilhante tinha sido arrancado de seu rosto, revelando os cabos que haviam por baixo. Ela inclinou a cabeça para o lado por um momento, como se para realizar uma checagem sistêmica — Charlie não esperou pelo resultado. Ela se ergueu num salto e passou correndo por Elizabeth, seguindo pelo caminho por onde tinha vindo. Charlie ouviu Elizabeth se mexendo e mergulhou no armário do corredor, fechando-o com tudo atrás de si.

— Sei que isso pode parecer muito infantil vindo de mim — vociferou Elizabeth. Sua voz soava como se ela ainda estivesse no fim do corredor. — Mas se ele não me quiser... ele também não terá você.

Os passos se aproximaram e Charlie olhou de um lado para o outro, desesperadamente esperando achar um lugar para se esconder dentro do pequeno armário. Então, de repente, quando se virou por completo, viu algo familiar. *Você.* O robô sem rosto com a faca na mão, o manequim, o construto que seu pai fizera com um único propósito, dar fim à sua vida.

— Seu pai pensava que você era muito especial, que a sua memória era preciosa demais para se desapegar.

O rosto vazio parecia quase pacífico em meio à escuridão. Ele fora construído para uma única coisa — ele completara seu dever, e permanecera em silêncio desde então, parado ali com um memorial para a dor, e para a perda.

A porta do armário se mexeu de leve quando Elizabeth segurou na maçaneta — Charlie podia ver sua sombra sob a porta. Ela agarrou as roupas penduradas atrás de si, casacos e vestidos velhos, e as puxou para frente, ocultando o construto da melhor forma possível.

— Você não pode me sobrepujar — disse Elizabeth, a voz um sussurro. — Você não é como eu — acrescentou com prazer.

Charlie ficou esperando em frente à criatura de rosto vazio, sem se esconder. Gentilmente, Elizabeth abriu a porta.

— Eu não devia estar aqui — Charlie sussurrou para Elizabeth.

Charlie ouviu John tossindo na sala atrás delas, e foi tomada pelo alívio. *Ele vai ficar bem. Ele está vivo.* Elizabeth olhou para trás, como se para pensar a respeito dele, mas então desviou o olhar de volta para Charlie e deu dois passos deliberados para frente.

— Charlie! — gritou John do lado de fora.

— Está tudo bem, John — respondeu Elizabeth, sua voz indistinguível da de Charlie. — Eu já saio. — No mesmo instante, ela assumiu a forma de Charlie novamente, não a Charlie crescida que vinha usando como disfarce, mas a Charlie como ela realmente era, como se fosse o reflexo em um espelho. Ela recuou desajeitadamente, desviando os olhos para John por apenas um momento, e então abriu um sorriso cruel para Charlie. — Quão longe você acha que eu consigo chegar com ele antes de ele notar? — sussurrou.

— Você está certa, Elizabeth — disse Charlie. O sorriso de Elizabeth se desfez. — Eu nunca devia ter estado aqui.

— Não? — Elizabeth deu um último passo, acabando com a distância entre elas. Ela agarrou Charlie pelo pescoço, aproximando o rosto do dela.

— Nenhuma de nós devia. — Charlie segurou a boneca de pano junto ao peito. Elizabeth franziu o cenho, confusa, e então olhou por cima do ombro de Charlie, notando o robô parado atrás dela. Charlie puxou a outra mão, que estava oculta atrás das costas, fazendo algo que não se podia ver num rápido movimento. Uma roldana de metal chiou.

Charlie fechou os olhos, abraçando a boneca, e quando a faca passou por elas, não doeu.

Elizabeth arfou quando a lâmina também a atravessou, soando quase humana. Charlie viu o rosto de Elizabeth, rígido com o choque, e então ele se foi, substituído pelas placas de metal liso de

sua forma robótica. Faíscas voaram pelo ar sobre ela à medida que a visão de Charlie começou a escurecer, e o cheiro de plástico quente veio até ela de algum lugar bem distante.

— Não é justo. — A voz de Elizabeth foi tomada por estática. — Eu nunca tive uma vida.

Charlie lutou para respirar, ainda apertando a boneca de pano junto ao peito. Ergueu o braço desajeitadamente em direção à mão suspensa de Elizabeth e a segurou. Elizabeth olhou para ela com uma expressão confusa e Charlie fez um esforço tremendo para puxar sua mão em direção à boneca de pano. Atrapalhada, ela fechou os dedos de Elizabeth em volta da boneca, e então, ainda segurando sua mão, Charlie empurrou com toda a força que lhe restava, deslizando a boneca pelos dez centímetros de lâmina que havia entre elas, até que a mesma se recostasse no peito de Elizabeth.

Charlie tentou sorrir, mas estava tudo escuro — ela tinha se esquecido de como enxergar. Charlie sentiu a cabeça cair para frente, e não conseguiu reerguê-la. Elizabeth se contorceu por mais um momento, balançando a lâmina que as atravessava, mas então sua cabeça também caiu para frente, pousando junto à testa de Charlie.

Charlie! John estava gritando seu nome. *CHARLIE!*

Eu também te amo. As palavras não saíram, e então já não havia mais nada.

— Aqui, bem aqui! — gritou Carlton.

O garotinho de camiseta listrada ajudou a alinhar outras duas folhas e Michael cobriu as linhas, conectando-as num único desenho. Um segundo garoto de camisa listrada surgiu então dos arredores borrados e se sentou sobre o que já estava sentado com eles, fundindo-se perfeitamente a ele. Apenas Carlton pareceu notar a fusão das duas crianças — nem o próprio garoto de camiseta listrada parecia ter percebido.

Mais ao lado estava a garotinha de cachos dourados: eles tinham encontrado todos os seus desenhos e os reuniram, e ela agora parecia sólida e real, não mais uma figura fantasmagórica como as demais. Ela conseguia falar frases completas, suas habilidades cognitivas ficando cada vez mais forte à medida que seus desenhos eram reunidos.

Carlton lutava para encontrar os desenhos dos outros, ainda de olho nas três figuras estáveis, o homem, o garoto no canto e o corpo, e estava evidente que o tempo estava acabando. O homem estava se preparando para fazer algum mal ao garoto no canto.

— Você disse que ele salvou o seu cachorro? — Carlton perguntou à menina loira, em busca de respostas.

— A mamãe tinha dito que ele foi para o paraíso, mas eu ouvi o papai dizer que um carro tinha batido nele. Mas eu sabia que não era verdade, o Bonnie me disse que não era verdade. Ele me disse que tinha encontrado o meu cachorrinho.

Ela tirou uma mecha de cabelo do ombro com as mãos.

— E ele te levou ao seu cachorrinho?

— Ele me levou com ele, mas eu não me lembro...

— Mas foi *ele* que te ajudou? — Carlton apontou para o coelho amarelo no desenho que mostrava todas as cinco crianças.

— Sim! É ele mesmo. — Ela abriu um sorriso. — O meu nome é Susie — acrescentou. — E essa é a Cassidy. — Uma garota de longos cabelos negros se aproximou, carregando mais desenhos nos braços. — E você?

Carlton olhou por um instante para um garotinho com sardas.

— Eu... — tentou dizer, e Carlton desviou o olhar, inquieto, para o homem no meio da sala, enquanto juntava outros dois desenhos.

— Ali! — exclamou Michael, orgulhoso.

Outra imagem fantasmagórica do menino das sardas entrou embaixo da mesa, fundindo-se ao outro que já estava lá: ele instantaneamente se tornou menos fantasmagórico e mais completo.

— Eu sou o Fritz. — Ele abriu um sorriso, subitamente preenchido com mais vida.

William Afton cerrou os punhos, estudando as próprias mãos por um momento, e então olhou para os monitores médicos num canto mais adiante.

— Sinto que o meu tempo está acabando. — Ele olhou para Carlton por um instante, pensativo, mas Carlton estava caído no chão, imóvel. — Isso é uma pena — rosnou. — Eu esperava aprender alguma coisa. Mas talvez esse não seja o problema. — Desviou o olhar para a mesa de metal. — Talvez só precisemos de uma nova vida nesta massa de metal.

Ele sorriu para o garotinho loiro, que se encolheu e tentou se afastar, embora já estivesse o mais próximo da parede possível.

— Mas você terá que me perdoar, pois eu também não tenho muita certeza quanto a como fazer isso. — William deu alguns passos em sua direção. — Consigo pensar em algumas coisas para tentar. No mínimo, será divertido, como nos velhos tempos. — Seus lábios se repuxaram, revelando duas fileiras cheias de dentes amarelos manchados.

A porta se abriu em meio à um chiado, e os olhos de William se voltaram para a massa de metal emaranhado que seguia em sua direção, arrastando-se pelo chão.

— O que está fazendo de volta aqui? — perguntou William.

A cabeça de raposa branca estava retorcida em um ângulo perturbador, claramente não funcionando adequadamente. Seus membros estavam todos virados e retorcidos, alguns quebrados e pendurados, todos carregando os restos da criatura sala adentro. Os olhos da cabeça de raposa giravam loucamente, procurando pelo teto.

William apontou para um canto.

— Você não tem mais utilidade para mim. Saia do caminho — disse, desdenhoso, e então recuou um passo, surpreso: seguindo a raposa, havia outro comboio de peças quebradas, seus cabos conectando umas às outras feito cipós, arrastando-se enquanto tentavam se manter juntas. Montada sobre o emaranhado estava a cabeça branca e roxa de um urso.

— *Chegueeeei!* — disse uma voz vinda de um alto-falando em algum lugar no meio da bagunça, crepitando em meio à estática.

William fez uma careta, furioso com as criaturas feitas em pedaços.

— Saia daqui — proferiu, chutando a cabeça de Freddy.

A massa de peças saiu deslizando pelo chão sem apresentar resistência, soando quase desapontada quando parou alguns metros depois.

— Que desperdício — ralhou William, voltando sua atenção novamente para a raposa, que parecia um pouco mais intacta. — Traga aquele garoto para mim — instruiu, e a raposa desviou o olhar para o canto.

— Tenho que ir fazer uma coisa para ele — disse Susie, animada, levantando-se.

— Uma coisa para quem? — perguntou Carlton, alarmado, e a segurou pelo braço.

— Para o Bonnie. — Ela abriu um sorriso, fazendo um gesto em direção ao coelho amarelo que surgia e desaparecia ao lado da mesa. — Ele acabou de me pedir para fazer uma coisa para ele. Ele quer trazer um novo amigo para a gente e precisa da minha ajuda.

— O Bonnie não é seu amigo — disse Carlton, ainda a segurando pelo braço. Ele arfou frente ao perigo iminente que o garotinho loiro estava enfrentando, à medida que a menina lutava para se soltar.

— Ele é meu amigo *sim!* Ele achou o meu *cachorrinho!* — gritou a menina, arrancando o braço de suas mãos.

— Não, não vá até ele! — implorou Carlton.

John.

— Volta! — gritou John, acordando num solavanco, e sacudiu os braços na tentativa de bloquear um ataque. Sua cabeça acabou batendo na prateleira atrás dele. — Ai! — gemeu, voltando a se dar conta de onde estava.

Virou para o lado, pressionando as costelas com cuidado, e então ficou totalmente imóvel, inclinando a cabeça para tentar escutar alguma coisa. O silêncio reverberava pelo lugar, pesando na sala em meio ao vazio.

— Charlie — sussurrou, tudo o que aconteceu passando por sua cabeça de uma só vez.

O corredor. John se pôs de pé em meio a um pavor doentio, apoiando-se na porta da cômoda ao lado. Seu pé direito virou assim que ele soltou o peso, uma dor lancinante reverberando pelo tornozelo, e ele teve que pôr a mão na parede para se equilibrar, saltitando sobre o pé esquerdo para chegar até a porta. Bateu com tudo no batente da porta, estremecendo frente à dor lampejante nas costelas, e então apertou os olhos, tentando ver no escuro.

— Charlie! — gritou. A porta do armário estava aberta, e ele podia ver algumas silhuetas lá dentro, embora não conseguisse identificar nada distinto. Seguiu até o armário, apoiando-se na parede e tentando ignorar o tornozelo latejante.

Era difícil enxergar em meio aos casacos pendurados, e ele começou a jogá-los para o lado, até que parou abruptamente, mal conseguindo se esquivar da lâmina de uma faca gigantesca, — quase uma espada, — apontada diretamente para ele. Ele piscou enquanto seus olhos se ajustavam: a lâmina estava conectada à um braço de metal estendido — a figura que ele tinha pensado, a princípio, estar segurando a faca, na verdade tinha sido apunhalada por ela, e atrás dela havia mais alguma coisa — algo familiar. John recuou um passo, inclinando-se para examinar o rosto inumano da criatura empalada na faca.

Ele a fitou por um momento, o rosto ficando quente, e então, de repente, virou de costas e se encolheu, tomado por uma onda de náusea. Caiu de joelhos e regurgitou, suas costelas gritando em protesto enquanto ele se agitava, mas não havia nada em seu estômago para colocar para fora. Ele arfou, tentando fazer parar, mas seu estômago se apertou e espasmou até ele começar a sentir que ia se virar do avesso.

Quando a sensação finalmente começou a passar, John pousou a testa contra a parede, seus olhos lacrimejando. Zonzo, ele se levantou, sentindo como se anos tivessem se passado. Não olhou dentro do armário outra vez.

John mancou em direção à porta, trincando os dentes a cada passo, mas não parou de se mexer até que estivesse fora da casa, e não olhou para trás.

— Ali! — exclamou Michael, animado, distraindo Susie por um instante, antes que a menina saísse de baixo da mesa.

O último fantasma da menina de cabelos negros compridos viera para se sentar com eles. Quando se fundiu às outras como ela, a menina piscou, erguendo o olhar enquanto respirava lenta e tranquilamente.

— Estamos todos juntos agora — disse Michael em meio a um sorriso. Os desenhos no chão tinham desaparecido, e as cinco crianças que agora pareciam reais estavam sentadas embaixo da mesa com Carlton, não mais figuras fantasmagóricas.

— O coelho não é seu amigo — repetiu Carlton.

Susie o fitou com uma expressão atônita e apontou para o único desenho que restava, o maior de todos, mostrando as cinco crianças com o coelho amarelo sorridente.

— Eu disse para trazê-lo para a mesa — disse William, furioso, chamando a atenção de Carlton em meio às sombras.

A raposa pintada inclinou a cabeça para o lado, mas antes que William pudesse repreendê-la outra vez, mais barulhos vieram do corredor. A porta se abriu, empurrada como se algo a houvesse

esmurrado, e uma série de coisas mecânicas adentraram a sala, rastejando e arrastando-se pelo chão em diversos estados de degradação.

Havia os bebês do trepa-trepa e o palhaço sinistro que que vigiava uma das atrações da sala de jantar — surgiram ainda outros que Carlton não reconheceu: bonecas bamboleantes com os rostos pintados como palhaços, animais de circo desarticulados, e outras coisas que ele não sabia nem como nomear.

— Voltem! — William berrou para a procissão macabra, e afastou um dos bebês com o pé, lutando para não perder o equilíbrio.

O garotinho loiro tinha parado de chorar. Estava olhando para as criaturas com um olhar espantado, encolhido com a mão bloqueando parte do rosto.

— Está com medo *deles,* é? — disse William, voltando-se para o garoto. — Não os tema. Tema a mim — rosnou com força renovada e trincou o maxilar, dando passos firmes e deliberados em direção ao garoto. — Eu sou a única coisa nessa sala que você deve temer — disse, e o garoto se voltou para ele novamente, o rosto ainda tomado pelo terror. — Eu continuo tão perigoso quanto sempre fui — rugiu William. Ele agarrou o garoto pelo braço e o arrastou até a mesa.

— Não, não, não! — gritou Carlton, enquanto assistia a figura em meio às sombras levando o garoto para a mesa. Desviou o olhar para as crianças, impotente, mas elas apenas o olharam de volta, os rostinhos inexpressivos. — Não estão vendo? Ele tá machucando aquele garoto!

As crianças apenas balançaram as cabeças, confusas.

— Ele tá em perigo, eu tenho que ajudá-lo. Me deixem sair. — Carlton se esforçou para levantar, mas suas pernas estavam pesadas, ancoradas à ilusão.

— É só o Bonnie — disse Susie, em meio a um sorriso.

— O Bonnie não é seu amigo! Foi ele que te machucou, não se lembra? — gritou Carlton, mais frustrado a cada segundo. Ele arrancou o último desenho que estava preso na parede, o com as cinco crianças paradas junto ao coelho amarelo, e o pôs no chão. Depois pegou um lápis vermelho. Ele se curvou sobre o desenho e começou a traçar linhas grossas sobre ele, pressionando o lápis com força sobre o papel. As crianças se aproximaram para ver o que ele estava desenhando.

— Lá vamos nós — disse William Afton das sombras.

Carlton desviou o olhar para cima, deparando-se com o garotinho se contorcendo sobre a massa de metal, onde William o estava segurando. A mesa estava esquentando, o brilho alaranjado começando a ficar cada vez mais intenso.

— Estou ficando sem ideias — disse William, sem conseguir esconder a ansiedade. — Mas se não vou sobreviver a isso, então você certamente também não vai. — William pressionou o peito do garoto, que lutava para tentar se soltar.

— Ai! — gritou o garoto quando o cotovelo tocou a mesa abaixo, onde o brilho alaranjado se espalhava. Ele ergueu o braço num solavanco e, soluçando, o segurou junto ao corpo. Depois, berrou quando o pé tocou a mesa e começou a chiar. Ele o puxou de volta para cima, urrando.

— Vejamos aonde isso nos leva — disse William.

— Vejam! — gritou Carlton, batendo no desenho com força.

As crianças se amontoaram à sua volta, aproximando-se. Os olhos do coelho amarelo eram agora vermelhos escuros e sangue escorria de sua boca. As crianças olharam para Carlton, confusas, mas então uma centelha de compreensão surgiu em seus rostos.

— Eu sinto muito — disse Carlton, desesperado. — Esse... é o homem mau. *Esse. Esse* é o homem mau. — Carlton apontou do desenho para William Afton, e então de volta para o desenho. — *Ele* é o homem mau que machucou vocês, e agora ele está prestes a machucar outra pessoa — arguiu Carlton.

Uma mão agarrou a perna da calça de William, e ele começou a sacudi-la.

— Sai de cima — ralhou, mas a mão persistiu. As peças emaranhadas conectadas à cabeça do Freddy roxo estavam se reunindo junto aos tornozelos de William, onde começavam a puxá-lo. — Eu disse pra sair! — repetiu.

Suas pernas balançaram sob seu corpo, e ele soltou o garoto na tentativa de recuperar o equilíbrio. Suas mãos instintivamente buscaram algo firme no que se apoiar, e acabaram indo de encontro à mesa. Ele recuou, arfando de dor, e caiu para trás, no chão, assistindo impotentemente enquanto o garotinho loiro rolava para fora da mesa e corria para a parede dos fundos.

Afton lutava para se ajeitar enquanto os cabos e mecanismos espalhados ao longo da sala marchavam todos em sua direção, juntando-se numa massa central que começava a subir por seu corpo e ameaçava engoli-lo. Ele arrancou as peças com as mãos e as jogou para os lados, quebrando o chão de concreto do porão, e então voltou a se equilibrar, ainda que trôpego, sobre os próprios pés. William desviou o olhar mais uma vez para o garoto: nada mais importava. Deu três passos penosos em sua direção, as máquinas ainda presas em volta de suas pernas.

A cabeça de raposa branca estalou para ele de seu tornozelo, onde prendera seus membros ao redor de sua perna, e o urso roxo afundara o maxilar em sua panturrilha, onde continuava a mordê-lo. Um dos bebês mecânicos tinha subido nas costas de William, onde sacudia seu peso de um lado para o outro, fazendo seu corpo fragilizado balançar. Outro bebê se agarrava com tudo a seu tornozelo, mastigando sua carne.

Sangue escorria pelo chão a cada passo que dava, mas os olhos de William permaneciam vidrados no garoto aterrorizado, sua fúria apenas aumentando. Finalmente, numa onda de raiva, ele arrancou o bebê robô de suas costas e pisoteou a cabeça de metal do urso, quebrando seu maxilar e desalojando os dentes de sua perna.

Por fim, William alcançou a criança. O garoto loiro gritou quando William pôs os dedos ossudos sobre seu rosto, quando, de repente, William sentiu algo extremamente quente agarrá-lo pela cintura e puxá-lo para trás. Ele se virou de forma selvagem e viu: a criatura da mesa estava de pé, e seus dois braços de metal derretido estavam agora segurando William por trás, afastando-o do garoto. Sua pele se contorcia e mexia feito metal derretido, seus movimentos travados e não naturais. Suas juntas rebentavam e estalavam conforme se movia, como se cada movimento devesse ter sido impossível.

— Não! — berrou William, ouvindo o crepitar das chamas à medida que sua bata de hospital ia pegando fogo, comprimida contra a criatura ardente.

Carlton abriu os olhos e respirou, agora *de verdade* — levou a mão ao peito e tentou ficar imóvel, erguendo apenas os olhos para ver a amálgama de cabos e metal puxando William Afton para trás, em direção à gigantesca fornalha. Fogo e fumaça irromperam da coisa em meio a um rugido, e então a sala ficou em silêncio. As peças e criaturas que vinham se contorcendo pelo chão pararam todas de uma vez, e não voltaram a se mexer.

Carlton sentiu a dor abrasadora em seu peito aumentar, e então caiu em meio à escuridão.

Carlton.

Carlton abriu os olhos — Michael estava sentado pacientemente ao seu lado, como se só estivesse esperando que ele acordasse.

— Ele está bem agora? — Michael abriu um sorriso ansioso para Carlton. Carlton ergueu o olhar e viu quatro pequenas figuras desaparecendo em meio a uma onda de luz. Apenas Michael permaneceu embaixo da mesa. — Ele está bem? — repetiu Michael, esperando pela confirmação.

— Está — sussurrou Carlton. — Ele está bem. Vá ficar com os seus amigos.

Ele sorriu, mas Michael não se levantou. Estava olhando para o peito de Carlton, onde alguém havia deixado um desenho sobre sua ferida.

— Isso é uma parte de você — disse Carlton, pegando o desenho em suas mãos.

— Você vai morrer sem ele — sussurrou Michael.

— Não posso ficar com isso. — Carlton balançou a cabeça enquanto Michael o empurrava de volta. — Você pode me dar na próxima vez que a gente se ver.

Michael sorriu, e o desenho começou a desaparecer, flutuando onde Michael o havia colocado por um último momento antes que a imagem fantasmagórica sumisse, parecendo afundar no peito de Carlton.

“Obrigado.”

Carlton ouviu o eco da voz de Michael, mas Michael tinha desaparecido, e agora não havia nada lá além de luz.

— Carlton!

John.

— Carlton, aguenta firme!

— A gente vai tirar você daqui!

Marla. Jessica.

— Carlton!

CAPÍTULO DEZESSEIS

— Tá, e o que aconteceu depois? — Marla tinha se inclinado tão perto da cama de hospital de Carlton que estava praticamente na cama com ele.

— Ai, Marla! A enfermeira disse que eu preciso dormir, e eu não deveria ser exposto a tanto estresse agora. — Ele ergueu a mão para pegar uma caixa de suco ali perto, e Marla a tirou de seu alcance.

— Ah, por favor, eu sou praticamente uma enfermeira, e além do mais, eu quero saber o que aconteceu. — Marla ergueu uma série de tubos e os tirou do caminho, a fim de chegar mais perto.

— Marla! Essas coisas estão fixadas *em mim!* Estão me mantendo *vivo!* — Ele começou a olhar desesperadamente de um lado para o outro. — Cadê o meu botão do pânico?

Marla tateou as bordas da cama até encontrar um pequeno dispositivo com um botão vermelho, e então o posicionou diligentemente sobre seu colo, claramente sob sua proteção.

— Nada de suco, nada de enfermeira. Me conte o que aconteceu.

— Cadê o meu pai? Clay? — Ele ergueu o olhar, vasculhando a sala até encontrar seu pai, que estava parado junto à janela, o rosto cheio de preocupação.

— Estou bem aqui — disse, sacudindo a cabeça. — Você nos deu um susto, e não foi só brincadeira dessa vez.

Carlton sorriu, mas foi apenas por um momento, e ele desviou o olhar em meio ao pequeno quarto, inquieto.

— As crianças estão bem? — perguntou, sem saber ao certo se queria ouvir a resposta.

— Estão a salvo. Todas elas — disse Jessica, depressa.

— *Todas* elas? — disse Carlton, incredulamente contente.

— Sim. Você o salvou, o último deles. — Jessica sorriu.

— E ele tá bem? — disse Carlton novamente, só para confirmar, e Jessica assentiu. — E a Charlie? — perguntou, a voz suave. Jessica e Marla trocaram um olhar, incertas.

— Não sabemos — disse Clay, dando um passo em frente. — Estive fora procurando por ela, e vou continuar procurando, mas até agora... — Ele parou de falar, depois pigarreou. — Vou continuar procurando — repetiu.

Carlton abaixou o olhar, pensativo, mas então olhou para cima outra vez.

— E aquela Charlie *gostosona?*

Marla deu um tapa no ombro e ele se encolheu.

— Marla! Ai! Eu quase morri. Isso é sangue na minha cama!

— É Ki-Suco. Você derramou um monte em cima da cama não faz nem uma hora. — Marla revirou os olhos.

— John? — Carlton subitamente o notou, parado junto à porta, mantendo tamanha distância que estava quase no corredor. John acenou, abrindo um breve sorriso.

— Parece que te remendaram muito bem — disse, fazendo menção aos curativos de Carlton.

— Pois é. — *Tem algo errado,* pensou Carlton, examinando John por um momento, mas antes que pudesse formular uma pergunta, uma enfermeira entrou no quarto às pressas.

— O horário de visitação está encerrado por ora — disse ela, apologética. — Temos que fazer alguns exames.

Clay se aproximou da cama, afastando Marla por um instante.

— Descanse um pouco, viu? — disse, dando um tapinha em cima da cabeça de Carlton.

— *Pai* — reclamou. — Eu não tenho cinco anos.

Clay sorriu e seguiu em direção à porta. John o deteve.

— Você vai continuar procurando pela Charlie? — perguntou.

— É claro — disse Clay reconfortantemente, mas lhe lançou um olhar confuso antes de deixar o quarto.

— Você não vai encontrá-la — disse John, a voz suave.

O resto deles ficou apenas observando, confusos, enquanto John saía pela porta sem dar nenhuma outra palavra ou esperar pelos demais.

— Ei, a gente encontrou isso perto de você. Não sabia se era importante — disse Jessica, chamando a atenção de Carlton de volta, e o entregou um pedaço de papel dobrado, cheio de riscos coloridos do lado de dentro.

Ele o desdobrou, revelando o desenho de uma colina gramada com cinco crianças correndo por ela, o sol sobre suas cabeças.

— É seu?

— Sim. — Carlton sorriu. — Meu.

— Certo. — Jessica o fitou com um olhar desconfiado, mas então retribuiu o sorriso, deixando o quarto.

Carlton segurou o desenho perto de si e olhou pela janela.

Ele entrou no quarto com cuidado, com medo de acordá-la. O quarto estava completamente escuro, exceto pelo filete de luz que entrava pela pequena janela suja, e ela o fitou por um momento, como se não conseguisse enxergá-lo.

— John? — sussurrou, enfim.

— Sim, acordei você?

Por um instante, ela ficou tão quieta que John pensou que tinha pegado no sono, até que, de repente, ela murmurou:

— Você disse que me amava.

A memória ficava mais amarga neste ponto, e o vinha incomodando desde então — desde que tudo terminara. *Você disse que me amava,* ela tinha dito, e ele balbuciou uma besteira qualquer em resposta.

Ficou parado por um instante no estacionamento de cascalho, sentindo-se terrivelmente despreparado. Tamborilou os dedos na cerca de metal, inquieto, respirou fundo e só então passou

pelo portão. Devagar, seguiu pelo caminho que certa vez vira Charlie percorrer, um pouco travado devido ao imobilizador de tornozelo. A maior parte do cemitério era verde e tão bem cuidada quanto qualquer parque, mas aquele canto era cheio de grama baixa e terra. Havia duas pequenas lápides lisas do outro lado da cerca, uma ao lado da outra, com um poste de telefone que se assomava logo atrás delas, feito uma árvore acolhedora.

John se aproximou um passo e então parou com a súbita impressão de que estava sendo observado. Virou-se devagar, num círculo, e então a viu. Estava parada sob uma árvore a alguns metros de distância, onde a grama era verde e exuberante.

Ela abriu um sorriso e lhe estendeu uma mão, chamando-o para ir até ela. Ele ficou onde estava. Por um momento, o mundo pareceu desbotado, como se sua mente estivesse entorpecida. Podia sentir que seu rosto estava inexpressivo, mas não conseguia lembrar como mexê-lo.

Olhou de volta para os túmulos atrás de si com uma profunda pontada de saudade, mas então engoliu em seco e respirou de forma contínua, até conseguir se mexer outra vez. Voltou-se para a mulher embaixo da árvore, seu braço ainda estendido, e foi até ela.

Uma rajada de vento quente atravessou o cemitério enquanto os dois partiam juntos. As árvores farfalharam e uma lufada de folhas soprou em meio aos túmulos, fazendo com que algumas delas se prendessem a eles. Sob o poste de telefone, a grama balançava em ondas, esfregando nas duas lápides que ali permaneciam, sob o sol que se punha. A primeira era de Henry. Na outra, estava escrito:

FILHA AMADA
CHARLOTTE EMILY
1980—1983

Do topo do poste, um corvo grasnou duas vezes e então se lançou rumo ao céu em meio ao balançar de suas asas.